FELIPE MELO PISSARDO

A Rua apropriada:
um estudo sobre as
transformações e usos
urbanos na Rua Augusta
(São Paulo, 1891 - 2012)

SÃO PAULO, 2013

FELIPE MELO PISSARDO

A Rua apropriada: estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 - 2012)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Área de Concentração:
PROJETO, ESPAÇO E CULTURA

Orientador:
PROF. DR. JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL AUTOR: fepissardo@gmail.com

Pissardo, Felipe Melo P672r
A Rua apropriada: estudo sobre as transformações e usos urbanos na Rua Augusta (São Paulo, 1891-2012) / Felipe Melo Pissardo. – São Paulo, 2013.
232 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura) – FAUUSP.
Orientador: José Tavares Correia de Lira

1.Ruas (História) - São Paulo (SP) 2.Urbanização – São Paulo (SP)3.Lazer – São Paulo (SP) I.Título

CDU 625.711.6(816.11)

À minha mãe, meu pai e meu irmão cujo amor e confiança me dão forças para concretizar meus sonhos.

Agradecimentos

A maior conclusão desse trabalho foi perceber o quão inspiradoras são as pessoas à minha volta. Esse é o espaço que gostaria de agradecer à todos e, por mais chavão que possa soar, vejo um pouco de todos vocês nessas páginas.

Agradeço à minha família que me apoiou com muito carinho e paciência durante todo esse mestrado. Preciso agradecer também à Joy, minha cadelinha que não está mais comigo, e enquanto eu escrevia essa dissertação só me olhava feliz sem saber o quão reconfortante e animador era aquele simples olhar.

Agradeço também à minha segunda família, Rafael, Victor e Léo, que deixa meu dia-a-dia muito mais leve e feliz. Nossas discussões (quase) cotidianas estão impressas nessas páginas.

Ao Luca, Marina e Mariana pelo trabalho maravilhoso de design e ilustração que me levou várias vezes às lágrimas.

Ao Gabriel Milanez por ser um dos caras mais “ponta-firme” que eu conheço e ter segurado muita barra sempre que precisei.

Aos amigos do Volêi que todas terças e quintas me proporcionavam momentos muito desestressantes.

Ao Dênis, Luana, Diego, Neto, Fábio, Camila e Dani e à todos amigos queridos que tiveram muita paciência com minha ausência nesse período.

Ao meu orientador, Zé Lira, que desde o começo me acolheu de braços abertos, acreditou em mim e tornou-se uma das minhas maiores referências do professor que um dia eu quero ser.

Por fim, agradeço à CAPES pelo apoio financeiro que ajudou a concretizar esse mestrado.

Resumo

Este trabalho examina as transformações e usos urbanos na Rua Augusta, em São Paulo, entre 1891 e 2012. Percebe-se que ao longo deste período a Rua Augusta, sobretudo na vertente que a comunica ao centro histórico da cidade, teve grande importância social e urbana, polarizando e respondendo a processos de urbanização que a cidade de São Paulo como um todo enfrentava. Seu papel e suas características, no entanto, variaram historicamente de acordo com as diferentes formas de apropriação por parte dos mais variados grupos sociais. A rua não só foi apropriada física e funcionalmente por esses grupos, mas também simbolicamente, tornando-se ao mesmo tempo um espaço e um emblema de determinados interesses econômicos, usos sociais e culturais, modos de consumo, identidades coletivas e estilos de vida nos distintos momentos estudados. A apropriação da rua por atividades de lazer é um aspecto privilegiado na dissertação, sobretudo em função do estabelecimento recente de uma importante mancha de vida noturna juvenil na cidade, que, desde a década de 1990, e sobretudo os anos 2000, vem catalizando um ciclo bastante representativo de investimentos, atividades, dinâmicas e significados.

PALAVRAS-CHAVE:
Ruas/História/São Paulo/Urbanização/Lazer/Augusta

Abstract

This thesis examines the transformations and urban occupations of Augusta Street between 1891 and 2012. It is noticed that throughout this period of time, Augusta Street has had great social and urban relevance, polarizing and responding to processes of urbanization that the city of Sao Paulo was facing as whole, but especially regarding it's historic center. The street's role and characteristics however varied historically according to the different forms of appropriation from different social groups. The street was not only appropriated physically and functionally by these groups, but also symbolically, becoming at the same time a space and an emblem of determined economical interests, social and cultural uses, ways of consumption, collective identities and life styles, during different moments covered in this study. The appropriation of this street by leisure activities is one aspect privileged in this work, especially because of a recent establishment of a young nocturnal life in the area, that since the 90's and more consistently in the 2000's has been catalizing a cycle that is very representative of investments, activities, dynamics and meanings. This work has newspaper copies as the main research source, from which a line of thought was constructed, allowing a better understanding of this appropriation and the opinions about Augusta Street and to relate it to bigger social and urban issues.

KEYWORDS:
Streets/History/São Paulo/Urbanization/Leisure/Augusta

Índice

12	Introdução
22	Capítulo 1 – Urbanização e diferenciação: a rua Augusta entre 1890 e 1942
25	1.1 Das chácaras ao loteamento moderno
33	1.2 Do bonde ao automóvel
45	1.3 A heterogeneidade da ocupação residencial
61	1.4 A rua como pólo de educação e lazer
76	Capítulo 2 – Metropolização e distinção: a rua Augusta entre 1943 e 1975
79	2.1 Transporte e equipagem urbana
91	2.2 Habitação e Verticalização
99	2.3 A rua como pólo comercial
113	2.4. Lazer juvenil, boemia e vida noturna
124	Capítulo 3 - Globalização e diversidade: a rua Augusta entre 1976 e 2013
129	3.1 Dos hotéis aos prostíbulos: Executivos e prostitutas
145	3.2 Da Baixa Augusta ao Baixo Augusta
179	3.3 Gentrificação e revitalização
195	3.4 A rua apropriada: territorialidades coletivas, a a arte urbana e os movimentos sociais
210	Conclusão
220	Bibliografia

Introdução

Introdução

“The five years since have transformed this five-block length of Rua Augusta into a cultural blast furnace. In a society still marked by extreme inequality, it is one place where people of different classes, races and tastes mix freely” (LA TIMES, 2011) ^A

A partir de 2005, o lado central da rua Augusta ganha forte interesse midiático e social em função da mancha de lazer noturno que ali se fixou, atraindo distintos grupos pertencentes às classes médias e altas para o espaço. Diversas reportagens nacionais e internacionais passaram a retratar a diversidade das atividades culturais e dos grupos sociais, principalmente de jovens, que circulavam no espaço. Casas de prostituição que promoviam festas universitárias, casas noturnas dedicadas a diferentes estilos musicais, cinemas com uma programação fora do circuito comercial, “botecos” que a partir de determinada hora viravam espaço para dançar e as calçadas como espaço de diversão e sociabilidade são alguns dos elementos que se destacaram na imprensa para compor a cena sócio-cultural ali existente. A diversidade de estabelecimentos também se refletia em uma diversidade arquitetônica, de temporalidades e de códigos visuais que compunham o cenário da região.

Tão diversos são os códigos arquitetônicos que se sucedem na sua sequência viária, que parece nela algum diretor cinematográfico desenvolveu e depois estabeleceu uma frenética montagem, alternada, misturando espaços e tempos diversos, e aproximando pedaços de filmes urbanos rodados em outros lugares. Trata-se, ao invés, de um único plano, demorado, uma sequência filmada sem cortes, sempre na mesma rua. (CANEVACCI, 2004, p. 195)

Recentemente, a rua também foi palco de investimentos imobiliários, residenciais e comerciais, de grandes proporções, que tendem a mudar as características tanto estruturais, quanto de apropriação do espaço urbano.

A inquietação inicial que orientou essa pesquisa de mestrado nasceu da tentativa de entender como essas rápidas transformações estavam acontecendo e o que as motivaram. Diversas perguntas pairavam no ar: Como essa região teria se transformado no que é hoje? O que a teria levado a ter essa apropriação particular pelo lazer, tornando-se agora alvo do mercado imobiliário?

A medida em que procurava solucionar essas questões, percebia que as respostas se relacionavam a processos urbanos maiores e originados muito anteriormente às recentes apropriações do lazer noturno ou do mercado imobiliário. A rua Augusta

^A“Os cinco anos que se seguiram têm transformado essa seção de 5 quarteirões de comprimento da Rua Augusta em um grande forno cultural. Em uma sociedade ainda marcada por extrema desigualdade, ela é um lugar onde pessoas de diferentes classes, raças e gostos se misturam livremente” – Livre tradução do autor.

hoje é fruto de diversas transformações de seu espaço e de suas funções urbanas que datam desde o seu loteamento no final do século XIX. É a partir de seu papel dentro de processos urbanos maiores e de suas apropriações por diferentes agentes sociais ao longo do tempo que ela se transformou, adquirindo as características que tem hoje. Dessa forma, logo se desenhou o objetivo primeiro dessa pesquisa: entender as transformações e apropriações que o lado central ^B dessa rua havia passado ao longo dos anos.

A escassez de estudos acadêmicos acerca das transformações urbanas na via e na região, principalmente no campo da arquitetura e do urbanismo, nos incentivaram a recorrer a outras fontes, que pudessem nos revelar dados valiosos sobre as transformações e apropriações que ali ocorreram. Elegemos os jornais, em especial O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, como nossas principais fontes de informações, seja porque estes se revelaram universos prolíficos e duradouros de informações e discursos a seu respeito, seja porque em sua produção diária os jornais nos permitiam acessar práticas e representações cotidianas na cidade, em sua singularidade, heterogeneidade e alcance social. Pois o jornal não é só um espaço de publicação de reportagens elaboradas por jornalistas, mas é também um espaço no qual são publicados flagrantes da cidade, pedidos e reclamações

de leitores, anúncios publicitários, crônicas e contos. Através de suas páginas, pode-se colher informações acerca dos tipos de estabelecimento, formas de uso e empreendimentos imobiliários que ali se fixavam, como se mobilizavam certos setores da sociedade frente a rua e seus problemas e como esta constituía uma imagem social e midiática própria.

Os dois principais acervos utilizados foram os acervos online dos dois jornais. Em ambos os casos, a pesquisa foi feita tendo como base a procura do termo “rua Augusta” e de outros termos correlatos de interesse para o trabalho, além de uma busca mais fina a partir dos nomes dos estabelecimentos existentes na rua. No caso do jornal “O Estado de São Paulo”, o acervo online conta com exemplares dos jornais desde o ano 1875, contando com uma quantidade superior a 30 mil menções à rua Augusta ao longo do tempo sendo a primeira menção datada de 1895. No caso do jornal “A Folha de São Paulo”, o acervo conta com exemplares a partir do ano de 1921, perfazendo um volume superior a 35 mil referências à rua ao longo do tempo, a primeira das quais data de 1921. Em função de sua melhor ferramenta de busca, o acervo do Estadão foi privilegiado na pesquisa de reportagens entre 1891 e 1995, enquanto a Folha de São Paulo foi usada mais intensamente a partir da década 1990.

^B Apesar de grande parte da dissertação abordar aspectos e transformações relativas a toda a extensão da rua, o objeto principal de estudo dessa pesquisa foi o lado central da rua compreendido entre a Avenida Paulista e a rua Martinho Prado.

Compreendemos, porém, a existência do valor ideológico que pode existir não somente na opinião implícita em determinadas notícias mas também na escolha voluntária do que se publica e omite em um jornal. Para evitar erros que podem se originar desses vieses, que podem existir em quaisquer outras fontes primárias de informação, procuramos por toda essa dissertação, evidenciar a opinião do jornal por trás das notícias e reportagens utilizadas, e tanto quanto possível investigar as dinâmicas e tendências urbanas que em conjunto elas revelam, mais do que o valor de verdade de tal ou qual informação pontual.

Pois, as informações nos jornais tomadas isoladamente, como se sabe, são frequentemente descontinuas, fragmentárias, e poucas vezes revelam uma compreensão mais minuciosa ou abrangente dos fenômenos sociais e urbanos a que se remetem, O propósito aqui, portanto, não foi analisá-las

separadamente, mas tecer com elas uma linha de raciocínio que nos permitisse reconhecer e articular melhor historicamente a produção da rua, suas apropriações sociais e as imagens e opiniões sobre ela, relacionando-as com questões urbanas e sociais maiores. Para elaborar com mais precisão esse tecido histórico-social, completamos essas informações com outros tipos diferentes de fonte.

O acervo de plantas e mapas disponíveis no Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz (AHMWL) foi outra fonte fundamental para a análise das edificações e do perfil dos estabelecimentos na rua em suas primeiras décadas de existência^C. Outra fonte de grande importância nessa dissertação foram as fotografias, disponíveis tanto em acervos institucionais^D, quanto disponibilizadas em websites na internet^E, além das fotografias dos próprios jornais pesquisados bem como aquelas registradas pelo autor^F. As imagens nos ajudaram a materializar

^C A pesquisa no AHMWL foi feita em três partes: a primeira parte, buscou-se situar a rua Augusta nos mapas da cidade de São Paulo, tentando compreender a trajetória de mudança de seu traçado. A segunda, mais extensiva, foi uma busca por plantas de edificação de prédios entre 1891 e 1920 e pedidos de alinhamento e aumento disponíveis na seção de Obras particulares. Na terceira parte, buscou-se entender os usos comerciais dos estabelecimentos existentes na rua disponíveis na seção de Alvarás e Licenças.

^D Os principais acervos particulares de fotos consultados foram “A Casa da Imagem” da prefeitura de São Paulo e o acervo da “Fundação Energia e Saneamento” da Eletropaulo. Na casa da imagem, foram encontradas fotografias mais relacionadas às transformações estruturais que a rua sofreu, enquanto as da fundação Energia e Saneamento foram encontradas fotografias relacionadas à estação de energia que ali existia.

^E As imagens encontradas na internet são de websites, portais de notícias e blogs que tem um perfil mais jornalístico, como o site “São Paulo Histórica”, quanto de autores particulares que disponibilizavam suas fotografias para uso comercial, regulamentados pelo licenciamento de Creative Commons.

^F As fotografias foram tiradas nas inúmeras visitas feitas à rua durante a pesquisa. As fotos que foram tiradas dentro de estabelecimentos comerciais foram devidamente autorizadas pelos proprietários do espaço.

e visualizar grande parte dos dados obtidos pelas fontes escritas, permitindo comparações visuais do mesmo objeto em diferentes tempos. Outras fontes consultadas foram as representações artísticas da rua, como músicas, filmes, crônicas e obras literárias. Essas fontes nos ajudaram a definir como se davam as apropriações simbólicas da via e da relação estabelecida com seus frequentadores. Foram realizadas, também, diversas observações diretas do espaço da rua durante o período de formulação da dissertação de mestrado, a fim de entender como as dinâmicas constatadas se materializavam nas apropriações cotidianas do espaço por seus frequentadores. Por fim, foram realizadas entrevistas com proprietários e funcionários de alguns estabelecimentos da região, a fim de entender as estratégias comerciais de certos espaços e as transformações que ocorreram frente às mudanças ocorridas na rua.

A complexidade na forma pelas quais as transformações ocorreram nos obrigaram a sempre realizar um exercício de alternância de escalas para melhor compreender as diversas relações entre processos urbanos que se superpunham na rua. Em uma escala macro, procurou-se identificar os processos de urbanização em funcionamento em toda a cidade e o lugar neles da rua Augusta. Já em uma escala micro, pretendeu-se apanhar como esses processos se concretizaram localmente, na rua, em suas adjacências, em seus edifícios, como eles foram produzidos e transformados por um conjunto

diversificado de agentes, entre os quais seus proprietários, moradores frequentadores, investidores e comerciantes.

Para um melhor entendimento analítico, dividiu-se a história da rua em três grandes períodos, que correspondem aos três capítulos dessa dissertação. Os períodos foram delimitados a partir da relação entre as mudanças de perfil e apropriação da rua e as macro-mudanças no perfil e na forma da cidade de São Paulo.

A forma em que cada capítulo foi tecido tem como inspiração direta a forma com que Carl Schorske (SCHORSKE, 1990) aborda a complexidade sócio-cultural que encontra na cidade de Viena no fim do século XIX. Da mesma forma em que Schorske vai tentar caracterizar o período a partir de “fios” independentes, explorados em cada capítulo, que compõem o tecido histórico da cidade, tentou-se nessa dissertação abordar o desenvolvimento de dimensões diferentes da rua Augusta, analisadas separadamente mas que fazem parte da caracterização de um todo estruturado no tempo. Por mais que sejam indissociáveis na realidade da rua, categorias como transporte, ocupação residencial, lazer, loteamento e comércio foram separadas analiticamente dentro de cada capítulo.

Antes de iniciar a redação dos capítulos, é também apresentado um mapa construído pelo autor, tendo como objetivo espacializar as transformações e usos no período em questão. Os mapas foram construídos a partir de uma base de

dados^G que aponta o número de estabelecimentos existentes em cada quarteirão da rua^H. Dessa forma, é importante assinalar que o mapa tem como insumo primário a quantidade de estabelecimentos existentes na rua e não a quantidade de pessoas que residiam ou frequentavam a rua. Devido a essa peculiaridade, algumas inconsistências precisam ser apontadas, por exemplo, na categoria residencial, na qual uma casa vale tanto quanto um edifício residencial multifamiliar^I. Apesar dessas eventuais inconsistências, acredita-se que o mapa, quando aliado ao texto, é uma ferramenta poderosa para a interpretação dos fenômenos ocorridos na rua. Cada capítulo é aberto, também, por uma ilustração original que representa algumas características observadas no período a que se referem. É importante ressaltar que essas ilustrações foram construídas a partir do material visual, como fotografias e plantas, levantadas nessa pesquisa.

O primeiro capítulo intitulado “Urbanização e diferenciação” retrata o período entre 1891 e 1942. Esse período é marcado pelo loteamento e urbanização das chácaras a que a rua Augusta viria a se superpor e dos impactos locais resultantes dos

esforços de modernização e melhoramentos urbanos empreendidos a partir da instauração da República Velha, como a instalação do sistema de bondes, de escolas e clubes, bem como de palacetes, casas geminadas e habitações coletivas que nela se estabelecem. O termo “diferenciação” faz referência direta à forma pela qual a urbanização se concretizava na cidade, pretensamente delimitando as fronteiras entre o urbano e o rural e, no microcosmo do novo bairro em formação, segregando as classes sociais através de seus espaços de moradia e sociabilidade. A rua, nesse período, apesar de comportar diferentes classes sociais em toda a sua extensão, sofreu também uma forma de diferenciação espacial, através da concentração das classes sociais em espaços diferentes da rua, e simbólica, através da delimitação de espaços de sociabilidade exclusivos da elite e da classe operária.

O segundo capítulo intitulado “metropolização e distinção” retrata o período compreendido entre 1943 e 1975. Esse período é marcado pela inserção da rua Augusta nas lógicas de metropolização da cidade de São Paulo. A rua, nesse período, vira um espaço privilegiado de circulação

^G A base de dados foi construída a partir de informações obtidas nas reportagens de jornais analisadas e, no caso do primeiro período, da base de plantas e usos do AHMWL. Para evitar erros, as diferentes numerações que a rua já teve foram comparadas a partir das informações de emplacamento obtidas nos livros de emplacamentos disponíveis no AHMWL.

^H Como os quarteirões da rua não necessariamente cruzam os dois lados da rua, as “bolhas” de concentração existentes no mapa dizem respeito ao quarteirão do lado em específico da rua que estão situadas.

^I Isso é especialmente relevante na passagem do primeiro período para o segundo, onde ocorre uma diminuição nas “bolhas de concentração” da categoria residencial. A interpretação correta, nesse caso por exemplo, é que houve uma concentração de residências em um único edifício e não mais em diversas casas unifamiliares como anteriormente.

de automóveis individuais, sofre um processo de grande verticalização residencial e comercial e passa a receber parte das funções centrais, como comércio e serviços de escala urbana. A rua é apropriada também pelo comércio de luxo, voltado para os moradores dos bairros de elite da zona sudoeste, e pela primeira vez como uma zona de sociabilidade e cultura, assim como de diversão de jovens. Rapidamente vira sinônimo de um estilo de vida luxuoso desejado pela elite e usado como símbolo da prosperidade da cidade de São Paulo e de distinção de sua elite.

O terceiro capítulo intitulado “globalização e diversidade” retrata a rua no período compreendido entre 1976 e 2012. Esse período é marcado, em parte por certa estagnação, particularmente perceptível na grande franja periférica ao centro histórico, em parte por sua dinamização, resultante da transformação da avenida Paulista em um importante eixo de centralidade econômica, processos estes que desembocarão, sobretudo depois dos anos 1990, na transformação de São Paulo em um importante polo global de acumulação, enquanto um centro financeiro e de outros serviços qualificados na escala do país e do mundo. As consequências para a rua são diretas, a qual passa inicialmente a receber grandes e médios hotéis voltados para empresários nacionais e estrangeiros e a concentrar espaços de lazer, ora voltados para esses executivos, como restaurantes, boates e prostíbulos, ora a um público de arte e cultura sofisticado, politizado e cosmopolita, como teatros,

cinemas, bares e cantinas. É nessa tendência, socialmente diversa e culturalmente movimentada, que mais recentemente a rua Augusta verá configurar-se, sobretudo em sua vertente Centro, uma mancha de lazer noturno, que ora se valerá de fluxos, práticas e instalações anteriores, ora os transformará a seu favor. Não é improvável que a emergência de novas correntes de gosto, pensamento e comportamento, afinadas com os circuitos globais de informação, tenha contribuído para a remodelação da paisagem social local e sua popularização entre distintos grupos da sociedade, sobretudo entre os grupos jovens que dela se apropriam intensamente, e aos quais ela será frequentemente associada na mídia e no imaginário coletivo. O fato é que a grande quantidade de estabelecimentos culturais e de lazer que vem ali se fixando parecem definir uma centralidade urbana específica, aglutinando em uma mesma região da cidade uma diversidade – social, sexual, étnica, ética, etária, estilística, ideológica, comportamental - de perfis individuais e coletivos.

É através dessa estrutura que se tentará nessa dissertação compreender a complexidade de relações entre diferentes agentes sociais que historicamente transformaram a rua no que ela é hoje.

Urbanização e diferenciação: A rua Augusta entre 1890 e 1942

1890 | 1842

Capítulo 1

Concebida no final do século XIX, a Rua Augusta foi alvo de grandes mudanças urbanas e sociais ocorridas na cidade, e suas consequências se desvelam até hoje em seu espaço. Em menos de seus 50 anos iniciais, foram se sucedendo novos usos e características físicas e simbólicas, que vão influenciar em sua função no imaginário social e no tecido urbano. Sua importância geográfica de ligação entre os novos bairros de elite entre si e também com o centro da cidade, foi decisiva para a instalação de equipamentos modernos de transporte, educação e lazer. Esses fatores foram determinantes para que a rua passasse a ter uma importância que iria além do seu próprio bairro e tornando-se importante para o ascendente vetor sudoeste da cidade. Com uma história inicial marcada pela ação de seus moradores, loteadores, inquilinos e de empresas que se estabeleciam ali, o perfil e a forma de ocupação da rua se deu organicamente através de negociações e conflitos entre os diversos agentes do espaço. Remontar a história da Rua Augusta no final do século XIX e começo do XX é ver concretizada a consequência de certas opções, desejadas ou não, feitas por diversos agentes sociais, além de entender como os processos de modernização e crescimento da cidade se espacializaram em suas ruas. Através da exploração de quatro fatores principais: a repartição das chácaras, os meios de transporte, os usos de educação e lazer e as tipologias residenciais, se buscará nesse capítulo entender em profundidade as dinâmicas ocorridas na rua em seus primeiros 50 anos de história e entender suas influências nos seguintes anos.

1891 | 1942

Mapa de ocupação dos imóveis localizados na rua Augusta

Casa de Transformadores da Light

Salão da Sociedade Brasileira da Cultura Physica

Casarão do Senador Major Almeida Telles

Colégio Des Oiseaux

Farmácia Bella Vista

1 : 7500

HABITAÇÃO

LAZER

EDUCAÇÃO

COMÉRCIO

NEGÓCIOS

Estes dados se referem aos lotes da Rua Augusta.

Abra para acessar um mapa
ilustrativo do perfil dos
imóveis existentes na rua.

1.1

Das chácaras ao loteamento moderno

Até a segunda metade do século XIX, a área urbanizada da cidade (delimitada pelas imediações do triângulo histórico) era envolvida por um anel de chácaras, local de residência da elite paulistana. Tais chácaras eram áreas semi-rurais, com um relativo nível de auto abastecimento de alimentos e água, sustentada por mão de obra escrava (nas chácaras sobreviventes após a abolição da escravidão, a mão de obra assalariada do imigrante substituiu a escrava).

O abrupto crescimento urbano que São Paulo passou, proveniente de sua função como cidade que chefiava a região produtiva mais importante do país (CAMPOS NETO, 1999, p. 99) – a região das fazendas cafeeiras -, fez com que diversas dessas chácaras envoltórias ao centro histórico fossem loteadas e passassem a abrigar bairros e ruas novas. Surgem na cidade bairros segmentados sócio-economicamente, delimitando nas zonas altas da direção sudoeste da cidade, como Higienópolis, Campos Elíseos e a Avenida Paulista espaços da elite cafeeira, e em regiões de várzea como Brás e Bexiga, espaços destinados à população operária e imigrante.

A futura rua Augusta fazia parte de duas importantes chácaras: sua maior parte concentrava-se nos territórios da Chácara do Capão, pertencente a Mariano Antonio Vieira, e sua parte inicial (entre a rua Antônia de Queiroz e a Martinho Prado) na chácara de Martinho Prado. Os primeiros registros que existem sobre a rua Augusta datam de 1875, quando esta ainda era apenas “uma trilha de terra batida que começava na entrada da “Chácara do Capão” (altura da Rua D. Antônia de Queiroz) e seguia até o topo do “Morro do Caaguaçu”, local onde hoje se desenvolve a Av. Paulista”¹.

Sua origem como trilha é incerta, pois, não se encontra nenhum registro nos mapas anteriores a 1891, ano de sua fundação, porém, considerando sua localização e os registros de Antônio Paim Vieira de uma trilha de acesso à casa-sede através de um pequeno desvio para a esquerda da atual rua Padre João Manuel, supõe-se que fosse o mesmo caminho utilizado pelo capitão-mor José de Goes e Moraes (1724) quando estabeleceu residência entre as atuais ruas Padre João Manuel e Alameda Tietê, em terras do Capão, que lhe pertenciam (VIEIRA, 1952, p.120).

¹ ARQUIVO HISTORICO DE SAO PAULO. Rua Augusta. Disponível em <http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx> Acesso em: 05/02/2013

Sua origem como trilha não é fruto do acaso: sua topografia privilegiada permite acessar o morro do Caaguaçu, através de flancos com “*um escalonamento e um espaçamento de níveis intermediários muito mais pronunciados*”², originando rampas não tão inclinadas como a vertente do lado Pinheiros do espigão central. A trilha em comparação com a rua da Consolação e outros terrenos dessa região, apresenta uma declividade mais suave, “*aliviada das duas terríveis lombas que esta (a rua da Consolação) apresenta junto à caixa d’água e o cemitério*” (VIEIRA, 1952, p. 125), tornando-se um terreno propício para o deslocamento, tanto a pé quanto sobre rodas ou a cavalo. Ao que tudo indica, seu traçado não mudou muito, teve como base a antiga trilha, mantendo grande parte de seu trajeto original até os dias atuais.

As diferenças na forma em que aconteceram os loteamentos em ambas as chácaras e as concessões de terrenos determinaram algumas diferenças na ocupação da rua e em sua utilização. Seja como for é interessante perceber a sua inscrição em um processo mais amplo de urbanização da zona oeste da cidade a partir de extensas propriedades de terra, mobilizando estratégias de valorização, empenhos de auto-segregação e investimentos ambiciosos, mais ou menos bem sucedidos, de novas e velhas elites locais. Esses processos materializam-se na diversidade da tipologia dos edifícios que se estabelecem na rua, onde a moradia das classes médias e populares eram estritamente reguladas pelo código de posturas municipais e os palacetes da elite que adotavam modelos de moradia mais livres à liberdade criativa do arquiteto, ao qual a legislação “*fechava os olhos*” (LEMOS, 1999, p. 23).

² Utiliza-se aqui a terminologia de Aziz Ab’ Saber ao referir-se a vertente do lado tiête do Espigão Central. (AB’SABER,1952)

³ A origem da Chácara do Capão permeia a segunda metade do século XVI, quando foi concedida a sesmaria do território entre a Vila Mariana e Pinheiros para Fernão Dias Paes Leme e passou na mão de onze donos, entre eles descendentes de Fernão e novos proprietários da terra, que receberam a concessão de uso pela câmara municipal ou adquiriram de seus donos anteriores. (JORGE, s.d)

[FIG. 1]

“Retrato de Mariano Antônio Vieira”
In VIEIRA, Antônio
Paim. Chácara do
Capão.In Revista do
Arquivo Municipal.
Vol. CXLVIII, p. 115. São
Paulo: Departamento de
Cultura, 1952.

1.1.1

Da chácara de Mariano Vieira ao novo traçado viário

Mariano Antônio Vieira, imigrante português nascido na ilha de São Miguel do arquipélago de Açores em 1826, adquiriu a chácara do Capão em 1880 das mãos de seu antigo dono, o Major Antônio Benedito da Silva, por 60 contos de réis, sendo 27 pagos na hora e 30 a prazo de três anos (AZEVEDO FILHO, 27/09/1973), tornando-se assim seu 12º e último proprietário³. Mariano Vieira, membro de uma família abastada, viveu por muito tempo em companhia de sua irmã, casada com Manoel Paim Pamplona, em uma casa senhorial no Morro do Paim no Rio de Janeiro, antes de se casar com Maria Isabel Paim, também açoriana, por volta de 1870. Consolidou sua união com uma das tradicionais famílias oligárquicas da época, os Paim Pamplona, que mais tarde tornaram-se um dos principais proprietários dos lotes oriundos da repartição da Chácara do Capão.

Vieira era também um investidor capitalista, possuindo ações em duas grandes companhias da época: Companhia Cantareira de Esgotos (O ESTADO

DE S.PAULO, 18/07/1878) e a Companhia Importadora Paulista (*idem*, 19/03/1892). Ao que tudo indica, comprou a chácara do Capão como uma forma de investimento, uma vez que dez anos depois, após a tentativa de loteamento e ocupação de algumas ruas, a vendeu para diversos investidores como José Coelho Pamplona (seu cunhado), Afonso Augusto Roberto Milliet, Martin Burchard e Vitor Nothmann, empreendedores responsáveis pela urbanização dos bairros de Higienópolis e Campos Elíseos, e Joaquim Eugênio de Lima, responsável pelo loteamento da Avenida da Real Grandeza (AZEVEDO FILHO, 27/09/1973), que adquiriu seus terrenos ao redor

⁴ Visando reconstituir o caráter inicial da Rua Augusta desde o momento de sua fundação, foi executada uma pesquisa na seção de Obras Particulares e de Mapas do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, afim de levantar as plantas dos estabelecimentos e mapas da época e, através desta perceber os usos, agentes e programas arquitetônicos. Entre 1891 e 1905, a pesquisa foi feita no acervo físico, em todos os documentos a respeito das construções na rua Augusta, o que inclui não só as plantas dos imóveis, como o pedido de alinhamento ao padrão municipal e os pareceres de cada uma das plantas. Porém, para a coleção de plantas entre 1906 e 1920, tomou-se como base os arquivos digitalizados pelo AHMWL das caixas da série de obras particulares, o que inclui somente as plantas dos imóveis e algumas informações cadastrais de cada um deles. Não foi encontrado, porém, nenhum mapa referente ao bairro da “Bela Cintra” projetado por Vieira.

dessa pela quantia de 60 contos de réis (3 contos a mais do que custou toda a chácara do capão).

De acordo com o relato de seu filho Antônio Paim Vieira à revista do Arquivo Histórico Municipal, a intenção de compra de seu pai foi *traçar um bairro pelos padrões civilizados que vira noutras terras* (VIEIRA, 1952, p. 116), voltado à elite, que em virtude de sua topografia privilegiada e bela vegetação, denominaria o novo bairro de “Bela Cintra”, em referência a Sintra, em Portugal.No entanto, não se encontrou nos registros do Arquivo Histórico Municipal nenhuma planta do bairro pretendido⁴.

[FIG. 2]

“Mapa da Chácara do Capão de Mariano Antônio Vieira”.
In VIEIRA, Antônio
Paim. Chácara do
Capão.In Revista do
Arquivo Municipal.
Vol. CXLVIII, p. 115. São
Paulo: Departamento de
Cultura, 1952.

Com exceção da Rua da Real Grandeza e, de certa forma, da Rua Augusta, as demais ruas abertas por Vieira no bairro foram construídas aparentemente sem um plano claro, mediante pedidos de prolongamento de arruamento por proprietários de lotes para a construção de novas edificações. Em consequência disso, as demais ruas têm um traçado irregular, que acompanhava a topografia e o relevo acidentado da região. Clóvis de Athayde Jorge, em seu livro “Consolação: uma reportagem histórica” (JORGE, s.d), nomeia as ruas então abertas: São Miguel, Açoriana, Maria Isabel, Espírito Santo, Barbosa Rodrigues e da Fonte. A toponímia das ruas revela sua origem açoriana e apesar de mudarem de nome, conservaram seu traçado até hoje.

De acordo com Vieira (1952), a despeito de sua intenção de atrair a elite paulistana para um espaço exclusivo, alto e com vista, Mariano Vieira não conseguiu atingir seus objetivos, pois era considerado perto demais do Cemitério da Consolação e longe demais da cidade, o que era piorado por “caminhos lamacentos e tortuosos e a absoluta falta de transportes coletivos” (VIEIRA, 1952, p. 125)⁵. Tentando solucionar essa dificuldade de acesso ao bairro é que, de acordo com seu filho, Mariano Vieira decidiria:

Agora vou abrir a rua por onde os bondes elétricos deverão subir até a avenida, porque as ruas existentes tem trechos muito íngremes de todo impróprios para transitarem veículos mesmo que sejam bondes elétricos. (VIEIRA, 1952, p. 125.).

⁵ Essa justificativa é a referenciada por Antônio Paim Vieira em seu depoimento. Acreditamos, porém, que a ausência de um traçado global claro a falta de um investimento maior e de apelo comercial mais convincente, como os empreendidos em áreas contíguas, então em franco processo de valorização, como Higienópolis e a Avenida Paulista, foram motivos para seu insucesso.

[FIG. 3]
“Planta da cidade de São Paulo”.
Ugo Bonvicini. 1895. Informativo
Arquivo Histórico Municipal,
out.2011, AHMWL

O nome Augusta⁶ talvez aludisse à importante via lisboeta que coroa a Baixa Pombalina, desembocando através do Arco triunfal à Praça do Comércio. O no`me escolhido revela igualmente seu papel articulador entre diferentes bairros aristocráticos (Higienópolis, Rua da Real Grandeza (Avenida Paulista)e Consolação) e seu posterior papel de conexão com o centro comercial e político da cidade. Diferentemente das outras ruas da região, cujos nomes aludem a antigos moradores ou a personalidades importantes homenageadas, a Rua Augusta é batizada pela função que cumpre: tornar-se uma via nobre e equipada com os mais modernos equipamentos de transporte. A data de fundação da rua, porém, é controversa. De acordo com Jorge (s.d.), data de 1891 a sua abertura oficial e extensão até a rua Caio Prado, com a intenção de colocar trilhos para os bondes de tração animal. Porém, ao que tudo indica, por mais que tenha sido provavelmente “idealizada” por Mariano Antônio Vieira, foi aberta pelo poder público após a venda de seus terrenos para outros investidores, possivelmente impulsionada por Joaquim Eugênio de Lima, loteador da Avenida Paulista e acionista da Cia de Carris Urbanos, responsável pelos bondes à tração animal da capital (ROLNIK, 1997, p. 109). Os registros de plantas aprovadas pelo padrão municipal referente à rua começam em 1893, enquanto os registros de artigos de jornais e sua primeira aparição nos mapas da cidade datam de 1895⁷.

⁶ Há incerteza na origem do nome “Augusta”. Clóvis Athayde Jorge diz ter sido, inicialmente, Maria Augusta, em homenagem à pianista taubateana Maria Augusta Leonardo, mas ao que tudo indica trata-se de um equívoco. A referência feita por Clóvis de Athayde em seu livro “Consolação: uma reportagem histórica”, prova-se equivocada, pois a pianista em questão havia nascido apenas 1 anos antes da abertura da rua (COELHO, 2002, p. 409), o que tornaria impossível sua homenagem na época. No mapa de 1895 de Ugo Bonvicini, podemos ver que o possível equívoco talvez tenha nascido da semelhança com o antigo nome da rua Peixoto Gomide, registrada também como Maria Augusta. No depoimento de Antônio Paim Vieira, usado como referência nesse artigo, é dito: “estava aberta a Rua Augusta, como ele a denominou, no trecho entre a Rua Caio Prado e a Avenida” (VIEIRA,1952, p. 125), além de em todos os documentos pesquisados encontramos o nome “Augusta” desde o início. Crê-se, assim, que o nome do lugar deu-se dessa forma.

⁷ Os acervos consultados foram: para as plantas e os mapas o AHMWL e para os artigos de jornais os acervos online da Folha de S. Paulo e O Estado de S.Paulo.

É interessante notar que o acesso que a rua Augusta proporcionava à cidade era, naquela época, indireto, já que se conectava, por meio da rua Caio Prado (e já em 1897 pela rua Martinho Prado), à rua da Consolação que, por sua vez, acessava as ruas centrais. A rua ainda não era considerada um grande eixo de acesso ao vetor sudoeste, posição reservada à rua da Consolação, mas era, antes, um acesso intermediário entre bairros e a cidade. A rua conectava-se, também, através da continuidade entre a rua Caio Prado e a rua Maria Antônia (e também da própria Antônia de Queiroz), a um outro bairro de elite em desenvolvimento: Higienópolis. Outra conexão possível era através da própria rua Martinho Prado que dava acesso à rua Santo Antônio e ao bairro de imigrantes do Bexiga. A grande maioria das ruas abria-se, então, a partir da necessidade particular de ligar pontos da cidade: Rua Martinho Prado, antes um corredor de acesso ao Tanque Reúno, aberto em 1843; em 1907 a Rua Olinda, nos terrenos de Henrique Capellano; a Rua Caio Prado, em 1890, homenageando o falecido filho de Martinho Prado e ligando Higienópolis ao bairro da Bela Cintra; a Rua Antônia de Queiroz, a partir de 1906, antes antiga Rua Vieira, que funcionava como entrada da chácara de Mariano Antônio Vieira e não se sabe a data de sua inauguração, e a rua Luiz Coelho, em 1895, que ligava a Maternidade São Paulo situada na rua Frei Caneca à rua Bela Cintra.

[FIG. 4]
Retrato de
Dona Veridiana Prado.
Departamento de Arquivo
Histórico da Assembléia
Legislativa do Estado de
São Paulo. Disponível em:
http://www.al.sp.gov.br/web/acervo/caio_prado/Silva_Prado_03/os_silva_prado_03.htm. Acessado
em: 16/11/2011

1.1.2 Da Chácara de Veridiana Prado à diferenciação de usos

Dona Veridiana Prado fazia parte de uma das famílias de elite mais tradicionais e ricas do estado de São Paulo. A família Prado, enriquecida inicialmente pelo comércio de mulas e animais de carga no século XVIII, entrou no negócio do café a partir da metade do século XIX a partir da aquisição da fazenda Campo Alto, em Mogi Mirim, em 1839 e a substituição da produção de cana por café em 1849 (D’AVILA, 2004, p.214). Veridiana e seu marido Martinho Prado administravam a fazenda, onde moravam, e desde 1848 usavam ocasionalmente o sobrado de taipa do século XVIII em sua chácara na região da Consolação em São Paulo, tanto para passar temporadas perto da cidade quanto para dar à luz a seus filhos (ROLNIK, 1997, p. 107).

A rua Augusta, assim, vai inicialmente exercer uma função primordial: servir de acesso mais rápido e fácil da cidade e seus bairros à nova Rua da Real Grandeza, recebendo transeuntes e veículos provenientes da rua da Consolação, do bairro de Higienópolis, do bairro do Bexiga e do bairro que se formava em suas proximidades. Além da função de ligação, a rua será ocupada por empreendimentos de uso residencial, misto e de serviços modernos que serão descritos a posteriori⁸.

⁸ Ao que tudo indica, o lado jardins da rua vai desenvolver-se a partir da primeira década do século XX. O primeiro indício dessa hipótese é que tal lado aparece pela primeira vez no mapa de 1905 da cidade de São Paulo (organizado pelos engenheiros da comissão geográfica e geológica) Alexandre Mariano Cococi e Luiz Fructoso F. Costa). A segunda hipótese é que nos registros de emplacamento do AHMWL, aparece no período “pré 1908” com pouquíssimos números cadastrados e localizados nas imediações da avenida Paulista, a partir de 1908, já constam uma maior quantidade de números cadastrados por toda sua extensão. Por último, constata-se que é a partir da compra dos terrenos do Jardim América pela Companhia City que a rua vai exercer um papel de ligação mais forte entre esse bairro de elite e o centro.

Em 1877, ela se separou de Martinho Prado, resolveu se fixar na cidade e começou a influir mais diretamente na vida dos filhos, articulando toda sua rede de contatos para beneficiar os negócios da família e aumentar suas propriedades (MARCOVITCH, 2005, p. 44). Em 1884, constrói em sua chácara em Higienópolis um palacete francês com material importado da Europa e fixa residência lá, onde promoverá encontros semanais entre intelectuais, políticos e artistas para discutirem temas diversos, assuntos políticos e negócios. Enquanto seus filhos Antônio, Martinico e Eduardo se dedicavam a cuidar dos vários negócios que adquiriam (desde novas fazendas de café até a participação em companhias de importação, estradas de ferro, frigorífico, vidraria, transporte urbano, trading de café e um jornal), Veridiana irá articular contatos e relações para favorecê-los, além de tocar alguns negócios por conta própria.

Os terrenos de sua antiga chácara lhes serviram também como uma ferramenta de selar acordos, fortalecer relações e estimular negócios a seu favor. A fim de fortalecer relações com a família Uchoa, Veridiana cede um lote de seu terreno, um quarteirão inteiro situado na esquina da rua Caio Prado e rua Augusta, para o casal Flávio de Mendonça Uchôa, proprietário de terras em Ribeirão Preto e investidor na companhia Eletro-Metalúrgica brasileira⁹, e Evangelina Prado Uchoa (sua parente, possivelmente filha de seu ex-marido¹⁰). O palacete eclético construído por Victor Dubugras para o casal em 1902 é

leiloado em janeiro de 1907 (O ESTADO DE S.PAULO, 16/01/1907) como forma de pagamento de uma ação executiva hipotecária promovida por Ignácio Penteado (*Ibidem*). O terreno é logo comprado, em 1907, pelas irmãs cônegas regulares de Santo Agostinho, dando início às atividades do colégio para damas de Santo Agostinho, futuro colégio Des Oiseaux. Um prédio anexo ao palacete original é aprovado para construção em abril de 1908¹¹ e o colégio passa a ser um dos principais colégios para damas da época. O sucesso do colégio, a localização privilegiada e a disponibilidade de grandes lotes vai atrair outros colégios para a região, como a Escola Alemã, o que vai tornar a região uma zona de colégios estrangeiros para a elite da época.

Por volta de 1892, cedendo à pressão de seu neto, Veridiana cede outra parte de seu terreno para a construção do primeiro Velódromo de São Paulo, que abrigava as competições do luxuoso esporte do ciclismo e, futuramente, as origens do futebol paulista. Estava localizado entre a rua Martinho Prado e a Rua da Consolação, sendo muito próximo da recém-fundada Rua Augusta, tornando-se um ponto referencial para as práticas esportivas em São Paulo.

Vendeu também para um grupo de ingleses por um módico preço, em razão de de seu agradecimento para com um dos membros do grupo¹², uma grande porção de terras anexa ao reservatório de água para que instalassem a primeira sede do recém-fundado Clube Atlético Paulistano, desde então conhecido como Clube dos Ingleses.

⁹ PREFEITURA DE RIBEIRAO PRETO. Companhia Eletro Metalúrgica Brasileira. Disponível em <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/historia/i14metalurgica.htm> Acessado em: 09/05/2012.

¹⁰ Assume-se isso a partir da notícia de sua morte no obituário do jornal “O Estado de S. Paulo” de 12/10/1915, no qual se afirma que seu pai é Martinho Prado, sua mãe Albertina da Silva Prado e seus irmãos Caio Prado e Martinho Prado Junior (filhos de Martinho com Veridiana).

¹¹ Fonte: Planta do acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz

¹² De acordo com o SPAC, William Fox, um de seus membros, ajudou o filho de Veridiana, Eduardo Prado a fugir para Europa na época que era perseguido pelo governo por suas críticas ao sistema republicano Fonte: CLUBE SPAC. (SPAC) Clube dos Ingleses, 120 anos de tradição. Disponível em <http://clubespac.wordpress.com/sobre/historia/> Acessado em: 09/06/2012

Incentivada pelo poder público, Veridiana Prado passou, em 1901, a lotear e vender os terrenos de sua chácara na Consolação, com uma isenção de impostos que recebeu do prefeito (e filho) Conselheiro Antônio Prado (INNOCENTI, 1985, p. 130). Porém, devido a algumas dívidas que contraiu com a Companhia Prado Chaves, hipotecou, em 1905, *“terrenos situados na freguesia da Consolação, nesta capital, cortados pelas ruas da Consolação, Martinho Prado, Augusta, Caio Prado, Travessa Augusta, Olinda e Paim (ibidem, p. 156), além de 19 casas na rua Martinho Prado. Esses terrenos passaram às mãos da Companhia, que rapidamente os vendeu para investidores paulistas.*

Como se pode ver, a região da antiga chácara de Dona Veridiana recebe estabelecimentos de educação e esportes adequados a um estilo de vida moderno e cosmopolita, que cada vez mais se propagava pela cidade na época. Tais estabelecimentos vão adquirir uma importância grande no cotidiano da elite e na forma de exercitar e fortalecer sua rede de sociabilidade. Os tipos de estabelecimentos da região e a frequência vão ajudar a aumentar o investimento imobiliário na região e, principalmente, na rua Augusta, importante via de acesso inter e intra bairros. Tais ações só são possíveis, porém, a partir da infra-estrutura e de transporte garantidos na rua por investimentos estatais e privados.

1.2

Do bonde ao automóvel

O período de abertura da rua Augusta foi um período de grandes mudanças na sociedade paulistana que influenciou na estrutura e na função da via em relação à cidade. A passagem para o período republicano no final do século XIX marcou uma tentativa de modernização urbana através de uma remodelação física dos espaços e equipamentos incentivada pelo poder municipal, principalmente na gestão de Antônio Prado (CAMPOS NETO, 1999, p. 85). Essa modernização não se deu apenas em um nível estrutural, onde a cidade era equipada com um transporte público moderno e um novo sistema de iluminação das ruas, mas também era expressa na edição de um código de posturas que determinava quais eram as práticas de uso e formas de comportamento corretas nas ruas da cidade e em suas construções (FREHSE, 2011, p. 274), delimitando e ressignificando a rua como espaço privilegiado de circulação (ROLNIK, 1997, p.33).

Com a expansão da metrópole, principalmente no vetor sudoeste, a Rua Augusta passa a ocupar um papel estratégico de conexão entre os novos bairros que surgiam ao centro da cidade, como Higienópolis, Consolação, Cerqueira César, Jardim América e Jardim Europa. Sua topografia facilitou a instalação de equipamentos de transporte público e a circulação dos próprios transeuntes, tornando-se um objeto comum de reivindicação na imprensa da época por melhorias

infra-estruturais e de acesso à cidade. No curto período de 40 anos, até a década de 1930, a rua passou por transformações físicas em função de três diferentes meios de transporte - bondes de tração animal, bondes elétricos e automóveis - que ao mesmo tempo em que conviviam, entravam em constante conflito.

1.2.1 Melhoramentos viários e novos meios de transporte

Em seus primeiros anos de existência, a via tinha um papel urbano fortemente marcado por sua relação com a região da Avenida Paulista, tendo sido em suas proximidades que inicialmente viriam se desenvolver a atividade edilícia e a instalação de meios de transporte público coletivo e de infra-estrutura urbana.

Em 1895, é autorizado pela Câmara Municipal, o calçamento (O Estado de S.Paulo, 13/01/1895) e, posteriormente, o apedregulhamento (O Estado de S.Paulo, 07/02/1895) da Rua Augusta entre a Avenida Paulista e a Rua Vieira (antiga via de entrada da chácara de Mariano Antônio Vieira) . Em 1903 um novo calçamento é aprovado, agora contemplando a região entre a Rua Caio Prado e a Avenida Paulista (O Estado de S.Paulo, 18/10/1903), tendo sido apenas em 1912 que a rua viria a ser estendida até a rua Álvaro de Carvalho (JORGE, s.d, p. 193).

[FIG. 5]
Estacionamento da
estação de bondes
à burro e bondes
elétricos da Light na rua
Augusta que mostram
a convivência desses
dois meios de transporte
Gaensly, Guilherme.
1916
Departamento de
Patrimônio Histórico da
Eletropaulo. Fundação
Energia e Saneamento

A locomoção e a circulação a pé pelas ruas eram cada vez mais facilitadas pela instalação de equipamentos urbanos que, garantindo limpeza, iluminação e segurança nas vias públicas, serviam de base para a estruturação de um estilo de vida urbano moderno. Equipamentos modernos são instalados na rua como os combustores a gás em 1903 (O Estado de S.Paulo, 06/01/1903) e a linha de bondes elétricos em 1909 (O Estado de S.Paulo, 02/08/1909). A existência de plantas aprovadas pelo AHMWL com cocheiras, tanto privativas quanto voltadas ao uso coletivo, evidencia que nesse começo do século o transporte a cavalo coexistia com outros meios de locomoção [FIG. 5]. Na medida em que a rua vai sendo equipada, as formas de ocupação e uso também se alteram, como se explicitará posteriormente.

Além da infra-estrutura urbana, como calçamento e iluminação, que garantiam a locomoção do transeunte a pé pela rua, o transporte público coletivo foi um dos principais meios de locomoção usados para transpor o aclave que separava a avenida Paulista da cidade. Inicialmente, a principal forma de transporte eram os bondes a burros da Companhia Viação Paulista que subiam e desciam a rua para circular por toda a avenida.

A primeira companhia de bondes inaugurada em São Paulo foi a Cia Ferro Carris aberta em 1871 (STIEL, 1978, p. 42), a fim de instalar um serviço de transporte público urbano baseado em trilhos de ferro e puxados a burros que já operava no Rio de Janeiro. O sucesso desse meio de transporte junto à população fez como que logo surgissem concorrentes, fundando-se assim diversas companhias que visavam cobrir partes diferentes da cidade. Uma dessas companhias foi a Cia. Ferro Carril, fundada em 1889, que se propunha inicialmente a cobrir a região do Bom Retiro e da Bela Vista (STIEL, 1978, p. 54). Essa companhia encabeçada por Victor Nothmann e Fernando Dumoulin, tinha, entre outros, em sua diretoria inicial Martin Burchard e Joaquim Eugênio de Lima, principais investidores e loteadores de terra da região da Bela Vista e da Avenida Paulista.

[FIG. 6]
Estábulo da estação de bondes à burro da Viação Paulista na rua Augusta
Gaensly, Guilherme
24/06/1901.
Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo. Fundação Energia e Saneamento

Com a inauguração da Avenida Paulista em 1891 e o interesse comercial de seus donos em valorizar os lotes dessa região, a recém inaugurada Companhia resolve inaugurar duas linhas que serviriam aos arredores dessa avenida: o ramal da Bela Cintra e o ramal do Cemitério (*idem*, p. 58). A rua Augusta passa a ter assim um papel importante no acesso à Avenida a partir de então, posto que no ramal Bela Cintra ela era a via de acesso à Avenida (desde a Rua Caio Prado) e no ramal Cemitério era ponto inicial (na esquina com a antiga rua Vasco da Gama, atual Dona Antônia de Queiroz) e final (na esquina com a Avenida Paulista). Aos poucos começa um esforço de unificação de todas as companhias de bondes sob a empresa Viação Paulista, tornando-se desde então conhecida dessa forma pelos transeuntes. (*idem*, p. 65)

Ao que tudo indica, na altura do número 137 da Rua Augusta (no espaço do atual prédio da Eletropaulo), nas proximidades do cruzamento com a Peixoto Gomide, a companhia Viação Paulista constrói um barracão e estábulo para guardar as carroças e os animais. [FIG. 6]

Em 1899, a The São Paulo Railway Light and Power Co, conhecida simplesmente como Light, é fundada por um grupo de investidores canadenses com o intuito de instalar bondes elétricos na cidade. A fixação de trilhos em regiões estratégicas para que os bondes pudessem transitar era fundamental para o sucesso da companhia, ocasionando conflitos em algumas ruas já ocupadas por bondes da Viação. O cruzamento da Avenida Paulista e da Rua Augusta foi um desses lugares onde o conflito entre trabalhadores das duas Companhias obteve grande repercussão. Em 1900 (O Estado de S.Paulo, 13/01/1895), os trabalhadores da Viação prostaram-se no cruzamento, impedindo que as obras da Light continuassem, chegando a ocorrer confrontos físicos que terminaram por serem resolvidos por uma força de cavalaria da polícia. O cruzamento disputado era estratégico para a Viação Paulista, uma vez que o acesso principal do centro pela rua Augusta à Avenida se dava por ele e para a Light que instalava trilhos de bondes ligando o centro à Avenida pela rua da Consolação

[FIG. 7]
Planta da estação de bondes elétricos e bondes à burros da Light na rua Augusta
Série Obras particulares, AHMWL,1912, propriedade The São Paulo Tramway, Light and Power Co. Ltd.

era fundamental para que o percurso completo da avenida fosse feito. O conflito evidencia a crescente importância urbana que essa região passa a ter e a coexistência conflitante entre os diversos meios de locomoção que controlados por empresas privadas passam a predominar na cidade sem um plano estatal que unificasse as diversas iniciativas.

A cia Viação Paulista entra em concordata em 1901 e seus bens são leiloados e comprados pela Light (STIEL, 1978, p. 72). A partir dessa data, os trilhos da Viação Paulista na rua Augusta ficam abandonados e os bondes a burro param de funcionar. A volta do transporte público coletivo na rua Augusta passa a ser alvo de constantes reivindicações em jornais por moradores da região, que exigem que a Light estenda seu serviço de bondes elétricos à rua (O Estado de S.Paulo, 20/10/1907)

Em 1909, a Light atende as reivindicações e inaugura a linha Pinheiros (STIEL, 1978, p. 150), uma extensão da antiga linha “Cerqueira César” de 1902, que passa a circular pela Rua Augusta

provisoriamente até que em 1910, o bonde 45, intitulado “Rua Augusta”, é inaugurado (STIEL, 1978, p. 218). Essa linha ligava a praça Antônio Prado à esquina da rua Augusta com a Avenida Paulista, abrangendo toda a extensão do lado “centro” da rua (começando pela rua Martinho Prado).

Em 1912, a Light inaugura no antigo terreno pertencente à Viação Paulista uma casa de transformadores e de armazenamento dos bondes elétricos quando não estão em funcionamento. Como pode-se ver na planta do estabelecimento [FIG. 7], parte dos trilhos provenientes da avenida Paulista (ponto final do bonde) direcionavam-se para dentro do estabelecimento, enquanto outra parte continuava em direção à cidade. É interessante notar que a Estação de Energia da Eletropaulo, que ocupa o espaço atualmente, ainda tem parte da estrutura do edifício anterior de 1912. Comparando a foto de 1921 [FIG. 11] e a foto atual [FIG. 12], percebe-se que, apesar da antiga platibanda ter sido demolida, as janelas se conservaram da mesma forma, assim como as pilastras que dividem cada bloco.

[FIG. 8]
Fachada da estação de bondes elétricos e bondes à burros da Light na rua Augusta
Gaensly, Guilherme 1916. Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo. Fundação Energia e Saneamento

Na medida em que passa a ter uma linha de bonde elétrico intitulada a partir de seu nome, seu caráter como ponto de referência urbano aumenta e cada vez mais é citada em materiais midiáticos de forma mais recorrente. Declarar nos jornais que o imóvel que se pretendia vender era “servido pelo bonde 45 da Rua Augusta” ou que eram nas “proximidades da rua Augusta” valorizava-os comercialmente.

[FIG. 9]
Traseira da estação de bondes elétricos da Light na rua Augusta, mostrando ao centro o bloco de 2 pisos abrigando residências para operários e à direita, no bloco mais baixos a garagem
Gaensly, Guilherme. 1920. Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo. Fundação Energia e Saneamento

[FIG. 11]
Fachada da estação de bondes elétricos da Light na rua Augusta
Gaensly, Guilherme. 1921. Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo. Fundação Energia e Saneamento

[FIG. 10]
Foto atual da estação de energia da Eletropaulo
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 12]
Foto atual da estação de energia da Eletropaulo
Foto tirada pelo autor em 2013

1.2.2 A transposição da Avenida

A partir da década de 1910, o crescimento imobiliário e de investimentos na encosta sudoeste do espigão central vai transtornar o papel até então desempenhado pela rua Augusta na cidade, bem como a sua configuração espacial e social.

Entre 1911 e 1915, registram-se no jornal “O Estado de S. Paulo” sucessivas reivindicações de moradores da Vila América, bairro nas imediações da Avenida Paulista no sentido de Pinheiros, a respeito da falta de melhoramentos urbanos como calçamento, iluminação e, principalmente, o prolongamento da linha de bondes elétricos da Light (O Estado de S. Paulo, 23/04/1911). A Villa América, apesar de ter, como assinalado em artigo de jornal de 1915 (*idem*, 14/07/1915), “*propriedades imobiliárias de elevado preço*” e terem sido feitas promessas pela Câmara de realizar melhorias, “*nada apareceu feito alli, apesar de haver na cidade algumas ruas prendadas com bonitos calçamentos de pedra polida, que não tem metade da importância e do valor econômico daquela rua*” (*Ibidem*).

A principal reclamação dos moradores, no entanto, era a ausência de linhas de bondes elétricos que atendessem a região, declarando que o “*prolongamento será amplamente recompensado pelos moradores desse bairro*” (*idem*, 08/10/1913), já que essa rua transformou-se “*em uma das artérias do bairro*” (*idem*, 03/02/1915) com “*gente que exerce sua actividade na zona urbana*” e que têm uma vida “*intimamente ligada aos movimentos comercial, industrial, burocrático, etc, etc, da urbs*” (*Ibidem*). Com os moradores da Rua Augusta dos dois lados da Avenida Paulista utilizando esta única linha de bondes, esta em 1916 já se encontrava superlotada, principalmente à tarde, “*ficando muitas pessoas sem poder embarcar, por não haver mais lugar*” (*idem*, 09/11/1916), levando os moradores a exigir, por meio do jornal O Estado de S. Paulo, novos carros e a diminuição do intervalo entre carros.

A concretização da demanda dos moradores de extensão da linha de bondes e calçamento da rua só se deu com o convênio entre a Light e a Companhia City em 1915 e a sua efetivação em 1918. A Companhia City, fundada em 1912, companhia imobiliária e principal compradora de diversas extensões de terra na cidade de São Paulo, de fato comprara no início dos anos 1910 um terrenos além da Vila América e resolve implantar ali um empreendimento imobiliário ainda inédito na cidade: a cidade-jardim (WOLFF, 2000, p. 78). Para garantir o sucesso desse ousado empreendimento, a City necessitava garantir o rápido acesso / locomoção ao centro da cidade, dessa forma, faz uma parceria com a Light para estender sua linha de bondes até o bairro através da Rua Augusta, única via de acesso a este até então.

Isso se concretizou a partir de 1918, data de lançamento do bairro, com a linha chamada Garden City, que funcionava com horários limitados (WOLFF, 2000, p. 58). O bonde passa a percorrer toda o recém-criado Jardim América, sendo o ponto final seu cruzamento com a Avenida Brasil. A transferência em 1917 do Club Atlético Paulistano para um terreno na esquina da Rua Augusta e Estados Unidos (porta de entrada para o novo bairro Jardim América) contribuiu para a valorização do novo bairro, principalmente, para a elite da cidade que freqüentava eventos esportivos e sociais na nova sede do clube.

A rua Augusta passa a ter um papel nos deslocamentos urbanos que transcendia o acesso somente à Avenida Paulista e passa a ser um ponto importante de acesso aos novos bairros de elite e classe média que surgiam na zona sudoeste da cidade, como o Jardim América e futuramente o Jardim Europa, que disseminavam um novo estilo de morar e viver na cidade. O deslocamento rápido para o centro da cidade, onde esses moradores trabalhavam e faziam compras, era fundamental para garantir a atratividade comercial desses grandes investimentos urbanos, constituindo-se em um dos argumentos comerciais mais ressaltados pelos anúncios imobiliários da época, como no anúncio da Folha de São Paulo em 02/05/1922:

“O Jardim Europa, próximo da avenida Paulista, dista do centro da cidade apenas 16 minutos de bonde (bonde 45, da rua Augusta) e 8 minutos de automóvel.”

[FIG. 13]
Anúncio de venda de automóvel
O ESTADO DE S. PAULO. “Annuncios”.
São Paulo, p. 11,
03/04/1916

1.2.3 O automóvel e a intensificação do tráfego

A partir do meio da década de 1910, percebe-se um princípio de mudança na forma de locomoção na Rua Augusta com o aparecimento do automóvel. Inicialmente retratado como um artigo de luxo destinado às elites, o transporte sobre pneus foi progressivamente se popularizando ao longo das primeiras décadas do século XX, ganhando seu lugar junto às residências e ocupando seu espaço nas ruas. O aluguel e venda de “voiturettes” e automóveis ganham uma seção a parte nos jornais da época e viram uma forma de negócio, também, para alguns moradores da rua Augusta, como podemos ver na [FIG. 13].

O caráter de luxo e distinção proporcionado pelo automóvel e a ocasião de uso em situações especiais como o Carnaval ainda é reforçado nos anúncios da época, mas aos poucos seu acesso é flexibilizado e seu uso torna-se mais cotidiano.

A partir da análise de plantas do AHMWL, percebe-se o impacto da difusão do automóvel na tipologia edilícia da rua, tornando-se recorrente o pedido de “aumento” nos imóveis da rua em função da necessidade de adapta-los para comportarem “garages” de automóveis particulares. Os projetos revelam que a “garage” passa a ser em geral construída ocupando o espaço antes destinado aos quintais e jardins laterais (para iluminação e ventilação dos cômodos) ou em parte do jardim frontal para as casas isoladas no lote. O acesso dos veículos comunicava-se diretamente a rua, ficando assim em frente (quando implantada no jardim frontal) ou ao lado do imóvel (quando implantada no recuo lateral). [FIG 14 E 15]

[FIG. 14]
Plantas de construção de uma garagem
Série Obras particulares,
AHMWL, propriedade de Antônio Vasconcellos,
1914

[FIG. 15]
Plantas de construção de uma garagem
Série Obras particulares,
AHMWL, propriedade de Adelaide Raphael Tobias de Oliveira, 1913

Casa na rua Augusta
Vende-se uma ótima, mobiliada, com todas as dependências para família de tratamento, jardim e entrada para automóvel, por 120:000\$000. — Tratar das 15 às 18 horas, com Clecio Vidigal, R. do Theatro, 22-sob.

Palacete
Vende-se o da rua Augusta, 28-A, recentemente terminado, com fino acabamento. Tem 6 dormitórios, garagem e mais dependências. Trata-se a rua de S. Bento, 84, 1.º andar.

[FIG. 16]
Anúncio de venda de casa que enfatizava a entrada para automóvel
O ESTADO DE S.PAULO. "Annuncios". São Paulo, 20/05/1923

[FIG. 17]
Anúncio de venda de palacete que enfatizava a garagem
O ESTADO DE S.PAULO. "Annuncios". São Paulo, 24/04/1924

Ainda na década de 10, para os moradores da rua que não contavam com uma garagem própria, alguns imóveis da rua passam a alugar sua garagem. É a partir da década de 1920, porém, que o argumento de uma garagem acoplada à residência parece tornar-se um importante diferencial comercial na venda dos imóveis. Outros cômodos poderiam ser suprimidos do anúncio (implícitos na referência genérica a "outras dependências ou todas as dependências para uma família de tratamento") porém a garagem [FIG. 17] ou entrada para automóvel [FIG. 16] passara a ser constantemente reforçada nesses anúncios.

Com a maior frequência de automóveis circulando na rua, a incidência de acidentes envolvendo automóveis e transeuntes torna-se também mais recorrente, sobretudo de atropelamentos, principalmente de menores¹³. Acidentes (*albaroamentos*) entre bondes elétricos e automóveis que transitavam na rua também eram bastante divulgados na imprensa¹⁴. A difusão inicial do automóvel particular como um meio de locomoção se insere na rua, portanto, de forma conflituosa, refletindo-se em acidentes com pedestres e bondes.

Por volta do meio da década de 1920, a situação do tráfego de veículos no centro de São Paulo se complica, exigindo uma atenção da Prefeitura e

a implementação de novas medidas de contenção do trânsito. Para locomover-se para qualquer parte da cidade, principalmente através dos bondes, é necessário que se transite pelo centro que somado à concentração do comércio e empregos nesta zona tornava a região super congestionada. A divisão de espaço na rua entre diferentes meios de transporte com formas de funcionamento diferentes, como o automóvel e o bonde, complicava ainda mais o deslocamento urbano. A intensa marcha de pedestres pelas ruas da cidade piorava a situação e ocasionava muitas vezes acidentes. Como dito em um artigo do Jornal "O Estado de S. Paulo" de 1925, sobre a situação do trânsito, "*em São Paulo, tem-se a impressão que existe uma imensa força centrípeta que força toda a circulação para o centro, congestionando-o*" (O Estado de S.Paulo, 15/05/1925). A velocidade de deslocamento, garantida pelo automóvel, é assinalada como um mandatório no deslocamento na cidade que "*invadiu a rua e nada mais se pode fazer para afastá-la*" (*Ibidem*) e se garantida nas ruas da cidade ajudariam a desafogar o trânsito. Nesse mesmo artigo, assinala-se a importância no desafogamento do centro das ruas e avenidas que acessam o centro pelo vetor sudoeste, região concentrada de novos bairros de moradia da elite e detentora da maiorias dos automóveis particulares da época.

Nesse contexto, a Rua Augusta surge, em conjunto com a Avenida Angélica, rua da Consolação e a futura Avenida Anhangabaú (atual 9 de Julho) como uma das vias principais de comunicação com o centro e possibilidade de solução do problema do congestionamento. Porém, o trecho final da Rua Augusta para os condutores de automóveis que vem da direção sudoeste rumo ao centro é assinalado como um ponto de estrangulamento, em função do desvio necessário pela rua Florisbela e o viaduto Martinho Prado, produzindo "*maiores atrasos pelo seu atravancamento continuado e excessivo tráfego*" (*idem*, 03/12/1936).

É nesse contexto que se começa a pensar na readequação da rua Augusta à nova realidade viária e de trânsito de São Paulo, à qual o Plano de Avenidas irá responder. O plano de avenidas de Prestes Maia se propunha a resolver o problema de congestionamento das áreas centrais através de um sistema viário que baseava-se na articulação entre um perímetro de irradiação e as vias radiais (MAIA, 1930).

Enquanto o perímetro de irradiação se propunha em distribuir a circulação pelas ruas secundárias e desviar as correntes de passagem, as radiais tinham o papel de ligar os demais bairros ao centro. A rua Augusta, no plano de avenidas era considerada uma radial secundária, ou seja, com um papel secundário no sistema viário e de menores dimensões¹⁵. De acordo com Prestes Maia a rua Augusta:

Perde em alguma importância com a abertura da Avenida Anhangabaú. Será trazida até a intersecção de Álvaro de Carvalho e Major Diogo. Futuramente pode ser aliviada fazendo-a one way em combinação com Frei Caneca ou Bella Cintra. (MAIA, 1930, p. 115)

Na gestão do prefeito Fábio Prado (1934 - 1938), que tinha como consultor de assuntos urbanísticos Luiz ignácio Romeiro de Anhaia Mello, algumas obras do plano de avenidas de Prestes Maia são adiantadas (SOMEKH; CAMPOS FILHO, 2002, p. 68), principalmente as obras relacionadas ao vetor sudoeste da cidade, ligando o centro aos novos bairros de elite que surgiam. É nesse contexto que são autorizadas, assim, em 28/04/1936, a abertura de duas novas ruas no prolongamento da Rua Augusta: a rua Martins Fontes e, desta a ligação com a rua Álvaro de Carvalho, que anteriormente terminava na Major Quedinho¹⁶ [FIG. 18]. A ideia é que, através dessas reformas, fique "o centro de São Paulo directamente ligado, quasi numa reta, à extremidade da Cidade Jardim, que é um bairro bastante distante" (O ESTADO DE S.PAULO, 03/12/1936).

[FIG. 18]
Esquema representativo do projeto de prolongamento da Rua Augusta
O ESTADO DE S.PAULO. "Problemas da cidade". São Paulo, 03/12/1936

¹³ Como exemplo de reportagem sobre o assunto temos o atropelamento do menor Rubens de 6 anos divulgado pelo jornal "O Estado de S. Paulo" em 06/03/1924

¹⁴ Como exemplo de reportagem sobre o assunto temos o albaroamento ocorrido em 01/11/1927, divulgado no jornal "O Estado de S. Paulo" entre um automóvel e o bonde 45 na altura do número 211 da Rua Augusta

¹⁵ De acordo com Prestes Maia, se recomendava que as vias secundárias tivessem 4 faixas de tráfego, sendo duas para o estacionamento de veículos e as outras duas para tráfego (MAIA, 1930, p.82)

¹⁶ É interessante ressaltar que o prolongamento da rua Augusta até a Major Quedinho já estava previsto no plano de Prestes Maia, assim como o papel da rua Álvaro de Carvalho em conectar a Avenida Nove de Julho às ruas superiores (MAIA, 1930)

1.3 A diferenciação da ocupação residencial

A rua Augusta teve uma ocupação diversificada, na qual classes sociais diferentes e diversas funções coexistiram desde o seu nascimento. No entanto, pode-se observar uma concentração de determinadas funções e grupos sociais em seções separadas da rua, concentrando-se na região mais próxima da avenida Paulista os palacetes voltados para a elite, nas proximidades da rua Martinho Prado os colégios de elite e alguns palacetes e sobrados de classe média-alta e na parte intermediária da rua (entre a Antônia de Queiroz e a rua Mathias Ayres) as edificações de uso misto e casas de classe média, média-baixa e de operários.

Contudo, esta segmentação social e funcional na ocupação da rua parece ter se dado informalmente, respondendo muito mais às relações entre loteadores, proprietários e inquilinos do que a uma estrutura ou plano de ocupação definido. Ao contrário, a rua parece ter se adaptado às transformações nos costumes e estilos de vida, assim como à sua articulação viária e modernização tecnológica dos transportes, à instalação de grandes escolas e clubes. Seja como for, a ambição dos primeiros loteadores em transformar a região em um bairro nobre, elo natural de ligação entre Higienópolis e a Avenida Paulista, não parece ter se consolidado inteiramente, e cedo, as circunstâncias geográficas e urbanas da área, as dificuldades na venda dos lotes, a necessidade de recorrer a dimensões menores e à mistura de usos para assegurar a sua ocupação, parece ter produzido um espaço socialmente híbrido.

Da mesma forma que a instalação de escolas, clubes e estabelecimentos comerciais contribuíam para a formação de novos modos de vida em público, a mudança na estrutura e na equipagem das casas também foi um elemento crucial de definição da fisionomia urbana local. Seja para alterar a esfera íntima da vida dos cidadãos, seja para difundir novos estilos arquitetônicos, tipologias residenciais, equipagens sanitárias e modos de implantação das casas nos lotes, adaptando-se tanto internamente como externamente às demandas e possibilidades habitacionais contemporâneas, bem como às novas condições de economia doméstica e aos hábitos cidadãos transformados com a abolição do trabalho escravo (REIS FILHO, 1970).

1.3.1 As casas populares e o negócio de auto-abastecimento do bairro

No período em que Mariano abriu ruas no bairro e loteou parte da gleba, Antônio Paim Vieira conta que a antiga chácara, ia-se “*pouco a pouco povoando com uma população obreira que desejava possuir um teto próprio mesmo que não fosse a dois passos do Largo da Sé*” (VIEIRA, 1952). Em sua maioria, essa população seria formada por famílias portuguesas de origem açoriana, que trabalhavam na cidade como leiteiros e lavadeiras, além da rica família Paim Pamplona que também habitava a região.

[FIG. 19]
Obras de
prolongamento da Rua
Augusta em direção
ao centro da cidade.
Percebe-se que a foto foi
tirada a partir da Martins
Fontes, no momento em
que bifurca com a rua
Álvaro de Carvalho
Ferreira, Sebastião de
Assis, 1941. Museu Casa
da Imagem.

A rua Augusta modifica assim a sua estrutura em função do deslocamento rápido e eficiente de automóvel, do vetor sudoeste ao centro, que por sua vez será fundamental na modificação tipológica e de papel social que ela terá a partir da década de 1940.

Segundo ele, as ruas e os caminhos eram tortuosos e lamacentos, sendo até a própria rua Augusta, entre a Rua Antônio de Queiroz e a Rua Caio Prado, um caminho “*margeando uma lagoa de água barrenta que encharcava o lado da rua Paim, trazida pela enxurrada que ao longo destas ruas cavava profundos sulcos*” (*Ibidem*, p.138). Essa peculiaridade topográfica, teria desvalorizado o preço do lote e a salubridade de morar no que era então o início da rua Augusta (a esquina com a Rua Vieira), atraindo moradores com menor poder aquisitivo para a região.

A partir da análise das plantas do AHMWL, pode-se confirmar que as primeiras plantas enviadas para aprovação do Padrão municipal são relativas ao que pode ser considerado casas de operários¹⁷ ou de classe baixa, em sua maioria de proprietários e construtores italianos. Possivelmente, em sua fase inicial, a Rua Augusta passou a absorver uma parte da grande leva de imigrantes que no fim do século XIX viria a se fixar na capital, fazendo de algumas zonas mais centrais da cidade, como o Bexiga, um destino coletivo para o seu estabelecimento.

Algumas dessas construções assemelham-se ao que Carlos Lemos caracterizou genericamente como sendo as casas operárias de São Paulo, moradias pequenas, com superposição da zona de serviço com a de estar, até 3 cômodos e latrina (LEMOS, 1999, p. 34). No caso da rua Augusta, outras características o reforçam, como a ausência de divisão funcional dos cômodos e o emprego de cômodos de mesma dimensão. Muitas delas, conforme as plantas então aprovadas na prefeitura, seguiam o padrão de habitação estabelecido na época, com entrada através de um portão lateral que dava acesso a um estreito corredor descoberto que, por sua vez, acessava o interior da moradia e o quintal nos fundos. [FIG. 20]

O perfil dessa região da rua, entre a rua Antônio de Queiroz e a rua Costa, continuou ao longo das duas primeiras décadas do século XX predominantemente formado por casas de classe média-baixa e operários (entre 1906 e 1914, 48%¹⁸ dos projetos eram voltados para esse tipo de moradia). Associado às moradias de classe baixa, outro tipo de edificação bastante comum é a casa de uso misto. Tais imóveis, normalmente, se organizam com a introdução de uma loja ou oficina com entrada direta no alinhamento da rua, sendo a entrada para a casa propriamente dita através de um portão lateral ou por dentro do cômodo destinado ao negócio. Na fachada um pouco mais rebuscada percebe-se a presença de elementos decorativos, principalmente, nas platibandas e bandeiras. [FIG 21 E 22]

A disposição da planta da casa dos fundos era simples com cômodos pequenos enfileirados, além de cozinha e latrina, variando entre uma típica planta de classe média-baixa e de casas de operários, o que pode ser associado à presença de cortiços, que por vezes aproximavam-se desta configuração, tal como se pode ver no *Relatório da Comissão de Exame e Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Efigênia*:

O cortiço ocupa comumente uma área no interior do quarteirão: quase sempre um quintal de um prédio onde há estabelecida uma venda ou tasca qualquer (GRIFO DO AUTOR). Um portão lateral dá entrada por estreito e comprido corredor para um pátio com 3 a 4 metros de largo nos casos mais favorecidos (BLAY, 1985, p. 66).

¹⁷ Como casas operárias entende-se, inicialmente, o que está denominado nas plantas encontradas no AHMWL. Porém, é importante ressaltar que nem todos os pedidos de licença para se construir casas operárias, necessariamente correspondam à verdade, até pelo termo operário, na época, ter um significado mais abrangente, chegando a caracterizar “pobres” ou mesmo cortiços. Além de como sinalizado por Carlos Lemos, a intenção de dar uma escapada burocrática visando a menos gastos nos processos de aprovação (LEMOS, 1978, p. 132)

¹⁸ Pesquisa feita na base de plantas encontradas no AHMWL e estão consideradas as casas de classe baixa e de uso misto com casas desse perfil aos fundos.

[FIG. 20]
Planta de uma casa de operários na rua Augusta no. 19. Percebe-se a entrada por um portão ao lado que dá acesso a um quintal. Propriedade de José Altieri, 1894. Série Obras particulares, AHMWL.

[FIG. 22]
Planta de uma casa de uso misto na rua Augusta no. 164. Percebe-se pela disposição e número dos cômodos, seu perfil de habitação popular. Propriedade do engenheiro Malefachi de Gushert, 1905. Série Obras particulares, AHMWL.

[FIG. 21]
Projeto de fachada de uma casa de uso misto na rua Augusta no. 164. A fachada da entrada do negócio é bastante ornamentada e a entrada para a residência se dá pelo portão lateral. Propriedade do engenheiro Malefachi de Gushert, 1905. Série Obras particulares, AHMWL.

Como se pode observar na planta abaixo, de um botequim¹⁹ na rua Augusta de propriedade de Ângelo Lodigiani [FIG. 23], a presença de um linha de pequenos quartos enfileirados aos fundos da venda, interconectados pelo interior mas também acessíveis por um corredor lateral, parece configurar um cortiço, pensão ou casa de cômodos.

Com o grande comércio e o comércio de luxo concentrados no centro tradicional da cidade, as principais vias de acesso aos novos bairros em crescimento passam a atrair o comércio de abastecimento dos moradores da região, principalmente de alimentos. Muitas serão, assim, as casas de uso misto edificadas na rua Augusta. Nelas, os ramos de negócio principais que se encontram é o de “secos e molhados” e farmácias, como o negócio de Secos e Molhados de João Sabino Alfonso (O ESTADO DE S.PAULO, 24/01/1912), a ‘pharmacia’ Vera Cruz de propriedade de Dominhos Martuscelli (*idem*, 17/04/1928) e a ‘pharmacia Bella Vista’ (*idem*, 09/11/1914).

[FIG. 23]
Planta de um botequim na rua Augusta no. 134, com diversos quartos ao fundo do negócio, indicando a possível presença de um cortiço
Propriedade de Ângelo Lodigiani, 1904.
Série Obras particulares, AHMWL

[FIG. 24]
Planta de uma série de casas na rua Augusta no. 71 no fundo do lote de um edifício já existente, provavelmente indicando a presença de um cortiço
Propriedade de Nicolau Rea, 1908. Série Obras particulares, AHMWL.

[FIG. 25]
Planta de uma casa residencial que posteriormente vai ser transformada em uma farmácia na rua Augusta no. 217 (esquina com a Peixoto Gomide)
Propriedade do Dr. J. Brotero, 1913. Série Obras particulares, AHMWL

A ‘pharmacia’ “Bella Vista”, por exemplo, foi inicialmente construída para ser a residência do Dr. J. Brotero em 1913, e ao que tudo indica, em 1914 (*ibidem*), foi transformada em farmácia (função que manteve até 2012) [FIG. 25 E 26].

¹⁹ Uso registrado no livro de registros encontrado na série “Alvarás e Licenças” do AHMWL

[FIG. 26]
Projeto de fachada da frente da casa para a Peixoto Gomide
Propriedade do Dr. J. Brotero, 1913. Série Obras particulares, AHMWL.

[FIG. 27]
Edifício na esquina da rua Augusta com a rua Peixoto Gomide atualmente. É importante notar que o projeto da fachada encontrado corresponde apenas a parte da rua Peixoto Gomide (parte da direita do edifício). As janelas, previstas no projeto, com exceção de uma, foram modificadas, transformadas em parede ou entradas. Foto de autoria do autor.

[FIG. 29]
Projeto de fachada da frente da fábrica de calçados Melillo na esquina da rua Augusta com a rua Caio Prado
Propriedade de Miguel Melillo, 1910. Série Obras particulares, AHMWL.

[FIG. 30]
Planta da fábrica de calçados Melillo na esquina da rua Augusta com a rua Caio Prado
Propriedade de Miguel Melillo, 1910. Série Obras particulares, AHMWL.

[FIG. 28]
Detalhe da fachada da platibanda, das pequenas pilastras e da ornamentação do edifício. É interessante notar que ela se mantém em grande parte da mesma forma prevista no projeto
Foto de autoria do autor

Pode-se confirmar que a planta encontrada corresponde ao imóvel existente até hoje, na comparação da platibanda e dos seus detalhes decorativos [FIG. 26 E 27], sendo um dos poucos exemplares dessa época ainda hoje existentes na rua.

Além dos diversos “negócios” locais, as residências mais abastadas da avenida Paulista e Higienópolis e as casas de elite dessa região da rua Augusta ofereciam um mercado de trabalho promissor. Pode-se verificar, através de anúncios feitos nos jornais, a oferta de serviços de costura, lavagem e engomar de roupas feitos principalmente por mulheres, como o de encomenda

de bordados do número 126 (O ESTADO DE S.PAULO, 09/11/1915) e a engomadeira Adelina Oliveira do número 76. Outra opção de trabalho para os operários que moravam na rua era a fábrica de calçados Melillo que funcionava na esquina com a rua Caio Prado.

Miguel Melillo, empreendedor paulista (dono também de uma livraria localizada no centro) e morador de um palacete na rua da Consolação (*idem*, 27/08/1918), transferiu em 1910 sua fábrica de calçados antes situada na rua Sete de Abril (*idem*, 14/10/1901) para o terreno de esquina das ruas Augusta e Caio Prado.

1.3.2
As casas de classe média.

A fábrica passa a ocupar um grande lote na esquina com a rua Caio Prado, afetando as dinâmicas sociais da região ao impor o convívio dos estudantes do aristocrático colégio Des Oiseaux, na esquina oposta, com os operários e as rotinas fabris. Após o inesperado assassinato de Melillo em 1918 (*idem*, 27/08/1918), a fábrica vai à falência em 1921 (*idem*, 23/03/1921), mas continua suas operações nas mãos de outros empreendedores paulistas (*idem*, 27/03/1923).

É importante salientar, porém, que essa mistura social e de atividades causava apreensões. A região, aliás, cedo tornou-se alvo de preconceito e desconfiança pela elite da época que passou a solicitar maior policiamento, como pode-se ver no relato abaixo:

“Entre as ruas Fernando de Albuquerque e Santa Cruz existe uma travessa onde costuma-se juntar um magote de vagabundos, arrastando consigo crianças, com o fito de jogarem as cartas e outros actos ‘im-moraes’ (...) O reclamante ante a intenção manifesta desses vagabundos, procurou um soldado, para que fizesse respeitar a propriedade alheia, mas infelizmente na rua Augusta não havia nenhum, pela simples razão que essa rua nunca foi policiada ” (*idem*, 09/01/1917)

É interessante observar o modo como as camadas populares compareciam na rua Augusta, conforme a imprensa: ou como mão de obra, ou nas páginas criminais, reclamações e de acidentes que ocorriam na rua.

Outro tipo de moradia existente nessa região intermediária da rua Augusta, só que aparentemente mais concentrados nas proximidades da rua Antônio Carlos ou nas proximidades da rua Caio Prado, eram as habitadas por famílias ou indivíduos de extratos médios da sociedade, como professores particulares, jornalistas, entre outros, como as professoras Elvira Sabino Brandão (*idem*, 24/05/1917) e Madame Bensaude (*idem*, 18/05/1915). Muitos deles, habitavam casas em série, normalmente geminadas. Popularizadas em bairros operários, o fato é que elas não eram exclusivamente habitadas por famílias operarias, mas indicavam quase sempre uma forma de investimento de proprietários de terreno da cidade na construção de imóveis para venda a diversas famílias (GENNARI, 2005).

No caso da rua Augusta, tais imóveis começaram a ser produzidos intensamente a partir do ano de 1903 e direcionavam-se para essa classe média. De acordo com Lemos, imóveis de classe média eram então aqueles que apresentavam qualquer número de dormitórios, duas salas, gabinete, sala de jantar, cozinha e banheiro (LEMOS, 1999, p. 34).

Realmente, constata-se essa disposição de cômodos nas plantas dos imóveis em série, porém, em alguns casos, principalmente nas casas de esquina, percebe-se a utilização de fachadas mais decoradas, a existência de jardins, a introdução de outros cômodos, como a despensa ou lojas comerciais. Para essa última, é possível atribuir um perfil já de classe média-alta, como é o caso da propriedade de Joaquim Ferreira Lopes (curiosamente o prédio que existe atualmente nesse mesmo endereço tem o nome de “Ferreira Lopes”). Supõe-se que ele mesmo residia em um dos imóveis de esquina do edifício.²⁰

[FIG. 31]
Projeto da fachada de 5 casas residenciais construídas provavelmente como uma forma de investimento por Joaquim Ferreira Lopes. É interessante notar que a casa de esquina é mais mais ornamentada do que às outras. Propriedade de Joaquim Bento Ferreira Lopes, 1898. Série Obras particulares, AHMWL.

[FIG. 32]
Planta de 5 casas residenciais construídas provavelmente como uma forma de investimento por Joaquim Ferreira Lopes. Propriedade de Joaquim Bento Ferreira Lopes, 1898. Série Obras particulares, AHMWL.

²⁰ Uma descrição de seu mobiliário encontra-se no subcapítulo sobre as casas de classe média alta e elite abaixo

[FIG. 33]
Planta de 2 casas
geminadas localizadas
na esquina da rua
Antônia de Queiroz
e a rua Augusta (rua
Augusta, 50). O casarão
demolido em 2011 era o
edifício da esquerda (na
esquina entre as duas
ruas). o outro já havia
sido demolido
Propriedade de Senador
Major J. de Almeida
Telles, 1912. Série Obras
particulares, AHMWL

Na mesma região em que se encontram estas cinco casas geminadas, pode-se encontrar também outras duas casas geminadas, possivelmente destinadas a famílias de classe média / média-alta. A planta, datada de 1898, revela o mesmo endereço do espaçoso casarão na esquina com a rua Antonia de Queiroz, polemicamente demolido em 2011, cujo tratamento de fachada e aberturas pode ser depreendido da comparação com as ruínas ali existentes até então.

O casarão demolido continha, como se pode verificar na planta, algumas inovações arquitetônicas que não se encontravam até então na rua, como o cômodo “aberto” que servia para o respiro e iluminação dos quartos e o terraço aberto acima da casa. [FIG. 33]

[FIG. 34]
Foto do casarão de
esquina da Rua Augusta
com a rua Antônio de
Queiroz tirada em 2009.
É interessante notar que
as janelas e a porta de
entrada se encontram
exatamente com a
mesma disposição que
no projeto original
Foto obtida no site São
Paulo Antiga

[FIG. 35]
Detalhe do módulo de 3 janelas do casarão, conforme se encontra na planta
Foto obtida no site São Paulo Antiga

[FIG. 36]
Ano de 1913 registrado na platibanda, um ano após o projeto ser aprovado
Foto obtida no site São Paulo Antiga

1.3.3
As residências de elite

Residem na rua, também, integrantes de famílias conhecidas, tais como a família Paim Pamplona²¹, muitas vezes membros de cargos importantes, como senador, major, e principalmente doutor. Entre os médicos residentes na rua estavam Dr. Pereira Gomes, Dr. Manuel Nascimento, Dr. Fritz Springfields, Dr. Arlindo de Carvalho Pinto, Dr. Laurentino Azevedo, Dr. Arthur Mendonça, Dr. Arruda Sampaio, Dr. Alberto Penteado entre outros. É interessante notar que apesar de, em sua grande maioria, atenderem em escritórios localizados no centro comercial, esses médicos mantinham sua residência na rua Augusta.²²

Pode-se observar dois pontos principais de fixação dessa elite ao longo da rua Augusta: nas proximidades da avenida Paulista e do viaduto Martinho Prado, assim como nas esquinas das ruas que a cruzavam, que normalmente comportavam algum edifício de destaque.

Apesar dos imóveis em ambos os pontos serem considerados nos anúncios jornalísticos como palacetes, as residências de elite nas

proximidades do viaduto Martinho Prado e nas proximidades da Avenida Paulista apresentavam características diferentes. Os imóveis nas proximidades do viaduto Martinho Prado apresentavam, normalmente, plantas que se assemelhavam mais ao conceito de sobrado de classe média alta/elite da época, enquanto os imóveis das proximidades da avenida Paulista se assemelhavam mais aos grandes palacetes dessa avenida.

Entende-se por casas de classe média alta, na definição de Lemos, uma casa com diversos dormitórios, sala de visitas/gabinete, sala de jantar/varanda, copa/cozinha, quartos de empregada e, às vezes, com despensa e quarto de engomar (LEMOS, 1999, p. 34). Nessas casas percebe-se, também, a presença de jardins frontais ou laterais, porões elevados, uma área edificada cada vez mais desprendida do lote com recuos frontais e laterais, fachadas bem ornamentadas e gradis de ferro decorados (REIS FILHO, 1970). Além de apresentarem essas características, as casas na parte “baixa” da rua Augusta poderiam ser classificadas como de transição entre os padrões

[FIG. 37]
Planta de um sobrado de classe média alta na rua Augusta, 17C. A entrada por um pequeno patamar na frente levando a um vestíbulo que distribui o acesso à sala de visitas e a sala de jantar. Percebe-se a presença do quarto de criada, WC, toilette e rouparia. Propriedade de Antônio Massariol, 1914. Série Obras particulares, AHMWL.

²¹ José Coelho Pamplona, o visconde de Porto Martim e importante industrial paulista, foi também um dos proprietários de uma casa na Rua Augusta.

²² Esse dado foi obtido a partir da lista de médicos que era publicada diariamente nos jornais da época, informando a especialidade do médico, onde atendia e onde residia.

[FIG. 38]
Planta de um sobrado de classe média alta na rua Augusta, 24? (Não há precisão acerca da numeração pois o número no arquivo original está com uma baixa legibilidade). A casa conta com um recuo frontal que dá espaço a um jardim que dá acesso a um pequeno terraço ornamentado. A casa conta com quarto de criada, copa, cozinha, sala de costura, gabinete, etc. Propriedade da Associação Predial de São Paulo, 1912. Série Obras particulares, AHMWL.

luso-brasileiros de sobrado, com suas fachadas reformadas ao gosto eclético e modelos mais modernos, apalecetados ou não, com interiores mais arejados e iluminados. Em grande medida essa característica da ocupação do trecho se deve às próprias circunstâncias do parcelamento local, com seus lotes estreitos e profundos, que forçavam muitas das construções a se manterem coladas umas às outras.

Na década de 1910 a venda e o aluguel desses imóveis com o título de palacetes ou vivendas para “família de trato” multiplicaram-se, tendo como um dos principais argumentos de venda a proximidade e a vista do centro de São Paulo. [FIG. 39]

É interessante constatar que em muitos anúncios de venda e aluguel de imóveis, principalmente de casas direcionadas para a classe média, o trecho nas proximidades da rua Marquês de Paranaguá era assinalada como “o melhor ponto da rua Augusta” [FIG. 41], em função de sua proximidade dos colégios e clubes da região, da nobre vizinhança, da proximidade do centro da cidade e da “bela vista” que se poderia ter de um imóvel edificado ali.

[FIG. 39]
Anúncio de venda de palacetes na rua Augusta ns. 5 e 7, a 3 minutos do centro. O ESTADO DE S.PAULO. “Anúncios”. São Paulo, p.11, 10/05/1927

[FIG. 40]
Anúncio de venda de um pequeno sobrado na rua Augusta, 43 O ESTADO DE S.PAULO. “Anúncios”. São Paulo, p. 10, 09/11/1915

[FIG. 41]
Anúncio de venda de uma vivenda no “melhor ponto da rua Augusta 89, perto da cidade, com todas as comodidades para uma família de trato. Preço 6000 com contrato de 4 anos. Para ver e tratar das 16 as 18 horas, com o sr. Papa. O ESTADO DE S.PAULO. “Anúncios”. São Paulo, p. 14, 04/06/1927

IMPORTANTE
LEILÃO
JUDICIAL
DE
Um grande e magnífico espólio, pertencente a família de tratamento, contendo quantidade de superiores móveis de vinhático, rala de ouro, canella ciré e austríacos, variada ornamentação, ricos lustres de crystal, bronzes artísticos, christofles, alfenides, finas porcelanas, crystales, fayences, terra-cotta, salvas e bandejas de nickel, serviços completos para chá e café, aparelhos para almoço e jantar, quantidade de louças avulsas, muitos artigos de utilidade e utensílios de copa e cozinha, coleção de arbustos de ornamentação e vasos com avencas, orchideas, etc.

J. A. LEAL
Leiloeiro oficial

Com alvará de autorização do meritiíssimo ar. juiz de direito da segunda vara de orphãos e ausentes, venderá em publico leilão judicial todos os bens pertencentes ao importante espólio do finado capitalista Joaquim Bento Ferreira Lopes, cuja venda será effectuada ao maior lance obtido.

SABBADO, 5 do corrente
AO MEIO-DIA
A' rua Augusta n. 146
(Proximo á Avenida Paulista)
Constando do seguinte :

Salão de visitas
Moderna e perfeita mobília austríaca balaustrada com espaldar contendo 17 peças, elegantes porta bibelots de canella ciré, pares de columnas torneadas guarnecidas de metal com estatuetas de bronze artisticas, magníficos espelhos de crystal, bellos quadros a aquarella e finas oleografias, jogos de cortinas rondadas do repis e guipure, bons tapetes avelludados, cuspideiras de porcellana e grande copia de bibelots e enfeites de biscuits, porcellanas e terra-cotta.

No gabinete
Elegante mobília de canella torneada para escriptorio, solida secretaria de canella massica com estante, gavetas e escaninhos, magnifico poltron com rotação, lindos quadros, tapeças, cortinas, escrudeiras, boa pendula suíssa e artigos de escriptorio.

Nos dormitorios
Magnifico leito com lastão do arame para casados e solteiros, camas para creança, superiores toilettes-commodas guarnecidas de marmore, serviços completos para lavatorios, solidos guarda-vestidos de canella ciré, perfeito guarda-casaca com espelho de crystal, magnificas commodas, bancas de luz com marmore, lampêdes, mesas de intervallos e grande collecção de brinquedos, enfeites, etc.

Salão de jantar
Superior mesa elastica, bom guarda pratos envidraçado, etagere de vinhatico, guarda comidas com tela, boas cadeiras austríacas, mesinhas torneadas de intervallo, optimo regulador de parede, quantidade de louças de porcellana, peças avulsas de fino crystal, ricos centros de mesas, serviços completos para almoço e jantar, tábua de tábua, christofles, salvas e bandejas de nickel, serviços de crystal para refrescos, coques, taças, calices, garrafas e mais artigos para serviços de mesa.

No corredor e arêa
Magnifica passadeira de escada, com varelas e pregões de nickel, superior porta chapena de canella torneada e porta bengalias, gaiolas com escolhidos passaros cantores, variada collecção de filas e vasos com plantas e arbustos de ornamentação, orchideas, etc.

Copa e cozinha
Mesas, estrados, estantes, talhas com filtro, cabides, talas para mantimentos e chá, baldes, bacias, formas para doces, biscouteiras, diversidade de artigos de utilidade e grande e superior bateria de ugalthe e ferro, louça para cozinha.

Tudo a vender em franco leilão ao melhor preço obtido.

SABBADO, 5 do corrente
AO MEIO-DIA
A' rua Augusta n. 146
(Proximo á Avenida Paulista)
PELO LEILOEIRO
J. A. LEAL

[FIG. 42]
Planta de um aumento de uma casa de elite transformada em um palacete térreo na rua Augusta, 203?. Não há precisão acerca da numeração pois o número no arquivo original está com uma baixa legibilidade) Propriedade e projeto de Domiziano Rossi, 1907. Série Obras particulares, AHMWL

Por outro lado, os palacetes nas proximidades da Avenida Paulista, além de contarem com maior número de cômodos e uma disposição isolada no centro do lote diferenciada, estilisticamente se distinguiram ao misturar características das casas de chácara com elementos das “*hôtels privés*” francesas (HOMEM, 1992). Um destaque maior é dado às fachadas, em geral repletas de elementos decorativos de múltiplas origens estilísticas, além de sacadas e terraços que se debruçavam para os jardins e quintais.

O luxo que se pode ver pelo lado de fora também comparece no interior das casas, principalmente em seu mobiliário, louças e utensílios. A presença obrigatória do piano dividia espaço com móveis importados, pinturas e louças

de origem estrangeira, como se pode observar nos anúncios de leilões de móveis e objetos de alguma família que se mudava, como o que ocorreu na propriedade de Joaquim Bento Ferreira Lopes, na rua Augusta 146 (ESTADO DE S.PAULO, 04/08/1905), depois de sua morte em 1905²³. É interessante notar a presença de diversos itens na casa e o reforço dado pelo leiloeiro em sua beleza e luxo, como uma *moderna e perfeita mobília austríaca balaustrada*, (...) *elegantes porta bibelots de canella ciré*, (...) *magníficos espelhos de crystal, bellos quadros a aquarella e finas oleografias*, (...) *elegante mobília de canella torneada para escriptorio*, (...) *magnífica passadeira de escada* (...) *e gaiolas com escolhidos passaros cantores*. (ibidem)

[FIG. 43]
Planta de dois sobrados geminados de elite na rua Augusta, 246 Propriedade de Eugênio Romano e Nicolas de Mola, 1914. Série Obras particulares, AHMWL

[FIG. 44]
Projeto da fachada de dois sobrados geminados de elite na rua Augusta, 246 Propriedade de Eugênio Romano e Nicolas de Mola, 1914.É possível perceber a alta ornamentação da fachada, com colunas e gradis decorados. Série Obras particulares, AHMWL.

Com o crescimento dos empreendimentos dos bairros-jardins planejados pela Companhia City em São Paulo, um novo padrão de moradia de luxo é inaugurado na cidade: o *bungalow*. Termo tipicamente inglês e extensivamente empregado em moradias nos EUA, o *bungalow* consistia em uma casa normalmente térrea com todos os cômodos existentes no palacete, mas com uma adaptação mais condizente à vida no “campo”, ou cercada de natureza, a qual a moradia em uma via já urbana e edificada como a rua Augusta não poderia oferecer. O êxito dos modelos residenciais e urbanos ali propostos pareciam cada vez mais apelar ao público de elite, que a partir dos anos 1940 pareceriam tender a se retirar dos velhos bairros centrais em favor de regiões quase inteiramente residenciais, mais exclusivas ou menos acessíveis aos transportes públicos e padrões de vida mais homogêneos.

[FIG. 45]
Leilão de móveis e artigos de casa de Joaquim Bento Ferreira Lopes. ESTADO DE S.PAULO. “Importante leilão judicial”. São Paulo, 04/08/1905

²³ O edifício de Joaquim Lopes foi mencionado no subcapítulo “as casas de classe média” dessa mesma tese

1.4

A rua como pólo de educação e lazer

Em função do crescimento demográfico que São Paulo observou com o grande afluxo de imigrantes a partir da virada do século, e do esforço da República Velha em modernizar sua equipagem urbana, é possível reconhecer no período uma proliferação de escolas estrangeiras, sobretudo destinadas à elite. Associado a elas, o esporte, com regras e instrumentos importados da Europa, disseminou-se também pela cidade com a instalação de clubes e associações atléticas de alunos e independentes. Recorrendo a formas de lazer e educação alinhadas com os valores e práticas europeus, investia-se na formação física, moral e intelectual de um homem capaz de adaptar-se à modernização sócio-espacial da cidade. A imprensa da época também teve um papel fundamental na divulgação e disseminação desse novo modo de vida, através da cobertura de eventos esportivos muitas vezes promovidos por essas escolas.

É na Rua Augusta e em suas proximidades que alguns dos primeiros estabelecimentos voltados para a prática de esportes e para o ensino de origem estrangeira vão se fixar.

1.4.1

O estabelecimento de colégios e professores

Na virada do século XIX para o XX aumentou-se expressivamente o número de crianças e jovens na idade escolar em São Paulo fazendo com que sua formação escolar virasse um assunto de atenção (PEROSA, 2009, p. 39). Ocorre, então, uma valorização progressiva do sistema de ensino formal e uma mudança de mentalidade a respeito da educação. Esse período é marcado também por uma grande reforma educacional, encabeçada pelo governo do Estado, que estabeleceu diversas diretrizes afim de adequar o ensino às novas idéias em voga na República.

Estendida a todo o ensino público do Estado através da Lei n. 88, de 8 de setembro de 1892, essa reforma estabeleceu suas diretrizes gerais: o ensino primário passou a compreender dois cursos, ambos com quatro anos de duração: o preliminar, obrigatório para crianças de 7 a 12 anos, e o complementar, para alunos habilitados no curso preliminar; com relação ao método de ensino, determinou que se observassem com rigor os princípios do método intuitivo; determinou ainda a criação de “ginásios” – estabelecimentos de ensino secundário ainda inexistentes no Estado; a instalação de um curso superior anexo à Escola Normal, destinado a formar professores para as escolas normais e os ginásios. (PEREZ, 2012, p. 47)

Principalmente entre as elites urbanas, para as quais a escola secundária de qualidade passa a ser percebida como uma passagem fundamental para o ensino superior e consecutivamente para o ingresso em profissões que exigiam maior qualificação, como as funções do setor público e do comércio.

Acompanhando a modernização da cidade, colégios europeus passam a abrir “filiais” em São Paulo, multiplicando as opções de estudo para as elites da época. Outros destinos tradicionais dos filhos de fazendeiros da época, como o colégio São Luiz em Itu, transferem-se para a cidade de São Paulo, passando a centrar esforços nos filhos de grandes famílias paulistanas. Como forma de garantir a hegemonia política da tradicional elite agrícola em fase de urbanização de seus capitais e dos novos industriais em ascensão, era importante que seus filhos estudassem em conjunto nos melhores colégios da cidade, para que formassem uma rede de sociabilidade privilegiada e expandam os negócios familiares (*ibidem*, p. 43). Para as classes trabalhadoras, o ingresso em cursos técnicos eram uma forma mais segura de garantir o futuro de seus filhos, por mais que a grande maioria ainda ficasse restrita ao ensino primário. Diversas iniciativas provenientes de algumas instituições católicas, associações beneficentes,

cooperativas ou sindicais tentavam oferecer um ensino complementar para a classe trabalhadora, tanto para seus filhos como para os pais também. A educação passava a ser vista como peça chave na dinâmica social, seja para garantir o fortalecimento dos grupos favorecidos, justificando as hierarquias, seja para a inserção de novos grupos sociais em ascensão, estreitando laços com as elites dirigentes e servindo como uma ferramenta moderna de distinção social (que passa a ultrapassar a origem familiar).

A localização do colégio era um aspecto importante para o sucesso do empreendimento. Estar próximo às zonas de moradia das elites da época e seguir seu padrão edilício e estilístico eram fundamentais para a afirmação dessas instituições. Estando em uma localização intermediária entre dois núcleos habitacionais da elite, como a avenida Paulista e o bairro de Higienópolis (e pouco depois também de acesso aos “Jardins”), a região da Rua Augusta foi uma região privilegiada para o estabelecimento desses colégios. Principalmente na parte “baixa” da rua, ainda marcado pelos grandes lotes e alguns palacetes pré-existentes como o palacete Uchoa comprado pelas monjas agostinianas para a construção do colégio Des Oiseaux. Outra localidade visada foram as proximidades com o cruzamento da Avenida Paulista, onde se estabeleceu o tradicional Colégio São Luiz. Na região intermediária da rua, fixaram-se colégios para operários e iniciativas escolares voltadas para a classe média-baixa e baixa. Provavelmente orbitando ao seu redor, professores particulares voltados à instrução das elites da época em artes (principalmente canto e piano) e no reforço das matérias escolares tradicionais também parecem ter se fixado na rua, passando a oferecer seus serviços pela imprensa. Assim, por volta de 1920, já estavam fixados na região três importantes colégios de elite da cidade: o Colégio Des Oiseaux em 1908, a Escola Alemã em 1911 e o Colégio São Luiz em 1918.

1.3.1.1 OS COLÉGIOS DE ELITE

A vinda do colégio Des Oiseaux para São Paulo, entre outros colégios católicos que vieram ao Brasil, foi uma forma da Igreja Católica fortalecer e estreitar laços com a elite dirigente paulista da época.

Assim, as freiras do colégio das cônegas de Santo Agostinho iniciaram o recrutamento de sua clientela ainda em Paris, aonde “*Madre Tereza da Cruz, que estudara no Des Oiseaux parisiense, enviou cartas a várias senhoras brasileiras, suas colegas no colégio francês, recomendando as Irmãs que acabavam de chegar a São Paulo*” (PEROSA, 2009, p. 54). A convite do abade à frente do colégio do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, as monjas vieram a São Paulo e se instalaram provisoriamente na avenida Paulista com a ajuda dos monges beneditinos. Em 1907, adquirem o recém-construído palacete de Flávio Uchôa, colocado à leilão em 16/01/1907 (O ESTADO DE S.PAULO, 16/01/1907).

O palacete de Flávio Uchôa, projetado por Victor Dubugras e construído em um terreno cedido por Veridiana Prado, expressava o novo estilo de morar da elite paulistana da época. O terreno que ocupava todo o quarteirão entre a rua Caio Prado e a Marquês de Paranaguá media 180m (na divisa com a rua Augusta) X 80m (nas ruas perpendiculares) e com entrada por dois portões na esquina de ambas as ruas (*ibidem*). Contava com edifício isolado no lote e jardim frontal e lateral que posteriormente serviu como a entrada de carros dos pais que vinham buscar e levar as meninas à escola. Conforme a descrição do imóvel no anúncio de leilão:

A construção do prédio é de concreto, alvenaria de pedra, tijolo, cal e areia e a cobertura de telhas ‘francesas’; as escadas das duas entradas são de granito lavrado, tendo uma ‘dellas’, a que serve para carro, cobertura de cobre. (ibidem)

[FIG. 46]
Projeto (perspectiva) para a Vila Uchôa de Victor Dubugras
Miyoshi, Alex. Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos. Revista de História da Arte e Arqueologia. Campinas, Número 12, p. 89 - 104, jul-dez 2009

As janelas retangulares possuíam venezianas e vidro e os elementos mais rebuscados estavam no topo do torreão e na porta principal (MIYOSHI, 2009, p. 92). A casa era equipada com todos os cômodos que se exigia de um palacete adequado para a elite e a pintura das paredes e o cuidado com os forros da casa eram evidências do refinamento da obra.

No primeiro pavimento: vestíbulo de mosaico, sala de visitas, salão nobre, ‘escriptorio’, sala de jantar, pequena copa, cozinha, privada, mictório e terraço; os cômodos são assoalhados e forrados, sendo as paredes pintadas a óleo; o saguão, a sala de visitas, e a sala de jantar são forrados de ataque(?), com pinturas a óleo; a copa e a pequena copa são de rolo de mosaico; com as paredes de azulejo e o forro de telha de vidro. (ibidem)

A salubridade e qualidade do terreno também eram reforçadas pelo anúncio:

O terreno tem água canalizada para irrigação geral, as ‘sarjetas’ são calçadas de tijolos e as ruas macadamizadas, jardim e pomar (ibidem)

[FIG. 47]
Planta do prédio
anexo do colégio Des
Oiseaux, construído
por Maximilian Hehl.
No projeto estão
sinalizados cômodos
específicos para salas
de aula, estudo, piano,
dormitórios, refeitório,
e capela
Propriedade das cónegas
de Santo Agostinho,
1908. Série Obras
particulares, AHMWL

[FIG. 48]
Escadaria do palacete
Uchôa na saída das
aulas do Colégio Des
Oiseaux, por volta do
ano de 1900. Pode-se
ver, também, o serviço
de transporte das
crianças para a casa de
seus pais
SKYSCRAPER CITY.
Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=350170>>. Acesso
em: 08/02/ 2013

A estética e a grandeza do palacete serviram como cartão postal do colégio e como uma forma bem sucedida de evidenciar o interesse do colégio em atrair uma clientela específica. O prédio porém não era suficiente para comportar todo o novo programa de usos, e assim, ainda no ano de 1908, as freiras dão entrada na prefeitura a um projeto

de construção de um prédio anexo assinado pelo consagrado arquiteto Maximilian Hehl, com os demais cômodos necessários. [FIG. 47]

O Colégio oferecia cursos de jardim de infância misto, ensino primário e ginásial feminino com regime de internato, voltado para as filhas de fazendeiros que moravam fora de São Paulo, e

semi-internato para as filhas dos moradores urbanos. Essa completa imersão das alunas no ambiente escolar garantia que tivessem um padrão de educação rígido e adequado ao universo cosmopolita. As alunas tinham uma grade curricular diversa que se dava nas diferentes salas do colégio, contando com aulas de pintura, corte e costura, aritmética, história, línguas clássicas, educação religiosa, línguas estrangeiras, entre outras. O francês era a segunda língua falada no colégio, “obrigatória nas refeições durante anos e empregada nas atividades esportivas/recreativas” (PEROSA, 2009, p. 103). A adaptação a uma São Paulo moderna não se dava somente pelo tipo de aulas oferecidas mas na metodologia aplicada pelos professores, seja com uma aula de pintura com um caráter mais de “atelier” ou com uma aula de História com uma metodologia experimental, que fugia da simples memorização e buscava estimular o raciocínio e a interpretação (*ibidem*, p. 104). Essa imagem de “inovação” no ensino era aliada com uma cultivada “aura” de distinção social sustentada por ações adotadas pelo colégio, por alunas e professores. O uso de uniforme, por exemplo, era um símbolo da refinamento do colégio reforçado pela seriação de cores das fitas usadas de acordo com a progressão escolar da aluna (*ibidem*, p. 106), além de aumentar o sentimento de pertencimento a um grupo exclusivo, materializando a rede de sociabilidade construída.

A entrada e a saída do colégio são descritas como um “espetáculo” assistido pelos transeuntes da rua Augusta que esperavam os luxuosos automóveis virem buscar as alunas sentadas na escadaria do colégio. Para as alunas que moravam longe, o colégio contava com um transporte exclusivo que as buscava e levava de suas casas para o colégio (devidamente cobrado dos pais que optassem pelo serviço)(O ESTADO DE S.PAULO, 01/10/1907) [FIG. 49]. Para os que moravam nas proximidades, o bonde da rua Augusta parece ter sido uma opção de transporte comum, como observamos no depoimento de um leitor ao jornal O Estado de S. Paulo 1913 (*idem*, 10/04/1913) em que reclama da falta de educação dos condutores do bonde para com seu filho que todos os dias ia e voltava sozinho de suas aulas no jardim de infância do Des Oiseaux.

O colégio mantém seu funcionamento normal até a década de 1960, quando as monjas fecham a escola e migram para o Colégio Madre Alix, na região dos Jardins, uma vez que a região onde estavam instaladas “se tornara pouco atraente, excessivamente central e distante dos novos bairros nobres da cidade” (PEROSA, 2009, p. 92) .

[FIG. 49]
Saída do Colégio Des Oiseaux. O estilo
neogótico de Maximilano Hehl é percebido
na fachada do prédio em destaque. É
possível também ver ao fundo o antigo
palacete Uchôa
VEJA S.PAULO. “Curiosidades e fatos
inusitados que marcaram os 459 anos de
São Paulo”. São Paulo, s/d. Disponível
em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/curiosidades-aniversario-sao-paulo>>. Acesso
em: 08/02/ 2013

[FIG. 50]
Portão do antigo colégio
Des Oiseaux existente
até hoje na rua
Foto tirada pelo próprio
autor

Após a fixação do Des Oiseaux na região, outros colégios voltados para os filhos dos bairros de elite também se fixaram nas proximidades do Des Oiseaux ou da avenida Paulista. Instalado provisoriamente na rua Augusta no. 153 em 1903, o Kingston College foi uma tentativa de expansão do colégio inglês localizado na avenida Paulista, o “Hydecroft College”, visando construir um internato feminino. Através do controle de uma “senhora francesa” que residia no prédio, as alunas teriam ali aulas de “*sciencias, línguas, bordados, música, desenho e pintura, dando-se especial cuidado as línguas vivas*” (idem, 14/04/1903). Aparentemente o Colégio não durou muito tempo, já que em 1906, o mesmo número era a residência de um vendedor de sementes (idem, 08/10/1906).

Entre os novos colégios de elite da época, uma colônia estrangeira bem definida era uma boa estratégia para logo conseguir adeptos ansiosos para matricular seus filhos. Em alguns casos, como o Des Oiseaux, a nacionalidade era uma estratégia de importar credenciais da filial do colégio “original” do país em questão, porém em outros casos a nacionalidade era uma forma de assegurar que

os costumes dos imigrantes desse país fossem conservados e a colônia e seus descendentes continuassem unidos, como foi o caso da “Escola Alemã”, instalada em 1911 na Rua João Guimarães Rosa (perto do cruzamento com a Rua Augusta).

A Escola alemã nasceu de uma iniciativa de empreendedores alemães residentes em São Paulo a partir de uma reportagem feita na revista Alemanha em 1878 que

“apontava para a fundação de uma escola alemã, não restrita a alemães nem a estudantes provenientes de famílias abonadas, protestantes ou católicas.” (DONATO, 1993, p. 21)

É interessante notar que um dos empreendedores por trás da fundação é, justamente, Victor Nothmann, comerciante com diversos negócios na cidade mas sobretudo com uma estreita ligação com o mercado imobiliário, sendo um dos principais agentes da urbanização do espaço na Capital (MARINS, 2011). Nothmann foi responsável pela construção do Viaduto do Chá e o loteamento de alguns bairros de elite, como os Campos Elísios e outros no vetor sudoeste da cidade.

Angariando fundos de 58 acionistas, a Escola Alemã é aberta em julho de 1878 e começa a funcionar em um imóvel alugado de propriedade de Dona Veridiana Prado na rua Florêncio de Abreu (cujo aluguel foi negociado pelo próprio Victor Nothmann) (DONATO, 1993, p. 24). A escola inicialmente não era voltada exclusivamente para a elite, mas pretendia abranger diversas camadas sociais, principalmente os imigrantes alemães, porém

“Graças ao revigorado prestígio, à estrutura sócio-econômica do corpo diretivo da Associação e a outros fatores, tornou-se escola de elite. Saturou suas classes com 208 crianças, número recorde. Não podendo acolher tantos interessados no endereço original da Florêncio de Abreu, cogitou situá-los em classes subsidiárias: as filiais. E logo a professora Grothes foi expedida para dirigir a filial da Barra Funda com 22 matriculados enquanto o professor Kramer conduziria a filial, Consolação, instalada também com 22 alunos.” (ibidem, p. 33).

Martin Burchard, sócio de Nothmann, na compra e no loteamento do bairro de Higienópolis passa a fazer parte do corpo diretivo da Escola a partir de 1889 e passa a ajudar nas decisões institucionais. Com o crescimento da escola em 1908 e a inadequação dos edifícios para um grande fluxo de alunos, decide-se organizar um fundo para a construção de uma nova sede, o “schulhausbaustiftung”. A escolha da localização na Rua Olinda, atribuída pelo biógrafo da escola como decidida em função do “*bucolismo da chácara-horta do Seminário da Glória e pelo dinamismo da movimentada Rua da Consolação*” (ibidem, p. 35), pode ter se dado também por outros motivos.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que a região em que foi construída a escola, era um dos loteamentos de propriedade de Nothmann e Burchard, membros do conselho diretivo da Escola. Sua presença na região ajudaria em sua valorização (revertendo em lucro para os investidores) e a posição era estratégica para conseguir a adesão dos públicos de classe alta residentes em Higienópolis e na Avenida Paulista.

Capítulo 1:
1890 | 1942

[FIG. 51]
Planta do piso térreo
da Escola Alemã.
Nesse andar se encontram os cômodos específicos para salas de aula, biblioteca, ginástica, diretoria, uma sala para química e física, um largo descoberto para brincar, sala de jantar e cozinha. Propriedade da Escola Alemã, 1913. Série Obras particulares, AHMWL

[FIG. 52]
Planta do primeiro andar
da Escola Alemã. Nesse andar se encontram os cômodos específicos para salas de aula, sala de desenho e salão de festas. Propriedade da Escola Alemã, 1913. Série Obras particulares, AHMWL

A construção do edifício ficou a cargo de um outro membro da diretoria, Augusto Fried e demorou 2 anos para ser completada, ficando pronta em 1913. O edifício foi construído “*ao gosto germânico mas com toques paulistanos. Tornar-se ia referência no panorama citadino*” (ibidem, p. 35), sendo tombado pelo Condephaat na década de 1970.

1.3.1.2 ESCOLAS POPULARES, AULAS PARTICULARES E OUTRAS INICIATIVAS

Principalmente na parte intermediária da rua, alguns estabelecimentos de ensino menores, voltados para à classe média e ao proletariado tiveram espaço. Com um enfoque muito mais voltado ao ensino básico e primário, pequenas escolas tanto de caráter assistencialista como particulares aos poucos foram ali se fixando.

Em 1911, a loja maçônica “Sete de Setembro” comunicou a prefeitura ter aberto uma escola primária na Rua Augusta, 154, sob a direção da d. Anália Franco, presidente da Associação Feminina Beneficente e Instructiva (O ESTADO DE S.PAULO, 22/02/1911). Anália Franco era professora benemerita e encarregada da supervisão de diversas escolas que sua associação ajudava, tendo aberto diversas escolas voltadas para as pequenas crianças de famílias proletárias afim de alfabetizá-las. Voltada para um público diferente dessa escola primária, é aberta também na rua Augusta 23, em 1915, junto à Fábrica de calçados Melillo, uma escola masculina operária noturna (*idem*, 21/01/1915). Já para a classe média é transferido para a Rua Augusta 321 (nas proximidades da Avenida Paulista), em 1916 (*idem*, 06/09/1916), o *Gymnasio Paulista*, estabelecimento criado em 1902 por Mário Souza. O estabelecimento oferecia cursos de Jardim de Infância para alunos de ambos os sexos acima de 4 anos e também cursos noturnos para adultos.

Incentivados pelos estabelecimentos de ensino que proliferavam na rua, professores particulares, visando o mesmo público que já frequentava a região, fixaram-se na rua e passaram a anunciar seus serviços, dando ao cenário educacional na região uma diversidade e riqueza de opções grande.

Percebe-se que a quantidade de anúncios cresce a partir dos anos de 1908 e 1913, coincidindo com a abertura do Colégio Des Oiseaux e a conclusão do edifício da Escola Alemã. Principalmente, dois tipos de aulas eram oferecidas: aulas de reforço das disciplinas tradicionais e aulas voltadas para o ensino de artes (principalmente educação musical).

Com o despontar do futebol na cidade, muitos alunos dos principais colégios organizaram grêmios esportivos e times para que pudessem competir nos campeonatos que aconteciam na cidade. Os alunos da Escola Alemã, em função de sua parceria com o Sport Club Germânia, competiam por este clube, enquanto os alunos do Mackenzie College, por exemplo, competiam com um time do mesmo nome do colégio, cuja sede era situada no respectivo instituto de ensino, na Consolação. O futebol serviu, então, não só como uma forma de sociabilidade entre os membros do próprio colégio, mas também entre os colégios da cidade.

O colégio permaneceu na rua Olinda até a década de 1970 quando transferiu-se para o bairro do Morumbi, acompanhando a mudança de localização de seu público.

O Colégio São Luiz, em contrapartida, transferiu-se de Itu para o edifício do antigo colégio inglês “Anglo-Americano” na avenida Paulista em 1918, dedicando-se ao ensino masculino e destacando-se pelo prestígio entre as elites agrárias. Diferentemente dos outros dois colégios da região, era tipicamente brasileiro e garantia o seu espaço pelo público que tradicionalmente acolhia desde 1867.

Os padrões europeus de formação das elites locais, desde o ensino básico, são visíveis tanto na origem e estrutura dos colégios mais importantes como no ensino de línguas estrangeiras. O esporte, associado às instituições de ensino, passa a ser muito importante nessa construção do novo cidadão e ajudava a fortalecer a imagem do colégio como um grupo social exclusivo. Uma cidade moderna ia se construindo a partir de padrões importados e ressignificados cotidianamente no meio escolar.

[FIG. 53]
Foto atual do antigo
prédio da Escola Alemã
Foto do próprio autor

[FIG. 54]
Detalhe da entrada da
Escola Alemã, com a
inscrição Deutsche
Schule acima da porta
Foto do próprio autor

O edifício isolado no lote e com um grande jardim aos fundos, contava com uma gama de cômodos especializados na função destinada a eles (no padrão moderno que também podemos enxergar no Des Oiseaux), dessa forma continha salas de aula, salão de festas, sala para ginástica, sala de desenho, biblioteca e sala específica para aula de química e física. [FIG. 51 E 52]. Diferente do Des Oiseaux, não contava com dormitórios e refeitório, já que não trabalhava com regime de internato e público misto. De acordo com o anúncio de inauguração da escola em dezembro de 2012, o colégio:

“dispõe de salas de aulas preenchendo os modernos requisitos de ‘hygiene’, inclusive sala apropriada

para desenho, gabinete de ‘physica e chimica’, salão de gymnástica, salão nobre, ‘bibliotheca’ e museu escolar. O curso abrangerá todas as matérias escolares, inclusive gymnástica e trabalhos de agulhas para as meninas. Ensino prático de português, alemão, francês e inglês. Corpo docente de 11 professores e professoras ‘nacionais’ e estrangeiros” (O ESTADO DE S.PAULO, 20/12/1912)

O foco na educação física dos alunos e nos esportes era grande e fez com que muitos de seus alunos se destacassem em competições de diversas modalidades esportivas, especialmente no atletismo e na natação. Logo em 1917, o colégio adquiriu um terreno nas proximidades para a construção de um salão específico para a prática de ginástica (DONATO, 1993, p. 43). Em 1923,

“A prática da educação física figurava entre as principais, decorrência da inclinação alemã para essa atividade. (...) Na Deutsche School essas aulas eram diárias. Às quarta-feiras, os alunos deslocavam-se para as instalações do clube germânia (futuro pinheiros) para a prática de remo, natação e corrida.” (*ibidem*, p. 50).

Para esse primeiro tipo, os anúncios muitas vezes reforçavam a formação do professor em questão, normalmente formado na Escola Normal de São Paulo, e a possibilidade das aulas serem dadas na residência dos professores ou dos alunos. Para o segundo tipo, era salientada a experiência do professor, sua vinculação com profissionais de renome ou sua educação em países estrangeiros.

Uma outra iniciativa interessante que se deu na rua é a de um grupo de médicos e advogados paulistas que fundaram no ano de 1911 o Instituto Universitário de São Paulo (*idem*, 19/02/1913). Partindo das premissas da lei *Rivadavia*, partidários do ensino livre em São Paulo resolveram construir alternativas às instituições públicas de ensino superior. Fundou-se, assim, o Instituto Universitário de São Paulo, que visava oferecer cursos mais práticos e rápidos (com professores atuantes no mercado) nos cursos de Medicina e Direito. O exame de entrada no curso poderia ser através de correspondência (para que assim atinxissem um público até fora de São Paulo) e as aulas se dariam no palacete cedido pelo Doutor Raposo de Almeida, no número 2 da Rua Augusta (ao lado da Escola Alemã na Rua Olinda). Em 1914, porém o Conselho Superior de Ensino revogou a lei que autorizava seu funcionamento e em 1917 o Instituto é fechado (TEIXEIRA, 1993)

Por sua localização privilegiada, e por ter uma forte frequência tanto de um público mais abastado (estando no caminho para bairros nobres) quanto de um público das camadas médias e proletárias (na parte intermediária da rua e os operários da fábrica Melillo), a rua Augusta acaba por comportar estabelecimentos de ensino diversificados. A frequência do público jovem, principalmente da elite, na região começa a se constituir ainda nesse momento, mas ela é ainda muito restrita ao deslocamento em direção às escolas e aos clubes, sem outros usos e destinos capazes de atrai-lo, como veremos desenvolverem-se a partir de finais da década de 40, sobretudo na encosta da rua voltada para o atual Jardins.

[FIG. 55]
Anúncio de aulas particulares ministradas por Elvira Sabino Brandão
O ESTADO DE S.PAULO.
“Elvira Sabino Brandão”. São Paulo, 24/05/1917

[FIG. 56]
Anúncio de aula de piano ministradas por Antonina Chambelland
O ESTADO DE S.PAULO.
“Lições de Piano”. São Paulo, 20/02/1902

1.3.2 Os clubes e associações

Sob forte influência estrangeira, tanto de imigrantes que se radicavam na cidade quanto de paulistanos que iam para a Europa estudar, a prática de esportes em São Paulo disseminou-se a partir da primeira década do século XX. Inicialmente restritos aos círculos sociais de elite, os clubes, em conjunto com os colégios, contribuíram para fortalecer os laços sociais desses grupos através do lazer (FRANCO JUNIOR, 2007, p 62). Aos poucos, essa barreira criada em volta do esporte foi transposta ao ser mimetizada e absorvida pelas camadas populares (*ibidem*, p. 63), e associações e clubes esportivos populares foram criados, tanto pelos próprios trabalhadores como pelos industriais, como forma de controlar essas formas de mobilização operária.

A região da rua Augusta, por conglomerar os principais colégios de elite da época e estar entre os principais bairros que então se desenvolviam na cidade, recebeu diversas iniciativas esportivas importantes, como o Velódromo, o primeiro “estádio” da cidade, o SPAC, o primeiro clube esportivo da cidade, entre outros.

[FIG. 57]
Ilustração mostrando o Velódromo Paulista recém inaugurado na época
AGENCIA USP DE NOTICIAS. “Mitos mantêm rivalidade entre clubes paulistanos de futebol”. São Paulo, 02/02/2012. Disponível em: < <http://www.usp.br/agen/?p=87357> >. Acesso em: 08/02/ 2013

1.3.2.1 O VELÓDROMO E A ASCENSÃO DOS ESPORTES

Antônio Prado Junior, neto de Dona Veridiana Prado, de volta de sua viagem à Paris por volta dos anos de 1892, encantou-se com a prática ali do ciclismo. Conseguiu então fazer um acordo com a matriarca da sua família a fim de construir uma praça esportiva dedicada a esse esporte: o Velódromo (MILLS, 2005, p. 68). Em 1895, o estabelecimento é construído segundo projeto do arquiteto Tommaso Gaudencio Bezzi, o mesmo arquiteto do Museu do Ipiranga. Financiado metade pela própria Dona Veridiana Prado (INNOCENTI, 1985, p. 162) e outra parte pelo “*Veloce Club Olympico Paulistanos*” (O ESTADO DE S.PAULO, 26/08/1895), o edifício rapidamente ganha importância social e política e ainda em 1895, sua propriedade é transferida para o Conselheiro Antônio Prado (*idem*, 29/12/1895), filho de Dona Veridiana e prefeito da cidade.

Destinado à elite, o estilo neo-clássico da fachada bem ornamentada e o requinte nos materiais escolhidos para a construção davam ao edifício o tom aristocrático e monumental desejado.

De acordo com a reportagem no jornal O Estado de S. Paulo (*idem*, 26/08/1895):

“A raia mede 880 metros de circunferência, e está colocada no planalto que há em frente ao morro da Bella Vista. Em frente à raia (que deve ser de futuro um elegante jardim) ergue-se uma ‘archibancada’ que pode dar lugar a 1500 pessoas. (...) Já se acha construído um edificio destinado á secretária, ao buffet, à sala de esgrima, e às palestras gymnásticas”

Já se preparava, assim, no Velódromo um edifício que apesar de ter um esporte como foco principal, comportasse diversos outros tipos de esportes, como a esgrima e futuramente patinação, tiro ao pombo, natação, futebol, entre outros (*idem*, 05/02/1900).

Inicialmente, a atração principal eram as competições e encontros de corridas de bicicletas que ocorriam lá, algumas vezes contando com outras atrações como buffet e banda de música (*idem*, 05/11/1899), mas em pouco tempo já era palco de festas e eventos, algumas vezes beneficentes, de clubes esportivos, agremiações sociais e comemorações oficiais do governo (*idem*, 12/11/1900). Em pouco tempo, tornou-se um dos lugares preferidos de encontro e sociabilidade das elites paulistas e um foco constante de atenção da imprensa.

Surge no Velódromo, também, por iniciativa de um grupo de jovens da elite paulistana (inclusive membros da família Silva Prado), o Club Athlético Paulistano, com um foco maior na prática do futebol e passa a adaptar inicialmente de maneira improvisada uma quadra, no lugar do gramado central, para treinarem. Em 1902, se tem registro das primeiras partidas de futebol que começam a ser disputadas em seus campos (*idem*, 01/01/1902). O futebol logo substitui o ciclismo em importância no Velódromo e, depois da reforma de 1905 que uma quadra de futebol é propriamente feita, passa a comportar campeonatos e ‘matches’ entre clubes paulistas e internacionais. Uma espetacularização do esporte, em especial do futebol, inicia-se em São Paulo, tendo o Velódromo como “vitrine midiática” do esporte, contribuindo para a sua disseminação e a criação de um encantamento em torno das partidas, dos jogadores, dos frequentadores e principalmente do evento social ao seu redor. Pode-se ver um exemplo disso descrito em uma reportagem do jornal O Estado de S. Paulo (*idem*, 25/06/1903), que trata de uma partida entre o SPAC e o CAP para o campeonato de 1903:

“A despeito do dia, num desafio ao mau tempo, transbordou de gente o Velódromo, enfeitaram-se com as variadas e elegantes toilettes de gentis senhoritas as vastas ‘archibancadas’, encheu-se de vida e iluminou-se de sorrisos e olhares todo aquele formoso conjunto humano tão desapidadamente abandonado pelo sol reconfortante e glorioso às ‘humidas’ carícias de um dia chuvoso. Faltou o calor solar, mas não faltou o calor do entusiasmo. Este explodiu com delírio intenso, vibrante todas as vezes que num belo lance, os jogadores arrebatavam as almas.” (*ibidem*)

Em 1915, o Velódromo é desapropriado em função da construção da rua Nestor Pestana, transferindo o público frequentador do Velódromo para as sedes de outros clubes na região, mas principalmente para a nova sede do CAP no Jardim América.

Através da criação de clubes e associações esportivas, cidadãos fortaleciam as ligações que tinham entre si, seja ela étnica (como o SPAC e o Germânia) ou simplesmente de sua rede de sociabilidade expandida. A influência estrangeira, principalmente inglesa, nesses padrões de socialização são evidentes tanto na terminologia usada (“foot-ball” e “match” por exemplo) quanto nas regras e práticas dos jogos.

1.3.2.2 OS CLUBES ESPORTIVOS
COMO ESPAÇOS DE LAZER URBANO

O São Paulo Athletic Club (SPAC e conhecido na época como clube dos ingleses), o primeiro clube social esportivo em São Paulo, foi fundado em 1888 por um grupo de engenheiros britânicos, responsáveis pela São Paulo Railway, a fim de estabelecerem um espaço onde pudessem praticar o críquete e passar o tempo. Sua sede inicial era a Chácara Dulley (*idem*, 11/11/1892) no Bom Retiro, mas em 1899 se transferiram para um terreno arrendado, de propriedade de Dona Veridiana Prado, na chácara da Consolação.

“Em 1906, a diretoria do SPAC, manifestou o desejo de comprar o terreno da Consolação, de propriedade de Dona Veridiana Prado e arrendado pelo São Paulo Athletic Club desde 1899, no qual instalara sua primeira sede e os campos esportivos. Quando fizeram o primeiro contato com Dona Veridiana Prado, ela se lembrou da ajuda que William Fox Rule havia prestado a sua família. Dona Veridiana concordou com a idéia de que o terreno passasse a pertencer ao clube, e foi além, dizendo que doaria ao SPAC.” (MILLS, 2005, p. 137)

O clube ganhou atenção midiática com a disseminação do futebol e em grande parte pela atuação de Charles Miller, sócio do SPAC e capitão do time do clube. O clube contava com uma quadra

[FIG.58]
Anúncio de uma festa
que aconteceria na sede
do SPAC
O ESTADO DE S.PAULO.
“São Paulo Athletic
Club”. São Paulo, p.9,
14/08/1919

de futebol, onde o críquete também era disputado, e organizava eventos sociais e esportivos regulares para seus associados, como o “Annual Athletic Sports” (*idem*, 22/11/1908), que eram anunciados nas colunas sociais dos jornais da época.

A sociabilidade que começava no esporte expandia-se para outros círculos, congregando membros do clube e do mesmo grupo social a que pertenciam. Fazer parte de um clube significava fazer parte de um grupo social restrito que compartilhava códigos comuns entre si e os reafirmava regularmente em diversos tipos de reuniões sociais. A importância do aspecto social vai repetir-se em muitos clubes e associações da época e vai adquirir um caráter importante no clube “concorrente” do SPAC, o CAP: Club Athlético Paulistano.

O Club Athlético Paulistano, nascido em 1900, teve como primeira sede esportiva o Velódromo de Dona Veridiana Prado. Assim com o SPAC, o clube reunia membros da elite paulistana e reafirmava sua distinção simbolicamente, tanto pela requintada sede esportiva no Velódromo, como em seu uniforme, cujas cores foram inspiradas nas cores da Universidade Harvard, na qual Plínio da Silva Prado, sócio-fundador do clube, estudara (BRANDAO, 2000, p. 21). O clube diversificou suas atividades, incluindo tênis em 1904 e posteriormente natação,

além de introduzir localmente torneios femininos, como de tênis em 1907 (*ibidem*, p. 26). Como assinalado por Brandão, os eventos sociais que se passavam nas instalações do clube tinham grande destaque social, como *as garden parties*, nas quais “as pessoas se juntavam para jogar tênis, croqué, diabolô, pingue-pongue, pelota, peteca” (*ibidem*, p.27).

A desapropriação do Velódromo em 1915 obrigou o CAP a transferir sua sede esportiva para outra localização. Em 1916, a diretoria do clube (então liderada por Antônio Prado Junior) conseguiu arrecadar dinheiro suficiente com os sócios para a compra de um terreno no Jardim América (*ibidem*, p. 31), no prolongamento da rua Augusta. A mudança, de forte caráter estratégico, garantiu para o clube a frequência da elite, que então começava a se transferir para o bairro jardim recentemente urbanizado, ao mesmo que lhe assegurava um espaço destinado para a prática de esportes, condizente com o estilo de vida proposto para os moradores desse novo bairro. As obras foram finalizadas em dezembro de 1917 e ao longo da década de 1920, novas instalações foram construídas como a praça de esportes para o atletismo, novas quadras de tênis e a piscina.

A vida social do clube, onde eram constantemente organizadas festas e bailes, intensificou-se na década de 40, com a inauguração da nova e requintada sede social, cuidadosamente projetada por Gregori Warchavchik e outros arquitetos modernos (LIRA, 2011), que logo seria movimentada pelos adeptos da Jovem Guarda que frequentavam as proximidades da rua Augusta.

Além dos ‘clubs’ que surgiam na cidade, as associações atléticas, organizações de pessoas com o interesse de se juntarem para praticar um esporte específico (principalmente o futebol), proliferaram e algumas tinham como sede a rua Augusta, como a “Associação Atlética Latium” (O ESTADO DE S.PAULO, 02/03/1916). De acordo com os jornais da época (*idem*, 14/08/1910), existia na rua também um “ground” (campo de futebol), desassociado de organizações específicas, onde eram disputados jogos aparentemente mais informais entre os times da cidade.

Como pode-se verificar o vetor sudoeste da cidade, no qual a rua Augusta se consolida ao longo das primeiras décadas do século XX como uma das principais vias de acesso, teve um papel importante no desenvolvimento inicial dos esportes em São Paulo. Com efeito, dos cinco principais clubes esportivos da cidade no começo do século, três estavam situados nas proximidades da rua: O SPAC, localizado na rua Visconde de Ouro Preto, o CAP, inicialmente na região da Nestor Pestana e depois na esquina da rua Augusta com a Estados Unidos, e o Club Germânia (frequentado por alunos da Escola Alemã), que ficava na avenida Faria Lima nas proximidades do final do prolongamento da rua Augusta rumo a Pinheiros.

As associações e clubes esportivos existentes na região da rua Augusta garantiram à rua, portanto, uma frequência e circulação de jovens e membros da elite paulistana que, posteriormente, vão ser absorvidos pelo comércio de luxo e a zona de entretenimento juvenil, que gradualmente se difunde na década de 50 ao longo da vertente “Jardins” da rua. Já circulando pela rua para ir ao colégio ou aos clubes desportivos, a rua começa então a fazer parte do circuito urbano do jovem, principalmente de classe alta da cidade de São Paulo.

Metropolização e distinção: A rua Augusta entre 1943 e 1975

1943 | 1975

Capítulo 2

Momento determinante na configuração espacial da metrópole paulistana (FELDMAN, 2004, p. 124), os anos 1940 e 1960 constituem um período decisivo na ocupação e uso da rua Augusta. Enquanto a cidade se verticalizava nas áreas centrais e se espraiava nas zonas periféricas e reestruturando sua centralidade com o crescimento do comércio. A cidade passa por um período de grandes transformações que vão impactar diretamente a rua Augusta.

Afim de entender melhor as relações entre as transformações urbanas e as mudanças ocorridas na rua, escolheu-se analisar a partir de quatro grandes fatores: transporte e Infra-estrutura urbana; habitação e verticalização; comércio e espaços de boemia e lazer noturno. Apesar de haverem outras categorias analisáveis, entende-se que essas são as mais significativas para se entender o papel da rua no período em questão. Apesar de estarem analiticamente separadas, estas categorias são indissociáveis no cotidiano da rua e as transformações ocorridas em uma dessas esferas são acompanhadas de mudanças em todas as outras, modificando a constituição da rua como um todo.

É da grande relação entre essas diversas categorias e da pluralidade de usos e apropriações, bem como de usuários e grupos sociais que a frequentam, que a rua Augusta parece destacar-se no conjunto da cidade, e enquanto tal ser referenciada nos veículos midiáticos da época.

1943 | 1975

Mapa de ocupação dos imóveis localizados na rua Augusta

1 : 7500

Estes dados se referem aos lotes da Rua Augusta.

HABITAÇÃO

LAZER

EDUCAÇÃO

COMÉRCIO

NEGÓCIOS

Abra para acessar um mapa
ilustrativo do perfil dos
imóveis existentes na rua.

2.1

Transporte e equipagem urbana

2.1.1

Sistematização viária e a rua como espaço congestionado

O período entre 1940 e 1970 foi determinante para o desenvolvimento do transporte em São Paulo. A opção por um transporte sobre rodas passou a modelar a paisagem e a estrutura dos bairros da cidade, como se pode ver na redefinição das ruas do bairro de Higienópolis (MACEDO, 1987), na verticalização e na especulação imobiliária ocorrida na avenida São Luiz (LEFEVRE, 1999) ou no predomínio da função de circulação de automóveis da Avenida Nove de Julho em detrimento do pedestre (COLONELLI, 2004). A eficiência na circulação passa a ser pautada pela agilidade no deslocamento a partir do automóvel individual, influenciando nas medidas e ações governamentais que vão re-estruturar a cidade. Na rua Augusta não foi diferente, a infra-estrutura urbana e o papel estratégico na circulação de automóveis teriam grande influência no desenvolvimento ali da habitação, do comércio e do lazer.

O programa de melhoramentos urbanos da prefeitura a partir de 1938, tendo como base o plano de avenidas de Prestes Maia, tentava disciplinar o grande crescimento que a cidade sofria na época, através da implantação de um anel viário, construção de novas vias e o alargamento de vias principais do centro. Porém, mesmo com todas essas transformações urbanas que iam sendo implementadas, o número de veículos em circulação pelo anel de irradiação e outras vias do centro de São Paulo só aumentava, causando um constante congestionamento. *A possibilidade de ampliação dos espaços viários na região central foi sendo progressivamente ultrapassada, atingindo-se um patamar de saturação que acelerou o processo de descentralização de atividades lá localizadas* (LEFEVRE, 2006, p. 177).

É nesse cenário que a rua Augusta passa a absorver não só parte das funções centrais, como grande parte do contingente de automóveis que chegavam e saíam do centro. A rua passa a ter a circulação de veículos como uma de suas principais funções, sendo o carro o veículo principal. Em função de sua grande extensão²⁴ e da multiplicidade de bairros que cruzava, a rua passa a servir como um escoadouro de tráfego, recebendo o fluxo constante de carros das ruas transversais.

²⁴ A extensão da rua Augusta de quase 3 kms é ampliada quando se leva em conta suas continuações como a rua Colombia, Avenida Europa e Cidade Jardim. Atinge, dessa forma, quase em linha reta a Marginal Pinheiros e a avenida do Jockey.

Parte das obras que aconteceram na região visava ampliar a capacidade de tráfego das ruas e ajudar no escoamento das vias centrais. Além da construção da rua Martins Fontes, é anunciada em 1945 (O ESTADO DE S.PAULO, 07/08/1945) a construção de uma praça ajardinada circundando a igreja da consolação: a praça Roosevelt²⁵. A construção da praça é assinalada como parte de um *sistema de avenidas e praças, que será o sistema total de viação da cidade (ibidem)*, implicando na demolição de todos os imóveis entre a rua Olinda e a rua Martinho Prado. A praça que passa a ter como divisas tanto a rua Consolação quanto a Augusta, propiciou uma melhor conexão entre essas duas ruas, já que implicou também no alargamento da rua Olinda e Martinho Prado (que propiciara também a conexão com a avenida Ipiranga).

Na década de 50, o objetivo de rápida circulação do automóvel entrará em conflito com a prática do estacionamento nos dois lados da rua que passa a acontecer com a intensificação do comércio na rua, sem a devida preparação do poder público para que a via recebesse tal função. O incômodo com o estacionamento irregular de automóveis inicialmente se dava pelo problema que causava aos transeuntes e moradores da rua. *São automóveis em fila dupla ou mal estacionados, defronte das lojas e dos mercados, porque certas senhoras não mais podem andar a pé cinquenta metros* (SILVA JUNIOR, 10/05/1956). Parando na frente de garagens particulares e da entrada de residências, os automóveis de consumidores das butiques e dos cinemas à noite eram constantes alvos de reclamações nos jornais (O ESTADO DE S.PAULO, 15/12/1957).

O problema adquiriu uma proporção maior quando, no fim da década de 50, esses automóveis estacionados passam a atrapalhar o tráfego da rua, gerando congestionamentos e atrapalhando o trajeto dos ônibus em direção aos bairros do sudoeste. Tentando resolver esse problema a DST (órgão do governo que administrava o trânsito em São

Paulo) resolve implantar no começo de 1959 a sua primeira medida em relação ao trânsito da região: a “Operação Augusta”, proibindo o estacionamento nos dois lados em toda a extensão da via. Essa medida gerou uma grande discussão nos jornais acerca da função da rua, além de um claro embate de interesses de grupos sociais específicos. De um lado, parte da população argumenta que *a vazão ao trânsito de veículos beneficiará milhares de usuários de cinco linhas de ônibus que servem populosos bairros da zona Oeste (idem, 25/02/1959)*. Por outro lado, a Associação Comercial da rua Augusta (ACRA) alega o grande prejuízo dessa medida para o comércio que tem uma *peculiaridade, (...) a maioria dos fregueses constitui-se de pessoas que residem nas vizinhanças e dispõem de condução própria, costumando estacioná-las em frente aos estabelecimentos comerciais (idem, 17/12/1959)*. Ainda na visão dos comerciantes, a comodidade e agilidade nas compras que motivaram a descentralização do comércio do centro tradicional e levaram consumidores para a rua Augusta, estavam ameaçadas com essa medida. A associação tentava negociar uma flexibilização da medida, permitindo estacionamentos por determinados períodos de tempo e em lados alternados da rua.

[FIG. 59]
Charge satirizando o problema de estacionamento de automóveis na cidade RUA AUGUSTA CHIC. São Paulo, Ano 1, Número 4, p. 6, maio 1958

Uma charge publicada na revista Rua Augusta Chic [FIG. 59] um ano antes da operação satiriza a proposta de proibição do estacionamento dos carros na rua, evidenciando a insatisfação de alguns com a medida proposta. A medida, no entanto, é implementada e nos primeiros meses funciona bem, porém, já em 1960 percebe-se que ela estava sendo desrespeitada pelos motoristas, trazendo novos problemas de congestionamento.

essa artéria está esclerosada pelos estacionamentos nos dois lados; juntos as casas comerciais, com o beneplácito das autoridades, que fecham os olhos à irregularidade (idem, 16/12/1960).

Os congestionamentos voltam a se tornar uma constante e a atrapalhar a circulação intra-urbana de toda a cidade. *Como um barômetro, em relação ao tempo, a rua Augusta serve para medir as dificuldades do trânsito paulistano (idem, 17/10/1962).*

Com essa medida de 1959, a DST visa justamente regular o trânsito controlando a direção das ruas, alterando ao longo da década de 1960 diversas vezes as mãos das ruas paralelas e transversais. A própria rua Augusta, em 1967,

[FIG. 60]
Foto publicada no jornal ilustrando a situação caótica do trânsito na rua Augusta O ESTADO DE S. PAULO. “Augusta, onde todos burlam lei de trânsito”. São Paulo, p.17, 28/07/1970

[FIG. 61]
Um dos planos de modificação dos fluxos de trânsito em 1967 O ESTADO DE S. PAULO. “As opções não serão muitas”. São Paulo, p.11, 07/07/1967

já havia mudado *quatro vezes de mão de direção nos últimos três anos (idem, 06/07/1967)*. Até 1970, porém, manteve-se predominantemente uma via de mão-única para carros.

Mesmo com os fluxos constantemente alterados, os congestionamentos voltavam a piorar, deixando a situação cada vez mais caótica e os motoristas confusos. Alternavam-se momentos de restrição e liberação do estacionamento, mas o desrespeito às normas impostas era corriqueiro.

²⁵ Inicialmente intitulada de praça do café, a praça muda de nome em outubro de 1945 para “praça Franklin Roosevelt” em homenagem ao estadista norte-americano de mesmo nome.

[FIG. 62]
Um dos planos de
modificação dos fluxos
de trânsito em 1967
O ESTADO DE S.
PAULO. “Rolex
(anúncio)”. São Paulo,
p.8, 19/05/1967

O intenso congestionamento e a dificuldade de estacionar seus veículos fez com que lojas e galerias tentassem solucionar o problema oferecendo estacionamentos próprios. Algumas tinham estacionamento no próprio estabelecimento, enquanto outras ofereciam a seus clientes espaços exclusivos para o estacionamento de clientes. Surgem, dessa forma, os primeiros estacionamentos privados na rua no fim da década de 1970, como o mantido pela relojoaria Rolex no número 433 e 569 [FIG. 62]. É curioso notar que até 2012 em ambos os endereços ainda existiam estacionamentos, porém em 2013 já vão dar espaço para a construção de novos empreendimentos imobiliários.

Alguns edifícios residenciais e comerciais passam também a oferecer espaços de estacionamento de automóveis particulares, como o edifício Elfrid, na esquina da rua Olinda, que passa a ofertar 6 andares de estacionamento com boxes individuais e elevador privativo das garagens (idem, 24/07/1964) [FIG. 63].

[FIG. 63]
Um dos planos de
modificação dos fluxos
de trânsito em 1967
O ESTADO DE S.
PAULO. “Apartamentos
vendem-se (anúncio)”.
São Paulo, 24/07/1964

[FIG. 64]
Foto atual do
condomínio Elfrid,
com destaque para os
primeiros andares de
garagem
Foto de autoria do
próprio autor

Em 1968, um novo complexo viário se inaugura com a modernização da praça Roosevelt, aumentando ainda mais o fluxo de automóveis na rua Augusta. O projeto da nova praça, elaborado em função da ligação da Radial Leste-Oeste (idem, 23/03/1968), implicava na construção de um viaduto na rua Augusta (entre a rua Olinda e a Martinho Prado) para a passagem do túnel com o acesso á radial Leste-Oeste. O túnel também contava com um acesso para quem vem da rua Augusta convergir á esquerda e alcançar essa via, que desce em rampa, passando sob a praça Roosevelt (ibidem).

“Toda melhoria de tráfego atrai novo tráfego na razão direta desse melhoramento.” Hélio Modesto. O ESTADO DE S. PAULO “A velha disputa: carros e pedestres”. São Paulo, p. 21, 31/01/1973

A declaração do engenheiro Helio Modesto se encaixa perfeitamente ao que então se passa na

rua Augusta, onde se pode observar um aumento considerável do tráfego após a construção do novo sistema viário. Na década de 1970, com o retorno da mão dupla, o estacionamento irregular e o tráfego de troleibus dos dois lados, o congestionamento se intensifica. A largura estreita da rua não consegue comportar o fluxo de automóveis particulares e troleibus dos dois lados. Por outro lado, a arquitetura dos prédios, praticamente sem recuo frontal e com lojas no piso térreo, inviabiliza o alargamento da via e deixa a DST sem alternativas. O problema do trânsito e do estacionamento por volta da década de 70 ajudaria a afastar a clientela do comércio de luxo existente na rua, ocasionando uma crise no comércio local. O período, aliás, coincide na cidade com as primeiras iniciativas de construção de shopping centers, em zonas mais afastadas do centro como o Iguatemi (1966) e o Ibirapuera (1976), com amplas áreas de estacionamento exclusivo para sua clientela.

FIG. 65
Foto de vista aérea da
Praça Roosevelt em 1969
Ivo, Justino, 1969.
Museu Casa da Imagem

[FIG. 66]
Projeto de boulevard para a Rua Augusta, lado jardins, de Jorge Wilhelm. É interessante observar o bolsão de estacionamento nos cruzamentos com as alamedas O ESTADO DE S. PAULO. Um projeto para a Augusta: gente em vez de carro". São Paulo, p. 1, 30/01/1973

Em 1973, em paralelo a iniciativas similares na região central da cidade, o arquiteto Jorge Wilhelm, apoiado pelos comerciantes da região, elaborou um projeto de reurbanização da rua Augusta, que privilegiava a permanência e circulação de pedestres pela rua. O projeto consistia não só em afastar os carros da rua, mas também em ajardiná-la e transformá-la num local de verdadeiro lazer (idem, 31/01/1973). O projeto dizia respeito somente ao intervalo compreendido entre a Alameda Santos e a rua Estados Unidos, deixando o lado central ainda como via de circulação de automóveis. A pista seria transformada em um calçadão de pedestres, com pontos de encontros cobertos, bancos, iluminação e terraços nos declives mais acentuados com áreas para estacionamentos, além de mais dois estacionamentos subterrâneos em terrenos desapropriados (idem, 30/01/1973) [FIG. 66 E 67].

Os comerciantes da rua, durante o ano de 1973, concentraram seus esforços na tentativa de atrair de volta os consumidores para a via, pressionando a prefeitura para que aprovasse o projeto da “Nova Augusta”. A fim de verificar

se o fechamento da rua para automóveis seria bem sucedido, a DET resolveu testar em 4 sábados como seria executada a interdição (idem, 08/07/1973). Durante os dias da interdição, a ACRA promoveu festivais com música, desfiles, dispondo mesas nas ruas na tentativa de atrair os consumidores.

O resultado das operações foram consideradas insatisfatórias tanto para os comerciantes da rua quanto para a Emurb (Empresa Municipal de Urbanização). Os comerciantes alegavam que os lucros da operação não foram tão positivos, afirmando que sem a comodidade do estacionamento de seus carros particulares, os clientes do comércio de luxo não foram atraídos para a rua. Em sua opinião, a melhor proposta seria a transformação da rua num estacionamento para seus clientes (ibidem), já que a necessidade de subir a rua a pé estava afugentando seus clientes mais exigentes. Para a Emurb, os resultados insatisfatórios eram a prova de que o boulevard para a rua Augusta não seria uma boa opção, já que aumentaria o congestionamento das vias envoltórias, além da possibilidade de levá-la

[FIG. 67]
Projeto de boulevard para a Rua Augusta, lado jardins, de Jorge Wilhelm. Com um destaque maior para os pontos de encontro e patamares elevados O ESTADO DE S. PAULO. A Nova Augusta: receita para viver". São Paulo, p. 23, 30/01/1973

2.1.2 O transporte público e o conflito com automóveis

à decadência, como aconteceu no centro da cidade, na década de 30. Por outro lado, Jorge Wilhelm, arquiteto responsável pelo projeto, alegou que a afirmação da não sustentação da idéia do boulevard, baseada nos testes de fechamento do trânsito, era infundada, uma vez que o projeto abrigava soluções muito mais complexas de trânsito e urbanização.

Seja como for o projeto não foi aprovado pela prefeitura e a rua continuou com o tráfego normal, com exceção das últimas tentativas de atrair consumidores para a rua. De modo que a dependência extremada do automóvel para a circulação na rua ao mesmo tempo em que parece ter sido uma das principais motivadoras do deslocamento dos estabelecimentos de lazer e comércio para a região, foi também responsável pelo abandono da tradicional clientela local e da perda de centralidade comercial da rua na cidade.

Na medida em que a quantidade de automóveis crescia no cotidiano da rua, o conflito com o transporte público aumentava. O tipo de comércio na rua voltado para a elite ajudou a aumentar o predomínio do automóvel e a imagem negativa do transporte público.

Na década de 1940, a rua Augusta contava com duas formas coexistentes de transporte público: o ônibus a diesel e o bonde. Com o crescimento acelerado da cidade na década de 1930, a frota de bondes vigente tornara-se insuficiente para atender toda a extensão urbana na velocidade em que se expande. O investimento não compensava mais para a companhia que resolve não renovar seu contrato relativo aos bondes elétricos com a Prefeitura a partir do ano de 1941 (idem, 18/02/1939), porém, através de acordos feitos com a prefeitura a Light ficou até 1947 administrando suas linhas.

O desinteresse da Light em continuar a manter seus investimentos nas linhas de bondes refletiram em uma diminuição da qualidade, pouca manutenção e superlotação dos bondes em circulação. As condições deploráveis que se encontravam o bonde ajudou na migração das classes mais abastadas para o automóvel, aumentando ainda mais o caos urbano.

Após acordos financeiros, o acervo de bondes da Light passa à administração da CMTC (Companhia municipal de transportes coletivos) (*idem*, 31/07/1947), empresa criada para gerenciar os transportes públicos de São Paulo (empresa privada mas que tem a prefeitura como uma de suas principais acionistas). Uma das primeiras medidas da empresa foi a desativação do bonde 45 da rua Augusta em 1949 e, aproveitando os fios elétricos de condução já instalados, sua substituição por troleibus em 1952, celebrada pelos comerciantes da rua (*idem*, 25/01/1952).

As linhas de ônibus que passavam na rua ainda eram poucas, como a linha que servia o Itaim (*idem*, 05/12/1945) e a Chácara do Jockey (*idem*, 02/02/1941), e serviam de forma complementar ao bonde. A partir do meio da década de 1950, a

priorização do automóvel ou do troleibus passam a dividir opiniões entre os frequentadores, passantes e moradores da rua nos jornais da época. Em 1959, quando a operação Augusta foi implantada, a priorização do transporte público foi um dos principais assuntos discutidos. Por um lado, a CMTC e alguns colunistas do jornal O Estado de S. Paulo alegavam que o mais importante benefício que essa medida implicaria seria a maior rapidez e melhoria no circuito das 5 linhas de ônibus que então transitam na rua (sendo duas elétricas que percorriam toda a rua), beneficiando a maior parte da população. Criticou-se intensamente a ação dos comerciantes em tentar favorecer o conforto de alguns em detrimento da grande maioria:

a medida a ser tomada deve ser a favor do transporte da grande maioria (que é o zé povo) e não dos bafejados de fortuna (idem, 10/03/1959).

Por outro lado, os comerciantes alegam que os frequentadores da rua, em sua grande maioria, eram detentores de automóveis particulares e que a melhor medida seria o *desvio de certas linhas de ônibus da rua Augusta (idem, 28/02/1959)* para as vias

[FIG. 68]
Foto publicada no jornal em 1946 mostrando a superlotação dos bondes elétricos O ESTADO DE S. PAULO. Transporte urbano na Capital". São Paulo, p.8, 07/02/1946

paralelas, ajudando a desafogar o trânsito da via para os automóveis. A medida em que o automóvel ia se popularizando e tornando-se um dos principais meios de transporte do paulistano, o ônibus e principalmente o troleibus iam sendo enxergados como um obstáculo na locomoção do automóvel.

O trajeto em mão-dupla do troleibus, mesmo com a implementação de mão única em 1965 na rua e as sucessivas mudanças de direção de mão na rua, manteve-se da mesma forma, recebendo diversas críticas nos jornais da época em decorrência dos albaroamentos com carros e do problema apresentado na ultrapassagem. A CMTC estudou a retirada da linha na contramão, mas em função do alto custo na retirada e na inconstância da mão de direção da rua, os bondes não foram retirados.

Como solução provisória em 1967 são colocados blocos de concreto a fim de delimitar a faixa exclusiva de troleibus na contramão e evitar acidentes.

Em 1968, os troleibus ficam um breve período sem funcionar em decorrência da construção da praça Roosevelt, porém logo voltam a operar com o tráfego em mão dupla, acirrando as críticas. O troleibus torna-se um dos principais alvos de críticas acerca do transporte público e do trânsito da época, vistos pelo diretor da DST como um *entrave ao desenvolvimento do tráfego (idem, 19/04/1966)*. A morosidade, imobilidade em virtude da dependência dos cabos elétricos (*idem*, 23/07/1970) e as sucessivas paradas para entrada e saída de passageiros (*idem*, 21/07/1970) são apontadas como causas para a lentidão e congestionamento nessa via.

[FIG. 70]
Foto do trânsito pesado na rua Augusta em 1967 O ESTADO DE S. PAULO. "Trânsito muda hoje às 14h". São Paulo, p.9, 08/07/1967

[FIG. 71]
Nova calçada da rua
Augusta financiada pela
ACRA em 1966
O ESTADO DE S.
PAULO. “Esta será a
nova calçada da rua
Augusta”. São Paulo,
p.9, 14/05/1966

2.1.3 Transformações no ambiente urbano

Focado em resolver problemas relativos ao trânsito de automóveis, o poder público negligenciou a reforma e o cuidado com a infra-estrutura da rua e suas calçadas, fundamentais para o deslocamento dos pedestres e dos passantes. Grande parte dos melhoramentos executados foram deixados a cargo da iniciativa privada, interessada em melhorar a experiência de seus consumidores na rua. Em 1966, por exemplo, o projeto da nova calçada de pedra de granito preto e branco da rua Augusta (em toda sua extensão) foi inteiramente desenhado e financiado pela Associação de Comerciantes da Rua Augusta (ACRA) (O ESTADO DE S. PAULO, 28/05/1966) [FIG. 71]. Ainda no mesmo ano, a ACRA entrou com um projeto de troca de toda a iluminação pública da rua para uma iluminação feita com lâmpadas de mercúrio, a fim de valorizá-la também nos horários noturnos.

A partir da segunda metade da década de 1960, o lado central da Rua Augusta começa a enfrentar grandes problemas com inundações e

com a quantidade de água que corria a rua abaixo. Além do recorrente entupimento da boca de lobo nas proximidades da Avenida Paulista,

A contribuição de todas as travessas, somadas às descargas normais das águas pluviais dos ramais domiciliares, e a inexistência de qualquer outra boca-de-lobo até a rua Caio Prado, fazem com que as águas se acumulem e agravem o estado daquela via (ROSA, 23/06/1971).

Descrita como “Rio Augusta” pelos jornais [FIG. 72], a água atrapalhava a circulação de pedestres, sujava as fachadas das lojas e molhava pedestres quando veículos passavam em alta velocidade²⁶. Parte da água transbordava do esgoto, cheirava mal e carregava lixo e detritos rua abaixo. Apesar de prometidas em 1967 (O ESTADO DE S. PAULO, 09/02/1967), as galerias pluviais e a instalação de novas bocas de lobo demoraram para serem construídas, só sendo executadas em 1976 (*idem*, 23/06/1976).

²⁶ Chegando até a motivar um protesto contra os ônibus que passavam rapidamente e molhavam os pedestres na rua. O ESTADO DE S. PAULO. “Ônibus param na r. Augusta”. São Paulo, p.13, 09/03/1967

[FIG. 72]
Foto publicada no jornal do “riacho
Augusta” em 1966, se referenciando
aos alagamentos recorrentes que ali
acontecem
O ESTADO DE S. PAULO. “Rua
Augusta”. São Paulo, p.9, 21/05/1966

[FIG. 73]
Charge publicada em 1970 sobre
os problemas existentes na recém-
inaugurada Praça Roosevelt
O ESTADO DE S. PAULO. “Roosevelt:
praça do vai ser assim”. São Paulo, p.
10, Turismo, 27/01/1970

A falta de acabamento e cuidado na construção da Praça Roosevelt, com goteiras, iluminação insuficiente, mosaicos portugueses mal colocados, partes não finalizadas e com falta de vegetação (*idem*, 27/01/1970), parecem contribuir para a sensação de abandono da vertente central da rua. A crítica negativa à praça nos jornais da época foi ferrenha, como pode se observar na charge [FIG. 73] e no trecho a seguir:

E o grande risco que a praça está correndo agora, ficando assim, inacabada, sem iluminação adequada, é de acabar virando um novo antro, dentro da cidade, de prostitutas e marginais (*ibidem*).

2.2

Habitação e verticalização

O aumento do tráfego somado à sensação de abandono da rua e da praça Roosevelt influenciaram na decisão dos principais colégios da região, como o Des Oiseaux e o Porto Seguro, em transferirem sua sede para bairros mais afastados do centro, próximos às residências da elite no fim da década de 1960 e começo de 1970.

Hoje a rua Augusta, artéria principal de um bairro central, mais parece uma viela de subúrbio abandonado pelas autoridades, com os seus graves perigos para a saúde pública, e também para a segurança dos pedestres, devido ao lamentável estado e parcial inexistência dos passeios (idem, 08/06/1971).

A deterioração física da rua influenciará também na má conservação de determinados imóveis e em seu abandono, principalmente dos edifícios residenciais, aumentando a oferta de imóveis para alugar nos classificados dos jornais, mas pouco na sua procura. Percebe-se que o abandono e a deterioração ocorrido na rua se relacionará com um processo maior de esvaziamento das regiões centrais em São Paulo, intensificado a partir da década de 1980. Observa-se nas regiões centrais uma perda da população residente, apontando taxas de crescimento negativo, enquanto as regiões periféricas vão apresentar taxas de crescimento superiores a 4%. (MEYER; GROSTEIN; BIDERMAN, 2004, p. 191)

A segunda [Tendência dos bairros centrais]está diretamente relacionada com o encorticiamento progressivo de imóveis e é revelada pelo desequilíbrio, verificado em alguns distritos, entre a diminuição no número de domicílios e o número de moradores. E, finalmente, assiste-se também a uma diminuição significativa no número de domicílios alugados, confirmando-se a perda de moradores nos bairros centrais (ibidem).

Os problemas de infra-estrutura básica que o lado central enfrentava e o processo de abandono das classes médias e altas ajudaram na construção de uma imagem negativa desse lado da rua, separando-a da imagem do lado Jardins da rua.

Durante as primeiras décadas do século XX, apesar do crescimento da área urbana da cidade, o processo de verticalização se limitava predominantemente ao setor terciário e à zona central (SOMEKH, 1997). A verticalização se fortaleceu através da construção de uma nova imagem de metrópole industrial para a cidade de São Paulo, facilitada pela disseminação do uso do concreto armado e da nacionalização da indústria de elevadores na década de 20 (SANTOS, 2012, p.84).

É a partir da implementação do plano de Avenidas de Prestes Maia a partir de 1938 que tem início *mudanças profundas no processo de verticalização da cidade* (LOBATO, 2009, p. 28). A verticalização se expandirá para os arredores do centro da cidade e se transformará em predominantemente residencial, vencendo o preconceito inicial com o adensamento de moradores no mesmo prédio, até então associado a ideia de cortiço. Conforme Somekh (1997), o período entre 1940 a 1956 é caracterizado como um período de verticalização à americana, amplamente amparada pelo desejo de encaixar-se no *american way of life*. O mercado imobiliário da cidade sofreu um grande crescimento que, impulsionado pela lei do inquilinato em 1942, passa a mudar a paisagem urbana. Em consequência de políticas públicas de regulamentação e controle dos imóveis construídos, a cidade passou a ter uma excessiva dependência do mercado imobiliário, causando irracionalidades no desenvolvimento urbano (LEFÈVRE, 2006, p. 299).

A cultura de viver em apartamentos ganha força com os setores médios urbanos, considerados clientes preferenciais, já que tal classe estava “impossibilitada de morar como realmente desejava”, ou seja, em casas amplas e unifamiliares, bem semelhantes às dos ricos do país (ATIQUE, 2005, p. 38).

Em função do adensamento da cidade e da limitação do coeficiente de aproveitamento do terreno (LOBATO, 2009, p. 30), os arquitetos e urbanistas paulistas passam a elaborar projetos que mesclam diferentes funções urbanas no mesmo edifício vertical. Dessa forma, disseminam-se pela cidade não somente edifícios residenciais de uso misto, com o piso térreo reservado aos estabelecimentos comerciais, mas edifícios que agregam múltiplas atividades com cinemas, comércio, restaurantes e escritórios, e outros como as galerias comerciais, algumas das quais em altura, com as lojas voltadas para ruas internas aos quarteirões (FELDMAN, 2004, p. 126). O vetor sudoeste, no âmbito da habitação, recebe um duplo processo de valorização: via verticalização, com uma clara expansão em direção ao sudoeste, e via bairros jardins, foco de moradia da elite da época com grandes residências unifamiliares de altos valores (FELDMAN, 2005, p. 146).

O sucesso dos empreendimentos da Companhia City nos bairros jardins vai ter uma dupla influência nas transformações que ocorrerão na rua Augusta. Ao mesmo tempo em que oferecem uma clientela ávida por fazer compras com comodidade nas proximidades de sua residência, também contribuem para o abandono dos palacetes e casas de

[FIG. 74]
Anúncio de terreno para
arranha-céu publicado
em 1942
O ESTADO DE S.
PAULO. “Anúncios -
terrenos urbanos”. São
Paulo, p.12, 05/03/1942

elite dessa via, que optam por morar nos bungalows dos bairros jardins ou em outras ruas mais tranquilas dos bairros do vetor sudoeste. A abertura do acesso direto ao centro e a intensificação do tráfego de automóveis a partir do início da década de 1940, alterando o uso e o cotidiano da rua, acelerou rapidamente o processo de desocupação das casas e palacetes, abrindo espaço para a verticalização de residências voltadas para os setores médios e a alguns estabelecimentos que agregavam funções centrais, como o comércio e escritórios.

A partir de 1942 começa um tipo de oferta diferente da existente até então no jornal em relação aos imóveis da rua Augusta, com o surgimento no mercado imobiliário de terrenos e imóveis passíveis de serem demolidos para a construção de edifícios verticais. Como exemplo, temos o terreno de esquina entre a rua Augusta e a rua Olinda que antes abrigava o palacete de Antônio Raposo de Almeida e em 1942 foi colocado à venda visando a construção de um “arranha-céu” (O ESTADO DE S. PAULO, 05/03/1942) [FIG. 74], onde futuramente vai ser construído o condomínio Edifício Elfrid.

Casas “velhas” começam a ser vendidas em conjunto no jornal, facilitando e visando a fixação de grandes edifícios de apartamentos e empreendimentos imobiliários de maiores proporções. Entre a segunda metade da década de 40 e a primeira metade da década de 60, a rua passa por um significativo movimento de reconstrução, que a transformará o seu perfil majoritariamente térreo em uma via pontuado por edifícios verticais.

2.2.1
Os primeiros edifícios de moradia e as pensões

Durante a década de 1940 inauguram-se na rua edifícios em altura com um programa mais simples, menores números de apartamentos e uma altura menor. Um dos primeiros prédios de apartamentos multifamiliares de que se tem registro na rua, o prédio de número 899 (antigo 201), foi lançado em 1935 com apartamentos dotados de *todo o conforto moderno* (O ESTADO DE S. PAULO, 15/06/1935), contando com grande sala de estar, escritório, 3 dormitórios, sala de jantar, copa, cozinha, banheiro, garagem e grande quintal. Em 1942, o mesmo apartamento é anunciado para aluguel só que sem o destaque para o grande quintal (*idem*, 27/02/1942) que, ao que tudo indica tem parte do seu espaço ocupado para um conjunto de lojas com acesso direto à rua. Pelas características do prédio que se encontra ainda hoje na rua, acredita-se que este é o mesmo prédio construído em 1935, conservando parte do quintal de frente e a grande sala de estar. [FIG. 75 E 76]

Esses primeiros apartamentos mais simples em prédios de até 3 andares, em sua grande maioria, disseminaram-se nas proximidades das ruas Antônia de Queiroz e Costa e buscavam reproduzir a divisão de cômodos de uma planta padrão de uma casa de classe média, a fim de se aproximar da forma de moradia do seu público-alvo. Reforçavam, assim, nos anúncios a presença de sala de jantar, sala de visitas, quartos, banheiro, cozinha, quarto de empregada e área com tanque.

Em função de uma maior concentração de referências nos jornais de moradores dessa seção da rua com profissões de baixa qualificação como pedreiros, motoristas e domésticas, além do registro da moradia de pequenos assaltantes²⁷, pressupõe-se que tais apartamentos eram voltados para setores mais populares da sociedade, mantendo assim o perfil de moradores observado nessa região no período inicial da rua.

²⁷ Essas informações são obtidas a partir de dois tipos principais de notícias: registros criminais que apontavam a antiga moradia do meliante e dos acidentes e albaroamentos que informavam a profissão e o endereço dos envolvidos. Em contraste com as outras seções da rua, percebeu-se nessa parte uma maior concentração de indivíduos de setores sociais mais populares entre as décadas de 40 e 70.

[FIG. 75]
Foto recente do edifício
de número 899 da rua
Foto tirada pelo
próprio autor

Ao longo da década de 1940 e início da década de 1950, como forma de aumentar a renda familiar e aproveitar a inicial valorização da rua em função do comércio e da verticalização, os moradores desses pequenos edifícios e das casas ainda existentes nessa parte da rua passam a alugar quartos em um esquema de pensão. Voltados para jovens solteiros ou casais sem filhos, tais pensões eram tocadas informalmente por famílias de classe média baixa e ofereciam, em alguns casos, quarto mobiliados e refeições inclusas na diária (*idem*, 16/06/1949).

Com a expansão do comércio para toda a rua Augusta e a valorização do lote urbano, muitas casas e pequenos edifícios passam a ser comprados por lojas e estabelecimentos comerciais, fixando seus pontos comerciais ali. Remodelando suas fachadas e reformando o espaço interno para melhor se adequar à função comercial, a maioria dos estabelecimentos conservaram a estrutura inicial desses edifícios e mantiveram sua altura média.

[Fig. 76]
Foto recente do edifício
de número 899 da rua
Foto tirada pelo
próprio autor

A paisagem dessa seção da rua se conserva em partes, mantendo uma altura média de dois a três pavimentos e uma menor influência da massa construída sobre o indivíduo.

Os problemas de infra-estrutura, grandes congestionamentos e a construção de uma imagem negativa em relação ao lado central da rua a partir de 1970, influenciaram na diminuição da frequência dos consumidores de alto poder aquisitivo e em uma transformação de uso dos edifícios nessa seção da rua, abrindo espaço para a proliferação de casas de meretrício, boates e bares.

[FIG. 77]
Foto recente do edifício Antônio Carlos com uma lanchonete-bar embaixo
Foto tirada pelo próprio autor

[FIG. 78]
Anúncio de venda de apartamentos no edifício Ibaté projetado por Franz Heep
O ESTADO DE S. PAULO. “Anúncio - Pague menos...por mais conforto”. São Paulo, p. 18, 11/09/1953

2.2.2 A Consolidação de edifícios maiores de uso misto

A partir da primeira metade da década de 1950, a rua Augusta passa a receber empreendimentos de maior altura e com um número maior de apartamentos. Tais edifícios fixaram-se, inicialmente, a partir da rua Peixoto Gomide em direção à Avenida Paulista.

Desde o início, esses grandes prédios residenciais têm, em sua grande maioria, o piso térreo reservado para o comércio e outros serviços, nos moldes dos outros prédios construídos na mesma época no centro de São Paulo. Essa característica comum aos edifícios construídos vai facilitar a instalação de estabelecimentos comerciais, ajudando na construção da zona comercial que a rua vai abrigar na década de 50. Um dos primeiros prédios residenciais com mais de 6 pavimentos na rua, o edifício Antônio Carlos, existente até hoje na esquina da rua Antônio Carlos, foi construído pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro em 1947 e conta com 17 apartamentos e duas lojas no térreo (*idem*, 06/04/1948) [FIG. 77].

Esses prédios de apartamentos tinham como foco a classe média oferecendo uma moradia perto do centro, onde a maioria trabalhava, por um preço acessível (comparado aos preços das casas nos bairros próximos), sobretudo com a disseminação de apartamentos econômicos e quitinetes. Um outro exemplo é o edifício Ibaté, projetado por Franz Heep, na esquina da rua Antônio Carlos, e construído em 1953 com o argumento comercial baseado em seu ótimo custo-benefício. O anúncio (reproduzido abaixo), além de reforçar a facilidade no pagamento, enfatizava o rápido acesso ao centro e a *crescente valorização* (*idem*, 11/09/1953) da via, em função da expansão do comércio. O edifício, da mesma forma que outros, contava com o piso térreo dedicado à locação para estabelecimentos comerciais.

[FIG. 79]
Foto do Edifício Ibaté em 2011 a partir da rua Augusta
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 80]
Foto do Edifício Ibaté em 2011 a partir da rua Antônio Carlos
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 81]
Foto recente do edifício Aracua e Aratinga na esquina da rua Luiz Coelho e da rua Augusta. Abaixo está o bar e lanchonete BH Foto tirada pelo próprio autor

Na esquina da Luís Coelho e abrangendo grande parte do quarteirão, o edifício Aracua, fazendo parte de um condomínio de 4 edifícios maiores, é inaugurado em 1954, substituindo diversas casas e sobrados de elite que existiam no lugar. Contando com muitos apartamentos distribuídos em prédios com entradas distintas, o condomínio comportava uma grande quantidade de famílias de classe média.

Os edifícios construídos nesse período, normalmente, não contavam com estacionamento

[FIG. 82]
Foto recente do edifício Aracua e Aratinga a partir da rua Augusta Foto tirada pelo próprio autor

próprio, fato que se tornou posteriormente um problema em função da falta de estacionamento tanto para moradores quanto para frequentadores da rua na década de 1960.

A concentração do processo de verticalização na rua se deu na década de 1950 e começo de 60, sendo que no começo de 1970 a maioria dos prédios verticais existentes atualmente já estavam construídos. O estilo racional e o tipo de edifícios de uso misto voltados para a classe média, típicos dos anos 40-50, marcam a paisagem da rua até a atualidade.

2.2.3 Os escritórios e órgãos governamentais

A ligação viária direta com o centro somada à expansão das funções centrais para os bairros envoltórios ajudaram a atrair na década de 1950 para o começo da rua, nas proximidades da Martinho Prado, alguns escritórios de empresas e departamentos governamentais. Sobretudo na proximidades da avenida Paulista e da Praça Roosevelt.

Uma das primeiras companhias a se fixar na rua, a Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC), instalou-se em 1953 no número 101, onde atualmente funciona uma Escola Municipal (EMEI). Além de regular os transportes coletivos na cidade, no escritório eram prestados alguns serviços ao público como a venda de bilhetes de ônibus. A escolha do endereço pela CMTC é interessante pois mostra o papel importante que o vetor sudoeste e a própria rua Augusta vão ter na rede de transportes da cidade. A instalação da companhia de Metrô posteriormente na rua vai reafirmar essa importância. Em 1960, o edifício passa a abrigar também a quarta delegacia de polícia.²⁸

Fixam-se também na rua outros edifícios exclusivamente comerciais, algumas vezes adotando no térreo estabelecimentos comerciais, porém não tão recorrentemente quanto os edifícios residenciais. Como exemplo, temos a indústria gráfica Siqueira que, em 1953, ocupou o lote da falida companhia de calçados Bordallo na esquina da rua Caio Prado. A gráfica, que tinha como um de seus maiores acionistas o ex-interventor federal Adhemar de Barros (DUARTE, 25/06/1954), ocupava quase um quarteirão com oficinas que contavam com *tipografia, litografia, encadernação, fabricação de artigos escolares, livros, etc. (ibidem)*. Além da gráfica, esse trecho da rua abrigava a empresa Farmacêutica do Brasil, o Sindicato de Gêneros Alimentícios, a Companhia de Comércio Salles de Oliveira, o Consulado Geral da Alemanha, a Apasas Indústria e Comércio, entre outras.

²⁸ Em 2012, o edifício foi demolido em função da construção do empreendimento C'a'd'oro.

[FIG. 83]
Foto atual do edifício onde antes existia a fábrica Melillo e a gráfica Siqueira, que atualmente comporta uma concessionária Foto tirada pelo próprio autor em 2013

[FIG. 84]
Foto atual do edifício onde antes existia a fábrica Melillo e a gráfica Siqueira, que atualmente comporta uma concessionária Foto tirada pelo próprio autor em 2013

Apesar de estar em pleno processo de verticalização e valorização através do comércio, era possível ainda encontrar nesse trecho da rua cortiços, como evidencia a reportagem do jornal O Estado de S. Paulo (O ESTADO DE S. PAULO 25/05/1952). De acordo com a reportagem, o local ficava em

um corredor estreito, em declive íngreme, premido entre dois edifícios. Na frente um n.º escrito a lapis de cor: 135. Desceu e em baixo, numa area de trinta e poucos metros quadrados, dando com os fundos para a avenida Avanhadava, encontrou esse espetáculo: dezesseis quartos, empilhados uns sobre os outros. Em cada cômodo uma família (ibidem)

2.3

A rua como pólo comercial

O grande crescimento industrial que o Brasil teve entre as décadas de 1940 e 1950, com o papel de liderança de São Paulo, estimulou o desenvolvimento do comércio e do mercado de bens de consumo. Somados à divulgação e fortalecimento do “*american way of life*” em todo o mundo, a vida moderna equipada de produtos industrializados para a casa passa a tornar-se um desejo comum da elite e da classe média paulista. A mulher, símbolo do cuidado e abastecimento da família e da casa, passa a ser um dos principais alvos da propaganda de bens de consumo da época, ajudando a movimentar o comércio e a economia da época. O crescimento do mercado de consumo foi acompanhado de uma expansão no comércio da época, aumentando o número de estabelecimentos e zonas de atuação comercial.

Até a década de 1940, o centro da cidade ainda concentrava um amplo leque de atividades, tendo um setor comercial que agregava *tanto estabelecimentos de varejo, como atacadistas, destacando-se os de luxo, magazines e escritórios comerciais* (FELDMAN, 2005, p. 19). A saturação do transporte público e o congestionamento do centro tradicional dificultavam o acesso e diminuía a comodidade dos compradores de bairros mais afastados, principalmente da elite, grande parte residindo no

vetor sudoeste. A partir dos anos 1950, bancos e estabelecimentos comerciais passaram a se disseminar por outros bairros da cidade, tendo destaque a região da rua Augusta, via de ligação entre o centro e os bairros do sudoeste. A fidelização da clientela de elite e a proximidade dos bairros mais sofisticados da cidade tornaram a rua Augusta um símbolo do comércio de luxo e de um estilo de vida moderno para a elite da época.

2.3.1

A clientela feminina, as vitrines e passarelas do consumo

Entre a década de 1930 e 1940, os estabelecimentos comerciais no lado central da rua Augusta, mantinham, em sua maioria, a função de auto-abastecimento do bairro, limitando-se a farmácias, empórios, algumas oficinas, entre outros. Entretanto, alguns estabelecimentos de comércio e serviços com um perfil mais voltado para o lazer cotidiano e para a clientela feminina passaram a se estabelecer no lado jardins da rua como cabelereiros, sorveterias, docerias e um cinema. Visando atender a clientela dos bairros além da avenida Paulista, a maior concentração desses estabelecimentos se

[FIG. 85]
Foto recente de um cortiço na rua Augusta em frente a praça Roosevelt
Foto tirada pelo próprio autor em 2013

Nesse ambiente, descrito pelo repórter, moravam cinquenta pessoas que compartilhavam somente um WC e com todas as outras funções feitas dentro do seu próprio cômodo. É curioso notar que a descrição da localização e do cortiço se assemelha a um cortiço existente até hoje na região.

Por outro lado, a partir de meados da década de 1950, com a inauguração do Conjunto Nacional, e sobretudo de meados da década de 60 intensifica-se na avenida Paulista a verticalização em função dos grandes empreendimentos comerciais e prédios de escritórios que passam a se fixar em toda a sua extensão. Com a migração da centralidade comercial para essa região, as proximidades da avenida na rua Augusta passam a receber também parte desses edifícios empresariais. Concessionárias do governo, como a Comgás em 1972 e a Companhia Metropolitana de São Paulo em 1971 se fixam na rua em conjunto com bancos, como o Banco Nacional de Minas Gerais em 1967, e outras empresas. A instalação desses empreendimentos de maiores proporções, no lugar das antigas residências e palacetes que existiam nesse trecho, ajudaram a alterar completamente a paisagem, o uso e a estrutura desse trecho da rua.

Para sua facilidade...

UM BANCO PERTINHO DE SUA CASA!

O Banco da América S.A. vem de abrir uma nova e espaçosa agência junto ao bairro do Jardim América, preparada para atender com a maior eficiência e presteza aos moradores desse e de outros bairros vizinhos, especialmente às donas de casa. Aproveite a oportunidade: pague seus fornecedores com cheque, para maior comodidade e segurança e incentive o hábito da economia em seus filhos, abrindo uma conta em seu nome.

- AGÊNCIAS URBANAS:**
- N.º 1 - Rua Barão de Hapetininga, 45
 - 2 - Rua 25 de Março, 878
 - 3 - Praça da República, 76
 - 4 - Av. São João, 2.139
 - 5 - Largo do Cambuci, 38
 - 6 - Rua Oriente, 662
 - 7 - Rua da Mooca, 2636
 - 8 - Rua da Liberdade, 43
 - 9 - Rua Augusta, 2979

BANCO DA AMÉRICA S.A.

Matriz São Paulo: Rua São Bento, 413
Sucursal Rio de Janeiro: Rua da Alfândega, 69
Filial Santos: Rua 15 de Novembro, 124/129
Agência da praia Santos: Av. Ana Costa, 561
Agência em Amparo: Rua 13 de Maio, 66

deu principalmente no trecho entre a rua Lorena e a rua Estados Unidos, mais próximo desses bairros. Apesar do crescimento, nesse período, o comércio em ambos os lados da avenida Paulista tinha uma função de abastecimento e suprimento de serviços rápidos dos bairros envoltórios.

No começo de 1950 o perfil do comércio na rua começa a mudar. Algumas festas e reuniões dançantes passam a acontecer mais frequentemente em alguns estabelecimentos da rua, aumentando a frequência e familiaridade da elite com alguns estabelecimentos da rua. Um caso interessante que evidencia uma tática comum do comércio na época em associar lazer ao consumo é o da *Doceira Paulista*, inaugurada em 1949, na altura do número 2995 (O ESTADO DE S. PAULO, 12/03/1947). A doceria passa a disponibilizar seus salões no começo da década de 50 para a realização de festas e vesperais dançantes que passam a ser anunciadas com frequência nos jornais, além de servir como salão exclusivo do "Sky Club" que promovia bailes e banquetes para seus sócios (*idem*, 21/10/1949). Da mesma forma, o clube Atlético Paulista, localizado a poucos metros, também passa a promover festas e eventos para reunir seus sócios. Diversas galerias de arte, decoração e design, como a Eurico, a Interiors, a galeria Mobilínea e a Forma, passam a se fixar nesse trecho da rua, aliando exposições constantes de obras artísticas com a venda de móveis, quadros e obras de arte em geral. Através de eventos sociais e do lazer, pretende-se atrair a elite para consumir os produtos dentro dos diversos estabelecimentos na rua.

É interessante notar o papel de destaque da mulher *dona-de-casa* nesse universo novo de consumo, o que se reflete no direcionamento dos estabelecimentos comerciais que vão surgindo. A imagem idealizada da *dona de casa* e suas preocupações e desejos são retratadas na propaganda de tais estabelecimentos. Um exemplo é o Banco da América que, visando se aproximar das donas de casa da região, fixa uma filial no número 2979 da rua, onde atualmente existe um Banco do Brasil (*idem*, 29/10/1950). Em sua publicidade, ao longo da década de 1950, o banco busca explorar o universo do cotidiano da dona de casa da elite, oferecendo-lhes serviços e comodidades.

Aproveitando a frequência desse público, principalmente no lado jardins, algumas butikues de artigos diversos e lojas de moda passam a se estabelecer na região. A entrevista que o estilista Aparício Basílio dá ao jornal Estado de S. Paulo (*idem*, 27/07/1969) em 1969 ilustra como foi o processo de estabelecimento e disseminação das butikues na rua. Ele conta inicialmente que a partir do sucesso dos bazares que promovia com duas amigas resolveu abrir uma butikue na rua Augusta em 1954, no lugar de uma antiga quitanda. A moda inicialmente era até então, segundo ele, um *artigo secundário*, sendo o artesanato o principal, porém em função da exigência das clientes, o foco do estabelecimento foi mudando aos poucos para a moda. Como Aparício, diversos estilistas brasileiros e lojas de moda menores, se contrapondo às grandes magazines existentes no centro, passaram a se fixar cada vez mais na rua, tentando atrair a clientela pela produção mais personalizada e conectada às tendências dos maiores centros de moda do mundo.

[FIG. 87]
Outro anúncio do Banco da América ainda focado na mulher mas agora explorando o universo do consumo e do comércio existente na rua O ESTADO DE S. PAULO. "Banco da América (anúncio)". São Paulo, p.17. 25/05/1952

[FIG. 86]
Anúncio do Banco da América focado em oferecer comodidade para a mulher dona de casa O ESTADO DE S. PAULO. "Banco da América (anúncio)". São Paulo, p.9, 29/10/1950

[FIG. 88]
Anúncio da loja “Plas” de Maurice Plas em 1954, focando no público feminino
O ESTADO DE S. PAULO. “Plas, tailleurs pour dames (anúncio)”. São Paulo, p. 1, 22/08/1954

Um outro exemplo disso é a loja de Maurice Plas estabelecida em 1953 na rua Augusta, no 724, e existente até os dias atuais no mesmo endereço. Maurice Plas, que cuida pessoalmente da fabricação e venda de seus produtos conta em entrevista concedida ao autor:

*Eu vim para o Brasil em 1951 e meu irmão já estava aqui e tinha uma loja de alfaiataria no centro de São Paulo. Fiquei um tempo com ele, mas dois anos depois resolvi comprar esse espaço que estou hoje*²⁹

Inicialmente, a loja se focava em alta costura voltada para o público feminino, [FIG. 88] mas depois de um tempo Plas resolveu produzir produtos voltados também para o público masculino. Os chapéus que produzia começaram a fazer sucesso entre toda a clientela e rapidamente viraram o carro-chefe da loja.

*As mulheres que moravam nos Jardins iam visitar os maridos no centro ou fazer compras, ou os próprios maridos vinham do centro para a casa, e ambos passavam por aqui. Aí paravam aqui e compravam comigo. Comecei a desenhar ternos para homens também, por causa desse público masculino. Os chapéus começaram a fazer muito sucesso também e viraram o principal produto da loja.*³⁰

Plas conta que conserva a estrutura da loja da mesma forma que era na inauguração, com exceção de pequenas alterações.

*Conservo a loja exatamente do mesmo jeito que ela era em 1950. A madeira da porta e da vitrine, por exemplo, fui eu mesmo que coloquei ali, eu que construí. A única diferença é que na vitrine, no lugar dos chapéus, havia uma manequim vestida e deitada.*³¹

Um costume comum era a promoção de desfiles e festas dentro das lojas, afim de conectar os

consumidores às últimas novidades existentes na loja. É interessante notar como o consumo na rua passa de uma relação mais funcional, de compra de necessidades, para uma forma cada vez mais “espetacularizada”, envolvendo as consumidoras emocionalmente através de seus círculos sociais da construção de uma auto-imagem associada ao refino e sofisticação. Além de comprar para si próprias, as mães também levavam suas filhas às compras nas mesmas lojas que frequentavam, as introduzindo aos códigos estéticos da elite desde cedo. O consumo na rua vira uma das principais formas de lazer urbano das donas de casa e suas filhas.

Alguns anúncios da época já se referiam ao trecho entre a Alameda Lorena e a rua Estados Unidos como o *melhor ponto comercial da rua Augusta* (O ESTADO DE S. PAULO, 02/08/1950). Ao longo da década de 1950, essa zona comercial se irradiava para toda a parte Jardins da rua e penetra no lado central a partir das proximidades com a Avenida Paulista. Tal irradiação vai ajudar a aumentar a importância comercial da região para a elite, o que leva os comerciantes a publicarem nos jornais anúncios do comércio na rua, posicionando-o como uma opção de compras melhor e mais cômoda que a do *velho triângulo* (*idem*, 25/01/1952).

“Na rua Augusta (...) desdobram-se as atividades do comércio no afan incessante de atender às necessidades das populações dos Bairros-Jardins. E nessa grande artéria temos, formando verdadeira vitrina abastecedora, o comércio que diretamente atende às famílias paulistanas (...)” (*ibidem*)

Frente ao processo de descentralização do comércio e de algumas funções do centro de São Paulo, a rua Augusta começa a absorver a parcela do comércio de luxo voltado à elite que morava nas proximidades.

[FIG. 89]
Fachada da loja Plas na rua augusta, 724, evidenciando a vitrine e o acabamento em madeira
Foto tirada pelo próprio autor em 2013

[FIG. 90]
Logomarca grafada na porta de entrada da loja
Foto tirada pelo próprio autor em 2013

[FIG. 91]
Interior da loja de Maurice Plas
Foto tirada pelo próprio autor em 2013

²⁹ Depoimento obtido em entrevista concedida ao autor em 11/01/2013.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

Uma Escola de Inglês, exatamente como V. queria...

no ponto principal da
r. augusta!

As mais avançadas técnicas no ensino do inglês (um mundo novo que se abre...), os mais eficientes professores ingleses e americanos e o melhor material didático estão às suas ordens no ponto mais favorável da Rua Augusta – no n.º 1919. As matrículas já estão abertas. Só falta a sua visita!

ambiente seletivo
turmas limitadíssimas e
aulas individuais

Instituto Anglo-Americano
RUA AUGUSTA, 1919 – FONE 31-4276

2.3.2

A rua como símbolo de luxo e sofisticação

É a partir da segunda metade da década de 50, no entanto, que a rua Augusta, sobretudo em sua vertente Jardins, passa a ganhar uma importância comercial maior, posicionando-se como um pólo de luxo, símbolo de *distinção e do bom gosto* (O ESTADO DE S. PAULO, 21/06/1956). A presença constante de figuras conhecidas da alta sociedade passa a ser reforçada nas colunas sociais dos periódicos, além das vestimentas vendidas na rua marcarem presença em seus editoriais de moda.

A rua passa a ser associada a um universo de sofisticação e luxo que vão tornar um endereço ali uma garantia para que a marca fosse associada a esse universo e tenha uma maior receptividade com o público de classe média alta e elite. Multiplicam-se o número de estabelecimentos na rua em toda a sua extensão, com um destaque para agências bancárias, butiques, lojas de móveis, cinemas e equipamentos eletrônicos. A valorização na imagem da rua foi acompanhada também por um aumento no preço de aluguel e compra dos imóveis, dificultando o acesso a estabelecimentos menores e com um baixo investimento inicial. A demanda de estabelecimentos que desejam se instalar na região fica maior que o espaço disponível, incentivando comerciantes e investidores a buscar um melhor aproveitamento de espaço, resolvido provisoriamente com a implantação de sobrelojas e a subdivisão de espaços comerciais.

É interessante notar a força que o nome “Augusta” passa a ter tanto nos anúncios publicitários que davam grande destaque à localidade, como na composição dos nomes dos estabelecimentos que se fixavam, como o restaurante Augustus, a loja de tapetes Augusta, a butique Augusta News, a farmácia Drogaugusta, a galeria Augusta Shopping e o cinema Marachá-Augusta.

Por fora V. vê isto...

Por dentro vê tudo isto —

Augusta, 1.202

FACILIDADE DE ESTACIONAMENTO!

— A NOVA CASA MORENO

TOLDOS — LONAS — BARRACAS

Venha conhecer nossa nova loja!
E aproveite nossa experiência de mais de 30 anos no ramo, para solucionar seus problemas em matéria de lona. Visite-nos... e solicite, sem compromisso, estudos e sugestões para toldos, cobertas, forrações etc. Se lhe convier, chame-nos pelo telefone 37-7898.

MÁXIMA GARANTIA!
Só trabalhamos com material da melhor qualidade. Por isso, usamos

LOJA ESTAMPADA SEMPRE VIVA
Sua lona sempre viva!
Não mofa!
Não descora!
Não enegrece!

PAGUE COM FACILIDADE!
vendas pelo **CREDI-MORENO**, em 10 suaves prestações!

A. MORENO & CIA. LTDA.
Rua Augusta, 1.202 – Fone: 37-7898
Av. São João, 1.899 – Fones: 51-5522 e 52-5522

[FIG. 93]
Anúncio da loja de toldos e decoração “Casa Moreno”. É interessante notar que o endereço aparece em maior destaque do que o próprio nome da loja O ESTADO DE S. PAULO. “A nova Casa Moreno (anúncio)”. São Paulo, p. 11, 09/08/1956

A rua Augusta se transforma em um ícone do luxo e do estilo de vida moderno da elite paulistana. Tal iconização se dava nos produtos midiáticos, impressos e audiovisuais da época, como jornais, filmes, revistas, etc.

Nesse período, por mais que o trecho entre a Alameda Lorena e a rua Estados Unidos fosse mais valorizado, não havia uma distinção de imagem entre os dois lados da rua³². Entretanto, comparando a concentração de estabelecimentos que se fixaram em ambos os lados, percebe-se uma divisão de tipos de estabelecimentos fixados de ambos os lados.

Do lado “Jardins”, percebe-se uma concentração maior de butiques, lojas de moda e cabelereiros, evidenciando um foco maior no consumo pessoal da mulher, nos setores de moda e beleza, além de uma produção mais “artesanal”, de dimensões menores e com a figura presente do autor, estilista, esteticista, artista. Em contraposição, do lado “central” percebe-se uma maior concentração de lojas de móveis, oficinas e produtos para equipar e decorar as residências, evidenciando um foco maior na casa do consumidor, além de uma produção mais industrial e impessoal.

³² Tendo como base a divisão da rua a partir da Avenida Paulista.

[FIG. 92]
Anúncio da escola de Inglês Instituto Anglo-Americano dando enorme destaque sua localização na rua Augusta O ESTADO DE S. PAULO. “Instituto Anglo-americano (anúncio)”. São Paulo, p. 5, 16/02/1956

2.3.3 As galerias e os Shoppings

A intensificação do trânsito, o inflacionamento dos imóveis e os problemas enfrentados no estacionamento de carros na rua levaram a algumas mudanças no comércio da região. Em primeiro lugar, as ameaças de diminuição do público frequentador em função das proibições de estacionamento na rua e da regulamentação do trânsito, levaram os comerciantes da rua a se unirem para defender seus interesses comuns, o que levou posteriormente à criação da Associação dos Comerciantes da Rua Augusta (ACRA). Durante toda a década de 1960, essa organização teve grande influência nas decisões acerca do trânsito, transporte e infra-estrutura na rua, muitas vezes entrando em conflito com a DST e a CMTC e causando polêmicas nos jornais.

Visando solucionar os problemas de estacionamento e inflação no preço dos imóveis, além de oferecer uma forma de maior otimização do espaço, grandes investidores passam a empreender na construção de centros comerciais que agregassem diversas lojas: as galerias e os *shopping centers*.

O Conjunto Nacional inaugurado em 1956, segundo projeto do jovem arquiteto David Libeskind, diferentemente das outras galerias que se fixaram na rua, se propunha a ser um edifício multifuncional, agregando no volume horizontal o conjunto comercial, com galerias de lojas, restaurantes, bancos e cinemas, distribuídos em três pavimentos, além do terraço jardim (...), concebido como uma grande praça pública (BRASIL, 2007, p. 40). No volume vertical, agregava usos distintos como escritórios, consultórios e residências (BRASIL, 2007, p. 41). A ideia inicial é que uma grande parte de seu espaço também servisse como centro de exposição de produtos industriais, além de servir como um *shopping center* e centro de lazer para o paulistano.

O conjunto abrigou também o restaurante de luxo Fasano entre 1957 e 1968, reunindo a elite e celebridades da época (FRUGOLI JR, 2000, p. 118).

As galerias comerciais, que já existiam no centro de São Paulo, começaram a ser construídas na década de 1960 na rua com o intuito de otimizar o espaço e abrigar diversas lojas em um único complexo. Diferentemente de algumas galerias no centro que também serviam como uma “rua interna” que ligava pelo meio do quarteirão duas ruas paralelas, as galerias da rua Augusta eram “fechadas”, apesar de contarem com um espaço aberto e contínuo à rua, elas acabavam no limite do lote. A galeria Augusta Shopping, por exemplo, é inaugurada em 1960 no número 1524, nas proximidades da Avenida Paulista, e se posicionava como um espaço de *luxuosas lojas e boutiques na rua Augusta* (O ESTADO DE S. PAULO, 30/08/1960).

A galeria Le Village, no número 1492 da rua Augusta, é um outro bom exemplo dessas galerias. De acordo com o síndico Luiz Carlos Tilleli³³, a galeria abriu em 1959 voltada para a moda e o frequentador de elite.

*A galeria já passou por várias mudanças na estrutura, por exemplo, na época da inauguração haviam duas palmeiras imperiais no centro da galeria que em algum momento foram retiradas. Havia vários estilistas com ateliês aqui na galeria, como o Clodovil que teve um atelier de costura no começo de sua carreira.*³⁴

Ainda na década de 1960 e começo de 1907, Tilleli conta que a galeria também era um ponto frequentado por jovens, do movimento da Jovem Guarda, e chegou a ser palco de apresentações de grupos musicais como “Os Incríveis” e conter pequenas boates frequentadas por esses jovens..

*As lojas da galeria eram voltadas bastante para esse jovem da época. Havia muitas lojas de couro, que faziam sapatos, cintos, entre outras coisas feita de forma mais artesanal. Havia aqui dentro, também, 3 ou 4 “inferninhos” e “barzinhos” frequentados por eles também. Inclusive, a loja 24 [FIG. 96], que era um inferninho, tem ainda a estrutura parecida com a daquela época, com um pequeno palco onde as garotas ficavam dançando. Não tinha portão naquela época, a galeria ficava aberta a noite inteira e o pessoal ficava aqui.*³⁵

[FIG. 94] (IMAGEM ABAIXO)
Anúncio de venda de lojas para comerciantes da recém-inaugurada Augusta Shopping, na rua Augusta, 1524
O ESTADO DE S. PAULO. “Galeria Augusta Shopping (Anúncio)”. São Paulo, p.1, 30/08/1960

[FIG. 95] (TOPO DA PÁGINA)
Segundo andar da Galeria Le Village com um destaque para a entrada e a jardinagem ao centro. Fotos tiradas pelo próprio autor em 2013

[FIG. 96] (IMAGEM ACIMA)
Frame do filme “Essa Rua tão Augusta” de Carlos Reichenbach de 1968, retratando a galeria Le Village. Em destaque estão as palmeiras imperiais ao centro e os cobogós em cima das lojas.

[FIG. 97] (À DIREITA)
Loja 24 da galeria Le Village, atualmente vaga, mas onde antes existia um “inferninho”. É interessante observar o “palco” com um desnível ao fundo e um patamar superior onde existiam o banheiros do inferninho. Fotos tiradas pelo próprio autor em 2013

³³ Depoimento obtido em entrevista concedida ao autor em 11/01/2013.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

O COMÉRCIO CAMINHA COM A CIDADE!

O COMÉRCIO FINO DE SÃO PAULO

ESTÁ NA RUA AUGUSTA

E O MELHOR NEGÓCIO DA RUA AUGUSTA É A GALERIA OURO FINO

101 lojas em um só ponto

Rua Augusta N.º 2690

NO MELHOR PONTO DA RUA AUGUSTA
em frente ao Cine Paulista

Não local mais elegante desta orla, localizada a Galeria Ouro Fino, reunindo todas as características: Tráfego próprio - Prestígio já estabelecido - Circulação interna perfeita - Espaço, conforto, beleza - Exposição permanente de mercadorias - Galerias de 8 metros de largura - Banheiros - Escadas rolantes, elevadores - Restaurante - Salão de chá - Terraço de verão.

Visite no local a exposição de plantas, painéis decorativos, móveis.

É coberto o magnífico plano de vendas — apenas 37% durante a construção e 65% financiadas em 4 anos, após a entrega das chaves.

Preço fixo — Preço certo de entrega.

Consulte-nos no local — Rua Augusta, 2.690 — em frente ao Cine Paulista

Planejamento e organização geral das vendas a cargo da

SIVEL

TÉCNICA E EXPERIÊNCIA IMOBILIÁRIA A SERVIÇO DE SEUS CLIENTES

Rua Brasília Gomes, 107 - 5.º, 6.º e 7.º andares
Telefones: 33-1370 - 35-9503

AGÊNCIAS: - Santos - Campinas - Guarujá - Brasília

— UMA LOJA NA GALERIA OURO FINO JÁ É VENDA COM TODOS OS PROBLEMAS COMERCIAIS RESOLVIDOS!

Por outro lado, as galerias Ouro Velho, inaugurada em 1960, e Ouro Fino, inaugurada em 1961, são empreendimentos da mesma empresa imobiliária Sivel, que buscava trazer para São Paulo o conceito de Shopping Center de tanto sucesso nos EUA e em Buenos Aires (O ESTADO DE S. PAULO, 06/12/1960). Tais empreendimentos buscavam atrair consumidores pela comodidade oferecida nas compras feitas dentro de um único estabelecimento coberto, pois prevenia do *suplício (...)* pelo desconforto, pelo atropelo, pelas caminhadas, pela chuva e pelo sol, pelas subidas e pelas descidas, pela dificuldade de estacionamento e todas as outras dificuldades que atormentam quem vai às compras (*idem*, 23/10/1961). Começa a ser publicada nos jornais da época, uma série de reportagens expondo os problemas de fazer as compras ao ar livre e os benefícios da concentração de lojas em galerias e centros comerciais.

Mesmo com o surgimento de centros comerciais na rua e a maior disponibilização de vagas de estacionamento, a crise no trânsito e estacionamento persiste, incentivando seus consumidores a buscar novas localidades do comércio de luxo, como a rua Pamplona (*idem*, 16/03/1969) e a rua Iguatemi. É nesse cenário que surgirá o Shopping Iguatemi, inaugurado em 1966, que vai absorver grande parte da demanda do comércio de luxo na cidade. A construtora Alfredo Mathias encomendou uma pesquisa para verificar a atratividade comercial da área comprada para a construção do shopping e constatou que a população residente nos bairros Jardins e Pinheiros tinha o total de renda de 54 bilhões de cruzeiros e apesar de corresponder a menos de 1/5 da população, detinha metade dos automóveis registrados na cidade (*idem*, 14/02/1965). O shopping Iguatemi, a fim de garantir a variedade e qualidade de suas lojas, foca a propaganda de seus primeiros anos de existência em convencer os proprietários de estabelecimentos comerciais a abrirem uma filial no Shopping. Como principais argumentos estavam o lucro comercial, garantido pela clientela de alto poder aquisitivo moradora dos entornos, e o lucro imobiliário, fruto da valorização do metro quadrado da região estimulada pela instalação do grande

empreendimento. Percebe-se que a influência, em um primeiro momento, na rua Augusta foi visível, uma vez que diversos estabelecimentos abriram uma filial no shopping e mantiveram seu espaço na rua Augusta.

OS TERRENOS DESTA REGIÃO JÁ ESTÃO VALENDO MAIS GRAÇAS AO

SHOPPING CENTER IGUATEMI

É com prazer que transmitimos aos cotistas do Shopping Center Iguatemi uma notícia de maior significação: os terrenos da área de influência do "shopping" já se valorizaram em índices que vão de 20% a 60%.

É surpreendente a quantidade de progresso que os "shopping centers" carreiam para a região onde se instalam!

A zona a ser servida pelo Shopping Center Iguatemi - que já contava com a concentração populacional de maior poder aquisitivo do Brasil - ficou ainda mais valorizada pelo fato de abrigar o que se constituirá numa maravilhosa cidade de compras e diversões como São Paulo nunca viu. Imagine quanto valem hoje os 50.000m² do terreno do Shopping Center Iguatemi!

Shopping Center, a forma inteligente de aplicação imobiliária, já está retribuindo o investimento de seus cotistas!

SHOPPING CENTER IGUATEMI
— o primeiro de São Paulo, o maior da América do Sul

UM EMPREENDIMENTO

ALFREDO MATHIAS

[FIG. 99]
Anúncio do Shopping Center Iguatemi evidenciando a valorização imobiliária que a região passou em função da instalação do mesmo. O ESTADO DE S. PAULO. "Shopping Iguatemi (anúncio)". São Paulo, p.11, 20/06/1965

[FIG. 100]

Anúncio do shopping Iguatemi explorando os problemas de fazer compras na rua e explorando o benefício do estacionamento próprio como um dos principais benefícios
O ESTADO DE S. PAULO. "Shopping Iguatemi (anúncio)". São Paulo, p.19, 26/02/1967

[illegible]

Capítulo 2:

1943 | 1975

111

2.4

Lazer juvenil, boemia e vida noturna

2.4.1

O jovem, os cinemas e o rock and roll

No período pós-guerra, a partir da segunda metade da década de 1940, a cidade de São Paulo vai enfrentar uma ebulição social e cultural, motivada principalmente pela figura dos jovens e dos universitários, que vai incentivar no desenvolvimento de estabelecimentos voltados ao entretenimento na metrópole.

A própria burguesia local visualiza a grande fonte de renda e prestígio que pode significar o investimento na área cultural e das comunicações. Diversifica seus investimentos, dos jornais aos museus, editoras, assessorias de comunicações, rádios... (GAMA, 1998, p. 144)

Os espaços de entretenimento, como cinemas, teatros, bares e boates, ganham bastante importância no cotidiano desses jovens e vão se constituir enquanto espaços privilegiados de sociabilidade. porém, ainda se concentravam nas regiões do centro novo. Em função do estabelecimento da mancha de comércio de luxo na rua e dos colégios de elite da região, a Rua Augusta vai também receber alguns estabelecimentos culturais e de lazer voltados para os jovens e para a elite frequentadora,

Com o espraiamento da mancha urbana nas décadas de 40, as salas de cinemas, antes exclusividade do centro da cidade, se espalham pela cidade e adentram os bairros. Os cinemas do centro tradicional na década de 40 e 50, porém, continuavam concentrando a maior parte do público e das estréias de filmes, reservando aos cinemas de bairro um papel secundário de veiculação de filmes que já haviam estreado e com ingressos mais baratos. É interessante observar que o cinema passa, assim, a ter *um papel diferente, sinalizando o surgimento de centralidades nos bairros* (SANTORO, 2004, p. 122). A partir da década de 50, porém, o centro comercial vai perdendo a hegemonia como centralidade de lazer urbano e o papel dos cinemas em outras localidades vai ganhando maior destaque. A rua Augusta, enquanto via de grande circulação e aglomeração de estabelecimentos comerciais de luxo, passa a reunir diversos cinemas em toda sua extensão, chegando a ter 6 cinemas na década de 60 (sendo 2 no lado do jardins e 4 no lado central).

[FIG. 102]
Anúncio do filme
Torreani anunciado nos
jornais disponível no
cinema Regência na rua
Augusta
O ESTADO DE S.
PAULO. "Torreani
(anúncio)". São Paulo,
p. 39, 08/02/1955

O primeiro cinema aberto na rua Augusta, foi o Cinema Majestic³⁶ em 1947 (SIMOES, 1990, p. 160), fixando-se entre as ruas Antônio Carlos e Luís Coelho, antes do surto comercial de luxo na rua. Nessa época, o cinema ainda se configurava como um cinema pequeno de bairro, servindo as famílias que moravam nos bairros próximos. Apesar de não pertencer ao circuito das grandes estréias, o Majestic desde o começo já era um espaço de sociabilidade da elite da época, recebendo eventos beneficentes organizados por clubes e associações (O ESTADO DE S. PAULO, 13/06/ 1948 ; 11/07/1954).

É a partir da segunda metade da década de 50, com o desenvolvimento comercial da rua, que mais cinemas vão se fixar, como o Regência (rua Augusta, 973) em 1954, o Marachá (rua Augusta, 778), Picolino (rua Augusta, 1533) e o Paulista (na esquina com a rua Oscar Freire) em 1955 e o Orly (rua Augusta, 2075) nos anos 60 (SIMOES, 1990, p.

160). Direcionados para um público de elite que frequentava o comércio da rua, esses cinemas passam a ganhar mais importância, recebendo estréias de filmes e tornando-se uma opção aos cinemas da Cinelândia no centro novo.

Nessa época, a indústria norte-americana de cinema era hegemônica na distribuição e demanda dos filmes a serem transmitidos, acostumando o paulistano aos padrões de lazer, cidade, sociabilidade e consumo norte-americanos. O cinema, nessa época, vira uma das principais formas de lazer do paulistano, sendo um programa noturno comum para ser feito com a família ou entre casais. Outro público frequentador dos cinemas da região era o público jovem que estudava nos colégios fixados nas proximidades da rua Augusta, frequentando o cinema principalmente à tarde após suas aulas. É esse público jovem que em 1956 vai motivar os dirigentes do cinema Paulista a estreiar na casa a película *Rock around the clock* (*idem*, 20/12/ 1956), chamando a atenção da mídia ao surgimento de um comportamento jovem inspirado no *rock and roll* e na figura dos astros de Hollywood. De acordo com o jornal, a estréia da fita no cinema Paulista (apesar de ter sido exibida em três cinemas simultaneamente) causou histeria entre jovens de 14 a 18 anos, onde *rapazes subiram nas poltronas, queimaram inseticidas para fazer fumaça e dançarem (só os rapazes) no espaço entre a tela e a primeira fila de cadeiras (ibidem)*. O comportamento rebelde incorporado pelos jovens nos cinemas quando um filme de *rock and roll* passava levou a uma discussão social sobre os efeitos desse tipo de filme voltado ao jovem. levando a algumas medidas como a proibição

da veiculação para menores de 18 anos e maior policiamento nas salas (*idem*, 21/12/ 1956). Pela proximidade aos principais colégios de elite da época e a presença de estabelecimentos comerciais e diversos cinemas, a rua Augusta passa a reunir esse tipo de jovem em seus arredores. Durante a década de 1950 e 1960, os cinemas da rua passam a caracterizar pequenas centralidades e pontos de referência locais, sendo comum observar anúncios de venda de estabelecimentos ressaltando a proximidade aos cinemas e a qualidade do ponto onde estão localizados. Diversos estabelecimentos visando atrair o público que entrava e saía das sessões, como bares, lanchonetes e restaurantes, abrem ao redor desses estabelecimentos.

A partir da segunda metade da década de 1960 e durante toda a década de 1970, o cinema de rua em São Paulo entra em uma crise de público e venda de ingressos, em função da disseminação da TV e dos problemas enfrentados no estacionamento e no tráfego intenso na rua. O grave problema de trânsito que a rua Augusta enfrentava na época e a crise comercial dos estabelecimentos de luxo fizeram com que seus cinemas fossem um dos principais afetados pela crise, diminuindo quase 50% de seu público (*idem*, 15/12/ 1967). No início da década de 70, diversos cinemas na rua foram obrigados a fechar as portas por falta de público, como o Majestic e o Paulista em 1972 (SIMOES, 1990, p. 131). No lado central da rua, alguns cinemas visando combater a crise de público enfrentada, mudaram sua estratégia para um tipo de *cinema de arte*, com grande aceitação do público universitário e amantes de cinema que buscavam opções fora do circuito *hollywoodiano*. O cinema Picolino em 1965 voltou toda sua programação de filmes para àqueles do

chamado circuito *maldito* (SALLES, 27/03/1965), somente exibindo películas culturais e polêmicas. O cinema Marachá, mudando seu nome para Marachá-Augusta (O ESTADO DE S. PAULO, 20/06/1971), também muda seu foco para filmes de vanguarda e de arte, escolhidos por críticos ou pelo público frequentador através de um livro que ficava na entrada do estabelecimento (SIMOES, 1990, p. 129). De acordo com Simões, o cinema Marachá, que se encontrava em uma já deteriorada rua Augusta, encontrou no mercado de cinema de arte uma forma bem-sucedida de aumentar as suas vendas, uma vez que esse público tinha poucas opções em sua busca por filmes anti-mercadológicos. Por buscar um tipo de filme bem específico e fora do circuito tradicional, *sua localização ou relação com o urbano não era (e não é) um fator determinante para garantir sua frequência* (SANTORO, 2004, p. 229), o que fez com que apesar da deterioração que o lado central da rua enfrentava não influenciasse em uma diminuição do público frequentador desses estabelecimentos³⁷.

Mais ou menos em paralelo, o *rock and roll*, assim como o comportamento das grandes estrelas de cinema, transforma-se para o jovem no *agente de uma radical transformação no modo de se vestir, pensar e agir* (CARMO, 2000, p. 32). Pela primeira vez, o jovem parece começar a se enxergar como um grupo social com uma cultura própria e códigos estéticos e comportamentais a parte do mundo adulto. O entretenimento, com um destaque especial à música, era onde grande parte dessa transformação iria ocorrer, disseminando novas formas de se divertir na cidade. O novo padrão estético proposto foi rapidamente absorvido pelo comércio que também passou a direcionar seus produtos e esforços publicitários para esse público.

³⁶ Onde atualmente está localizado o cinema Espaço Unibanco.

³⁷ É interessante notar que é a partir desse mesmo tipo de cinema de arte que a rua Augusta em 1995 passará por uma mudança de perfil, atraindo diferentes grupos sociais jovens.

Na rua Augusta, esses novos padrões estéticos e comportamentais foram altamente influenciados pela indústria de entretenimento norte-americana em 1950 e 1960, popularizada pelas obras cinematográficas que eram veiculadas nos cinemas da rua. Esses jovens construíam para si uma estética inspirada em seus ídolos, consumindo roupas, acessórios e produtos norte-americanos que poderiam ser comprados nas diversas butikues da rua.

“Os meninos vestem “blue jean”, calça de zuarte desbotada com as bainhas dobradas, que aqui é usada como índice de “granfinismo” e no lugar de origem utilizada para a ordenha de vacas ou a limpeza de chiqueiros; além do “blue jean” vestem um blusão de camurça ou uma camisa de “jersey” ou nylon, dão uma dobra á manga curta, amarram o estojo de “ray-ban” na cintura, usam cabelos sobre as orelhas, descendo pela nuca e fofos no topete, mascam “chiclets” e fumam, leem “gibis” e imitam Marlon Brando, enrolam os “pullovers” em volta do pescoço, estão matriculados em colégios caros, carregam os livros amarrados com uma cinta de couro e tem uma expressão alvar. As meninas suspiram por James Dean e falam de Elvis Presley, usam cabelos curtos, despenteados, e vestem calças compridas, coloridas, apertadas e abertas abaixo dos joelhos, assopram “bubble-gums” e usam malhas colantes, óculos escuros e sapatos de salto alto ou sandálias de praia.
(O ESTADO DE S.PAULO, 20/12/ 1956)

Surgiam na rua e seus arredores, clubes noturnos e bares dançantes voltados para as canções de rock and roll e bossa nova que faziam sucesso na época, como o Hi-Fi bar e a boate Lancaster no lado Jardins da rua. Além de lugares voltados para a dança, lojas dedicadas à venda de LPs e produtos relacionados ao mundo da música jovem atraíam os jovens para a rua. Na segunda metade da década de 60, o movimento da Jovem Guarda, adaptação nacional do estilo musical iniciado pelos Beatles na Inglaterra, se apropriou da rua Augusta como um de seus maiores símbolos, aproximando ainda mais a associação midiática entre a rua e os novos estilos musicais jovens.

2.4.2 A paquera motorizada e a rua como musa

As lanchonetes, especializadas em *hamburger*, *hot dog* e *coca-cola*, e sorveterias que serviam *milk shakes*, como o Frevo, o Hot dog’s e o Ponto Bem, inauguram um novo tipo de restaurante inspirado nos padrões de alimentação norte-americanos e se popularizam entre os jovens frequentadores da rua. Estabelecidos principalmente nas proximidades dos cinemas e boates, esses restaurantes se tornavam um ponto de alta movimentação noturna entre os jovens após assistirem filmes ou dançarem nos bares da região. Em uma reportagem sobre a vida noturna na cidade de São Paulo, o jornal Estado de S. Paulo assim retratou o papel da rua Augusta:

“Não esqueçamos também esse novo império que se está formando rapidamente ao longo da rua Augusta e adjacências, com sua fauna típica, onde mocinhas de calças compridas e rapazes de “blue jeans” e pulovers multicoloridos se acotovelam nas mesas e balcões de sorveterias, bares, tomando cuba-libre e lambendo sorvetes mais coloridos ainda do que as roupas de quem os engole.” (O ESTADO DE S.PAULO, 30/09/1960)

O periódico “Rua Augusta Chic”, inaugurado em 1957, servia como um bom retrato do cotidiano jovem na rua, reportando os eventos que movimentavam a região e evidenciando os gostos e rotinas dos “brotos”, garotas de elite que frequentavam a rua. Além dessas utilidades, a revista servia como uma mídia privilegiada de anúncios dos estabelecimentos da região que tinham o jovem como público-alvo. Um exemplo é a descrição de Dulce Lee Serra feita pela revista [FIG. 103], na qual reforçava seu gosto pela música popular da época, e pelos esportes, além de seu hábito de frequentar o cinema e as lanchonetes da região.

[FIG. 103]
Detalhe do perfil de Norma da Silva Telles e Dulce Lee Serra, garota da alta sociedade paulista, caracterizado pela revista Rua Augusta Chic
RUA AUGUSTA CHIC.
São Paulo, Ano 1, Número 1, p. 1, abril de 1958

O comportamento desses jovem frequentador chamava a atenção da mídia, em grande parte pela rebeldia e transgressão, a exemplo da atitude de seus ídolos como James Dean e Marlon Brando. A rua era o espaço privilegiado das “estrepolias” e atos rebeldes desse jovem que concentrava seus esforços principalmente em duas práticas: a paquera e as corridas de automóveis (*rachas*).

A circulação pela rua das garotas da elite que frequentavam as lojas de luxo, cinemas e sorveterias da região serviu como estímulo para garotos jovens deslocarem-se para rua com o intuito de flertar com tais meninas, algumas vezes reportado pelos jornais como ofensivo (O ESTADO DE S.PAULO, 19/03/1958). A música “Nós os gatos” de Juca Chaves em 1959 sobre a rua Augusta evidencia como a rua era um palco de paquera entre garotas da alta sociedade e garotos de uma classe menos abastada que tentavam encantá-las pela música e “estilo pessoal”.

*“Miau, boa pedida,
eu sou um gato,
gato miando nos telhados lá da Augusta.
Gato que assusta, gatas que tem,
um bom telhado, pois enfim sou um gato bem,
um gato bem, um gato bem, um gato bem.
A exemplo do Ricardo Amaral,
sou um gato social,
um bichano disputado
No telhado, porém
sendo um gato bem lançado
à velha Novacap
já ouviram o meu miado.
Meu nome sai aí a três por dois,
até a rua Augusta, esporte, sociedade pois,
bom São Paulino, fino felino,
não há gata que resista a esse meu miar de artista,
muito em vista,
Na órbita, nos telhados onde eu vou,
fazer a serenata para minha gata do Des Oiseaux,
embora, a plus ultra muito grossa
não entenda a minha bossa
vou miar em teto quente na tangente do conveniente.
Miau, miau,
miau miau
sou um gato social,
miau, miau
miau, miau,
sou um gato social”
(JUCA CHAVES, 1959)*

O automóvel tinha um papel fundamental na conquista das garotas, sendo uma forma de impressionar através da beleza e da potência do automóvel que reafirmavam características pessoais que gostariam de se ressaltar. Além disso, o automóvel facilitava e agilizava o deslocamento pela

VOLKSWAGEN TAMBÉM COM A JOVEM GUARDA

Volkswagen também com a jovem guarda, — daí o volume de pedidos diariamente recebidos pelo revendedor SABRICO. Ainda esta semana, Erásmo Carlos adquiriu lá o seu “zero quilometro”, que é considerado uma brasa . . . Na foto, Erasmo recebe das mãos do sr. J. Maiorano, diretor-gerente da SABRICO, as chaves do seu Volkswagen novinho em folha. MORA!!!

[FIG. 104]
Anúncio da Volkswagen que evidencia a relação forte entre a jovem guarda e os automóveis O ESTADO DE S. PAULO. ““Volkswagen também com a jovem guarda”. São Paulo, p.6, 29/06/1966

rua, amplificando a zona de “paquera” do jovem. As constantes paradas desse jovem para conversar com as garotas, porém, atrapalhavam o trânsito e eram alvos de reclamação nos jornais da época.

O automóvel tinha uma importância na construção da identidade do jovem da época, sendo

constantemente explorado por produtos culturais, com um destaque para as músicas produzidas pela Jovem Guarda. Essa associação entre a nova juventude e o automóvel serviu como argumento comercial nas propagandas de companhias automobilísticas da época [FIG. 104].

2.4.3
Festas, bares e boates

O comportamento desses jovens vira uma atração aparte na cidade, atraindo pessoas de diversas regiões da cidade que quisessem entrar em contato com esse universo cultural jovem. O alto interesse social pelo jovem frequentador da rua pode ser observado nos dois filmes da década de 60 feitos sobre a rua, “Essa rua tão Augusta”, de Carlos Reichenbach, em 1968, e “O puritano da Rua Augusta”, de Amácio Mazzaropi, em 1965, evidenciando o comportamento do jovem na rua e a vida noturna. No primeiro, a rua Augusta aparece enquanto um espaço de comércio, lazer e vida noturna de jovens da elite que ao mesmo tempo em que *mesclava tipos excêntricos nem sempre da alta burguesia*³⁸, também era indiferente à outros, como por exemplo ao pintor Waldomiro de Deus e sua *pintura irreverente*³⁹. Já no segundo, a rua é retratada enquanto um sinônimo do novo estilo de vida jovem tão difícil de se entender e aceitar pelos grupos mais conservadores da sociedade. Dessa forma, a rua servia ao mesmo tempo de palco e vitrine para o comportamento jovem da época.

Com o abandono do comércio de luxo da rua e o fechamento de alguns cinemas e lanchonetes no começo da década de 70, muitos jovens deixam de frequentar os estabelecimentos da rua, ajudando a diminuir a frequência diurna e noturna da rua.

Hoje, ela já perdeu muito de sua atração e só alguns com mais de 30 anos, que cultivam ainda o saudosismo das lanchonetes da moda, e do tempo em que o jovem para andar bem vestido tinha que comprar na Augusta (O ESTADO DE S.PAULO, 21/03/1973).

No período compreendido entre 1940 e 1970, o lazer noturno em São Paulo sofreu uma grande mudança, em grande parte em função do fortalecimento da cultura juvenil na década de 50. Acompanhando a mudança na forma de lazer noturno da cidade, a rua Augusta recebeu boates e bares voltados para essa nova boemia metropolitana.

Na rua Augusta, durante os anos 30 e 40, não existiam estabelecimentos exclusivamente voltados para o lazer noturno, com a exceção de pequenos botequins que vendiam bebida alcoólica. No entanto, eram comuns as festas dadas por associações e clubes em alguns salões de festas da rua, como o salão da Associação de Cultura Física, no número 37. No começo da década de 30 o estabelecimento era uma associação de ginástica da comunidade alemã, chamada “Turneverein” (*idem*, 21/03/1973), e além de receber eventos da comunidade alemã, oferecia aulas de ginástica a associados e campeonatos. Em 1938, no entanto, passa a receber diversos bailes e vesperais dançantes organizados por associações, clubes e colégios da região para seus convidados como o colégio Santa Isabel (*idem*, 13/12/1941), o clube de regatas Evoluídos (*idem*, 08/05/1941), o Lord Club (*idem*, 22/07/1948) e o grêmio Acaraí (*idem*, 02/08/1947). Nesses festivos, que poderiam ocorrer tanto de noite quanto de tarde, os convidados podiam comer, beber, socializar e dançar ao som de uma orquestra, sendo a de Orlando Ferri (*idem*, 30/01/1954) uma das mais requisitadas. Na década de 1950, o lado jardins da rua passa a concentrar alguns salões que também passam a receber reuniões dançantes organizadas por grupos de elite da época. Um exemplo é o “*Sky Club*”, que organizava bailes e reuniões nos salões da “doceira paulista”.

O automóvel era também um elemento central nos atos de rebeldia reportados nos jornais da época. As corridas ilegais de automóveis pela rua, os “rachas”, aconteciam frequentemente durante a madrugada entre jovens (muitas vezes menores de idade). A ligação quase em linha reta entre a rua Augusta e a Avenida do Jockey servia como um cenário privilegiado das corridas. Durante os “rachas”, é sinalizada a quantidade de garotas e outros jovens que iam para os arredores assistir ao evento, além do abuso de entorpecentes, como a maconha (O ESTADO DE S.PAULO, 19/03/1958). Além dos “rachas”, era comumente reportado nos jornais as travessias em alta velocidade de motos e carros durante a noite enquanto as pessoas frequentavam os restaurantes, cinemas e bares da região, a fim de impressionar os passantes (*idem*, 21/03/1961). Esse cenário foi retratado na música “Rua Augusta” de Ronnie Cord, de 1963, que relata a diversão que um grupo de jovens encontrava na direção perigosa de automóveis pela rua.

*“Entrei na rua Augusta,
A cento e vinte por hora,
Botei a turma toda,
Do passeio prá fora.
Fiz curva em duas rodas,
Sem usar a busina,
Parei a quatro dedos da vitrine, legal...
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Meu carro nao tem breque,
Não tem luz,
Não tem buzina.
Tem três carburadores,
Todos três envenenados.
Só para na subida,
Quando acaba a gasolina,
Só passa se tiver sinal fechado.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Toquei a cento e trinta,
Com destino a cidade.
No Anhangabau botei mais velocidade,
Com três pneus carecas,
Derrapando na raia,
Subi a galeria Prestes Maia
Tremendão...
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo.
Ai ai Johnny, ai ai Alfredo,
Quem é da nossa gangue,
Não tem medo” (RONNIE CORD, 1963)*

³⁸ excerto falado pelo narrador do filme.

³⁹ idem.

O advento do estilo musical “*rock and roll*” somado à descentralização do lazer, ajuda a incentivar que na década de 1960 surjam clubes noturnos e bares principalmente em duas regiões da rua Augusta: no lado jardins, principalmente entre a alameda Lorena e a rua Estados Unidos, e no lado centro, nas proximidades da Praça Roosevelt. Analisando a forma em que eram divulgados nos jornais da época, pode-se concluir que ambos pólos tinham características e públicos diferentes.

No lado jardins, alguns bares e boates, como os bares Lancaster e Hifi bar e a boate Saloon, são abertos visando o *younger set* (*idem*, 14/05/1960), os jovens frequentadores da rua, e dedicavam-se a tocar os mais novos estilos musicais, como o *Rock and roll* e a Bossa Nova. No Hifi bar, por exemplo, jovens se juntavam para tomar drinks e ouvir a música dos últimos lançamentos internacionais em LP.

O foco desses estabelecimentos estava nas pistas de dança, sendo que dentro dos estabelecimentos podia-se dançar livremente ao som de bandas que animavam o ambiente como a de Johnny Alf, assinalado como *pai da bossa nova*, na boate Lancaster(*ibidem*). Esse estilo particular de dança, tão típico do jovem, causava estranheza no público mais velho, como pode-se observar no relato a seguir:

Ontem fui visitar o Lancaster da rua Augusta em companhia de três cavalheiros que não eram exatamente brotos. Eles ficaram um tanto acanhados de ver tanta mocidade dançando alegremente ao som do conjunto de Pedrinho Mattar. Mas o co-proprietário, Sr. Nogueira, gentilmente pôs todos à vontade dizendo com muita propriedade: Estes velhos tão simpáticos são Bossa Nova (idem, 23/02/1960).

Esses estabelecimentos não só promoviam uma ruptura comportamental, como alguns promoviam uma ruptura com os códigos estéticos de uma casa noturna da elite da época. A boate Saloon, inaugurada em 1962 na rua, é um caso que ilustra como essa quebra causou estranheza no público mais velho. De propriedade do filho mais novo do proprietário de um bar no centro comercial, a boate tinha como principal influência a cultura norte-americana, remetendo a um ambiente de faroeste em sua decoração. A rusticidade dos materiais usados na decoração e o emprego de códigos estéticos diferentes foram um dos principais alvos de crítica.

Trata-se de um porão. A senhora ou senhorita desce uma escada em caracol e dá num porão. Pode chamar-se este porão de “cru”. Ou seja, as cores foram aplicadas diretamente em cima do concreto e dos tijolos. À direita, o bar. No centro, um buraco serve de pista de dança. As mesas (rústicas, com cadeiras de palha) ficam dispostas em diversos planos, ao longo das paredes laterais e no fundo. Num dos lados do buraco que serve de pista de dança, há uma parede com uns pedaços de vidro e alguns riscos. Se a senhora ou senhorita olhar com cuidado, verá a cara de um enorme gato. (idem, 07/12/1962)

Com a crise comercial e de tráfego na década de 1970 e a diminuição da frequência do público jovem na rua, a maioria dos bares e boates dessa região encerraram suas atividades. Posteriormente, outros empreendedores vão reaproveitar o espaço dessas boates para abrirem bares e boates visando um novo tipo de frequentador.

Em função de sua proximidade com o centro novo que conglomerava grande parte do lazer noturno da época e das empresas que se instalam na parte inicial da rua Augusta, restaurantes, bares e casas noturnas passam a se fixar na praça Roosevelt e suas proximidades no começo da década de 60. Com grande influência do modelo já consagrado de bares e boates existentes no centro novo de São Paulo, a região se torna um dos principais pólos de lazer noturno da cidade.

A maioria desses estabelecimentos unia os conceitos de bar, boate e restaurante em um só lugar, oferecendo uma diversidade de atrações para seus frequentadores. A grande atração eram os shows ao vivo de cantores e cantoras nacionais e internacionais de sucesso, principalmente do estilo musical de jazz e bossa nova. Muitas vezes, os próprios donos desses estabelecimentos eram cantores e instrumentistas conhecidos, como Dick Farney, dono do Farney’s, ou Moacyr Peixoto, proprietário do Moacyr bar, ou tinham músicos conhecidos como residentes, como é o caso do restaurante-bar “A Baiúca”, com o pianista Pedrinho Mattar. Estréias e apresentações exclusivas de cantores consagrados, como é o caso da apresentação de Maysa na boate Chicote (*idem*, 18/07/1958), atraíam um grande público e garantiam um ambiente cheio.

Esses bares e boates da praça eram apontados como parte dos bares de maior luxo e sofisticação da cidade atraindo um público da alta elite paulista, em contraposição às dezenas por aí na rua Bento Freitas, das quais a gente nem sabe o nome mas sabe muito bem que existem...todos à base de “clip joints” e “B-girls” (*idem*, 24/08/1962). Além de receber o

público para o jantar no restaurante e à noite para o bar, o “*cocktail hour*” (*idem*, 05/07/1960), por volta das 18 horas, era um período repleto de trabalhadores dos escritórios nas proximidades que esperavam a diminuição do tráfego intenso para voltar para a casa. Diferente do público dos bares e boates do lado jardins da rua Augusta, os estabelecimentos dessa região atraíam frequentadores mais velhos e da elite tradicional paulistana.

Com a construção da mal-acabada praça Roosevelt em 1968 e seu progressivo abandono na década de 1970, alguns desses estabelecimentos fecharam ou se transferiram para outra localidade, como o Stardust, que vai para o largo do Arouche em 1968. Porém, alguns estabelecimentos continuaram a funcionar, mesmo que com uma pequena mudança de público, como o Baiúca, que permanece até 1994.

É interessante notar, porém, que no começo da década de 1970 as ruas envoltórias da praça Roosevelt (Nestor Pestana, Martinho Prado e Avanhandava) passam a se configurar como uma pequena mancha de lazer noturno. Diferente do prestígio que os estabelecimentos da Roosevelt na década de 1960 tinham, esses novos bares são apontados como “*mal-frequentados*” e antros de violência e “*gracejos incovenientes*” (*idem*, 31/10/1971). É interessante apontar a influência dessa zona de lazer nos bares, boates e casas de meretrício que vão se fixar no começo da rua Augusta na década de 1980.

[FIG. 105] NESTA PÁGINA. À ESQUERDA Frame do filme “Essa Rua tão Augusta” de Carlos Reichenbach de 1968, retratando uma noite na boate Saloon. Destaque para a entrada da boate localizada em um porão.

[FIG. 106], NESTA PÁGINA. À DIREITA Frame do filme “Essa Rua tão Augusta” de Carlos Reichenbach de 1968, retratando uma noite na boate Saloon. Destaque para a pista de dança com as pessoas dançando ao ritmo do rock and roll.

[FIG. 107] Anúncio de show da cantora Maysa na boate Chicote na Praça Roosevelt em 1958 O ESTADO DE S. PAULO. “Vá ver e ouvir Maysa (anúncio)”. São Paulo, p.18, 01/05/1958

Globalização e diversidade: A rua Augusta entre 1976 e 2012

1976 | 2012

Capítulo 3

O período iniciado na década de 1980 marca um momento de grande crise econômica no Brasil e de profundas transformações na cidade de São Paulo que vão diretamente impactar na forma de ocupação do espaço na rua Augusta. Os avanços tecnológicos na indústria, provocando uma grande liberação de trabalhadores, e o crescimento do setor terciário na cidade implicaram em um aumento nos extremos da estrutura de renda:

(...) por um lado, cresce a demanda por altos executivos, serviços de consultoria, assistência técnica de ponta, operadores do mercado financeiro, pesquisadores qualificados. Por outro lado, cresce a demanda por serviços de baixa remuneração como faxineiros, auxiliares de escritórios, garçons e sobretudo, o imenso contingente de autoempreendedores que atuam principalmente na informalidade das relações de trabalho. (ROLNIK, 2004, p. 173)

Ao mesmo tempo em que a cidade de São Paulo se insere como um dos nós da conexão da economia nacional com o resto do mundo e, principalmente, a grande rede de gestão de fluxos financeiros (ROLNIK, 2004, p. 173), a cidade têm um aumento de 25% da população vivendo em cortiços e favelas, ou nas ruas da metrópole paulistana, no período compreendido entre 1970 e 1980 (COUTO, 1999, p. 77), altas taxas de desemprego e uma explosão do mercado informal de camelôs e ambulantes (VARGAS, 2004, p. 188).

Nesse contraste está a diferença de São Paulo (...): na sua grandeza, uma das maiores cidades do mundo; na sua pobreza, a imagem de uma cidade à procura de si mesma. (FERRARA, 1999, p. 80)

Como consequência das tensões e exclusões provenientes do aumento da desigualdade social, a violência vai se intensificar no cotidiano da cidade, incentivando a classe média e alta a se enclausurar em condomínios fechados e ambientes isolados da rua.

É nesse período, também, que novas centralidades comerciais da elite surgem na cidade, desafiando o antigo monopólio do centro tradicional, explicitam-se agora a existência de “centros” onde as sedes de bancos e empresas multinacionais vão se centrar. Na década de 1970, a avenida Paulista aparece como uma das novas centralidades comerciais apropriadas pela elite tanto fisicamente, quanto simbolicamente como pode-se observar na eleição da avenida Paulista, promovida pelo Banco Itaú, enquanto o símbolo de São Paulo (FRUGOLI JR, 1999, p. 36). Já na década de 1990, a região da avenida Faria Lima, avenida Engenheiro Luiz Carlos Berrini e Marginal Pinheiros também passa a receber os investimentos do mercado corporativo, competindo com as antigas centralidades.

O centro antigo era compacto e o Centro novo é disperso. Enquanto os centros antigos eram de delimitação pouco controvertida e pouco complexa, a delimitação dessa enorme área central é altamente controvertida e complexa, pois pode envolver a região da Avenida Faria Lima, a da marginal Pinheiros e até mesmo a avenida Luiz Carlos Berrini. (VILLAÇA, 2001, p. 266)

Acentuando-se os processos de desvalorização da região da rua Augusta iniciado no começo da década de 70, seu lado central vai sofrer um abandono por parte das classes média e média alta. A desigualdade social é materializada na contraposição dos sofisticados hotéis voltados para os executivos da avenida Paulista e as atividades ilegais, como a prostituição, a habitação em cortiços, os jogos de azar e o comércio informal.

A centralidade lúdica e comercial, que na década

de 50 e 60 haviam migrado em parte para a região da rua Augusta, se espalham pela metrópole, tendo nos *shopping centers*, aliando consumo a outros serviços como alimentação e lazer, uma força propulsora grande principalmente a partir da década de 1980 (FRUGOLI JR, 1995, p.79).

Dado o agenciamento de equipamentos ligados sobretudo ao lazer, criam também novas “centralidades urbanas” sobretudo para grupos jovens, que transformam tais espaços em significativos locais de entretenimento, encontro e sociabilidade. (ibidem, p.80)

Novos bairros boêmios se fortalecem a partir da década de 1970, como a Vila Madalena e Pinheiros, em função da *enorme densidade demográfica de estudantes da USP e intelectuais de esquerda* (ABRAMO, 2004, p. 194), além do Bixiga que concentrava diversos teatros e era um centro de sociabilidade e diversão de jovens e artistas.

A situação econômica brasileira, porém, muda na virada do século. Desde a década de 1990, São Paulo em especial passará a desempenhar um papel importante na reorganização da economia mundial. A cidade passa a ser referenciada constantemente em seu caráter de cidade global, sendo situada por Saskia Sassen como uma cidade que, mesmo com uma cultura e história diferente, respondeu à dinâmicas de mudanças sociais e econômicas de cidades globais como Nova York, Tokyo e Londres (SASSEN, 2001, p. 4). A cidade de São Paulo, na visão de alguns teóricos, se destacaria como cidade global na medida em que vislumbrava a *emergência do setor de serviços altamente especializados* (CARLOS, 2002, p. 139 *apud* FERREIRA, 2003, p.28) e *preenchendo o papel de articuladora da economia nacional, servindo de vínculo entre a economia brasileira e o mercado internacional convertendo-se em um ponto nodal*” (LEVY, 1997, p. 161 *apud* FERREIRA, 2003, p.29). Por outro lado, João Whitaker Ferreira (FERREIRA, 2003) vai argumentar que apesar de não cumprir algumas características básicas das cidades globais, a recorrente imagem de cidade global teve impactos diretos nos investimentos imobiliários e na constituição da cidade, principalmente na região sudoeste da metrópole, próximos às residências das classes dominantes.

“Pois parece-nos que com o fortalecimento dessa ideologia, as atividades do setor imobiliário terciário ganharam uma falsa legitimidade, e com isso tornaram-se a partir dos anos 90, com o advento das chamadas “mega-obras terciárias”, mais determinantes do que eram no sentido de influenciar os processos de produção da cidade. Não se trata de dizer que elas se sobrepuuseram à histórica movimentação das burguesias ao longo do eixo sudoeste, mas apenas que elas ganharam uma importância significativa para direcionar, dentro desse vetor de crescimento, as grandes movimentações de capital que o mercado imobiliário terciário pode proporcionar” (FERREIRA, 2003, p. 310)

Mesmo com a crise econômica mundial que se instaura na década de 2000, o país continua crescendo em ritmo satisfatório, em parte impulsionado por uma ampliação dos níveis de renda e consumo da população e a expansão das classes médias urbanas. Em parte como consequência desses processos e da política de “revitalização” das áreas centrais, inicia-se na rua Augusta uma mudança na forma de ocupação do espaço. Essa mudança se refletirá não somente na transformação da paisagem edificada da região, como na transformação de seus usos e público frequentador, a princípio ligado aos resíduos da grande vitalidade cultural, social e boêmia das décadas anteriores, assim como à popularização e mesmo à precarização e marginalização das novas atividades e seus frequentadores, a que mais recentemente viriam a se somar contingentes de classe média e alta, principalmente no período noturno. Com uma grande repercussão midiática, as novas dinâmicas de uso, em parte juvenis em parte alternativas, viriam a configurar uma espécie de região moral da cidade intitulada “Baixo Augusta”, que logo convergiriam para a revalorização imobiliária da região que, por sua vez, vai influenciar em novas transformações espaciais e sociais.

A fim de melhor entender as transformações ocorridas nesse período, resolveu-se focar em quatro atividades ou núcleos de atividades principais: os hotéis, os prostíbulos, a mancha de lazer; e os novos condomínios de apartamentos que vem despontando na região.

1976 | 2012

Mapa de ocupação dos imóveis localizados na rua Augusta

HABITAÇÃO

LAZER

EDUCAÇÃO

COMÉRCIO

NEGÓCIOS

Abra para acessar um mapa
ilustrativo do perfil dos
imóveis existentes na rua.

3.1

Dos hotéis aos prostíbulos: Executivos e prostitutas

O aumento da importância da cidade de São Paulo no mercado econômico e produtivo global faz com que diversas empresas procurem fixar suas sedes no centro econômico da cidade. O processo de saturação e deterioração do centro tradicional iniciado nos anos 60, no entanto, desestimulam a fixação dessas empresas na região, além de promover uma *fuga dos escritórios centrais de grandes empresas para áreas de maior prestígio* (FRUGOLI JR, 2000, p. 130). A região da avenida Paulista vai, então, receber essa demanda a partir da década de 1970, reunindo em sua extensão grandes escritórios de multinacionais e bancos nacionais e estrangeiros, em função do corredor de serviços metropolitanos que desenvolvera e da centralidade comercial de luxo da próxima rua Augusta (CORDEIRO, 1978, p. 89), tornando-se a principal centralidade comercial e financeira da cidade.

A influência na rua Augusta é imediatamente sentida em duas principais instâncias. Em primeiro lugar, os terrenos mais próximos da avenida vão servir para a construção de prédios de escritórios comerciais, conforme já assinalado no capítulo

anterior, e os prédios comerciais já existentes vão tentar atrair essa demanda. Em segundo lugar, o lado central da rua⁴⁰ passa a receber um interesse maior do setor de hotelaria que vai estabelecer na rua diversos hotéis voltados a hospedar funcionários e executivos de fora da cidade. É interessante observar que o estabelecimento de hotéis na região sudoeste é incentivado diretamente pela prefeitura que, percebendo o alto índice de ocupação dos hotéis já existentes e o perfil de negócios do visitante em São Paulo, resolve incentivar a ocupação de edifícios históricos do centro da cidade e aumentar o número de hotéis, de preferência, a partir da rua Augusta em direção à Faria Lima (O ESTADO DE S. PAULO, 08/05/1977).

⁴⁰ Acredita-se que a escolha desse lado da rua deu-se em função do preço menor dos terrenos e da oferta de casas menores (principalmente na região intermediária da rua) que poderiam ser facilmente compradas por esses grandes investidores.

3.1.1
Hotéis de luxo e baratos

O primeiro hotel a ser inaugurado na região foi o Hotel Caesar Park em maio de 1976, resultado de uma parceria entre investidores brasileiros da construtora Guarantã e investidores japoneses da Aoki Construction (O ESTADO DE S. PAULO, 09/05/1976). O hotel contava com uma infraestrutura luxuosa: 220 apartamentos, salas de convenções, piscina, salas para pequenas reuniões, diversas suítes (*ibidem*), além de um restaurante e um bar. O hotel é claramente direcionado para os executivos de alto escalão das empresas do eixo da avenida Paulista, reforçando em sua comunicação seu endereço privilegiado e a nova condição de grande metrópole (*idem*, 05/05/1976) da cidade de São Paulo. [FIG. 108]

A sofisticação do empreendimento era reforçada não somente em sua comunicação visual e design interior, mas também na divulgação ostensiva dos célebres hóspedes que recebiam, como a popstar Madonna em 1993 (*idem*, 02/11/1993), em pequenas ações, como a filiação de hóspedes leais a um sistema de crédito que concedia descontos e direitos especiais a seus membros, o *Ten Star Club* (*idem*, 02/03/1984), e em serviços do mais alto padrão como o restaurante e o piano-bar do hotel.

Com uma abordagem diferente mas ainda altamente luxuosa, estabelece-se também ali, mais próximo do centro, o tradicional Grand Hotel Ca'd'oro, na rua Augusta, 129. Empreendimento da família Guzzoni, o hotel tem origem no restaurante Ca'd'oro, fundado por Fabrício Guzzoni ao chegar no Brasil em 1953, que três anos depois se transformou no Grand Hotel Ca'd'oro, inicialmente localizado na rua Basílio da Gama. A ocupação do terreno atual se deu somente em 1964, quando este se transferiu para a rua Avanhadava em busca de expansão (*idem*, 23/11/1988) [FIG. 112] e alguns depois, em 1977, foi ampliado para a rua Augusta, onde viria a se localizar a sua entrada principal⁴¹.

O hotel apostava no oferecimento de uma ampla gama de serviços de lazer aos seus hóspedes e um atendimento personalizado, com funcionários que trabalhavam no hotel há muitos anos (*idem*, 18/03/1983). Além do luxo na decoração dos 22 andares, 400 apartamentos e 10 salões de eventos, o hotel oferecia

(...)circuito fechado de televisão, duas piscinas térmicas - uma panorâmica no 23o andar e outra no jardim tropical da Avanhadava -, quadras de tênis, de minigolfê, sala de ginástica e fisioterapia completa, sauna, sala de sinuca com duas mesas oficiais, sala de jogos com mesas de pingue-pongue, biblioteca e sistema de videocassete de filmes em versões originais. (...) Mais as butiques, cabeleireiro, salão de beleza, ambulatório médico, canil, garagem para 150 carros e, finalmente, a cozinha... (*ibidem*)

O hotel contava com uma alta frequência de hóspedes famosos, amplamente publicizados pela mídia, com um destaque maior para políticos em visita oficial ao país e membros da alta sociedade europeia, como o rei Juan Carlos e a rainha Sofia e seus 80 acompanhantes da casa real (*idem*, 19/05/1983).

⁴¹ Até 1977 a entrada do hotel e sua fachada eram localizadas na rua Avanhadava. Com a expansão promovida pelo hotel em 1977, a entrada e a fachada principal se transferiram para a rua Augusta, 129.

[FIG. 108]
(IMAGEM ACIMA)
Anúncio de inauguração do Caesar Park Hotel reforçando sua localização privilegiada ESTADO DE S. PAULO. "Caesar Park Hotel: o hotel endereço". São Paulo. 05/05/1976. p. 16

[FIG. 109]
(TOPO, À DIREITA)
Foto da fachada do antigo hotel Caesar Park atualmente
Foto tirada pelo próprio autor em 2013

[FIG. 110]
(IMAGEM À DIREITA)
Detalhe da entrada do antigo hotel Caesar Park que está atualmente em reforma para receber outro empreendimento
Foto tirada pelo próprio autor em 2013

[FIG. 111]
Foto do Hotel C'a'd'oro
com a entrada na rua
Avanhandava, antes de
sua extensão para a rua
Augusta. A Foto foi tirada
a partir da rua Augusta
(em cima do viaduto) no
ano de 1974
Foto disponibilizada
na internet no website
Flickr. Disponível em
<http://www.flickr.com/photos/24736216@N07/2356839752/in/set-72157604219609482>.
Acessado em:
17/02/2013

Já no fim do ano de 1977 o lado central da rua Augusta se configurava como um pólo hoteleiro de alto padrão na zona sudoeste, contando com cinco hotéis entre a avenida Paulista e a rua Martins Fontes⁴² (*idem*, 22/07/1977). É interessante observar que esses hotéis de alto padrão, além de oferecer uma ampla gama de serviços para seus hóspedes, também tinham uma grande relevância para a elite da cidade e as empresas da região que usufruíam, principalmente, dos consagrados restaurantes, bares e salões de eventos.

O restaurante era uma das principais atrações do hotel Ca'd'oro, uma vez que antes de tornar-se propriamente um hotel, conquistou a clientela da elite paulistana através do restaurante focado na culinária do norte da Itália. Enquanto se divulgava a passagem de estrangeiros célebres em suas suítes, no restaurante se noticiava a presença de celebridades e políticos locais, como o ministro Delfim Neto, o empresário Antônio Ermínio de Moraes e o artista Chico Buarque de Holanda (*idem*, 23/09/1988). A tradição e sofisticação eram transmitidas não somente na culinária preparada, mas principalmente na obrigatoriedade do traje social para entrar no estabelecimento.

⁴² Os hotéis inclusos na reportagem foram: o Caesar Park, Augusta Boulevard, Delphin São Paulo, Cá D'oro e Brasilton.

[FIG. 112]
Foto da piscina e do
centro de convenções do
Grand Hotel C'a'd'oro. A
Foto foi tirada no ano de
2009 e disponibilizada
na internet no website
Flickr
Disponível em <http://www.flickr.com/photos/11155422@Noo/4163177025/in/set-72157622948932532>.
Acessado em:
17/02/2013

[FIG. 113]
Foto do bar do
restaurante do Grand
Hotel C'a'd'oro. A Foto
foi tirada no ano de
2009 e disponibilizada
na internet no website
Flickr
Disponível em <http://www.flickr.com/photos/11155422@Noo/4163931636/in/set-72157622948932532>.
Acessado em:
17/02/2013

Com um ar mais contemporâneo, o Ceasar Park Hotel, apesar de contar com restaurantes reconhecidos, investia nas atrações musicais do bar, como as noites de jazz (*idem*, 17/08/1979) e as celebrações de reveillon (*idem*, 18/12/1977).

A situação dos hotéis de luxo na rua manteve-se estável até a década de 1990, quando passou a enfrentar alguns problemas. Apesar de ter sido eleita símbolo da metrópole de São Paulo em 1991, a avenida Paulista se torna também objeto de um questionamento na grande mídia acerca de sua possível deterioração, em função do estado de vários edifícios residenciais e comerciais, o esgotamento do seu estoque construtivo e a falta de conservação do espaço público (FRUGOLI

[FIG. 114]
Anúncio da festa de
reveillon do Caesar Park
Hotel em 1977
ESTADO DE S. PAULO.
“Um reveillon muito
especial”. São Paulo.
18/12/1977. Página 10

JR, 2000, p. 144). Essa chamada deterioração somada à oferta de edifícios mais novos, com um layout mais flexível e equipados da mais alta tecnologia na avenida Luiz Carlos Berrini e proximidades, faria com que ocorresse uma clara migração de grandes empresas e grupos internacionais para essa região. As consequências para o mercado hoteleiro são imediatas, ocorrendo uma grande baixa no número de hóspedes ao longo de toda a região no entorno da artéria, que vão migrar para os hotéis mais próximos das empresas em que trabalham. Inicialmente, o Grand Hotel Ca'd'oro tenta combater a baixa de hóspedes tornando-se mais acessível a um público diferente através da diminuição no preço de suas diárias.

[FIG. 115]
Anúncio do Grand Hotel
Ca'd'oro reforçando o
baixo preço em 2000
ESTADO DE S. PAULO.
"Grand Hotel Ca'd'oro".
São Paulo. 11/07/2000.
Página B3.

[FIG. 116]
Anúncio do hotel
Augusta Boulevard
ressaltando o conforto
de seus apartamentos
ESTADO DE S. PAULO.
"Conforto". São Paulo.
17/08/1976. p. 14

A maioria dos hotéis, porém, não conseguirá manter suas atividades funcionando por muito tempo, sendo obrigada a fechar, mudar de endereço ou ser colocada à venda. O Caesar Palace Hotel, por exemplo, fecha suas instalações na rua Augusta em 2003 e vai se transferir para a região da Vila Olímpia *para atender a demanda de turismo de negócios* (O ESTADO DE S. PAULO, 08/11/2003), construindo um novo complexo composto pelo hotel, por uma torre de escritórios e um centro comercial. O Grand hotel Ca'd'oro resistiu por mais tempo e fechou suas portas em 2009, alegando baixa no número de hóspede (FOLHA DE S. PAULO, 24/11/2009). A atual revalorização imobiliária da região da rua Augusta, porém, parece ter reacendido novas perspectivas nessa direção: leiloado o espólio do antigo hotel Ca'd'oro, a sua sede viria abaixo em 2012, para dar lugar a um novo empreendimento já inteiramente negociado e em fase de construção, incluindo hotel, torre de apartamentos e centro de comércio e serviços.

A partir da década de 1980, disseminaram-se também na rua hotéis com um preço de hospedagem mais acessível e uma oferta de serviços e comodidades mais limitada em comparação aos hotéis de alto padrão da rua. É possível, no entanto, notar uma clara segmentação

entre eles: Os hotéis mais sofisticados, rankeados entre 3 a 4 estrelas, especializaram-se no público corporativo, recebendo eventos empresariais em seus salões de convenções; enquanto outros hotéis, principalmente os de alta rotatividade, receberam uma demanda de público grande da prostituição, um negócio bastante forte na rua na década de 1980.

O primeiro hotel voltado ao público corporativo inaugurado nesse período que merece destaque é o Augusta Boulevard Hotel aberto em 1976 na rua Augusta, 843. O hotel era voltado para os executivos que vinham visitar a cidade e procuravam uma opção mais econômica, mas ainda assim com um bom padrão de hospedagem. Em sua comunicação reforçavam o conforto e a localização privilegiada do estabelecimento.

Da mesma forma que o Augusta Boulevard, o Augusta Palace Hotel⁴³ (rua Augusta, 467) e o hotel Panamericano (rua Augusta, 778)⁴⁴ se especializaram no público corporativo de médio escalão. Uma outra proposta interessante voltada para o público corporativo é o serviço de *flat*⁴⁵ oferecido pelo Hotel Augusta Park Residence⁴⁶ (rua Augusta, 922) voltado para executivos que precisariam permanecer um tempo maior na cidade, mas ainda com um perfil temporário.

⁴³ O primeiro registro que temos nos jornais desse hotel é de 1983.

⁴⁴ O primeiro registro que temos nos jornais desse hotel é de 1989

⁴⁵ Apartamentos residenciais já mobiliados com serviço especializado de hotel (camareiras, restaurante, etc.).

⁴⁶ O primeiro registro que temos nos jornais desse hotel é de 1981.

[FIG. 118]
Foto da recepção do
hotel Augusta Boulevard
Foto tirada em 2013

[FIG. 117]
Foto da fachada
do hotel Augusta
Boulevard
Foto tirada em 2013

[FIG. 119]
Foto da fachada do hotel
Augusta Park Residence
Foto tirada em 2013

Entre esses hotéis, percebe-se que o aluguel do salão de eventos para workshops, palestras e eventos fechados era uma estratégia poderosa de manter um relacionamento estável com as empresas e associações, gerar uma fonte de renda extra e atrair convidados para se hospedarem. Associações, instituições e empresas de porte pequeno e médio, que não detinham um auditório ou um amplo espaço em suas sedes, eram os principais consumidores desse espaço.

A maioria desses hotéis menores se estabeleceu na região entre a rua Costa e a rua Marquês de Paranaguá, que então oferecia lotes menores e valores imobiliários menores que a região onde se estabeleceram os hotéis de alto padrão, além de terem sido menos afetadas pela verticalização ocorrida nas décadas de 50 e 60.

A concentração de estabelecimentos voltados ao sexo e, principalmente, à prostituição feminina que se fortalece na rua, cria uma situação propícia para alguns hotéis de alta rotatividade ali se estabelecerem e hospedarem as profissionais e seus clientes por um preço e um tempo de permanência menores. Hotéis como Luar (rua augusta, 579)⁴⁷ e Augusta Plaza Hotel⁴⁸ (rua Augusta, 1255) abrem na década de 1980 e aparecem no jornal enquanto cenário de reportagens sobre prostituição e tráfico de entorpecentes.

Com a ascensão do lazer noturno na rua Augusta na década de 2000, atraindo inclusive um público regular de frequentadores do interior do estado e de todo o país, alguns hotéis menores passaram a se adaptar ao público jovem e frequentador de bares e casas noturnas, readequando seu design interior e oferecendo novos serviços. Um exemplo é o hotel Linson (rua augusta, 440), administrado por um antigo sócio do Spazio

Pirandello, o qual estabeleceu uma parceria com as casas noturnas e bares da região a fim de proporcionar descontos na diária e nos estabelecimentos e redecorou o saguão do hotel com um grafite que retrata a rua Augusta nos anos 50 e 60 (O ESTADO DE S. PAULO, 10/09/2009).

Outros hotéis ainda mantêm o foco no público corporativo e já se beneficiam das transformações que a região está passando. De acordo com William, gerente do Hotel Augusta Boulevard⁴⁹, o perfil corporativo do hotel permanece mas

“algumas pessoas tinham problemas com a rua, já teve cliente que fez a reserva e quando chegou e viu o lugar pegou suas malas e foi embora.”

Ainda de acordo com William, com o fechamento de algumas boates de prostituição e a diminuição da prostituição de rua, a rejeição dos clientes à região diminuiu e espera-se um aumento da clientela com a instalação das novas torres comerciais.

3.1.2 Prostíbulos, saunas e american bars

Conforme esclarecido por Sarah Feldman, a prostituição feminina *tem uma expressão espacial muito clara na realidade urbano-industrial brasileira: a “zona” é uma constante na maioria das cidades, assumindo características específicas de acordo com o momento e o contexto urbano em que se inclui* (FELDMAN, 1989, p.2).

Até os anos 70, os territórios da prostituição em São Paulo eram divididos em dois principais núcleos: A Boca do Lixo, em Santa Ifigênia, voltada para as classes populares, que *se estrutura em torno de hotéis, pensões e apartamentos que funcionam articulados ao “trottoir” das mulheres prostitutas nas ruas* (FELDMAN, 1989, p.114); e a boca do luxo, voltada para as classes mais altas, que *se estrutura em torno das boates, hotéis e apartamentos* (FELDMAN, 1989, p.115), no qual o contato inicial com os clientes ocorre *indoors*, com a proteção dos proprietários dos estabelecimentos. A situação se altera, no entanto, a partir da década de 1970, quando os territórios da prostituição, acompanhando os processos de crescimento dos núcleos de lazer e entretenimento noturno, se dispersa pelo território urbano privilegiando espaços de passagem de automóveis e ônibus (FELDMAN, 1989, p. 131).

O cenário no lado central da rua Augusta (e mais especificamente entre as ruas Costa e Marquês de Paranaguá) era favorável para receber parte dessa expansão dos territórios da prostituição por três principais motivos. Em primeiro lugar, poderia ser caracterizado como o que Lucila Hermann intitulou de “área de transição ou de deterioração” (HERMANN, 2005, p. 114). Em um processo paralelo ao ocorrido com a avenida São João no começo do século, a localização privilegiada perto de uma centralidade econômica, no caso a avenida Paulista, acarreta em uma elevação no preço dos terrenos, *obrigando os proprietários a vender os edifícios para construção de prédios modernos ou a alugá-los a funções parasitárias e segregadas (cabarets, meretrício)* (HERMANN, 2005, p. 122). O processo de “deterioração” iniciado nessa parte da

rua e o baixo índice de verticalização da parte intermediária da rua ajudou a propiciar a ocupação do espaço por esse tipo de estabelecimento.

Em segundo lugar, a alta quantidade de hotéis, alguns de alto padrão, na rua e a proximidade com a avenida Paulista ajuda no fornecimento de uma clientela de alto poder aquisitivo para esses estabelecimentos. Os diversos estabelecimentos culturais e de serviços, como restaurantes, teatros e cinemas, existentes na rua, a tornam um espaço ainda frequentado pela elite, apesar de não tão “nobre”, da mesma forma que a Vila Buarque no começo da ocupação da “boca do luxo” (FELDMAN, 1989, p. 133).

Por último, a rua Augusta era um eixo viário privilegiado que ligava o centro aos bairros nobres do sudoeste, tendo um fluxo constante de veículos de dia e de noite. À noite já se constituía de resto como um espaço de “paquera motorizada”, onde desde a década de 1950 um público masculino predominantemente jovem se reunia com suas motocicletas e carros para beber e paquerar as garotas que passavam. As praticantes do *trottoir*, encontravam, assim, um ambiente propício para trabalharem, ao mesmo tempo camuflando-se e se destacando no já tradicional ambiente noturno local.

É nesse cenário que o lado central da rua Augusta vai passar a abrigar, a partir da segunda metade da década de 1970, territórios de prostituição, tanto de *“trottoir”* (prostituição de rua) quanto de estabelecimentos como saunas mistas, motéis, casas de massagens e *american bars*.

Os primeiros estabelecimentos voltados à prática da prostituição que surgiram na rua Augusta foram as ‘casas de massagens’, nas quais a prostituição não era divulgada e nem explicitada como tal, mas era camuflada sob o pretexto de um serviço de relaxamento. De acordo com Feldman, essa camuflagem da prática da prostituição em novas modalidades, como casas de massagens, foi uma estratégia iniciada na década de 70 e ajudou na sobrevivência e na expansão desses estabelecimentos por outros bairros da cidade (FELDMAN, 1989, p. 23).

⁴⁷ O primeiro registro que temos nos jornais desse hotel é de 1986.

⁴⁸ O primeiro registro que temos nos jornais desse hotel é de 1989.

⁴⁹ Depoimento obtido em entrevista feita pelo autor em 11/01/2013.

[FIG. 120]
Anúncio de uma casa de
massagens da rua Augusta
ESTADO DE S. PAULO.
“Massagem Relax Club”.
São Paulo. 03/03/1982.
Página 36

[FIG. 121]
Anúncio de uma casa de
massagens da rua Augusta
já com uma conotação
sexual bem mais explícita
ESTADO DE S. PAULO.
“Até que enfim uma
casa de massagens com
terceiras intenções”.
São Paulo.
02/03/1980. p. 6

Inicialmente, no fim da década de 1970, os anúncios desses estabelecimentos eram discretos, limitando-se a anunciar o serviço de *massagistas finas* (O ESTADO DE S. PAULO, 02/01/1979) e das técnicas utilizadas. Ao decorrer do tempo é possível observar uma maior explicitação da destinação sexual, mas ainda na forma de insinuações e sugestões, ressaltando a beleza das massagistas (*idem*, 03/03/1982), ou a utilização de *produtos eróticos* (*idem*, 25/09/1981).

Em um segundo momento, por volta do começo da década de 1980, os estabelecimentos anunciados ganham uma certa sofisticação e melhoria nos serviços e na estrutura das casas, sendo comum a existência de serviço de manobristas e pagamento com cartão de crédito. Nesse período, é possível observar uma grande diversificação nos serviços de prostituição oferecidos nos estabelecimentos, como saunas, massagens eróticas, shows, relaxamento e serviço de bar. A maioria desses espaços concentravam diversos serviços no estabelecimento, como o Relax Palace (rua Augusta, 890)

e o Relax Center (rua Augusta, 83), que tentavam se diferenciar dos concorrentes através de serviços exclusivos da casa e lindas mulheres.

Os centros de relaxamento, saunas e casas de massagens são bastante comuns entre as décadas de 1980 e 1990 mas perdem espaço já nessa última década para os *american bars*⁵⁰, que ao imitar um bar de hotel da região, conseguiam atrair público e, ao mesmo tempo, se “camuflar”, uma vez que as saunas e casas de massagem já estavam muito estigmatizadas enquanto sinônimos de prostituição.

Esses estabelecimentos se fixavam, inicialmente, nas proximidades dos hotéis existentes na rua, principalmente o Ca’d’oro, nas proximidades da praça Roosevelt e da rua Nestor Pestana⁵¹, e o Augusta Boulevard, nas proximidades da rua Antônio de Queiroz. Em sua maioria, instalavam-se em sobrados antigos ou nos espaços das lojas no piso térreo de prédios residenciais, reformando a fachada com luminosos de neon que anunciavam o nome das casas e seus serviços.

[FIG. 122]
(PÁGINA OPOSTA)
Foto das boates Las
Jegas e Emanuele
abertas durante à noite
Foto tirada pelo autor
em 2013

Já na segunda metade da década de 1980, observa-se que a rua Augusta tem um número significativo de casas relacionadas à prática da prostituição, concentradas principalmente na região intermediária do lado central da rua⁵². Apesar de modificarem os serviços e o nome das casas ao longo do tempo, muitas casas continuaram até a primeira metade da década de 2000 nos mesmos locais. Um exemplo é a boate Maison (rua Augusta, 660), da qual se tem um registro nos jornais em 1980 como uma casa de *relax for men* com serviço de massagens (O ESTADO DE S. PAULO, 17/06/1980), incluindo a requisitada técnica japonesa, e no começo de 2000 é caracterizada como um “*american bar*” (FOLHA DE S. PAULO, 20/02/2011) mas ainda ocupando o mesmo imóvel. Outro exemplo é a boate Balneário (rua augusta, 783): de 1983, no mesmo endereço, há um registro nos jornais de uma “*sauna for men*” com a curiosa descrição feita pelo jornalista:

“Chegam ainda reclamações sobre a situação das “saunas for men” e algumas já foram visitadas, deixando os comissários e agentes estarecidos. Na madrugada de sexta-feira passada, estiveram na casa 783 da rua Augusta, e Chaves diz que estavam todos nus, sendo o garçom reconhecível apenas por estar de gravata borboleta e ainda reclamou dos agentes que estavam vestidos.” (O ESTADO DE S. PAULO, 09/07/1986)

Em 2010, porém, o estabelecimento já aparece como um estabelecimento do tipo “*american bar*”, mas conta ainda com serviços de sauna em seu interior. A boate Nova Babilônia (rua augusta, 781), por sua vez, nasceu como a boate e restaurante Big Valley em 1966, transformou-se na boate Red’s, em 1983, com música ao vivo (*idem*, 04/11/1983), mas logo vira a Nova Babilônia bar, voltada à prostituição.

⁵⁰ Forma de disposição do bar inspirada no modelo norte-americano de bar, onde o balcão do barman tem um destaque maior no layout e tem como especialidade o serviço de drinks e petiscos. Esse formato era bastante comum nos hotéis da época, como se pode ver no bar do Augusta Boulevard hotel.

⁵¹ Forma de disposição do bar inspirada no modelo norte-americano de bar, onde o balcão do barman tem um destaque maior no layout e tem como especialidade o serviço de drinks e petiscos. Esse formato era bastante comum nos hotéis da época, como se pode ver no bar do Augusta Boulevard hotel.

⁵² Chamou-se de região intermediária do lado central da rua, o período compreendido entre a rua Antônio de Queiroz e a rua Costa.

[FIG. 123]
Detalhe dos neons da
boate Las Jegas
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 124]
Foto noturna das boates
Casarão e Balneário
existentes na rua
Foto tirada pelo autor em 2013

Como uma das substituições à antiga Boca do Luxo, que entra em decadência no fim da década de 70 (FELDMAN, 1989, p. 140), a prostituição na rua Augusta vai ter como público-alvo o homem de alto poder aquisitivo, tanto dos hotéis envoltórios como da região do centro-Paulista. O depoimento de uma prostituta para a Folha de São Paulo em 2000 sobre a expulsão dos prostíbulos da região da Luz evidencia essa situação:

“As mulheres que trabalham aqui não têm para onde ir. Os nossos fregueses são homens pobres que não podem pagar o preço de uma mulher da rua Augusta”, diz Jane, 47, 27 anos passados nos muros da estação. (FOLHA DE S. PAULO, 03/09/2000)

A prostituição de rua, o *trottoir*, também parece existir na rua desde o fim da década de 1970, uma vez que é possível encontrar alguns relatos que insinuam a existência da prostituição nas calçadas da rua. Um exemplo é uma crônica, divulgada no jornal A Folha de São Paulo, sobre a paquera na rua Augusta, mais especificamente nas proximidades da rua Luiz Coelho:

“Mais em baixo vem subindo Marly, não tem carro, caminha lentamente e olha para alguns homens. Há uma diferença entre ela e Laiz: Marly é profissional. Um Puma dourado pára a seu lado, ela abaixa, cumprimenta e combina o preço. O rapagão do Puma parece não ter concordado com a quantia e arranca velozmente, quase levando consigo um lindo souvenir: o braço esquerdo de Marly. Mas ela não se enerva, tem classe, já está habituada, atitudes como essa já não lhe fazem mal. (idem, 05/08/1978)

Diferente da antiga segmentação existente na Boca do Luxo e Boca do Lixo onde o *trottoir* era restrito às áreas de boca do lixo, a prostituição na rua parece desde o início reunir no mesmo espaço essas duas formas de prostituição. As prostitutas dividiam espaço com travestis que também ofereciam seus serviços aos automóveis que por ali passavam.

Além dos automóveis, hóspedes dos hotéis próximos também procuravam o serviço das garotas, como se pode constatar no depoimento obtido do garçom José Luiz, do Bar e Lanchonete BH:

“Antes, as garotas de programa subiam aqui perto do bar para vir atrás dos gringos que se hospedavam no Caesar Palace, que também vinham procurá-las”.⁵³

É no fim da década de 1980, porém, que os relatos da prostituição na rua ficam mais explícitos e recorrentes, principalmente através de crônicas nos jornais e retratações literárias e artísticas. A rua Augusta vira um terreno fértil para o encontro de escritores com personagens inusitados e diferentes, normalmente ligados ao mundo da ilegalidade e prostituição, e que ajudam o autor a refletir melhor sobre a cidade e seus habitantes. No conto “Pálpebras de neblina”, de Caio Fernando Abreu (ABREU, 18/11/1987), por exemplo, o autor ao subir a rua Augusta se depara com uma prostituta:

“Estava encostada na porta de um bar. Um bar brega - aqueles da Augusta-cidade, não Augusta-Jardins. Uma prostituta, isso era o mais visível nela. Cabelo malpintado, cara muito maquiada, minissaia, decote fundo. Explícita, nada sutil, puro lugar-comum patético. Em pé, de costas para o bar, encostada na porta, ela olhava a rua. Na mão direita tinha um cigarro; na esquerda, um copo de cerveja. E chorava, ela chorava.” (ibidem)

O choro da prostituta no bar faz o autor refletir sobre a situação em que ele próprio e seu país se encontra na época:

“Aquela prostituta chorando, além de eu mesmo, era também o Brasil. Brasil 87: explorado, humilhado, pobre, escroto, vulgar, maltratado, abandonado, sem um tostão, cheio de dívidas, solidão, doença e medo. Cerveja e cigarro na porta do boteco vagabundo: carnaval, futebol. E lágrimas. Quem consola aquela prostituta? Quem me consola? Quem consola você que me lê agora e talvez sinta coisas semelhantes? Quem consola este país tristíssimo?” (ibidem)

⁵³ Depoimento obtido em entrevista feita pelo autor em 11/01/2013.

[FIG. 125]
Cartaz de divulgação
de uma festa de
universitários da
Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo e da Escola
de Educação Física e
Esporte da Universidade
de São Paulo (FAU &
EEFE USP) promovida
na boate Dubai Café (rua
Augusta, 645) em 2004
Arquivo pessoal

O universo do “submundo” e da ilegalidade encontrado na rua Augusta passa a ser mais constantemente retratado pela arte, seja em formato de literatura, filmes, artes plásticas ou fotografia. Como exemplo, pode-se ver a exposição organizada pela pintora sueca Helena Rosén, em 1994, sobre os travestis na rua Augusta (O ESTADO DE S. PAULO, 14/11/1994); o filme “As belas da Billings”, de Ozualdo Candeias, de 1987, retratando *uma cidade de mendigos que expõem suas fendas, em trocas de alguns cruzados, de travestis seminus prostituindo-se na Rua Augusta, de camelôs e de gente solitária, infeliz* (*idem*, 13/02/1987); e a “Estratégia de Lilith”, novela de Alex Antunes, de 2001, sobre *suas incursões pela rua Augusta, seus relacionamentos com prostitutas e experiências místicas em rituais neo-xamânicos* (FOLHA DE S. PAULO, 20/07/2001). É interessante perceber que nas décadas de 1980 e 1990, a rua ganha força na arte e na mídia ao refletir a crise econômica e social que o país estava passando, contrastando com sua antiga imagem de prosperidade econômica e alto luxo.

A constante associação da rua ao universo do submundo e da prostituição na mídia e em representações artísticas ajudaram a dar uma grande exposição à deterioração e à ilegalidade de certas atividades que, a partir de 2000, passam a ser combatidas intensivamente pela Prefeitura dentro da bandeira da “revitalização” do espaço.

O cerco policial fechado às casas de prostituição e a crise no setor hoteleiro fazem com que diminua sensivelmente o número de frequentadores das boates de prostituição na rua, fazendo com que os imóveis de diversas delas fossem colocados à venda ou para aluguel. Começa a iniciar uma segunda “diáspora” no mercado de prostituição de luxo e as casas passam a se espalhar por outros bairros nobres. Alguns estabelecimentos, porém, a fim de aumentar a frequência da casa e atrair um novo público, passam a disponibilizar seus espaços para festas de jovens “modernos” e de universitários (*idem*, 13/02/2005), popularizando entre os jovens o ambiente das boates enquanto um espaço de festa descolada.

[FIG. 126]
Flyer de uma festa
de 2011 no Vegas
explorando o universo
estético da prostituição
Arquivo pessoal

Nesse mesmo período, em 2005, o clube Vegas abre nas proximidades da região onde se concentram os prostíbulos e passa a atrair para essa região da rua mais jovens frequentadores da vida noturna paulistana. A relação estabelecida entre as casas noturnas que passam a se fixar na região a partir de então tem duas principais consequências para a prostituição na rua.

Por um lado, ajudam a “glamourizar” o universo e a estética da prostituição, através da decoração exagerada, romantizada ou vulgar dos clubes, recorrendo a cores fortes, dourados, veludos, almofadas, lustres de cristal, etc, assim como à própria temática das festas promovidas em seu interior. O clube Vegas, por exemplo, de certa forma se integrava a esse universo através da utilização de elementos característicos de prostíbulos

em suas festas, como pode-se ver na promoção da festa de comemoração de um ano do clube, a “VegasFest”, que consistia na extensão da festa em outras cinco velhas boates da região⁵⁴ (O ESTADO DE S. PAULO, 02/06/2006). O Vegas também dava apoio e era receptivo às garotas de programa, como por exemplo promovendo a festa e o desfile da ONG “Davida” e sua grife de moda Daspu (*idem*, 12/04/2006), que parodiava uma conhecida loja granfina da cidade, que se utilizou da rua como passarela e do clube Vegas como boutique e espaço para a festa depois.

“Depois que as prostitutas param de trabalhar, algumas delas vão ao Vegas apenas para se divertir e soltar, de verdade, o corpo.” (FOLHA DE S. PAULO, 24/05/2006)

⁵⁴ A festa acabou não ocorrendo por falta de autorização da prefeitura. ESTADO DE S. PAULO. “Na Rua Augusta, uma festa que vale por cinco”. São Paulo. 02/06/2006. Página 11. Guia.

[FIG. 127]
Modelos da grife Daspu
no desfile que fizeram
no espaço da rua
Augusta
ESTADO DE S. PAULO.
“Daspu faz calçada
fashion na Augusta”.
São Paulo. 12/04/2006.
Página D12. Caderno 2

Outro exemplo é o Beat Club, de 2011, inaugurado no espaço de um antigo “inferninho”, que transforma a decoração de “cabaret” e o clima da antiga boate em uma de suas principais atrações (VEJA S. PAULO, 20/05/2011). Essa “glamourização” do universo da prostituição da rua Augusta aumenta a atratividade da região para o jovem e favorece a disseminação de mais casas noturnas na região, cada vez menos comercialmente identificadas ao negócio da prostituição, ainda que frequentemente marcadas pela tolerância e diversidade sexual.

Com efeito, a proliferação das casas noturnas e bares ajudou a acelerar o processo de evasão dos prostíbulos, ao trazer uma grande quantidade de jovens à rua que permanece cheia durante toda a noite, tirando grande parte da discrição esperada principalmente pelos clientes motorizados das garotas de programa, que ficam na calçada. Como consequência disso, as garotas de programa passaram a realizar o seu “trottoir” nas regiões envoltórias da rua Augusta, como as ruas Costa, Peixoto Gomide e Bela Cintra, ou até mesmo em outras regiões de São Paulo. Um exemplo curioso é a comparação do anúncio no jornal de serviço de acompanhante da “travesti Eduarda”, que em 2009 anunciava somente que

seu ponto era na “*rua Augusta. Centro*” (O ESTADO DE S. PAULO, 08/11/2009) e seu foco em *peessoas finas*. Em 2012, ela anunciava a discrição de seu ponto que agora é “*Px [Próximo] à Rua Augusta. loc. discr. [local discreto]*” (*idem*, 05/12/2012).

A valorização imobiliária na região tornou o aluguel e o valor dos imóveis ocupados pelas boates muito alto e visado por grandes incorporadoras interessadas em investir na região. Muitos espaços ocupados anteriormente pelos prostíbulos são então vendidos para outros investidores e, no caso de muitos, demolidos para que novas torres residenciais e comerciais comecem a ser erguidas no lugar.

Alguns espaços dedicados à prostituição ainda sobrevivem em meio às baladas juvenis, grandes terrenos em construção e enormes torres residenciais, mas vêem seus dias contados em função da especulação imobiliária em franco processo de expansão na área.

“*Em minhas previsões mais otimistas, a Augusta do entretenimento noturno masculino deve sumir em quatro anos*”, afirmou na última terça-feira Carlos Garcia, 46, há dez anos porteiro-poliglota da boate Maison, no centro de São Paulo” (*idem*, 12/10/2005)

3.2 Da Augusta-Centro ao Baixo-Augusta

A partir da década de 1970, o centro tradicional da cidade deixa de ter a exclusividade da centralidade lúdica e cultural que se espalha para outros bairros da cidade, porém, com uma maior incidência na região da Avenida Paulista e seus entornos. Esse processo se evidencia desde a transferência do Masp do Centro para a avenida Paulista em 1968 e o papel que seu espaço terá na vida cultural da metrópole, principalmente a partir da década de 1980 (FRUGOLI JR, 2000, p. 121). Equipamentos culturais, casas noturnas e shopping centers se espalham pelos bairros mais abastados da metrópole.

O fácil acesso a produtos culturais globais, em função do grande desenvolvimento de tecnologias da informação e da globalização, potencializa a diversificação de formas de lazer, diversão e cultura do jovem. Os estabelecimentos de lazer,

acompanhando esse processo, vão se diversificar e se concentrar em determinados espaços, constituindo *manchas*⁵⁵ de lazer que vão ser apropriadas por grupos sociais que compartilham códigos culturais e estéticos entre si (MAGNANI, 1996, p. 41). Estabelecimentos voltados para artistas e intelectuais, casas noturnas de “roqueiros” ou homossexuais e bares frequentados por motociclistas vão povoar a metrópole e atrair jovens que se identificam com os códigos dominantes nas diferentes territorialidades.

A rua Augusta vai, nesse contexto, ser apropriada por diferentes grupos sociais ao longo do tempo e servir de espaço para estabelecimentos de lazer voltados para diferentes tribos urbanas. A partir de 2005, porém, ela vai receber uma grande atenção midiática e social em função desses estabelecimentos e das diversas territorialidades que vai concentrar.

⁵⁵ As categorias utilizadas para a caracterização dos grupos e a forma em que se relacionam entre si e com a cidade têm como base as definições elaboradas por José Guilherme Cantor Magnani em suas obras e tão bem caracterizadas no livro “Na Metrópole: textos de antropologia urbana”. Neste caso, *mancha* se refere à áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam (...) uma atividade ou prática dominante (MAGNANI, 1996, p. 40), neste caso a prática do lazer.

3.2.1 Os motoqueiros e a paquera de rua

Apesar de muito da frequência da rua pelo público jovem durante o período da manhã e da tarde ter diminuído, a costumeira paquera “motorizada” durante os fins de semana à noite continuou por todo o período compreendido entre 1970 e 1990, principalmente no lado jardins da rua, mas também rumo às áreas que concentravam as prostitutas.

Se até o fim da década de 1960 o veículo preferido dos jovens que frequentavam a rua Augusta à noite é o automóvel, a partir de 1970 vai se tornar a motocicleta. Essa preferência é consequência de um aumento na produção nacional de motocicletas, motivada pela suspensão da importação em 1975, uma maior atenção social ao movimento dos motociclistas e sua popularização, com *cerca de 400 mil veículos de duas rodas* (O ESTADO DE S. PAULO, 05/10/1978) circulando na cidade em 1978. Com uma imagem social associada à violência e à rebeldia, construída pela indústria de cinema norte-americana⁵⁶ e reforçada pelas disputas de “rachas” e a ação de alguns, os motociclistas eram alvos constantes de reclamações nos jornais e de repressões e ações proibitivas por parte da polícia e da prefeitura. Até 1976 tinham como seu *pedaço*⁵⁷ o parque do Ibirapuera, onde se utilizavam das vias internas para dirigir, fazer manobras, se divertir e conhecer novas pessoas.

“Segundo eles [os motociclistas], quando o Ibirapuera estava aberto o dia inteiro, era um ponto de encontro e ninguém saía de lá antes das 4 horas da manhã” (ibidem)

Em 1976, a Prefeitura resolve proibir o acesso de carros e motos à noite e no fim de semana em função das reclamações e *por entender que nos fins de semana, o Ibirapuera é do povo que anda a pé* (idem, 18/08/1976). Privados do espaço do parque, muitos motociclistas passam a se reunir à noite na rua Augusta que, além de alguns carros que circulam por ali, vira um ponto de encontro dos motociclistas. Apesar de circularem por toda a rua, concentravam-se em dois principais espaços:

“Algumas fazem “ponto” em frente ao Well’s, entre a Luiz Coelho e a Avenida Paulista(...). São eles, na linguagem da Augusta, os “moleques” ou “duros”, certamente os mais agressivos e os que fazem também as maiores loucuras com motos, cuja potência varia de 125 a 500 cilindros. (...) No “Postinho”, na rua Estados Unidos, a idade dos motoqueiros é acima dos 25 anos. Ali predominam os “responsáveis”, chamados pelos demais de “refrigerados” ou “burgueses”. Estes utilizam motos de 500 a 1200 cilindradas, só frequentam o local às sextas e sábados e são bem mais tranquilos, limitando-se a bebericar um uísque e rever amigos.” (idem, 01/06/1980)

Como se pode ver, mesmo dentro do grupo de motoqueiros que frequentava a rua, existiam diferenças sociais e comportamentais e subgrupos que conviviam no espaço da rua. A rua era o palco de exibições da habilidade do motorista e da potência da moto, onde eram comum as disputas de rachas e a execução de manobras e formações em grupo com as motos.

A paquera se dá de uma forma diferente que àquela dos anos 60, praticamente de forma invertida, na qual as garotas circulam pela rua com seus carros e os garotos esperam parados nas guias da rua. Quando se interessavam por uma garota em específico, montavam em suas motos e tentavam interceptá-la no trânsito para iniciar a conquista.

A concentração de motociclistas na rua atraía também a presença de curiosos, que iam para a rua assistir suas estrepolias, e de garotas prostitutas que ofereciam seus serviços para os motociclistas. O barulho dos canos de escape e as estrepolias dos motoqueiros incomodavam constantemente os moradores da região que reivindicavam da prefeitura uma maior fiscalização da rua à noite que, de acordo com moradores, não acontecia *para não criar problemas com os “pais dos garotos”* (ibidem), membros da elite paulistana.

A partir da metade da década de 1980, porém, jovens das classes populares vindos principalmente de zonas periféricas da cidade também passam a se apropriar do espaço da rua para a paquera e diversão. Aos poucos, os jovens de classes mais abastadas passam a migrar da rua Augusta e vão em busca de diversão em estabelecimentos fechados nos Jardins, além de outros bairros da região sudoeste (JORNAL DA TARDE, 11/08/1989). A rua, espaço até então predominantemente apropriado por jovens da elite, passa a se tornar uma área de diversão e passeio usufruída por jovens de classes médias e

[FIG. 128]
Foto retratando a paquera motorizada na rua Augusta. Não se sabe a data exata mas estima-se que seja da década de 1970 QUATRO RODAS. “Augusta nos anos 60 e 70”. São Paulo. Dezembro/2011. Disponível em: <http://quatrorodas.abril.com.br/reportagens/augusta-anos-60-70-651765.shtml> Acesso em: 17/02/2013

populares. A paquera acontecia de forma similar à anterior, mas vai enfrentar uma opinião mais preconceituosa da mídia:

(...) a rua Augusta passou a ser invadida pelos meninos da zona Leste. Principalmente, partir do momento em que o Brasil começou a fabricar motos de 125 cilindradas, que podem ser “adquiridas por qualquer um” (ESTADO DE S. PAULO, 01/06/1980)

Apesar de já existir de outra forma desde o começo da paquera na rua, a “violência” e o “vandalismo” no comportamento dos jovens na rua passam a ser reforçados na mídia e retratados como algo novo, resultante da nova ocupação.

A tradicional paquera na rua Augusta que embala jovens há três décadas, continua, mas com uma novidade: o vandalismo para impressionar as meninas que recusam as investidas (idem, 01/05/1993)

⁵⁶ Muitos ídolos jovens da época, representando jovens rebeldes, eram retratados em filmes tinham como seu veículo principal a motocicleta, além de estarem associados à gangues e grupo de vândalos. O grupo criminoso Hell’s Angel, composto por motociclistas, ajudou a contribuir com essa imagem.

⁵⁷ Pedaço, conforme definido por Magnani, se refere a uma região, que serve como ponto de referência para o grupo social em questão, onde os frequentadores não necessariamente se conhecem (...) mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes. (MAGNANI, 1996, p. 39).

3.2.2 Os espaços culturais: teatros e cinemas

Visando principalmente as garotas que passavam, os jovens cometiam estrepolias com os carros que passavam ou estavam estacionados na rua, desde espirrar *extintor de incêndio*, *creme de barbear* ou *pasta de dentes no vidro dos automóveis das gatinhas* (*idem*, 19/08/1990) até virar carros estacionados de ponta cabeça, balançarem carros com garotas dentro e desencanaixar os fios do troleibus (*idem*, 20/03/1991). Diferentemente de seus antecessores, esses jovens vão enfrentar uma repressão policial mais forte e uma fiscalização da rua maior, prendendo e advertindo vários grupos. A “paquera motorizada” vai, então, diminuir significativamente na segunda metade da década de 1990 e vai se reconfigurar com a ascensão do lazer noturno do chamado “Baixo Augusta” em 2005.

A reapropriação inicial por meio do lazer pela classe média e pela elite da rua Augusta, principalmente de seu lado central, se deu por pessoas que buscavam ali atividades culturais e artísticas fora do circuito comercial ou dos shopping centers. A concentração de equipamentos culturais como cinemas e teatros, em sua maioria já existentes na rua antes da década de 1970, foram fundamentais para a reocupação e a vitalidade noturna da rua. Por mais que os equipamentos culturais não impliquem necessariamente em uma apropriação efetiva da rua e de seus arredores, observa-se que no caso da rua Augusta ela foi fundamental na criação da mancha de lazer existente na rua até hoje.

O Bairro da Bela Vista, na segunda metade da década de 70, já posicionava-se como um dos principais pólos teatrais e culturais da cidade, tendo em 1976, 12 teatros funcionando (ESTADO DE S. PAULO, 19/03/1976) e uma intenção deliberada da prefeitura em tornar a Bela Vista *no bairro teatral de São Paulo* (*ibidem*). A rua Augusta, localizada em uma região limítrofe entre a Bela Vista e a Consolação, também seguiu essa tendência, recebendo alguns teatros instalados na própria rua e suas proximidades e parte do público boêmio frequentador dos restaurantes e bares da região. Para ilustrar o perfil das casas de espetáculos que se fixam na região da rua Augusta, escolheu-se retratar quatro teatros: Teatro Cultura Artística, Teatro Record, Teatro Auditório Augusta e o Auditório ALS (antigo instituto Goethe).

O primeiro teatro instalado na região foi o Teatro Cultura Artística em 1950, com projeto de Rino Levi, na rua Nestor Pestana, quase na esquina com a praça Roosevelt (SERRONI, 2002, p. 186). O teatro, desde sua inauguração, contava com 2 salas de espetáculos, *a Esther Mesquita*, com 1158 lugares, e *a Rubens Sverner*, para 338 pessoas (*idem*)

e ficou aberta somente até 1955, quando após problemas financeiros da sociedade artística que o administrava foi alugado para a Tv Excelsior até 1966 (ESTADO DE S. PAULO, 25/09/1977). Só em 1977, porém, após sucessivas reformas foi reinaugurado e passou a receber novamente uma grande quantidade de público, em especial o público jovem universitário (*idem*, 23/08/1979).

O Teatro Record, após o incêndio na antiga sede do teatro na rua da Consolação e um breve período no centro, inaugura sua sede na rua Augusta, 973, em setembro de 1969, no local do antigo cinema Regência (*idem*, 23/09/1979). No palco desse teatro que eram gravados os

programas de auditório da Tv Record, inclusive os famosos festivais de Música Popular Brasileira, nos quais cantores como Chico Buarque e Caetano Veloso faziam apresentações. O teatro também recebia eventos como cerimônias de entrega de prêmios e grandes shows com cantores nacionais e internacionais.

Ao que tudo indica, o teatro deixa de funcionar em 1973⁵⁷, dando espaço em 1986 ao Teatro Acrópolis, um espaço que agregava diferentes usos como boate, casa de shows, restaurante e uma academia de ginástica (*idem*, 23/10/1986). O espaço durou apenas dois anos e reuniu um público de pessoas “modernas” e homossexuais na casa (*ibidem*).

[FIG. 130]
Fachada do prédio do
Antigo Teatro Record,
atualmente a Faculdade
das Américas
Foto tirada pelo autor
em 2013

FIG. 129
Anúncio do teatro
Record na rua Augusta
ESTADO DE S. PAULO.
“Tv Record Canal 7”.
São Paulo. 28/09/1969.
Página 11

⁵⁷ Intui-se isso a partir da pausa nas menções nos jornais relativas a esse teatro e por algumas informações obtidas em alguns sites na internet.

[FIG. 131]
Fachada do Teatro
Augusta atualmente
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 132]
Frame do filme “Esta
rua tão Augusta” de
Carlos Reichenbach em
1968 retratando a placa
do espaço em que era
estabelecida a casa de
Goethe

O teatro Auditório Augusta (rua Augusta, 943) é fundado por Luis Sérgio Person (*idem*, 08/10/1976), em 1973 (*idem*, 10/04/1998) e recebia uma programação, aparentemente, eclética recebendo tanto peças voltadas para uma elite cultural, como a peça do argentino Carlos Malthus “Lição de Anatomia” em 1975 (*ibidem*) e “El Grande”, como peças infantis e de comédias voltadas para um público mais amplo, como “Crimes delicados” de José Antônio de Souza em 1977 (*idem*, 10/09/1977).

O teatro vai permanecer aberto durante toda a década de 1980 e fecha em 1994, por falta de público, porém reabre em 1998, com o nome de Teatro Augusta e uma proposta de tornar-se, de acordo com o diretor do espaço, Joaquim Goulartt, uma *teatro de referência e um grande estímulo para a revitalização dessa área esquecida da cidade* (*idem*, 10/04/1998).

Em 1963 (*idem*, 25/08/1963), inaugura-se a Casa de Goethe (rua Augusta, 1470), um espaço cultural que vai abrigar em seu auditório exposições, palestras, sessões de cinema e de teatro, de preferência que tenham como temática a cultura alemã. Até por sua proposta, a casa vai receber atividades culturais “alternativas” e experimentais.

Ao que tudo indica a Casa de Goethe é fechada na década de 1980 e em 1986 é aberto o Auditório ALS no lugar, exibindo peças de teatro, de um perfil mais comercial e popular⁵⁸.

Outro tipo de estabelecimento, voltado para esse público alternativo e intelectualizado, que passa a proliferar na rua Augusta pela década de 1990 e continua forte até hoje é o cinema de arte. Alguns desses cinemas passam, inclusive, a se estabelecer no espaço de teatros que fecharam suas portas na rua, como o Cineclube Elétrico, e o espaço anexo do Espaço Banco Nacional de Cinema, no lugar do Auditório ALS. Como já explicado⁵⁹, a conversão de antigos cinemas de rua em cinemas de arte tornou-se uma estratégia comum de combater a crise de público que o cinema enfrentava na década de 1960. Os cinemas que surgem na década de 1990, porém, posicionam-se não somente como espaços de exibição de filmes de arte, mas sim como espaços culturais e associativos, com diversas atividades que ajudarão a instruir e entreter de forma mais completa seu público.

Após a restauração da democracia no Brasil, o movimento de cineclubes passou por uma nova fase de adaptação *por parte daqueles cineclubistas que estavam interessados em fazer um trabalho verdadeiramente cultural* (MIRANDA; RAMOS, 1997, p. 130). Alguns cinemas se profissionalizaram, com melhores equipamentos, e inspirando-se na bem sucedida experiência do Cineclube Bixiga, abriram suas portas. O cineclube elétrico foi um deles.

Em 1990, o Cineclube elétrico abre no imóvel já ocupado pelo antigo cine Regência e o teatro Record no número 973 da rua Augusta (O ESTADO DE S. PAULO, 26/01/1990). A fim de atrair um público maior para participar do cineclube, o estabelecimento resolveu investir numa melhoria técnica acústica grande (*idem*, 26/01/1990). Se propunha também a incentivar a produção nacional, realizando mostras e

festivais e oferecer cursos e oficinas de formação técnica na arte do cinema. Além de duas salas principais (de 350 e 150 lugares) e outras duas menores de caráter experimental, o Elétrico se propunha a expandir a experiência com uma vídeo-locadora focada em vídeos independentes, um bar e uma livraria com títulos de *cinema, quadrinhos, camisetas, fotos e pôsteres (ibidem)*. Ainda em 1990, o cineclube fechou um acordo com a produtora de filmes de arte Pandora filmes, no qual passa a ter duas salas voltadas a lançar exclusivamente produções *destinadas ao segmento mais sofisticado do público - aquele que se acostumou a entrar em sintonia com as tendências mais avançadas da cinematografia mundial através da Mostra (idem, 09/08/1990)*. Apesar de ter um papel de vanguarda artística, o cineclube enfrentava problemas com o aluguel do espaço e, mesmo com a tentativa da prefeitura de Luisa Erundina em desapropriar o prédio decretando-o de utilidade pública, o cinema é obrigado a fechar suas portas em fevereiro de 1994, uma vez que a gestão do prefeito Paulo Maluf resolveu revogar o decreto instaurado pela antiga prefeita (*idem*, 24/12/1993).

Visando o mesmo público cinéfilo, o Espaço Banco Nacional de Cinema abre em 1993 no espaço do antigo cinema Majestic (rua Augusta, 1475). Fruto da recém-implantada Lei Rouanet (datada de 1991), o espaço patrocinado pelo Banco Nacional, conforme declarado, buscava incentivar as produções nacionais de cinema e filmes fora do circuito comercial (*idem*, 07/10/1993). Logo na inauguração o espaço recebeu a V Mostra Banco Nacional de Cinema e posteriormente vai receber a Mostra Internacional de Cinema. Desde a inauguração, o espaço se propunha a ser um espaço multímedia, *aberto a diferentes formas de expressão artística: cinema, teatro, vídeo, artes plásticas (idem, 17/07/1993)*, além de já contar com uma livraria voltada para títulos cinematográficos.

⁵⁸ Presumido a partir da observação das peças que se passavam nesse teatro anunciadas nos jornais.

⁵⁹ No capítulo anterior, explica-se bem sobre como nasceu o conceito de cinema de arte na rua.

[FIG. 133]
Fachada do edifício do
Espaço Itaú de Cinema
Foto tirada pelo autor
em 2013

Já em 1994, a rua Augusta é considerada um circuito do “cinema-cabeça” em São Paulo (FOLHA DE S. PAULO, 25/01/1994), contando com o cine Bijou na praça Roosevelt e o Vitrine e o Cinesesc no seu lado Jardins, além do espaço Banco Nacional e o Cineclub Elétrico, já citados.

Com o fechamento do Elétrico em 1994, o público de cinema de arte, do lado central da rua, passa a se concentrar nos outros cinemas da rua, mas especialmente no Espaço Banco Nacional, que ganha força nessa época. O Espaço vai se expandir a partir de 1995, então, com a compra do antigo Auditório ALS, fundando o Espaço anexo do Banco Nacional de Cinema (O ESTADO DE S. PAULO, 15/11/1994), com mais duas salas, uma sala de exposições e um café que logo vai se tornar ponto de encontro de cinéfilos (*idem*, 17/05/1995). Em 1995, o espaço é comprado pelo Banco Unibanco e vira Espaço Unibanco (FOLHA DE S. PAULO, 28/12/1995), mantendo a mesma programação de antes. Em 2012, em função da compra do Unibanco pelo Banco Itaú, o Espaço muda novamente

de mãos, passando a se chamar “Espaço Itaú de Cinema”, além de receber uma reforma em seu espaço interno.

Esses cinemas de arte, além de trazer à rua cinéfilos, cineclubistas, roqueiros, artistas, intelectuais, estudantes e idosos (a instituição da meia entrada é dessa época) e um público de cultura, os incentivava a permanecer por mais tempo no espaço oferecendo outras opções de entretenimento e atividades como cafés, restaurantes, livrarias e exposições. Esse público vai circular não somente nos foyers desses cinemas, em geral abertos para a via pública, mas também em suas proximidades em busca de outras opções de lazer e alimentação, antes ou depois das sessões de cinema. Essa circulação vai aquecer o mercado de comércio, alimentação e lazer da região que vai tentar atrair esse público para seus estabelecimentos, re-estruturando principalmente a região envoltória do Espaço Unibanco de Cinema⁶⁰.

Outra forma de ocupação do meio artístico que teve uma influência urbanística grande na

⁶⁰ A forma que a influência se deu nos estabelecimentos envoltórios vai ser analisada em um próximo subcapítulo.

região foi a mancha de teatro “alternativo” na praça Roosevelt que começa a se formar na década de 2000⁶¹. A praça Roosevelt, apontada como “perigosa” e “deteriorada” na década de 1990 pelos jornais, recebe em 2000 a sede e o café-concerto da companhia de teatro Satyros, com o intuito de oferecer um espaço de qualidade para São Paulo e um ponto de encontro e contato entre os artistas daqui e de fora” (O ESTADO DE S. PAULO, 28/11/2000). A companhia se posicionava como uma companhia independente e suas peças tinham uma linguagem ousada e crítica. O Espaço Satyros, além do espaço teatral, contava também com um bar com mesas na calçada, onde atores e espectadores podiam descontrair após os espetáculos.

A praça já contava com alguns teatros que já haviam se estabelecidos anteriormente, como o Studio 184 em 1997 e o Cineteatro de arte Recriarte Bijou em 1999, porém é somente após a apropriação dos Satyros que a mídia passa a chamar a atenção para uma “revitalização” da praça promovida pela mancha de pequenos teatros que se forma na região (O ESTADO DE S. PAULO, 18/09/2002). A aglomeração de teatros na mesma calçada e a apropriação noturna por bares e botecos ajuda a garantir a segurança dos passantes e beneficia não só os teatros mas o comércio envoltório, que passa a receber parte dos frequentadores dos teatros.

A partir de 2002, como forma de comemoração do aniversário da companhia, o grupo Satyros resolve realizar uma “virada teatral” intitulada “As satyrianas”. O evento consistia em apresentações de teatro ininterruptas durante 78 horas no espaço aberto da praça Roosevelt (O ESTADO DE S. PAULO, 18/09/2002), reunindo grupos e companhias de teatro diferentes. Desde então a companhia passa a ter um papel ativo na reflexão sobre a praça Roosevelt, através das temáticas de suas peças, na integração com os atuais frequentadores e moradores da praça e na manutenção da iluminação e segurança do espaço. Um exemplo disso, é a inclusão de uma transsexual frequentadora

⁶¹ É interessante apontar que é nessa mesma década que o cerco policial frente ao comércio ilegal e às casas de prostituição se fecha, em função de uma tentativa de “revitalização” da região.

da praça em seu elenco (O ESTADO DE S. PAULO, 24/09/2004) e a peça “A vida na praça Roosevelt”, parte de uma trilogia que repensa essa região da cidade, promovida pelo grupo em 2005.

É uma representação do entorno dos Satyros, mas certamente não uma contemplação do próprio umbigo. Pelo contrário, os materiais e situações que convergem para a cena podem referir-se a qualquer metrópole do planeta. Aqueles que perderam seu trabalho, pessoas segregadas em razão do comportamento sexual, bandidos e os desmoralizados mantenedores da lei são figuras que o conceito moderno de cidade exila sem afastar. (O ESTADO DE S. PAULO, 30/09/2005)

Novos teatros na rua abriram e a vida noturna da rua, através de bares em sua maioria com mesas nas calçadas, intensificou-se e somando seus esforços com a intensificação do lazer noturno na rua Augusta a partir de 2005 transforma-se em um espaço de alta movimentação noturna. A nova ocupação da rua passa a potencializar a valorização imobiliária em seus arredores que, acelerada pela enorme reforma que a praça vai passar em 2012, começa a afetar o valor dos aluguéis dos próprios espaços de arte, comércio e moradia, fazendo alguns que não conseguem arcar com o preço elevado saírem e novos estabelecimentos com um perfil mais elitizado abrirem na rua (O ESTADO DE S. PAULO, 04/12/2012).

3.2.3

As casas noturnas e os “bares-balada”

Apesar de já frequentada por grupos sociais diversos, no início do século XXI a rua Augusta ganha visibilidade midiática e um fluxo maior de jovens circulando na rua sobretudo a partir de 2005, com o estabelecimento da casa Noturna Vegas na região. Já iniciada com o fechamento de diversas boates de prostituição em 2000, a pretendida “revitalização” do espaço ganha corpo no sucesso das casas noturnas e é divulgada com exatidão pelos jornais da época. A região é então apelidada de “Baixo Augusta” e logo identificada como um pólo de diversão noturna de diferentes grupos sociais jovens.

A partir da década de 1990, algumas casas noturnas se fixaram em ambos os lados da rua de forma mais esparsa, focadas em estilos musicais específicos⁶² e com um perfil de público bem definido (comumente chamados nos jornais de “tribos”). Apesar de haverem algumas exceções, o lado Jardins recebia casas noturnas mais caras e focadas no estilo musical eletrônico⁶³ e o lado Centro recebia casas noturnas mais acessíveis, com uma estética “underground” onde predominava o rock and roll como estilo musical. Para exemplificar as casas noturnas do lado Jardins, escolheu-se as casas Ursa Maior e Columbia, enquanto para exemplificar as casas do lado Centro, escolheu-se as casas Der Tempel, Outs e Sarajevo.

A danceteria “Ursa Maior” (rua augusta, 2203) foi aberta em 1993 e ficou aberta por 2 anos. Era focada no estilo musical eletrônico para o público denominado de “clubber” (O ESTADO DE S. PAULO, 10/12/1993) e estava localizada em uma loja na galeria América, que já abrigou a casa noturna Nation e outras na década de 1960. A casa era focada em um público de alto poder aquisitivo,

o que se refletia na decoração da casa e na seleção “criteriosa” das pessoas permitidas a entrar em seu interior pelos porteiros.

Longe da denominação de serem apenas as pessoas que “ficam na porta”, eles ajudam a dar a cara da casa. São responsáveis por liberar a entrada de quem tem que ter a entrada liberada, tiram descolados da fila, fervem e, (...) até impedem a entrada se a pessoa não estiver “de acordo” (FOLHA DE S. PAULO, 10/12/1993)

A casa noturna Columbia (em um casarão antigo na esquina da rua Estados Unidos e rua Augusta), aberta em 1991, também apostava em um público de alto poder aquisitivo que gostava de música eletrônica. Além de selecionar o público que entra, como a Ursa Maior, a casa noturna investia em diferentes atrações dentro da casa, como uma galeria de arte, restaurantes refinados e bares, além da danceteria (O ESTADO DE S. PAULO, 30/11/1991). Uma de suas atrações de maior fama era o “after-hours” Hell’s Club⁶⁴, voltado para o público *clubber*, que começava às 4h30 e durava durante toda a manhã tocando música eletrônica (FOLHA DE S. PAULO, 09/09/1995).

No lado Centro, o Der Tempel (rua Augusta, 281), inaugurado em 1992, vai dedicar-se ao rock e, em contraposição ao universo “clubber” dos Jardins, vai concentrar diversos subgrupos diferentes do rock com códigos estéticos específicos.

“Todas as tendências do rock estão lá. Do rockabilly ao eletronic body music. Do trash metal ao cyber punk. Para os frequentadores do Der Tempel, no entanto, não é só a música que conta. O guarda-roupa também é importante. E cada tribo tem seu jeito de se vestir” (idem, 21/05/1992)

A boate logo virou referência nos jornais como ponto de encontro de grupos roqueiros diferentes, como do “grunge”, inspirado na banda Nirvana, e dos góticos. A casa noturna teve vida curta e finalizou suas atividades em 1993.

O Outs (rua Augusta, 486), por sua vez, cujo primeiro registro nos jornais data de 2003 e é referido como “*oficina*” cool (idem, 13/08/2003), focava-se na apresentação de bandas independentes de rock, além de também conduzir cursos e palestras com a temática do rock (idem, 08/03/2004). O Outs continua em funcionamento na rua Augusta até hoje.

A casa noturna Sarajevo (rua augusta, 1385) teve uma origem diferente das casas noturnas anteriores. Em 2002, o Sarajevo era um sebo chamado “Internet Point”, que se propunha ser um espaço cultural que, além da venda de livros usados, abrigava um atelier, um espaço para o uso da internet e virava espaço para ouvir música ao vivo, ou mesmo música eletrônica (idem, 31/05/2002). Potencializado pelo público frequentador do Espaço Unibanco, o espaço em 2004 transforma-se no

[FIG. 134]
Fachada do estabelecimento Outs durante à noite
Foto tirada pelo autor em 2013

“Sarajevo Internet Point” e, finalmente, em 2005 “Bar sarajevo”, passando a receber também peças de teatro menores e funcionar como uma casa noturna dedicada ao “samba-rock” e outras vertentes de música brasileira.

Outro projeto de rock na região que merece destaque é a festa *Grind* alocada no clube GLS “A Lôca” (rua Frei Caneca, 916) desde maio de 1998, que se focava nas vertentes do rock, reunindo homossexuais e heterossexuais aficionados por rock (VEGA, 2008, p. 83). A festa, existente até hoje, conduzia performances de transformistas e mantinha uma revista “a Grindzine” com matérias e novidades relacionadas à festa. A casa noturna foi decisiva no processo de ocupação da rua Frei Caneca e adjacentes pelo público homossexual, sendo considerada já em 2003, um “*point GLS*” (FOLHA DE S. PAULO, 22/06/2003). Esse público, que já frequentava os bares e estabelecimentos da região, passou também a frequentar as casas noturnas da rua Augusta, sendo decisivo para o sucesso dos clubes que se instalaram a partir de 2005 na rua.

⁶² Por mais que variassem de “sub-estilos”, raramente variavam de estilo musical. Por exemplo, uma casa poderia tocar diversas vertentes do rock, porém raramente tocavam algo que não fosse rock.

⁶³ A boate Nation é a grande exceção pois era uma casa voltada para o Rock, com uma estética mais underground e com uma proposta que visava receber diversos grupos diferentes.

⁶⁴ Posteriormente, com o fechamento do clube, essa festa vai tornar-se itinerante e será abrigada pelo Vegas.

Em 2005, já com uma ocupação prévia de algumas festas universitárias organizadas nas boates e algumas casas noturnas, a casa noturna Vegas (rua Augusta, 765), de propriedade de Facundo Guerra e José Tibiraça, chega na região com um conceito diferente. A casa, com uma estrutura maior que a das casas já existentes, reunia grupos sociais jovens em diferentes noites dedicadas a estilos musicais específicos.

Projetos experimentais serão o principal foco das terças-feiras. Já às quartas, a casa contará com uma noite de jazz e convergências, com Daddy Cool e convidados. Não poderia faltar uma noite de rock, então na quinta o Vegas abre suas portas para as guitarras, sempre com banda e discotecagem na mesma linha. Às sextas, o jornalista Jackson Araújo assume as pickups da casa, tocando “electro-punk-funk-whatever”. Sábado, as festas são mensais, alternando entre o dub dos Chakas e os grooves de samba de alguma DJ carioca das noites da Urca (TRAMA VIRTUAL, s.d).

Essa diversidade de públicos pode ser vista na intenção da festa de comemoração de 1 ano da casa, o “Vegasfest”, que planejava ter como espaço, além da casa noturna Vegas, os prostíbulos vizinhos, cada um especializado em um tipo de música e público.

Na sauna Balneário (R. Augusta, 783) deve se reunir o pessoal da noite Rock Fellas, dedicada ao rock independente. (...) Na Nova Babilônia (R. Augusta, 781), os Djs vão tocar fun carioca, miami bass e breaks. (...) A turma do hip hop, que se reúne normalmente às terças no Vegas, ocupa o café Paris (R. Augusta, 757). (...) O público GLS, clubbers e modernos estarão concentrados no Blue Night (R. Augusta, 753) para ouvir house e eletro (...). (O ESTADO DE S. PAULO, 02/06/2006)

O sucesso do Vegas chamou a atenção de outros empresários da noite paulistana que resolveram instalar casas noturnas focadas em diferentes estilos musicais ao longo da rua, como o Inferno e o Studio SP, além de novos investimentos dos mesmos donos do Vegas, como o Z Carniceria em 2009 e o Bar e Antiquário Caos em 2011.

A região da rua Augusta, lado central, reunia características ideais para a instalação das casas noturnas. Em primeiro lugar, já reunia em 2005 uma vasta oferta de atividades culturais nos seus entornos, como teatros e cinemas, além de uma pequena ocupação prévia de casas noturnas voltadas para o rock. A região, principalmente nos arredores da rua Antônio de Queiroz tinha uma oferta grande de estabelecimentos por um preço acessível como boates e lojas que haviam migrado da região. A região ainda era servida por uma grande oferta de transporte público, como metrô e ônibus, além de já ter instalados por toda a rua diversos estacionamentos. Em comparação com os outros bairros boêmios como a Vila Madalena e, mais recentemente, a Barra Funda, a região concentrava em uma única rua diversos estabelecimentos de lazer que se estendia para as ruas adjacentes, como a rua Frei Caneca que reunia o público homossexual.

A região teve então duas grandes ondas de ocupação das casas noturnas. A primeira, logo após o estabelecimento do Vegas, entre 2006 e 2008, quando se estabeleceram o Inferno (rua Augusta, 501), em 2006; o Club Noir (rua Augusta, 331), em 2007; e o The Pub (rua Augusta, 576), o Studio SP (rua Augusta, 591), Studio Roxy (rua Augusta, 430) e o Bar do Netão (rua Augusta, 822),⁶⁵ em 2008. A segunda onda pode ser definida entre 2009 e 2012, quando se estabeleceram o Dex Bar (rua Augusta, 520) e o Bar Z

Carniceria (rua Augusta, 934), em 2009; o Comitê Club (rua Augusta, 609), em 2010 substituído pelo Beco 203, logo em 2011; a The Society (rua Augusta, 353), Lab Club (rua Augusta, 523), Bar Caos (rua Augusta, 584) e o Beat Club (rua Augusta, 625), em 2011; e o Astronete (rua Augusta, 339), Mono (rua Augusta, 480), Blitz Haus (rua Augusta, 657) e Fordiesel (rua Augusta, 822A), em 2012⁶⁶.

Afim de exemplificar o perfil dos clubes que vão se fixar na região, escolheu-se analisar três casas que ilustram a diversidade de propostas na região: Studio SP, Bar do Netão e Bar Caos.

O Studio SP, de propriedade de Alexandre Youssef, era originalmente na Vila Madalena e era dedicada ao reconhecimento e difusão de talentos musicais brasileiros (FOLHA DE S. PAULO, 28/05/2008), concentrando de dia exposições e palestras e à noite uma pista de dança com shows e DJs. Ainda de acordo com Youssef, a Vila Madalena por volta de 2008, deixou de concentrar artistas e produtores de vanguarda (ibidem), o que motivou a migração da casa para a rua Augusta, onde eles estavam concentrados, além de um público “alternativo” que já frequentava as baladas da região. Com uma inspiração na arte de rua e nos “inferninhos” característicos da Augusta, o galpão do Studio SP é inaugurado com stickers “lambe-lambe” na fachada do imóvel e uma atmosfera mais urbana que o antigo estabelecimento na Vila Madalena (O ESTADO DE S. PAULO, 06/06/2008), mas ainda dedicando-se a shows de novos artistas da música brasileira. Dedicava-se, também, a projetos de cunho político e social, como o projeto *Studio SP incentiva*, que ajudava a arrecadar fundos para produções culturais (idem, 25/09/2009), e os debates sobre política promovidos em 2009 (idem, 15/10/2009).

[FIG. 135]
Fachada da casa noturna Studio SP. É possível observar a enorme fila na frente do estabelecimento
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 136]
Interior da casa noturna Studio SP, no momento em que acontece um show.
A Foto foi tirada por volta do ano de 2012 e disponibilizada na internet no website Flickr.
Disponível em <http://www.flickr.com/photos/foradoeixo/> Acessado em: 17/02/2013

⁶⁵ Possivelmente, o bar do Netão estava aberto até antes dessa data, porém, em 2008 passa a atrair o público jovem com festas que eram conduzidas em suas dependências, como a Posh iniciada em 2008.

⁶⁶ As datas de inauguração das casas noturnas foram obtidas a partir de reportagens e informações obtidas na Internet. Algumas datas que não foi possível obter com precisão foram presumidas a partir de quando começa menções a elas nos jornais.

[FIG. 137] (AO LADO)
Festa de despedida do
bar do Netão em 2013.
Em destaque está o bar
embaixo e a pista da
casa noturna Fordiesel
Arquivo pessoal

[FIG. 138] (ABAIXO)
Festa de despedida do
bar do Netão. É possível
ver no destaque a
grande quantidade de
pessoas ocupando o
espaço das calçadas
Arquivo Pessoal

[FIG. 139]
Flyer do evento
“Voodoohop”
promovido no bar do
Netão em abril de 2009
Arquivo Pessoal

O Bar do Netão, por sua vez, era um boteco como outros na rua, com mesas na calçada e cerveja de garrafa, porém a partir de 2008 algumas festas independentes, como a Posh! e a Voodoohop, passam a aglomerar muitos jovens “modernos” no estabelecimento. O estabelecimento contava com uma estrutura simples, com um bar pequeno na entrada e uma pequena pista aos fundos, porém chamou a atenção com uma proposta de festa diferente das que acontecia na rua: a entrada à pista de dança e ao bar era franqueada a todos e a maior parte dos frequentadores ficavam do lado de fora bebendo, conversando e transitando entre os diferentes bares da região. O espaço da rua era a principal atração do bar e entre 2009 e 2010 era uma das regiões onde mais se concentravam pessoas nas calçadas. Em função da especulação imobiliária, o bar anuncia seu fechamento em fevereiro de 2013 (RG VOGUE, 29/01/2013). [FIG. 138 E 139]

Por último, o Bar Caos foi lançado em 2011 em parceria entre José Tibiraça, antigo dono do Vegas, e Netão, dono do bar do netão, e adota um modelo de “bar-balada”, que se popularizou na rua a partir de 2009. Até às 23h o espaço funciona como uma loja de antiguidades, logo depois, serviços de bar começam a funcionar, servindo drinques e petiscos e um DJ toca músicas na pequena pista (FOLHA DE S. PAULO, 14/07/2011). O proprietário Tibiraça, a partir de 2012, resolveu apostar na concentração e integração entre as casas da rua e passou a promover a festa “Tibira tranca rua”, onde os participantes em posse de uma pulseira podem transitar por diferentes casas noturnas.

[FIG. 140] (ACIMA)
Foto da frente do Bar
Caos com uma grande
movimentação de
pessoas na frente
Foto tirada pelo
autor em 2013

[FIG. 141] (AO LADO)
Flyer do evento “tibira
tranca rua” promovido
em dezembro de 2012
Arquivo Pessoal

É interessante observar que até o fim da primeira onda a maioria das casas noturnas se concentravam nas proximidades do Vegas, a partir de 2009, essa ocupação começou a se expandir tanto em direção ao centro quanto em direção à avenida Paulista, aumentando a mancha de lazer noturno da rua Augusta.

Outra questão interessante de notar é que a intensificação de investimentos em novas casas noturnas após 2009 coincide com um aumento do reconhecimento midiático e social da rua Augusta enquanto mancha de lazer noturno jovem na cidade. Um exemplo de grande repercussão de como a região foi tratada na mídia é a reportagem publicada no jornal New York Times sobre a rua Augusta em 01/04/2009, intitulada “Crazy Nights in São Paulo” (NEW YORK TIMES, 01/04/2009) (“Noites Loucas em São Paulo”)⁶⁷. A reportagem sinalizava a diversidade de atividades e estabelecimentos dedicados a diferentes estilos musicais e a diversificação de grupos sociais convivendo na mesma rua.

*Well into this decade it was a red-light district, full of streetwalkers and sex clubs. But in the last few years, it has also become a gay-club district, a lounge district, a teenage-hangout district, even an old-ladies-walking-their-dogs district. It's a pretty interesting place to spend an evening: an anything-goes nuthouse.*⁶⁸ (ibidem)

A diversidade de atividades e estabelecimentos dedicados a diferentes estilos musicais e indumentários, preferências estéticas e sexuais e a diversificação de grupos sociais convivendo na mesma rua era constantemente referenciada pela mídia nacional e internacional como um dos principais traços distintivos da rua.

A própria criação do termo “Baixo Augusta” e sua utilização ostensiva na mídia a partir de 2009

mostra esse aumento de relevância dessa mancha de lazer noturno para a cidade. A primeira referência ao termo encontrada no jornal data de 1994, e é utilizada por Caio Fernando Abreu em sua crônica “Para Dulcinéia, que nunca foi del Toboso”.

(...) escolhi a mais modesta e refrescante das saídas - tomar uma cerveja num bar da rua Augusta. Esclareço: nem sequer da baixa Augusta, perto do centro, mas daquele pedaço razoavelmente civilizado, próximo à Paulista. (ABREU, 06/02/1994)

É curioso notar que a região é referida no feminino (“Baixa Augusta”) e em comparação com o lado Jardins é caracterizada enquanto “pedaço menos civilizado”. Até 2008, o termo “baixa Augusta” parece denominar a parte central da rua degradada e sinônimo de prostituição. Um exemplo é uma reportagem falando sobre um ensaio fotográfico feito por uma top model com trajes sensuais “*de lojas da chamada baixa Augusta*” (FOLHA DE S. PAULO, 25/05/2008) ou da instalação casa noturna Inferno em 2008 “*na região infernal da Baixa Augusta*” (O ESTADO DE S. PAULO, 25/05/2008). À medida em que a região passa a ser reconhecida como um espaço de lazer noturno e de frequência e circulação de jovens “modernos”, o termo “Baixa Augusta” parece cair em desuso e é substituído pelo sua variante masculina o “Baixo Augusta”, que mobiliza em seu favor os antigos estigmas de marginalidade, doravante usado mais recorrentemente, principalmente a partir de 2009, como sinônimo de pólo independente, alternativo e liberado de expressão, diversidade e criatividade. O “Baixo Augusta” passa a designar então uma região revalorizada pelo lazer noturno e de grande fervilhação sócio-cultural. Em uma reportagem a respeito da abertura de casas noturnas na rua Augusta em 2008, encontra-se a primeira vez que o termo é cunhado e definido na mídia:

O jornalista Humberto Finatti, que organiza uma festa mensal no clube Outs, diz: “o que eu chamo de “Baixo Augusta” está concentrando todas as baladas agora. Acho que a concorrência entre as casas acaba ajudando. O lugar tem um apelo que atrai o pessoal mais jovem, com um jeito singular de se vestir e de falar. A molecada quer uma coisa diferente do que vê na televisão, na vida normal, e se sente naturalmente atraída.. (FOLHA DE S. PAULO, 21/07/2008)

O termo “Baixo Augusta” parece iconizar-se enquanto um espaço de diversidade e criatividade jovem e de reocupação das ruas pelos jovens. As reportagens sobre o “Baixo Augusta” passam a ressaltar a nova geração de músicos paulistas que tocam e circulam pela rua Augusta (O ESTADO DE S. PAULO, 10/10/2010), as intervenções artísticas que acontecem na rua, as manifestações coletivas do jovem na rua e a diversidade de pessoas que circulam pela região.

Ao mesmo tempo em que essa iconização acontece, a valorização imobiliária e a chamada “revitalização” do Baixo Augusta também são assuntos comuns da mídia que, em sua maioria, olha com entusiasmo para a transformação ocorrida. Tal revalorização imobiliária, no entanto, começa a partir de 2011 a afetar as casas noturnas existentes na rua, na medida em que para implantar seus grandes edifícios vai comprar e demolir os imóveis que abrigavam esses estabelecimentos, como a casa noturna Vegas, o bar Ecléticos e o bar do Netão. A carta aberta de Facundo Guerra sobre o fechamento do Vegas ilustra, no ponto de vista dos proprietários, as consequências do processo de valorização imobiliária para o lazer noturno.

A rua Augusta, antes desolada, hoje representa a cara de nossa cidade. E ironicamente foi o sucesso do clube e, por consequência, da rua Augusta, que acabou por vitimar o Vegas: o galpão onde o mesmo se encontra recebeu uma proposta de compra milionária para ali ser montado um empreendimento imobiliário. Como inquilinos nunca poderíamos cobrir a oferta que o imóvel recebeu e batalhamos até o último segundo, mas nesta segunda-feira resolvemos jogar a toalha. O Vegas tombou não por conta da falência do projeto, mas em virtude do preço do metro quadrado na região, hoje uma das mais valorizadas de São Paulo (G1, 17/04/2012)

[FIG. 142]
Casa noturna Vegas
em 2013 fechada em
função da especulação
imobiliária

⁶⁷ Livre tradução feita pelo autor

⁶⁸ Livre tradução do autor: Por quase toda essa década, era um distrito da luz vermelha, cheio de prostitutas e clubes de sexo. Mas, nos últimos anos, tornou-se um bairro para gays irem para a balada, “lounge”, de encontros de adolescentes e até mesmo de senhoras idosas saírem para passear com os cachorros. É um lugar muito interessante para passar uma noite: um manicômio que vale tudo.

3.2.4 Restaurantes, botecos e o comércio na rua

A intensificação de público em circulação na rua em função dos equipamentos culturais e casas noturnas teve como consequência uma intensa transformação no comércio e nos serviços nela oferecidos. Atraindo o público antes ou depois das sessões de teatro e cinema ou das festas e baladas nas casas noturnas, alguns estabelecimentos foram abertos e conseguiram estender o tempo de permanência do frequentador na rua. Três ciclos principais⁶⁹ dessa ocupação podem ser definidos:

Em função dos teatros, entre 1970 e 1992: Alguns estabelecimentos, visando se beneficiar do público frequentador dos teatros, focaram seus esforços em atrair intelectuais e artistas para seus espaços. Destacam-se aqui, principalmente, restaurantes com uma proposta cultural, sobretudo na parte mais próxima do centro entre as ruas Marquês de Paranaguá e a Praça Roosevelt.

Em função dos cinemas, entre 1993 e 2004: Alguns estabelecimentos resolveram centrar esforços em atrair o público dos cinemas de arte da região, com um grande destaque para as sala do espaço Banco Nacional de Cinema, atual Espaço Itaú. Destacam-se aqui não só restaurantes, como também lojas, ambulantes e bares na parte mais próxima da Avenida Paulista, entre ela e a rua Peixoto Gomide.

Em função das casas noturnas, entre 2005 e 2013: Alguns estabelecimentos aproveitando a intensificação do lazer noturno nos clubes e bares da rua, abriram suas portas ou readequaram suas

propostas comerciais. Destacam-se aqui restaurantes e bares na parte intermediária da rua (entre as ruas Peixoto Gomide e Marquês de Paranaguá) e também nas proximidades da avenida Paulista.

Para melhor exemplificar como as mudanças aconteceram em cada período, resolveu-se dividir a análise desses estabelecimentos tendo como base esses três principais ciclos.

3.2.4.1 UM CICLO BOÊMIO: ENTRE 1970 E 1992

Entre as décadas de 70 e 90, a rua vai concentrar nos teatros espalhados no seu lado central um público universitário e intelectualizado que procura opções de lazer e cultura fora do circuito comercial. Visando esse público, surgirão alguns estabelecimentos⁷⁰, sobretudo restaurantes, que por vezes agregam outras atividades culturais. A fim de ilustrar como se dava o funcionamento desses espaços, escolheu-se focalizar dois estabelecimentos: o Spazio Pirandello e a cantina italiana D'Amico Piolin.

A cantina italiana D'Amico Piolin foi inaugurada em 1969⁷¹ no número 89 da rua Augusta, em um imóvel onde atualmente funciona a boate Big Ben⁷², por José Alves de Godoy, antigo garçom do restaurante Gigetto, outro estabelecimento tradicional da região. Desde o início de suas atividades, o restaurante mobilizou esforços junto ao público de artistas que circulavam pelas imediações,

principalmente de teatro, apoiando e incentivando suas peças. De acordo com Severino Ramos, que trabalha na casa desde 1989:

*Desde o começo, o Piolin apoia as peças de teatro dos artistas que vem aqui através do sistema de permuta. Nós divulgamos as peças de teatro no nosso mural e damos um desconto nas refeições dos integrantes da peça. Temos, há muito tempo também, uma parceria com o pessoal da EAD [Escola de Artes Dramáticas da USP] e oferecemos desconto para os estudantes também*⁷³

Talvez por esse motivo, em 1976, o jornal O Estado de S. Paulo descreve a cantina como

a casa mais badalada da cidade sendo a freguesia a maior atração. Gente de cinema, teatro e televisão em trajes feéricos, iluminados, imaginação às soltas. (O ESTADO DE S. PAULO, 29/02/1976)

Além do apoio à produção teatral, o relacionamento com os artistas era mantida através de uma atmosfera descontraída onde podiam degustar sua refeição com calma ficando o tempo que quisessem, um relacionamento que começa desde os tempos de estudante dos artistas e pequenas ações como a inclusão de pratos preferidos de clientes fiéis no menu.

O restaurante mudou de sede três vezes ao longo do tempo, passando em 1996 para o número 902 (onde hoje se encontra o salão de

cabelereiro Retrô Hair) e em 2000 para onde está hoje, o número 311 da rua, ocupando o prédio histórico tombado pelo Condephaat do antigo Spazio Pirandello. É interessante observar que grande parte do espaço interno foi conservado do mesmo jeito que estava no Pirandello.

De acordo com o antigo proprietário do Spazio Pirandello, o imóvel foi ocupado, em 1915, pelo escritor Oswald de Andrade no período em que morou na rua Augusta. De acordo com o AHMWL, a data de aprovação da planta de construção da casa de número 33 (correspondente ao número 311 atual) é de 1911 e de propriedade de Ângelo Longo, proprietário de mais dois edifícios na rua em 1911, e a construção é de responsabilidade de Bartolo(?), possivelmente o italiano Bartolomeu Coppola⁷⁴. [FIG. 144]

[FIG. 144]
Planta de uma casa térrea com porão alto de propriedade de Ângelo Longo, Rua Augusta 33, 1911”
Série Obras particulares, AHMWL

⁶⁹ É importante assinalar que, apesar de estarem com um período definido de tempo, a zona de influência dos estabelecimentos culturais continua mesmo depois do fim do período definido, mesmo que com uma intensidade menor. Os períodos de tempo foram definidos como uma forma de ilustrar analiticamente as principais influências ao longo do tempo.

⁷⁰ A quantidade de estabelecimentos na rua foi menor do que o observado nas outras ondas, porém os estabelecidos tiveram um relativo destaque e importância para a classe artística. Outros restaurantes que não serão abordados com profundidade aqui, mas têm sua importância na região são os restaurantes Gigetto e o Planeta's.

⁷¹ Informações obtidas a partir da entrevista feita com o gerente da casa Severino Ramos em 24/01/2013.

⁷² De acordo com Ramos, o espaço foi totalmente reformado e pouco lembra da antiga cantina que ali funcionava.

⁷³ Informações obtidas a partir da entrevista feita com o gerente da casa Severino Ramos em 24/01/2013.

⁷⁴ O nome de registro do arquiteto/ construtor no AHMWL consta no sistema digital do AHMWL incompleto como Bartolo(?) (registrado assim possivelmente pela ilegibilidade do nome), porém, verificando a relação de arquitetos e práticos licenciados na tese de Linde-ner Pareto Jr. (PARETO, 2011, p. 204), encontra-se um prático licenciado atuante entre 1906 e 1913 no bairro da Consolação chamado Bartolomeu Coppola. Por esse motivo, levanta-se a possibilidade da obra ser de autoria do próprio.

[FIG. 145]
Fachada do restaurante
Piolin atualmente. É
interessante reparar na
entrada pelo corredor
lateral e no padrão das
janelas que se mantêm
Foto tirada pelo autor
em 2013

A disposição interna do edifício de 1911 corresponde, em grande parte à estrutura interna do restaurante hoje. Em primeiro lugar, a entrada se dá, da mesma forma, por uma escadaria que dá acesso a um corredor, anteriormente descoberto, que dá acesso a um salão principal. Acredita-se porém que o espaço do antigo corredor foi ampliado em uma reforma posterior, incluindo inclusive o pedaço esquerdo da fachada com mais uma janela⁷⁵.

[FIG. 145 E 146]

As três janelas que dão acesso ao corredor de entrada ainda permanecem, apesar dos três cômodos existentes anteriormente terem sido transformados em um grande salão de refeição pelo estabelecimento, com as paredes divisórias de cada cômodo convertidas em arcos [FIG. 147]. O corredor lateral que dava acesso aos cômodos se mantém e agora é usado como um espaço de circulação dos garçons e galeria de fotos antigas.

O espaço do fundo, antes rebaixado no espaço do quintal, foi reformado e transformado em mais um salão de refeições. [FIG. 148]

⁷⁵ Reforçando a hipótese da reforma do espaço do corredor, está o fato que o formato das extremidades da platibanda eram curvos e marcavam seu fim, no espaço reformado essa curva é finalizada mas é continuada por uma continuação de platibanda mais baixa.

[FIG. 146]
Corredor de entrada
coberto na entrada do
restaurante Piolin
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 147]
Salão principal do
restaurante Piolin. É
interessante reparar nos
arcos que antes eram
paredes marcavam as
divisões dos cômodos
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 148]
Salão aos fundos do
restaurante Piolin
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 149]
Bar do restaurante
Pirandello conservado
da forma que era no
atual restaurante Piolin
Foto tirada pelo autor
em 2013

O Spazio Pirandello, visando esse mesmo público de artistas e intelectuais, é instalado no edifício em 1980, adotando um conceito de espaço cultural multifuncional, com bar, restaurante e galeria de arte (O ESTADO DE S. PAULO, 08/01/1980). O estabelecimento tentava criar uma atmosfera vanguardista e boêmia no meio artístico e intelectual da cidade. O menu era apresentado como um programa de teatro, onde os pratos tinham nomes de artistas famosos (*idem*, 28/03/1980). Na galeria de arte, instalada no galpão existente no porão, eram promovidas exposições de arte que homenageavam artistas nacionais e internacionais, como Picasso em 1981 (*idem*, 08/09/1981) e Marilyn Monroe em 1982 (*idem*, 16/07/1982). O espaço, desde sua inauguração, instituiu o troféu Pirandello, que premiava os melhores profissionais de diferentes áreas como cinema, teatro, televisão, literatura, música, artes plásticas, rádio e tevê, imprensa, fotografia, dança e cartoon (*idem*, 16/07/1982), além de uma “calçada da glória” onde eram marcadas as mãos das celebridades de destaque na cena cultural paulistana (*idem*, 06/01/1984). O espaço organizava ainda

uma banda que saía à rua para comemorar o carnaval e no ano de 1984, por exemplo, teve como tema uma homenagem à Adoniran Barbosa e Elis Regina, tendo Fafá de Belém como rainha dos artistas, descendo a rua Augusta até o Teatro Municipal (*idem*, 18/02/1984, p. 12). O restaurante ainda se posicionava como um espaço de discussão e manifestação política, tendo organizado um abaixo-assinado e uma manifestação pública na frente do edifício com seus frequentadores a favor das “diretas já” (*idem*, 18/02/1984, p.5).

Em função das diversas atividades culturais que o espaço reunia, ele tornou-se um dos pontos de encontro mais importantes da elite intelectual e cultural da cidade, além de ser celebrado como local onde diferentes tipos de pessoas poderiam conviver.

(...)o Pirandello, um restaurante em que se juntavam as mais diversas tribos, da esquerda à direita, passando por artistas, intelectuais e recatadas senhoras, ao lado de uma fauna de alternativos. Pela primeira vez, os gays conquistaram um ponto de encontro fora do gueto homossexual. (FOLHA DE S. PAULO, 03/02/2004)

É interessante notar que já na década de 1980, a prostituição era difundida na rua. Porém, essa ocupação parecia não ser uma preocupação ou impedimento para os artistas que a frequentavam. Muito pelo contrário, o público boêmio de artistas, estudantes e intelectuais, como de praxe, parecia apreciar e conviver com esse universo. Razão, talvez, pela qual tantas obras literárias e artísticas tenham sido feitas sobre a prostituição na rua no fim da década de 1980 e começo de 1990⁷⁶.

A influência no comércio da região não foi tão notável, mas já naquela época pode-se ver o surgimento de algumas galerias de arte, livrarias e lojas de discos com um enfoque mais independente. Um exemplo é a loja de discos de LP Discomania, inaugurada na rua Augusta (rua Augusta, 560) em 1988, dedicada à compra e venda de discos raros e populares (O ESTADO DE S. PAULO, 21/02/2003), além de posteriormente incorporar também cds, fitas-cassete, fitas de vídeo e dvds. Outro exemplo é a livraria Freebook (rua Augusta, 472), estabelecida na rua em 1986⁷⁷, especializada em livros ilustrados importados (*idem*, 31/12/1989) e com uma série de títulos sobre gastronomia, moda, decoração, cinema e design.

3.2.4.2 UM CIRCUITO CINÉFILO: ENTRE 1993 E 2004

A instalação do Espaço de Cinema Banco Nacional, potencializada a partir da transformação do espaço em Espaço Unibanco, no começo da década de 1990 teve um grande impacto no comércio, bares e restaurantes localizados em sua região envoltória. O sucesso do espaço até hoje continua garantindo um trânsito constante de pessoas e a abertura de novos estabelecimentos voltados a seus frequentadores.

⁷⁶ Alguns exemplos, já mencionados no subcapítulo sobre a prostituição na rua, são o livro “A estratégia de Lilith” de Alex Antunes, a exposição de Helena Rosén e as crônicas de Caio Fernando Abreu.

⁷⁷ Data estimada do primeiro registro sobre a loja na rua nos jornais.

[FIG. 150]
Fachada da lanchonete
“O Pedaco da Pizza”
durante a noite
Foto tirada pelo autor
em 2013

Inicialmente, se estabeleceram na região espaços de lanches rápidos para se comer antes ou depois das sessões de cinema e com uma atmosfera mais informal, como a lanchonete Escócia, Pedaco da Pizza (rua Augusta, 1463) e o Frevinho (rua Augusta, 1567). O Pedaco da Pizza, por exemplo, já estava estabelecido desde 2000, no lado Jardins da rua Augusta, porém logo em 2002 abre-se uma filial no lado central, aproveitando a demanda proveniente do cinema.

“O cinema foi um dos principais fatores para a escolha do ponto. Depois de uma sessão entram 20 ou 30 pessoas de uma vez” diz o gerente Gledson Aparecido do Nascimento. (O ESTADO DE S. PAULO, 04/06/2005)

[FIG. 151]
Fachada da lanchonete
Frevo na rua Augusta,
1567
Foto tirada pelo autor
em 2013

A lanchonete Frevo, tradicional na rua Oscar Freire, já no fim da década de 1950 (AMARAL, 2010, p.67) inaugurara uma filial no lado central, apelidada por seus frequentadores de Frevinho. É a partir da década de 1990, porém, que o espaço passa a ganhar um novo público: o frequentador dos cinemas da região. Uma reportagem de 1994, sobre os restaurantes frequentados pelos participantes da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, revela a importância que o restaurante passa a ter para os cinéfilos:

É de longe o reduto mais procurado e, por isso, mais festivo da época. Ideal para quem vê as fitas do cine-sesc, embora também seja bem fácil chegar lá vindo do maksoud, do masp e do belas artes. (O ESTADO DE S. PAULO, 21/10/1994)

Além de restaurantes e lanchonetes, os frequentadores dos cinema passaram a procurar espaços que fossem abertos por um período maior durante a noite, e nos quais pudessem conversar e beber após as sessões. É nesse cenário que alguns lanchonete-botecos começam a ganhar maior adesão desse público. São estabelecimentos mais simples, normalmente com mesas de plástico ou madeira dispostas na rua e que normalmente servem cervejas de garrafa. Em sua grande maioria, também funcionam como lanchonetes que servem refeições rápidas e sanduíches, além de em muitos casos servirem café da manhã. Não contam, porém, com pistas de dança e raramente tem música ambiente.

Muitos desses estabelecimentos já existiam na região antes dessa ocupação, mas centravam-se em um público diferente, principalmente trabalhadores durante o dia e à noite, frequentadores das boates da região além das prostitutas da rua.

Esses estabelecimentos passam a partir da década de 1990, então, a reunir jovens e frequentadores dos estabelecimentos de lazer da região, além de servir como ponto de encontro para diversos jovens, como é o caso do bar BH, por exemplo (VEGA, 2008, p. 76). A frequência do público dos cinemas, no entanto, provocou algumas mudanças na estratégia e na infra-estrutura dos espaços, a fim de melhor se adequarem a esse público. O proprietário do bar BH, por exemplo, adotou uma estratégia deliberada de adaptação às novas clientela que emergiam. Resolve reformar o BH em 2004 melhorando suas instalações e focando seus serviços no transeunte que deseja comprar um salgado ou uma bebida no caminho, parando de servir cervejas em garrafas de 600 ml. De acordo com José Luiz, garçom que trabalha no bar BH há mais de 10 anos:

Quando fizemos a reforma, por volta de 2003/2004, a frequência melhorou bastante. Começamos a servir cerveja em taça tulipa e paramos de servir garrafa. Isso seleciona muito.⁷⁸

⁷⁸ Depoimento obtido em entrevista concedida para o autor em 11/01/2013.

Enquanto a reforma do BH acontece, o proprietário resolve reformar uma antiga padaria que existia na esquina da rua Fernando de Albuquerque, e inaugura o bar Ibotirama em 2004, que passa a receber o público cativo do BH. O Ibotirama era focado no consumo de cerveja em garrafa e no ritual de beber sentado nas mesas do lado de fora em conjunto. De acordo com o garçom João Carlos do bar Ibotirama:

A galera sempre preferiu ficar fora. Acho que o ar livre dá uma sensação melhor para beber, curtir e conversar. Quando o cliente está sentado nas mesas, fazemos o atendimento por meio da conta e o garçom que serve. Caso o cliente queira ficar de pé lá fora, trabalhamos com um esquema de fichas no balcão.⁷⁹

Posteriormente esses bares e botecos vão se reconfigurar, readaptando-se ao público frequentador das casas noturnas em 2005.

O comércio, nas proximidades do Espaço Unibanco de cinema também sofreu algumas transformações e adaptações frente ao novo público. Com a migração da centralidade comercial da avenida Paulista para a região da Faria Lima e a disseminação do comércio informal pela rua, o comércio da região passou por uma diminuição de vendas e um período conturbado. Como conta Luiz Carlos Tilleli, síndico da galeria Le Village e proprietário de uma loja de roupa feminina:

Com a saída das empresas para a Berrini, o movimento aqui na galeria caiu bastante. Muitas pessoas que já nos conheciam e eram clientes cativos pararam de vir pois não estavam mais próximos. Aí demorou um pouco até o novo pessoal descobrir as lojas daqui.⁸⁰

[FIG. 152]
Fachada do bar BH na
rua Augusta
Foto tirada pelo autor
em 2013

⁷⁹ idem. ⁸⁰ idem.

[FIG. 153]
Loja da galeria Le Village
chamada “Je Suis
Amelie”, inspirada no
filme Amelie Poulain
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 154]
Lojas da galeria Le
Village, com destaque
para a “spokes” focada
na venda de acessórios
para ciclismo
Foto tirada pelo autor
em 2013

Com a abertura do Espaço Unibanco, no entanto, a galeria passou a receber um novo tipo de público que procurava um outro tipo de comércio e frequentava as lojas principalmente no período noturno. Novas lojas passaram a abrir buscando esse público e o horário de funcionamento da galeria foi redefinido. [FIG. 153 E 154]

Frederico Zapelloni ficou três anos vendendo livros numa das banquinhas especializadas que se instalam

*na calçada da Augusta ao lado do Unibanco, antes de resolver abrir o sebo e livraria Corsarium Alfarrabista, na vizinha galeria Le Village. “Em função do cinema, vários lojistas estão abrindo até mais tarde e no sábado e domingo”, diz Zapelloni”*⁸¹
(O ESTADO DE S. PAULO, 04/06/2005)

⁸¹ ESTADO DE S. PAULO. “Com filmes de arte, muda a vizinhança”. São Paulo. 04/06/2005. Página C8. Cidades.

3.2.4.3 UM CIRCUITO ALTERNATIVO: ENTRE 2005 E 2013

Nos restaurantes mais novos, de 2005 em diante, é interessante notar características diferentes dos mais antigos que vão compor um panorama diferente na região. A primeira é a proposta de trabalhar um estilo de culinária específica de um determinado país, criando assim um cenário multicultural concentrado. Dessa forma, os frequentadores podem supostamente desfrutar da culinária grega no restaurante Athenas (rua Augusta, 1459), árabe no Kebabel (rua Fernando de Albuquerque, 22), indiana no Madhu (rua Augusta, 1426), mexicana no Tolloco’s (rua Augusta, 1524), americana na Hamburgueria 162 (rua Luis Coelho, 162), espanhola no Sancho bar y tapas (rua Augusta, 1415), japonesa na temakeria Yoi (rua Augusta, 1292) ou na Sukiya (rua Augusta, 974), italiana no Caspita (rua Antônio Carlos, 344), inglesa no Augusta Bakery (rua Augusta, 752), entre outros.

A segunda característica é a identidade visual desses espaços direcionada a um público jovem, com uma estética contemporânea e alinhada às tendências mundiais do design de interiores de bares e restaurantes. Um exemplo é o estabelecimento Augusta Bakery, inaugurado em 2012, no qual após passar um tempo morando em Londres, o dono David Souza Mesquita Al afirma ter pretendido recriar uma atmosfera londrina contemporânea:

*Tentei dar uma cara bem londrina ao estabelecimento: uma cara bem de pub mas com uma fachada de “bakery”. Essa estética da um ar mais “alternativo” à casa que combina bastante com os frequentadores da Augusta*⁸²

⁸² Depoimento obtido em entrevista concedida ao autor em 11/01/2013.

[FIG. 155] (TOPO DA PÁGINA)
Interior do estabelecimento “Augusta Bakery”, com destaque para a venda de alguns suprimentos de alimentação para casa
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 156] (IMAGEM ACIMA)
Interior do estabelecimento “Augusta Bakery”, com destaque para o blacão principal e a decoração de inspiração londrina
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 157]
Fachada do
estabelecimento
“Augusta Bakery”,
recriando o visual de um
pub tradicional londrino
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 158]
Fachada do restaurante
Athenas na esquina da
rua Antônio Carlos e rua
Augusta
Foto tirada pelo autor
em 2013

Outra característica é a adaptabilidade para diferentes públicos em situações diferentes e diferentes horas do dia, atendendo na hora do almoço o público executivo da Avenida Paulista e à noite o público jovem que vai ao cinema ou às casas noturnas. A declaração de Mesquita acerca do Augusta Bakery ilustra bastante essa questão:

*A Augusta bakery se propõe em ser uma bakery servindo pães e doces de manhã e à tarde, mas também virar um bar durante à noite. E o público varia bastante também. De manhã, é mais o público que trabalha na região e de noite um pessoal que vai para a balada, além dos moradores. Na verdade vem de tudo. Desde o jovem baladeiro até o idoso que mora aqui.*⁸³

Outro exemplo interessante é o do restaurante Athenas, inaugurado em 2007, que funciona

entre às 7h da manhã até às 2h30 da madrugada, servindo café da manhã, almoço, happy hour e jantar.⁸⁴ O restaurante, no período da noite é um dos pontos mais cheios da noite, com jovens sentados tanto nas mesas do lado de fora e de dentro, quanto tomando bebidas de pé na calçada esperando um lugar para sentarem.

Os bares e lanchonetes - botecos já existentes na rua também se reconfiguraram visando esse novo público frequentador do lazer noturno na rua. Como exemplo,

a frequência do Ibotirama aumentou consideravelmente, não de forma gradual, mas como um salto, o que espantou os próprios funcionários do bar (...). O aumento foi tão grande que a pizzeria em frente (Vitrine) acabou recebendo parte dos frequentadores. (VEGA, 2008, p. 80)

⁸³ idem.

⁸⁴ Informações obtidas através do site: <http://www.athenasrestaurante.com.br/>. Acesso em 29/01/2013.

[FIG. 159]
Frente do restaurante
Athenas durante à
noite com mesas nas
calçadas e pessoas em
pé esperando espaço
para sentarem
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 160]
Foto da frente do bar
Ibotirama durante à
noite no cruzamento
da Rua Augusta com
a Rua Fernando de
Albuquerque
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 161]
Foto da frente do bar
e pizzeria Vitrine, na
frente do cruzamento
da rua Fernando de
Albuquerque com a rua
Augusta
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 162]
Jovens bebendo na frente
da Lanchonete taxi bar
(rua Augusta, 596)
Foto tirada pelo autor
em 2013

O cruzamento da rua Fernando de Albuquerque com a rua Augusta, a partir de 2006, passou a conglomerar muitas pessoas nas calçadas bebendo em frente aos bares Ibotirama, Charm e o bar-pizzaria Vitrine, sendo um dos pontos de maior concentração de pessoas na rua.

Elas passam de um bar a outro procurando conhecidos, usam os banheiros de um ou outro bar (especialmente as garotas) conforme a disponibilidade e às vezes só passam em frente aos bares para checar quem está lá e serem vistos a caminho de alguma casa noturna. (VEGA, 2008, p. 82)

Por volta de 2010, o bar também comprou o antigo “snooker bar”, que existia no andar de cima do seu edifício, reformando-o e inaugurando um novo espaço do bar em um ambiente mais sofisticado. Já em 2012, o bar comprou outro estabelecimento

do lado e inaugurou uma extensão também mais sofisticada e ambientada como um botequim de antigamente.

Antes vinham aqui no bar muitos jovens mais baderneiros, dessas “tribos” diferentes. Agora, o pessoal está mais selecionado, vem muito mais o pessoal das faculdades e das empresas. Acho que da mesma forma que a Augusta está mudando, o bar também está.⁸⁵

Outros bares e botecos mais próximos às casas noturnas passaram a ter como foco a venda de embalagem individual de cervejas para consumo de pé ou em movimento, por mais que também tenham mesas para o consumo dentro dos estabelecimentos. É possível observar uma maior concentração de pessoas nesses bares entre às 22h e às 1h, enquanto esperam para entrar nas casas noturnas, período chamado de “esquenta”.

[FIG. 163]
Porta-malas de carro
vendendo bebidas
alcoólicas.
Foto tirada pelo autor
em 2013

A venda de bebidas alcoólicas por ambulantes na rua, armazenadas em caixas de isopor ou no porta-malas de carros, é também comum e são uma forma fácil de acesso do jovem menor de idade à bebida. De acordo com Juliana Braggion, gerente do Bar Caos:

Tem muito adolescente, menor de idade, que por não poder beber dentro dos bares e baladas, ficam na rua e compram bebida desses camelôs de bebida. A rua não é só dos baladeiros, é também desses adolescentes.⁸⁶

Os camelôs de bebidas servem, também, como uma forma de prolongar o lazer na rua após o fechamento dos bares, que são obrigados a fechar suas portas à 1h em função da lei do silêncio (Psiu) (FOLHA DE S. PAULO, 09/03/2010), estendendo a diversão para a rua.

“Não tem cabimento voltar para casa tão cedo no final de semana. Vou fazer o que amanhã? Passear na orla? O único lazer de quem mora em São Paulo é a noite, e estão querendo acabar com ela também. Se fecham o bar, vamos para a rua”, diz o ator Pedro Vileça (ibidem)

⁸⁵ idem.

⁸⁶ idem.

[FIG. 164]
Fachada do Cabelereiro
Retrô durante à noite
Foto tirada pelo autor
em 2013

Percebe-se ainda, sobretudo a partir de 2009, um aumento e um redirecionamento de lojas e estabelecimentos de serviços voltados para moda, beleza e estética jovem na rua. A marca de roupas “A mulher do Padre”, famosa nos anos 90 com uma sucursal na galeria Ouro Fino, resolveu tentar reconquistar o jovem moderno estando presente na região do “Baixo Augusta” e criou uma versão “mini”, de apenas

10m2, no número 1600 da rua (ESTADO DE S. PAULO, 09/03/2010). Outro exemplo é o Retrô Hair (rua Augusta, 902) inaugurado em 2009 como uma espécie de condomínio de cabeleireiros com uma proposta de corte de cabelos no estilo “retrô”, inspirado nos cortes populares nas décadas de 50/60. O salão oferece serviços e “agrados” que refletem a atmosfera jovem e de vida noturna da rua, além de permanecer aberto nos dias de semana até às 23h.

*O Retrô tem outros grandes diferenciais: foi o primeiro salão a oferecer por conta da casa cerveja, whisky e refrigerante além do tradicional cafezinho. (...) O espaço também conta com valet e estacionamento próprio, wifi e uma trilha sonora selecionada por grandes djs da noite paulistana.*⁸⁵

[FIG. 165]
Edifício que comporta
o cabelereiro Retrô Hair
durante o dia
Foto tirada pelo autor
em 2013

⁸⁵ Informações obtidas no site <http://www.retrohair.com.br/> Acessado em: 30/01/2013.

[FIG. 166]
Fachada da loja
colaborativa Endossa
Foto tirada pelo autor
em 2013

Começa a ter espaço na rua não só um comércio feito para o jovem, mas também feito pelo próprio jovem. A loja Endossa (rua Augusta, 1360) é um bom exemplo disso. A loja montada por um grupo de jovens empresários em 2008 consiste em uma loja colaborativa, onde qualquer pessoa pode alugar um nicho de parede e vender suas produções no espaço. De acordo com Ingrid Rabelo, uma das gerentes da loja:

*Éramos um grupo de jovens com uma idéia inicial: ajudar micro-empresários a vender seus produtos. Aí criamos a Endossa que é uma loja colaborativa, ou seja todo mundo pode participar vendendo alguma coisa aqui.*⁸⁶

⁸⁶ Depoimento obtido em entrevista concedida para o autor em 11/01/2013.

[FIG. 167]
Interior da loja
colaborativa Endossa
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 168]
Detalhe dos “box”
individuais com
as mercadorias
disponibilizadas por
cada vendedor
Foto tirada pelo autor
em 2013

LOCALIZE-SE

Opções na rua da diversidade

CINEMA BAR BALADA RESTAURANTE

[FIG. 169]

Mapa divulgado no jornal Estado de São Paulo em 2008 mostrando as opções existentes na rua ESTADO DE S. PAULO. “Balada traz jovens de volta à Augusta”. São Paulo. 31/05/2008. Página C8. Cidades

A região da rua Augusta foi escolhida justamente por estar em sintonia com esse cenário de criatividade e produção artística jovem, tendo a “*arte independente*” muito espaço na rua⁸⁷.

Com uma oferta de serviços e comércio diversas, a rua Augusta passa a oferecer uma gama mais variada de atividades para fazer na rua, motivando seus frequentadores para que passem mais tempo e circulem em um período mais extenso da rua, aumentando o número de pessoas nas calçadas. A aprovação da lei proibindo o consumo de cigarros dentro de lugares fechados em 2009 impactou diretamente as casas noturnas que, para se adequar a lei, tiveram que adaptar os espaços das calçadas como “fumódromos” e os bares que iniciaram *uma corrida (...) para conseguir permissão para colocar mesas do lado de fora do recinto* (ESTADO DE S. PAULO, 03/08/2009).

A rua se torna a principal atração da região. Seja como um espaço de circulação ou de permanência, estar no espaço público da rua em contato com diferentes tipos de pessoas e atividades é o que vai motivar esse jovem a frequentar a rua e seus estabelecimentos.

3-3 Gentrificação e “revitalização”

Em função dos processos de transformação e deterioração que o lado central da rua observou nas últimas décadas, processo que aliás acompanhou o esvaziamento de funções de centralidade assim como habitacionais de toda a região central da cidade entre as décadas de 1970 e 1980, a região da rua Augusta sofria um processo de desvalorização imobiliária, com poucos investimentos mirando a região. A alta oferta de anúncios de aluguéis de apartamentos nos imóveis indicavam também uma possível vacância em alguns apartamentos da rua, além de já existir o registro de alguns imóveis antigos terem sido ocupados por moradias ilegais e cortiços.

A migração de parte das empresas do centro histórico e do centro-Paulista para o eixo Faria Lima no fim dos anos 80 e começo dos 90, afastou parte da clientela do comércio e serviços da rua que dependia do fluxo de executivos e funcionários trazidos pelas empresas para vender. A concorrência com o comércio ilegal na rua e com a incipiente rua Gabriel Monteiro da Silva enquanto mancha de comércio de móveis e decoração de alto padrão, provocou uma evasão de muitos comerciantes da rua, principalmente dos mais antigos no ramo de decoração, aumentando a sensação de abandono e desvalorização da rua.

Dessa forma, inicia-se na década de 1990 a discussão sobre a requalificação de áreas centrais em processo de deterioração, conduzidas principalmente por associações formadas por membros da sociedade civil e da iniciativa privada, em diálogo constante com a Prefeitura. A forte participação das empresas da região nas associações garantiam que seus interesses fossem considerados, principalmente em relação à atratividade da região para a *permanência, realocização ou abertura de novas empresas do setor terciário moderno* (FRUGOLI JR, 2000, p. 215). Algumas iniciativas em relação à requalificação do centro foram tomadas na gestão de Luiza Erundina entre 1989 e 1992, mas perdem a importância na gestão de Paulo Maluf (1993 - 1996), são retomadas pela gestão de Celso Pitta (1997 - 2000) e ganham mais força a partir de 2001, na gestão de Marta Suplicy.

A rua Augusta, estando em uma região intermediária entre dois pólos de revitalização, o Centro e a Paulista, passa a receber algumas ações e medidas visando sua requalificação e valorização imobiliária. Mesmo que a reapropriação das classes médias da parte central da rua Augusta através do lazer tenha acelerado o processo, algumas medidas tomadas foram fundamentais em determinar o aumento da valorização e a forma em que esta está ocorrendo atualmente.

3.3.1 Investimentos na infra-estrutura e nos transportes

Em consequência da deterioração sofrida ao longo da década de 1970, no começo de 1980 o lado central da rua Augusta encontrava-se com uma infra-estrutura bastante danificada e um sistema de transporte público deficitário.

Uma das primeiras medidas, feita ainda no começo década de 1970, foi a construção de galerias pluviais no lado central, resolvendo o antigo problema das constantes inundações que a rua sofria (ESTADO DE S. PAULO, 23/06/1976). Porém, durante a maior parte da década de 1970 e 1980, as melhorias de infra-estrutura e projetos de recuperação da rua vão ter como foco principal seu lado Jardins, tentando recuperar o seu antigo prestígio comercial. Inicialmente, tentou-se atrair os consumidores a partir de uma reforma estrutural, na qual um dos principais benefícios era a melhoria estética do lado Jardins da via. Dessa forma, em 1974, houve uma retirada da rede elétrica externa da Light e a execução de uma rede subterrânea de energia (a fiação dos troleibus porém continuaram na rua) (*idem*, 18/08/1974) . Em 1976, a rua recebe uma reforma nas calçadas, onde serão colocadas pedras brancas e vasos floridos. A demora na entrega da obra e as irregularidades na calçada final, porém, tiveram o efeito contrário do esperado e afastaram os consumidores, frustrando ainda mais o plano de recuperação desse lado da rua.

Outra tentativa de recuperação, se deu a partir da “re-atração” dos frequentadores através da instalação de marcas e “lojas-âncoras”, agora com um perfil bem mais popular visando as classes médias e baixas. Um exemplo é o entusiasmo com que se recebeu a loja de departamentos Sandiz do grupo Pão de Açúcar:

De fato, na opinião de Raul Sulzbacher, presidente da sociedade de amigos da Augusta, faltavam as âncoras - lojas que atraem o público - na Augusta e a Sandiz vem preencher essa lacuna. (...); a inauguração de lojas como C&A, reforma das Cristais Prado e outros

comerciantes que aceitaram o argumento de que a Augusta é um bom investimento, porque o retorno do capital investido é maior em função dos aluguéis mais baratos e sem condomínio (idem, 28/11/1982).

O esforço em atrair mais consumidores para a rua provou-se infrutífero, porém conseguiu estabilizar a região como uma das manchas de comércio popular na cidade. Outros projetos de revitalização da rua, como uma tentativa de ressuscitar o projeto de Jorge Wilhelm ou de emplacar outros com uma proposta parecida, foram encaminhados, porém sem nenhum sucesso. Em 1987, a infra-estrutura da rua é descrita como precária em ambos os trechos:

Os buracos da rua Augusta tiravam sua atenção. Também as bancas de jornais, lixo, desníveis e orlhões eram motivos para aumentar a cada metro a irritação da pediatra que trocava o restante do verso por palavras diversos. (idem, 14/10/1987)

Em função da intensificação das políticas de recuperação do centro de São Paulo na década de 2000, o lado central da rua recebe mais atenção e, em 2006, as calçadas de ambos os lados são trocadas, apesar de mesmo após a reforma enfrentarem muitos problemas como buracos e pisos soltos (FOLHA DE S. PAULO, 02/06/2007).

É só a partir da década de 1990, que algumas melhorias e avanços na rede de transportes públicos serão executadas. Em 1991, após quase 20 anos em construção, a linha verde do metrô (Vila Madalena - Paraíso) é inaugurada e o metrô Consolação passa a servir a rua Augusta, melhorando o acesso e aumentando a frequência em ambos os lados da Avenida. Em 2003, a rede de troleibus instalada é desativada com a justificativa da SPTrans que *era tão antiga que não compensava mais mantê-la* (ESTADO DE S. PAULO, 28/01/2004) com muitos problemas no funcionamento dos veículos, mesmo que uma grande

FIG. 170
Frente do metrô
Consolação durante à
noite. Diversas pessoas
usam o espaço como
ponto de encontro,
atraindo artistas de rua
nas proximidades

parte da frota tenha sido comprada em 1996. A frota foi toda substituída por outra movida a combustível diesel e vai servir de ligação, através de 8 linhas, entre o Centro, a Zona Norte e Zona Leste à Zona Oeste, com maior destaque para o bairro de Pinheiros.⁸⁸

Em consequência da mancha de lazer noturno na rua Augusta a partir de 2005, o metrô Consolação tornou-se uma das estações com maior fluxo de pessoas diariamente e um ponto de encontro para os jovens durante todo o dia, mas especialmente durante à noite. Nesse período, nos arredores da estação é possível observar uma grande concentração de pessoas esperando seus amigos ou se sociabilizando, ambulantes e músicos de

rua em busca de arrecadar dinheiro. Durante os fins de semana a situação se intensifica e é possível observar uma razoável quantidade de pessoas aguardando a abertura do metrô por volta das 4h após já terem saído dos bares e das casas noturnas da região. [FIG. 170]

Outro fator que ajudou na revalorização recente da região foi a abertura da nova linha amarela do metrô em 2011 e a perspectiva de abertura das novas estações previstas para 2013. Além da ligação através da estação Consolação à estação Paulista da linha amarela, a estação Higienópolis, localizada na avenida Consolação, servirá a região do “Baixo Augusta”, facilitando o acesso a essa parte da rua e valorizando a região.

⁸⁸ De acordo com o site da SPTrans, <http://www.sptrans.com.br>, 8 linhas servem o lado central da rua Augusta, sendo elas 107t-10 - Metro Tucuruvi / Pinheiros; 107-31 Metro Tucuruvi / Pinheiros; 702n-10 - Pq.d.Pedro II / Pinheiros; 702P-10 Term. Penha / Pinheiros; 702p-41 - Belem / Pinheiros; 7181-10 Cidade Universitária / Term. Princ. Isabel; 908t-10 - Term.PQ.D. Pedro II / Butantã; e 930p-10 - Term.PQ.D.Pedro II / Pinheiros.

[FIG. 171]
Visão área do terreno entre a rua Caio Prado e a Marquês de Paranaguá ESTADO DE S. PAULO. A praça particular da Augusta. São Paulo. 31/03/2006. Página ZO2. Estádio Oeste

A perspectiva de mais áreas de lazer ao ar livre também ajudaram a aumentar a sensação de valorização da região. Um exemplo disso⁸⁹ é o debate iniciado em torno do grande terreno entre a rua Caio Prado e a Marquês de Paranaguá. Em 2004, a estrutura histórica do colégio Des Oiseaux é demolida, com o intuito de construir um empreendimento imobiliário no lugar (ESTADO DE S. PAULO, 25/07/2008). Com a demolição e a espera do alvará de construção, o terreno de 23.500 metros quadrados passa a abrigar, além de um espaço ocupado atualmente por um estacionamento, uma área verde tombada pela prefeitura de 8 mil metros quadrados com árvores originárias da Mata Atlântica.

Em 2006, a Sociedade Amigos e Moradores de Cerqueira César (Samorcc) passou a reivindicar, através de um abaixo-assinado com mais de 1200 assinaturas, que no espaço fosse construída uma praça de uso público para a população, uma vez que um processo de licenciamento da área para um supermercado estava sendo analisado desde 2002 (*idem*, 31/03/2006). Apesar da proposta de uma

incorporadora que gostaria de construir duas torres comerciais no lugar e ceder parte do espaço para usufruto da população, o prefeito Kassab anuncia que autoriza a desapropriação do terreno para a criação do parque Augusta (*idem*, 25/07/2008) em 2008. A demora na desapropriação do terreno e do início da construção do Parque Augusta levou moradores e frequentadores da região a organizarem manifestações a favor do parque, como o abraço simbólico no terreno (*idem*, 06/06/2009) em 2009 ou o piquenique organizado em frente ao parque no meio da rua Augusta (*idem*, 04/06/2012) em 2012. Até o começo de 2013, a questão ainda não havia chegado a uma solução.

A melhoria na infra-estrutura da rua e no sistema de transportes públicos, assim como as ações de revitalização e a criação de duas possíveis áreas verdes de lazer parecem convergir para a promoção de um cenário atrativo para a habitação das classes médias e são constantemente assinaladas nas propagandas imobiliárias dos novos empreendimentos da região.

⁸⁹ A reforma da praça Roosevelt também foi uma das promessas de área de lazer ao ar livre, porém em função da forma em que se deu sua reocupação, ela será analisada na seção abaixo, a respeito das ações de revitalização urbana e limpeza social.

[FIG. 172] (À ESQUERDA) Piquenique organizado em favor do parque Augusta ESTADO DE S. PAULO. Piquenique na rua cobra criação de parque na Augusta. São Paulo. 04/06/2012. Página C4. Cidades

3.3.2 Ações de revitalização urbana e limpeza social

A intensificação da crise econômica brasileira e o desemprego durante as décadas de 1980 e 1990 aumentaram a proliferação de camelôs e do comércio informal pelas ruas da cidade, principalmente nas regiões centrais. A busca por ofertas e preços acessíveis teve um impacto grande nos estabelecimentos da rua Augusta que tentaram se adequar a essa nova realidade e passaram a ter como concorrentes os camelôs que se espalharão pelas calçadas da rua oferecendo uma grande diversidade de produtos a um preço acessível.

O segundo absurdo são os camelôs na última quadra da Rua Augusta, antes da Avenida Paulista. A calçada tem apenas 2 metros de largura e está tomada pelos vendedores, obrigando os pedestres a andar pelo meio da rua, correndo risco de atropelamento. (ESTADO DE S. PAULO, 17/09/1998)

O Promocenter é aberto em 1992 na rua com a promessa de ser um “mini-shopping” atraindo o consumidor para seus pequenos *stands* em função do preço baixo e da oferta de produtos importados (*idem*, 13/05/1992). Em pouco tempo, passou a atrair o comércio informal para dentro do estabelecimento, aglomerando diversas pequenas lojas que vendiam produtos “piratas” e ilegais, principalmente no setor de eletrônicos.

É interessante notar o alto poder de adaptação do comércio informal que vai se adequar em função do perfil do transeunte. Um exemplo disso são os camelôs que adaptaram suas mercadorias nas imediações do Espaço Unibanco, concentrando-se em filmes e livros de arte e fora do circuito comercial. [FIG. 174] Ou mesmo dos ambulantes que se especializaram em vender cigarros, doces e bebidas alcoólicas para os frequentadores das casas noturnas na rua.

[FIG. 173] (TOPO DA PÁGINA, À DIREITA) Camelô na esquina da rua Augusta e a rua Luiz Coelho Fonte: ESTADO DE S. PAULO. “Informalidade dobra em dez anos, mas começa a cair”. São Paulo. 11/09/2002. Página B14. Economia

[FIG. 174] (À DIREITA E ABAIXO) Camelôs vendendo livros e filmes alternativos para os transeuntes nas proximidades do Espaço de Cinema Itaú Foto tirada em 2013

Há registro também da ocupação de alguns palacetes e sobrados antigos abandonados que passam a servir de cortiços, como o palacete de esquina entre a rua Antônia de Queiroz e rua Augusta. Na década de 1990, a deterioração da praça Roosevelt vai aumentar com a falta de reparos, a interdição do estacionamento em função de problemas de infra-estrutura (*idem*, 28/04/1990) e o fechamento do centro de convivência e cooperativa pelos mesmos problemas (*idem*, 29/11/1993). Em 1995, a praça é apontada pelos jornais como um ponto de ocupação de mendigos e prostitutas, ponto de consumo e distribuição de drogas e um dos maiores pontos de furto e assaltos praticados por menores aos transeuntes e motoristas que passam na região (*idem*, 28/10/1995).

Levantamento feito pelo Estado no 40 distrito policial, da consolação, registrou 74 casos policiais entre 10 de janeiro e 7 de abril: 22 furtos, 19 roubos, 12 agressões e desentendimentos, 5 capturas de condenados, 5 documentos perdidos, 3 prisões por porte de entorpecentes, 3 estelionato, 2 atropelamentos, 1 bebê abandonado e 2 casos definidos como “atos obscenos”. (idem, 15/05/1995)

Somado à ocupação de casas de prostituição, já estudadas anteriormente, esse cenário era retratado pela mídia como fruto da degradação que atingiu as áreas centrais.

Descortina-se, mesmo para os mais desavisados, um microcosmo da ilegalidade paulistana. Ligações de tv a cabo, eletricitas que propõe gambiarras, produtos made in paraguay, passes de ônibus e metrô usados como moeda, habitação, jogo, sexo, drogas e até rock and roll (idem, 24/01/1999)

A partir da década de 2000, porém, começa um esforço ativo de combate a essas práticas ilegais existentes na rua. Inicialmente, entre 2001 e 2004, a gestão Marta Suplicy centrou esforços no aumento da fiscalização dos camelôs da região da Avenida Paulista e da rua Augusta e no combate à pirataria. Inicialmente, o esforço estava em regulamentar as áreas passíveis da existência de ambulantes, da limitação do número de barracas

por área e do tipo de produto comercializado. Na avenida Paulista os camelôs seriam proibidos em toda a sua extensão, enquanto na rua Augusta, das 42 bancas, somente 10 poderiam funcionar no trecho (*idem*, 13/12/2001). A medida, porém, teve um efeito contrário, aumentando o número de camelôs ilegais na região (*idem*, 01/03/2002). Em relação a esses ambulantes ilegais, aumentou-se o número de fiscais nas ruas, apertando o cerco contra o comércio informal. Observa-se que em um segundo momento, a partir de 2003, o foco do combate foi a pirataria, aumentando o número de batidas policiais apreendendo produtos piratas vendidos por ambulantes e “mini-shoppings” como o Promocenter na rua Augusta (*idem*, 01/06/2003).

A partir de 2005, tendo início a gestão José Serra como prefeito (sucedido por Gilberto Kassab), inicia-se um combate aos estabelecimentos de prostituição na rua. Intensificam-se as batidas policiais à procura de atividades ilegais e consumo de drogas e a fiscalização, fechando diversas boates sem o adequado alvará de funcionamento ou sem seguir as medidas obrigatórias de segurança. Em uma das ações feitas na rua em 2005, de 44 locais vistoriados, 36 não tinham licença de funcionamento e 6 foram interditados (*idem*, 06/06/2005). Nesse mesmo ano, diversos estabelecimentos já haviam sido fechados e, de acordo com Andrea Matarazzo, secretário de serviços e subprefeito da Sé na gestão José Serra:

“Novas ações conjuntas com as polícias civil e militar, GCM, Contru e outros órgãos municipais estão programados para a rua, que tem ainda outros nove estabelecimentos com processos de fechamento em andamento. Esperamos, com tais medidas, melhorar a Rua Augusta” (idem, 12/10/2005)

Os esforços de revitalização da praça Roosevelt, por parte da prefeitura, por sua vez, começaram em 1999 com a concessão de uso da praça para o grupo Pão de Açúcar com a promessa de arborizar, receber lixeiras e novos postes de iluminação (*idem*, 27/02/1999). Contudo, as transformações só vão se materializar a partir da consolidação da

praça como uma mancha de teatro alternativo da cidade em 2002. Além de algumas ações feitas pelos próprios artistas na praça, a ONG Ação Local, ligada à Associação Viva o Centro, teve sua atuação reforçada, conseguindo mobilizar a Prefeitura a limpar a praça e reforçar o policiamento na área (*idem*, 18/09/2002).

Alguns prédios na praça, antes abandonados, passam a ser reformados pela iniciativa privada e vendidos para a sociedade civil por um preço mais acessível que nos bairros mais ricos, trazendo mais moradores das classes médias para a região (*idem*, 17/08/2003). A discussão para a construção de uma nova praça Roosevelt começa em 2005, motivada em grande parte pelos moradores e novos frequentadores do espaço, em função de sua deterioração física e, principalmente, da “frequência” de mendigos, prostitutas e usuários de entorpecentes.

“Os travestis e traficantes foram sendo expulsos pelo público do teatro, pela classe média que começou a frequentar a Roosevelt”, comenta Vazquez (idem, 08/06/2007)

Com dois anos de atraso, em 2008, a licitação para a construção da nova praça Roosevelt é lançada com a promessa de tornar a praça mais segura e utilizável (idem, 07/04/2008). No projeto, a reforma previa uma praça plana, onde se pode enxergar de uma ponta a outra, 70 árvores e duas esplanadas (na consolação e Augusta) com escadarias e rampas. Além da interdição da praça, a prefeitura precisaria realocar uma escola municipal e um supermercado existentes.

Com o início do planejamento da construção da nova praça em 2010, o policiamento na área é reforçado como a ação de retirada de mendigos e sua realocação por assistentes sociais da Prefeitura em albergues da região (*idem*, 21/04/2007). A reforma, no entanto, em função das desapropriações a serem feitas atrasou mais dois anos, só começando em outubro de 2010.

[FIG. 175]
Projeto da nova praça Roosevelt em 2008
ESTADO DE S. PAULO.
“Reforma da Roosevelt deve sair do papel”.
São Paulo. 07/04/2008.
Página C3. Cidades

3.3.3 Os novos empreendimentos residenciais

O processo de “revitalização” das áreas centrais necessariamente passava por uma reocupação residencial e comercial, que privilegiasse as camadas médias e altas da sociedade. No entanto, os edifícios já existentes na região da rua, construídos em sua maioria entre 1950 e 1970, não condiziam mais com o padrão atualmente preferido por esses setores sociais.

Observa-se que a partir da década de 1970 e 1980 uma nova “forma de moradia” se populariza entre as classes médias e elite muito mais alienada e isolada da cidade: os condomínios murados. Fossem eles conjuntos de prédios com uma diversidade de atividades de lazer e comércio dentro dos muros ou condomínios horizontais de casas construídas individualmente pelos proprietários, esses empreendimentos, em sua maioria, localizavam-se distantes do centro urbano e preconizavam um “estilo de vida” que só seria possível dentro dessas ilhas isoladas das intempéries da cidade. De acordo com Teresa Caldeira,

Esse “novo conceito de moradia” articula cinco elementos básicos: segurança, isolamento, homogeneidade social, equipamentos e serviços. A imagem que confere o maior status (e é mais sedutora) é a da residência enclausurada, fortificada e isolada, um ambiente seguro no qual alguém pode usar vários equipamentos e serviços e viver só com pessoas percebidas como iguais. (CALDEIRA, 2003, p. 265)

É interessante observar como a “rua” e o espaço público urbano são significados por esses novos empreendimentos enquanto um espaço “inseguro” que pode ser evitado através do fornecimento de serviços “exclusivos” que antes só poderiam serem desfrutados na cidade. Um exemplo é a propaganda nos jornais do condomínio “Ilha do Sul”, de 1973 (O ESTADO DE S. PAULO, 10/06/1973), na qual através de um forte componente emocional, da relação entre pai e filhos, transmitiu-se os benefícios de viver em um condomínio fechado:

Na Ilha do Sul seus filhos não vão para a rua. Eles têm tudo o que desejam em casa. (...) Vá para a Ilha do Sul. Seus filhos vão agradecer o pai que têm. (ibidem)

[FIG. 177]
Foto da região da praça Roosevelt próxima à Rua Augusta. É possível observar a apropriação da praça comum pelos skatistas
Foto tirada pelo autor em 2013

quanto na habitação. A atenção exagerada da mídia à mancha de lazer noturno e à diversidade de jovens existente ali ajudou a mascarar o processo de gentrificação, sendo esse atribuído como uma consequência “natural” e, de certa forma, benéfica da ocupação do lazer noturno na rua. Algumas pessoas pertencentes a esses grupos sociais marginalizados, como mendigos e prostitutas, ainda circulam e permanecem na rua e ajudam a sustentar o status midiático de “rua da diversidade”, mesmo que sua presença seja ínfima comparada aos grupos que ali circulam atualmente.

[FIG. 176]
Foto do centro da praça Roosevelt já reformada em 2013. No fundo da foto é possível ver uma unidade móvel da polícia civil
Foto tirada pelo autor em 2013

Em 2012, parte da nova praça Roosevelt é inaugurada e passa a ser adotada como palco de diversos eventos, de pista de skate à shows e manifestações políticas. A imprensa passa a relatar já terem diminuído muito a frequência de mendigos, prostitutas e viciados, em função do policiamento intensivo e da valorização imobiliária da região. Um conflito ocorrido entre skatistas e policiais em 2013 (FOLHA DE S. PAULO, 07/01/2013), onde um grupo de jovens é repreendido pelos policiais, através de agressões verbais e spray de pimenta, por estar fazendo manobras de skate pela praça, mostra bem a forma com que se

deu a expulsão de grupos sociais considerados “marginais” por alguns moradores da região e pela polícia.

Analisando a forma com que a “revitalização” da área se deu, com uma expulsão ativa de segmentos sociais considerados “marginalizados” e das classes populares em função de promover uma nova ocupação das classes médias, é possível ali enxergar um processo de “Gentrification”⁹⁰, já sinalizado por José Guilherme Magnani (O ESTADO DE S. PAULO, 07/08/2011) em 2011. O governo, em parceria com a iniciativa privada, garantiu que as classes médias pudessem se reapropriar da rua tanto no lazer

⁹⁰ Entende-se o conceito de “gentrificação” a partir do conceito cunhado por Ruth Glass nos anos 60, onde acontece a transformação da composição social dos residentes de certos bairros centrais, por meio da substituição de camadas populares por camadas médias assalariadas (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p. 22), aumentando o valor imobiliário do espaço. O conceito é utilizado também por Saskia Sassen no seu livro “as cidades globais” vai se utilizar do termo para designar os segmentos superiores das classes médias residindo nos condomínios de luxo das grandes cidades (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006, p. 22), o que também se aplica perfeitamente ao processo que irá ocorrer na região.

A idéia de exclusividade associada a uma vida “sossegada” e sem a poluição, o barulho, a confusão e a mistura da cidade é amplamente explorada nos anúncios publicitários da época.

A Ilha do Sul tem salão de beleza tão bom como os melhores da rua Augusta, com uma vantagem: é exclusivo. (ibidem)

Esses condomínios cada vez mais se deslocavam para longe do centro urbano em direção ao vetor Sudoeste. Mesmo nos edifícios residenciais que permanecem em regiões mais centrais, é possível perceber que se adaptam a esse novo conceito, adotando o maior número de comodidades e serviços possíveis no espaço e garantindo a segurança do morador através de muros e guaritas. Nesse contexto, os edifícios de apartamentos da rua Augusta, em sua maioria com uso misto, em uma região muito central e sem serviços exclusivos para os moradores, tiveram acelerada a sua desvalorização imobiliária, uma vez que não se adequavam ao novo padrão de moradia estabelecido na época. Da mesma forma, os edifícios comerciais da rua na década de 1990, frente ao tecnológico e “flexível” modelo de prédio existente na Berrini, passou a ser considerado uma opção obsoleta e em uma região considerada deteriorada.

A partir de 2005, a região passa a ser requisitada enquanto um espaço de moradia por um público jovem já frequentador do lazer na rua e que gostaria de ter acesso fácil a opções de lazer e cultura. Um exemplo é o projeto de 2005⁹¹ do antigo hotel Caesar Palace, propriedade da Inpar, de ser transformado em um prédio de apartamentos menores para *atrair o público que frequenta a região, muito ligado à arte e cultura* (O ESTADO DE S. PAULO, 23/01/2005). Inicialmente, esses novos moradores procuravam apartamentos nos edifícios antigos da rua, com preços mais acessíveis (*idem*, 02/11/2007). Artistas e profissionais envolvidos

com arte e cultura, como os novos cantores da MPB Tulipa Ruiz (*idem*, 29/10/2010) e Tatá Aeroplano (*idem*, 17/10/2010), passam a morar na região, fato que ao ser midiaticizado reforça ainda mais a fama do bairro enquanto região cultural e artística.

É interessante notar que grande parte da justificativa é o fácil acesso a transporte público e serviços e comércio nas proximidades, diminuindo a dependência do automóvel como meio de transporte (*ibidem*). A alta demanda de moradia proveniente de um público de alto poder aquisitivo vai gerar, porém, um aumento nos valores dos aluguéis da região e tornar para muitos antigos moradores e comerciantes difícil de continuar residindo na rua.

O empresário disse que, depois de a abertura das casas, a região consolidou a vida noturna e os aluguéis tiveram valorização superior a 50%. (FOLHA DE S. PAULO, 23/08/2009)

A valorização da região vai tornar os preços dos terrenos de muitos edifícios alugados para comércio, serviços e lazer muito superiores aos valores iniciais da compra, tornando sua venda para grandes incorporadoras e empresas altamente rentável.

Através da grande oferta de edifícios passíveis de compra, a promessa de uma melhoria de infraestrutura, a expulsão das atividades ilegais da rua e a política governamental de reocupação do centro por prédios residenciais e comerciais, a rua parecia preparar-se, a partir de 2009, para receber investimentos da iniciativa privada visando a ocupação de terrenos com grandes torres comerciais e residenciais. Os investimentos se focaram, em um primeiro momento, na compra de edifícios antigos e menores, estacionamentos e imóveis abandonados concentrados na região intermediária da rua, entre a Peixoto Gomide a rua Marquês de Paranaguá, demolindo construções históricas e tomando o lugar de diversos estabelecimentos de lazer e serviços.

É interessante notar que, a fim de tornar-se atraente para as classes médias e altas, os novos empreendimentos vão adotar alguns códigos dominantes dos edifícios residenciais e comerciais mais contemporâneos, destoando completamente de algumas características fundamentais dos prédios da região.

Em primeiro lugar, há a preocupação exagerada com segurança que vai implicar em um maior isolamento dos prédios, devidamente protegidos das ruas por grades, muros e guaritas, assim como por pavimentos garagem elevados um ou dois pavimentos acima do nível das calçadas. Aliás, destoando também dos prédios de uso misto mais antigos que predominavam na rua, esses novos edifícios não propõem quaisquer espaços de comércio ou serviços nos térreos, que fossem acessíveis aos transeuntes, nem mesmo espaço coberto de proteção do sol ou das chuvas. Na medida em que vão tentar garantir a segurança de seus moradores, elevando muros que separam o edifício da rua, aumentam a sensação de insegurança dos passantes, principalmente durante o período da noite.

O “Capital Augusta”, da imobiliária Lopes, localizado na esquina da rua Augusta com a Antônia de Queiroz (rua Antônia de Queiroz, 180) é um bom exemplo disso. O edifício será isolado no lote e a entrada se dará pela rua Antônia de Queiroz, enquanto o lado da rua Augusta será totalmente murado. O prédio será construído no lugar do casarão antigo do Senador Major Almeida Telles, datado de 1912⁹², e consiste de uma torre de aproximadamente 17 andares de pequenos apartamentos entre 38 e 54 m² de área privativa [FIG. 178]. O edifício oferece uma ampla gama de serviços, contando com espaço gourmet, pet care, sauna, spa, lavanderia, churrasqueira, academia e piscina. Com essas opções de comodidades dentro do edifício, pouco se aproveita da extensa gama de entretenimento e serviços da região. [FIG. 179]

[FIG. 178]
Perspectiva do prédio Capital Augusta a ser construído na esquina da rua Antônia de Queiroz e da rua Augusta
Disponível no website <http://esser.com.br/apartamento/imovel-residencial-apartamento-bela-vista-sao-paulo-capital-augusta-46#>. Acessado em 20/02/2013

[FIG. 179]
Planta da cobertura comunitária do prédio Capital Augusta, onde encontram-se diversas áreas de lazer como academia e piscina
Disponível no website <http://esser.com.br/apartamento/imovel-residencial-apartamento-bela-vista-sao-paulo-capital-augusta-46#>. Acessado em 20/02/2013

⁹¹ Esse projeto não foi concretizado e o edifício foi transformado em 2013 em uma faculdade.

⁹² Esse projeto não foi concretizado e o edifício foi transformado em 2013 em uma faculdade.

[FIG. 180]
Perspectiva do prédio Bella Cintra com os fundos para a Rua Augusta
Disponível no website [http://www.lopes.com.br/ficha-imovel-lancamento/lps/villas-boas/df/aguas-claras/indefinido/sul-\(aguas-claras\)/apartamento/residencial-bella-cintra/1775](http://www.lopes.com.br/ficha-imovel-lancamento/lps/villas-boas/df/aguas-claras/indefinido/sul-(aguas-claras)/apartamento/residencial-bella-cintra/1775). Acessado em 20/02/2013

[FIG. 181]
Planta da cobertura do edifício Bella Cintra com diversas atividades de lazer
Disponível no website [http://www.lopes.com.br/ficha-imovel-lancamento/lps/villas-boas/df/aguas-claras/indefinido/sul-\(aguas-claras\)/apartamento/residencial-bella-cintra/1775](http://www.lopes.com.br/ficha-imovel-lancamento/lps/villas-boas/df/aguas-claras/indefinido/sul-(aguas-claras)/apartamento/residencial-bella-cintra/1775). Acessado em 20/02/2013

Outro exemplo é o edifício “Bela Cintra” da imobiliária Lopes, localizado na rua Bela Cintra, 201. O edifício que foi um dos primeiros a ter sua construção iniciada no ano de 2010 e consiste em 4 torres com apartamentos variando entre 51 e 121 m² com apartamentos de 1 a 2 dormitórios. O prédio também segue o padrão de oferecer uma gama de serviços condominiais grande como espaço gourmet, lavanderia, salão de jogos, sala de ginástica, churrasqueira e piscina [FIG. 181]. A entrada do edifício se dá pela rua Bela Cintra, sendo a rua Augusta, a traseira do edifício, sem nenhum acesso aparente para a via [FIG. 180]. O prédio além de totalmente murado e isolado no lote, tem nos primeiros pisos que fazem divisa com a Augusta, pavimentos de estacionamento, constituindo um enorme paredão sem janelas para a via pública. O espaço na rua, onde antes existiam diversos bares, lojas e boates, agora se encontra sem nenhuma funcionalidade para o transeunte que, durante a noite, aperta o passo em função da baixa luminosidade e da sensação de insegurança proveniente do vazio gerado [FIG. 182].

As grandes alturas alcançadas pelas torres desses edifícios também quebram o padrão de prédios menores (de até 3 pavimentos) existentes em maior quantidade na região intermediária da rua, onde os empreendimentos estão se concentrando. A grande altura se reflete também em um aumento na quantidade de pessoas morando e trabalhando na região, aumentando o número de automóveis transitando, o que vai possivelmente influenciar num aumento de congestionamento.

Um exemplo disso é o novo empreendimento Ca’d’oro que está sendo construído no terreno do antigo hotel. Em parceria com a incorporadora Brookfield, planejou-se a construção de um novo hotel Ca’d’oro mais moderno e integrado a uma torre de escritórios (O ESTADO DE S. PAULO, 24/07/2011), além de uma segunda torre exclusivamente residencial. O projeto atual da torre comercial prevê um edifício de 28 andares, abrigando 543 unidades, 396 para escritórios, localizadas nos 18 andares iniciais, e 153 destinadas ao hotel (*idem*, 16/10/2010).

Mesma solução adotada pelo Caesar Park em sua nova unidade, o projeto “misto” foi adotado pensando em potencializar a demanda de hóspedes para o hotel vindo das próprias empresas localizadas em andares inferiores, além de manter um fluxo constante de pessoas que se utilizam dos estabelecimentos e serviços oferecidos. O impacto no trânsito será grande, uma vez que vai abrigar o fluxo diário de carros dos moradores, mas também dos trabalhadores e clientes dos escritórios, dos hóspedes dos hotéis e dos frequentadores do restaurante. Apesar de haverem demolido por completo o antigo edifício e adotar uma arquitetura e um conceito contemporâneo, com grandes semelhanças a maioria dos novos prédios construídos no eixo da avenida Faria Lima, o argumento principal da comunicação se baseia nos conceitos de tradição e no resgate de certos aspectos da história do hotel que remetam a um ideal de sofisticação e requinte.

[FIG. 182]
Muro do edifício Bella Cintra gerando um espaço vazio e mal iluminado na rua
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 183]
Perspectiva do edifício Ca’d’oro a ser construído na rua
Disponível em <http://www.br.brookfield.com/SP/imoveis/cadoro>.
Acessado em 22/01/2013

[FIG. 184] (TOPO DA PÁG.)
Perspectiva com o detalhe da entrada do edifício
Disponível em <http://www.br.brookfield.com/SP/imoveis/cadoro>.
Acessado em 22/01/2013

[FIG. 185] (IMAGEM ACIMA)
Propaganda imobiliária do edifício Bella Augusta
O ESTADO DE S. PAULO. Bella Augusta
(anúncio). 22/11/2012. p. A14. Nacional

É interessante também observar o modelo de tecnologia e estilo com uma forte influência do padrão já existente na região da Berrini e Vila Olímpia. Com um predomínio do uso do vidro nas fachadas, plantas de tamanhos variados, catracas eletrônicas nos edifícios comerciais e fibra ótica, os edifícios se equipam com uma estrutura moderna para tentar competir com os prédios instalados em outras centralidades comerciais.

Um exemplo é o edifício comercial, com conjuntos de 33 a 431 m², “Bela Augusta Boulevard Offices”, da incorporadora Esser, localizado na rua Augusta, 890. Com um design contemporâneo e alta tecnologia, o edifício tenta atrair o público executivo através de uma comunicação focada na localização privilegiada, com acesso às ruas Augusta e Bela Vista, além de estar próximo à estação de metrô Consolação.

É interessante observar como apesar de em muitos aspectos se isolarem da rua e serem construídos no lugar de diversos estabelecimentos de lazer, os novos empreendimentos vão se beneficiar de seu perfil cultural e de seu frequentador como argumento publicitário usado para convencer investidores e possíveis moradores a comprarem uma unidade.

Um exemplo é o edifício residencial “Augusta Hype Living” (rua Augusta, 569) da incorporadora Arquiplan. O edifício residencial é direcionado claramente para o jovem de classe alta com apartamentos de 1 dormitório e 34 m² com serviços direcionados para esse target, como serviços de pay per view, sauna, piscina e academia. O edifício explora em sua comunicação a atratividade da região do Baixo Augusta com *a sofisticação do jardins, a efervescência da paulista, o charme e a agitação do centro*⁹³ e a sofisticação dos serviços e da estrutura.

⁹³ Trecho do vídeo promocional do empreendimento no site: <http://www.augustahypeliving.com.br/video/>

É interessante observar como o processo de revitalização das regiões centrais se concretizou na rua Augusta através de um processo ativo de gentrificação mascarado socialmente pelo desenvolvimento de uma mancha de lazer voltado às classes médias e uma identidade ligada ao conceito de “diversidade” de pessoas, mesmo que para que essa diversidade tenha sido possível muitos grupos foram excluídos. A “revitalização” proporcionou a retomada do espaço como habitação e trabalho para as classes altas que vão se instalar em prédios que desconsideram a estrutura e o perfil da rua, reproduzindo o padrão de segurança, comodidade e estilo arquitetônico que essas elites já estão acostumadas. Espera-se morar no centro da mesma forma em que se morava nos distantes bairros de elite.

[FIG. 186]
Propaganda imobiliária do Augusta Hype
O ESTADO DE S. PAULO. Augusta Hype
(anúncio). 27/10/2012. p. A17. Nacional

3.4

A rua apropriada:

Territorialidades coletivas, a arte urbana e movimentos sociais.

Apesar dos esforços de gentrificação que tendem a homogeneizar a região e restringir a maior parte das atividades de lazer e sociabilidade aos “seguros” espaços privados, sobrevive na rua tipos diferentes de apropriação do espaço⁹⁴.

Por aglomerar atividades e estabelecimentos de grupos sociais diferentes, o espaço público e aberto da rua vai se tornar um ponto onde diferentes territorialidades vão se cruzar. A partir do contato dessas identidades diferentes, irá se estabelecer ali um espaço privilegiado de visibilidade e construção de códigos estéticos e comportamentais que vão ajudar a estabelecer e reforçar os laços de sociabilidade de cada grupo (PERLONGHER, 1996, p. 33). A rua, além de servir como um meio onde se estabelecem e fortalecem relações, é também o suporte em que o jovem vai se expressar artisticamente, transformando o espaço urbano através de graffiti, vídeos, exposições, pichações e

outras intervenções artísticas. Na medida em que a rua ganha relevância e visibilidade na mídia, a rua é apropriada também como espaço de manifestações coletivas, nas quais a causa política se mistura com o intuito de se divertir, sociabilizar e se expressar. A rua Augusta ganha novos significados e passa a representar uma nova forma de ocupação urbana jovem. Consideraremos aqui quatro dimensões em que se dá a apropriação da parte central da rua pelos seus transeuntes.

⁹⁴ Entende-se o conceito de apropriação do espaço de uma forma mais ampla do que simplesmente a apropriação privada do espaço por diferentes estabelecimentos. Entende-se por apropriação as diferentes formas em que pessoas interagem, estabelecem vínculos e transformam o espaço. A apropriação não é necessariamente física, podendo ser também de ordem simbólica, na qual o cidadão vai ressignificar o espaço a partir de suas impressões e da relação que estabelece com ele.

⁹⁵ A divisão foi feita como uma forma de potencializar a compreensão analítica da forma em que as apropriações se dão na rua.

3.4.1 A rua enquanto espaço de identidades e encontros

Durante as décadas de 1980 e 1990, a maior parte das atividades e de encontros se davam no interior dos estabelecimentos, restando à rua as atividades ilegais de comércio, como camelôs e barraquinhas, e à noite enquanto espaço de trabalho das prostitutas que negociavam e conversavam com clientes, em sua maioria motorizados. A rua é, então, utilizada enquanto espaço de circulação de automóveis ou de trabalho, pautada em relações comerciais e funcionais estabelecidas entre cliente e fornecedor de serviço. Em alguns bares da região já se observa nesse período a apropriação das calçadas como ambiente de sociabilidade pelas classes populares, porém, essa ocupação vai se dar de forma ostensiva a partir da ocupação das classes médias e altas.

O público de artistas e intelectuais que se fixa nos bares da região a partir de 1995 traz para rua uma dimensão diferente da existente até então: enquanto ponto de encontro e de sociabilidade, principalmente entre amigos e conhecidos durante o período noturno. A adaptação e estabelecimento de equipamentos culturais e de lazer ajudou na fixação de territorialidades diferentes na rua, na mesma medida em que foram motivadas por essas. Grupos jovens diferentes elegem a rua como parte de seu circuito urbano, como os “Straight Edgers”, uma subcultura surgida nos anos 1980, que defende a abstinência em relação ao álcool e aos entorpecentes, muitas vezes adeptos do vegetarianismo, de movimentos ecológicos, do anarquismo mas também da extrema direita. Analisados por Bruna Mantese, eles se fixaram na rua e influenciam em sua oferta de serviços:

Trata-se da sorveteria Soroko, na rua Augusta, que, com a frequência dos straight edgers, começou a fornecer sorvetes sem os ingredientes interditos – principalmente o leite, que foi substituído por soja – e terminou constituindo um “point” para os membros do grupo não apenas da capital, mas de todos os lugares, incluindo o exterior. A rua Augusta, onde está

situada a sorveteria, vem se tornando uma região de referência para os straight edgers (...). (MAGNANI, 2005, p. 181)

Outro exemplo é o enclave do grupo de adolescentes intitulados “emos”, grupo social de jovens que se inspiravam no estilo e na moda de cantores de uma vertente específica do rock descendente da cena punk e indie, o emocore, caracterizada por uma musicalidade melódica, emotiva e de tom confessional. Esse enclave se estabelece em 2008 na frente do bar Vitrine, revelando uma estratégia consciente de ocupação de território, mas também como forma de proteção de ataques de skinheads (VEGA, 2008, p. 75) que circulam por toda a rua.

A intensificação de circulação de pedestres na rua possibilitou que ela se tornasse um espaço que possibilita não somente encontros interpessoais entre conhecidos mas também entre grupos diferentes, que pouco se encontravam até então. Essa diversidade do lugar passou a ser celebrada e amplamente divulgada pela mídia, estando presente também no discurso de muitos frequentadores.

Mesmo que a diversão dentro dos clubes ainda seja segmentada de acordo com um perfil de público e estilo de música em específico, a rua vai se revelar como um espaço em que diversas territorialidades vão se entrecruzar e estabelecer relações. “Circular na rua e ver pessoas diferentes” passa a ser o objetivo principal de muitos jovens frequentadores.

Em um mesmo quarteirão da rua Augusta, fica possível encontrar jovens de várias tribos. Não importa a ideologia, o estilo de roupa ou a preferência sexual. O trecho virou uma zona livre. (O ESTADO DE S. PAULO, 21/10/2007)

Essas relações estabelecidas entre diferentes grupos, porém, se estabelecem algumas vezes de formas conflituosas, tornando-se por exemplo recorrentes manifestações de intolerância. A partir

3.4.2 A rua enquanto espaço de manifestação coletiva

de 2006 começam a ser reportados na rua muitos crimes de ódio entre grupos conflitantes, principalmente entre punks e skinheads, que nela se cruzavam. A partir de 2010, em conjunto com a região da avenida Paulista, crimes de homofobia e de ódio à diversidade sexual também passam a receber grande atenção midiática. A região, em função de sua diversidade, já é apontada como um dos focos dos crimes de ódio em São Paulo:

Segundo a delegada, ali é “a nossa faixa de Gaza”. O motivo é que a área tem a maior concentração de bares frequentados por gays e por skinheads - cada turma no seu reduto, mas todos muito perto uns dos outros. “Eles acabam se encontrando pela rua”, diz a delegada. (FOLHA DE S. PAULO, 03/04/2011)

Na medida em que a rua ganha representação midiática e passa a ter uma circulação maior de pessoas, ela vira um espaço de diálogo entre os grupos manifestantes e a sociedade através de manifestações coletivas. É interessante notar que essas manifestações podem ou não ter um caráter político e de reivindicação social, sendo muitas vezes simplesmente uma forma de mostrar sua identidade e se divertir coletivamente no espaço público.

Organizadas pela internet, muitas dessas manifestações divertidas, popularmente conhecidas como “flashmobs”⁹⁶, começam a tomar espaço na rua Augusta a partir de 2009. Um exemplo foi o “No pants day”, organizado em 2011 pela internet, que consistia na circulação de pessoas pelo espaço público somente com as partes de baixo da roupa. O movimento concentrou-se no metrô Consolação e desceu a rua Augusta no sentido Centro (VIRGULA UOL, 10/11/2011).

[FIG. 187]
Jovens do movimento
No pants descendo a
rua Augusta no sentido
Centro em 2011
Disponível em <http://virgula.uol.com.br/ver/album/inacreditavel/2011/01/10/14663-no-pants-subway-ride-sao-paulo-2011#0> Acessado em 20/02/2013

⁹⁶ Flashmobs são aglomerações de pessoas em determinado lugar com a intenção de realizar uma ação previamente combinada, normalmente pela internet, em um curto período de tempo.

[FIG. 188]
Jovens do movimento No pants descendo
a rua Augusta no sentido Centro em 2011
Disponível em <http://virgula.uol.com.br/ver/album/inacreditavel/2011/01/10/14663-no-pants-subway-ride-sao-paulo-2011#o> Acessado em 20/02/2013

[FIG. 189]
Flyer do Bloco
Acadêmicos do Baixo
Augusta promovido em
2013
Arquivo Pessoal

[FIG. 190]
Foto do bloco de carnaval de rua “Acadêmicos
do Baixo Augusta” em 2013 descendo a Rua
Augusta em direção a Praça Roosevelt
Fotos cedidas por Bruno Zaitzu para essa
dissertação de mestrado

Outro exemplo interessante é o “Bloco Acadêmicos do Baixo Augusta”, organizado por Alexandre Youssef da casa noturna Studio SP desde 2010, promovendo um carnaval de rua pela rua Augusta com os frequentadores da casa noturna da região (O ESTADO DE S. PAULO, 11/02/2010). Em 2013, por exemplo, o bloco, sob o lema “Ocupaugusta”, concentrou-se entre as ruas Marquês de Parana-guá e Caio Prado e desceu até a praça Roosevelt, contando com a presença de cantores populares como Simoninha e Pitty e fazendo uma parceria com a MTV Brasil que anunciou o evento (R7, 31/01/2013) em sua grade de programação, atrain-do um número maior de pessoas.

[FIG. 191]
Foto do bloco de carnaval de rua “Acadêmicos
do Baixo Augusta” em 2013 enquanto estavam
aglomerados na Praça Roosevelt
Fotos cedidas por Bruno Zaitzu para essa
dissertação de mestrado

É interessante notar como as intenções de diversão e políticas acabam por se misturar e gerar uma manifestação “híbrida”, ajudando mais pessoas a aderir à manifestação. Alexandre Youssef, por exemplo, expressa o caráter político do seu bloco de carnaval em uma reportagem sobre o carnaval de rua em São Paulo e o bloco Acadêmicos do Baixo Augusta na revista Trip:

A cidade é nossa e precisa ser ocupada. A rua deve ser nossa praia: para passear, andar de bicicleta, fazer um esporte, assistir a um show, reivindicar um mundo melhor, enfim, tudo deve ser permitido. Como maior exemplo da mistura desse pertencimento com a valorização da nossa cultura popular, o Carnaval 2013 deve ser a cara desta nova cidade. Vamos carnavalizar o cinza e ocupar São Paulo! (TRIP, 19/12/2012)

Por outro lado, o evento “Existe Amor em SP”⁹⁷ organizado em 2012 por grupos envolvidos na produção cultural em São Paulo na nova praça Roosevelt tinha uma clara intenção política de *despertar o debate sobre o tema* [Cultura] *na campanha eleitoral* (GI, 21/10/2012). Com uma agenda heterogênea, envolvendo temas das artes, sexualidade, drogas, direitos urbanos, partilha do espaço público, a manifestação reuniu shows de cantores brasileiros famosos, como Criollo e Gaby Amarantos, e de bandas independentes. Através da diversão mobilizou cerca de 8 mil pessoas em torno de uma causa política, não explicitamente partidária, ainda que fortemente marcada por um tom de insatisfação com os investimos especulativos e as políticas culturais e urbanas da administração municipal que se encerrava.

[FIG. 192]
Foto do evento Existe Amor em SP organizado na praça Roosevelt em 2012
G1. “Festival existe amor em SP reúne multidão na Praça Roosevelt”. 21/10/2012. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/festival-existe-amor-em-sp-reune-multidao-na-praca-roosevelt.html>

[FIG. 193]
Foto do evento Existe Amor em SP organizado na praça Roosevelt em 2012. Em destaque é possível observar o show promovido pelo cantor Criollo
G1. “Festival existe amor em SP reúne multidão na Praça Roosevelt”. 21/10/2012. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/festival-existe-amor-em-sp-reune-multidao-na-praca-roosevelt.html>

[FIG. 194]
Flyer de divulgação do evento Existe Amor em SP. A união entre manifestação política e diversão pode ser bem observada aqui
Arquivo pessoal

⁹⁷ O nome do evento foi inspirado em uma música homônima do cantor Criollo que apresentou-se no evento.

3.4.3 A rua enquanto suporte de intervenções artísticas

Até a década de 2000, as manifestações artísticas que usavam os edifícios da rua enquanto suporte limitavam-se às pichações, inscrições e assinaturas nas paredes que expressavam uma forma de afirmar a identidade e a existência do pichador (OLIVEIRA, 2009, p.516). Esteticamente, destacavam-se os anúncios, stickers e placas publicitárias dos estabelecimentos, com um destaque para os luminosos das boates durante a noite. A diversidade arquitetônica variando em estilo e tamanho também contribuíam para uma imagem caótica e, aparentemente, confusa, como pode-se observar na obra de Máximo Canevacci:

Ao tornar-se um meio de comunicação entre diferentes grupos sociais, a rua passa a ser também um veículo no qual eles poderão se expressar artisticamente. É nesse mesmo período de tempo que o graffiti⁹⁸ vai ser amplamente discutido nos meios de comunicação e ganhar popularidade, sendo tema de reportagens e exposições em galerias e museus.

Ainda em 2004, o artista plástico Alexandre Orion realizou uma intervenção na rua Augusta, tendo como base a colagem de fotos sobrepostas pelo graffiti de uma mulher em poucos trajes, que por sua vez estava retratada nas pequenas fotos. Sua idéia era chamar a atenção do transeunte ao processo metalinguístico da arte.

[FIG. 195]
Fotos da intervenção urbana realizada por Alexandre Orion na rua Augusta em 2004. Disponível em www.alexandreorion.com. Acessado em: 20/02/2013

Uma outra intervenção que teve grande impacto midiático foi o projeto ‘Vídeo Guerrilha’, iniciado em 2010, e que consistia na projeção de imagens nas fachadas e paredes dos edifícios da região do Baixo Augusta, chamando a atenção dos transeuntes para o espaço edificado:

“O Vídeo Guerrilha fomenta o debate sobre a revitalização da área central de São Paulo e sua valorização arquitetônica”, diz. “A Augusta é mais do que droga e prostituição, é um polo cultural, um caldeirão estético, cultural e comportamental” (FOLHA DE S. PAULO, 18/11/2011)

Muitas intervenções artísticas vão transcender o espaço das fachadas, muros e paredes dos edifícios, e vão se apropriar dos mais diversos equipamentos urbanos, como caixas de eletricidade, floreiras, postes, orelhões, etc.

[FIG. 196]
Fotos de uma das intervenções artísticas feitas pela exposição Vídeo Guerrilha no casarão de esquina entre a Rua Augusta e a rua Antônio de Queiroz/ FOLHA DE S. PAULO. “Projeções gigantes são os destaques do Vídeo Guerrilha”. São Paulo. 18/11/2011. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/9510-projecoes-gigantes-sao-os-destaques-do-video-guerrilha.shtml>

[FIG. 197]
Floreiras grafitadas nas proximidades da esquina da rua Marquês de Paranaguá e da rua Augusta. Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 198]
Pichações e lambe-lambes colados no imóvel da rua Augusta com a rua Peixoto Gomide. Foto tirada pelo autor em 2013

⁹⁸ Nesse período, se estabelecem amplas discussões acerca da relação entre pichação e “graffiti”. De uma forma geral, adotava-se a nomenclatura “graffiti” quando referia-se à pichação mais pictográfica e com um viés mais artístico e pichação ao ato ilegal de desenhar e escrever sobre as paredes, além de ser mais associado às inscrições e assinaturas tradicionais.

[FIG. 199]
Postes pintados na
frente do espaço Itaú de
Cinema
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 201]
Árvore envolvida por
tricô e pompons,
parte do projeto “13
pompons”, na frente do
Espaço Itaú de Cinema
Foto tirada pelo autor
em 2013

[FIG. 200]
Postes envolvidos
por tricô e pompons,
parte do projeto “13
pompons”, na frente do
Bar BH
Foto tirada pelo autor
em 2013

Um exemplo interessante é o projeto “13 pompons”, da idealizadora Letícia Matos que consiste em “vestir” postes, árvores e orelhões das ruas de São Paulo com uma trama de tricô e pompons. Sua obra se encontra em dois pontos na rua Augusta, na frente do Espaço Unibanco e na frente do bar Caos.

Segundo ela “os pompons vêm para transmitir a sensação de carinho e aconchego, por meio de uma arte simples e acessível a todos” (PAULISTA 900, 25/09/2012).

Os estabelecimentos também vão se utilizar da arte urbana e do *graffiti* para chamar a atenção do transeunte, uma vez que após o estabelecimento da Lei Cidade Limpa, em 2007, qualquer tipo de publicidade externa foi proibida. Um exemplo é o Studio SP que revestiu toda sua fachada de stickers com a inscrição “Mais amor por favor” e o bar Caos que grafitou toda sua fachada.

[FIG. 202]
Casa Noturna Studio SP
decorada com lambe-
lambes com a frase
“Mais Amor por favor”
Foto tirada pelo autor
em 2013

O apoio cultural dado pela casa noturna Vegas aos graffitis que foram pintados nas fachadas de edifícios pela rua em 2008 (VEJA S.PAULO, 18/09/2009), como forma de comemorar seu aniversário de 3 anos, foi fundamental também para a disseminação do *graffiti* na rua.

[FIG. 203] (À ESQUERDA)
Fachada do bar Caos, inteiramente grafitada
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 204] (ABAIXO)
Graffiti nos muros da Estação de Energia Eletropaulo na rua Augusta com patrocínio do clube Vegas
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 205] (ABAIXO)
Graffiti na fachada da casa noturna Fordiesel e do Bar do Netão, patrocinado pelo clube Vegas
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 206]
Camiseta promocional feita por Emicida no lançamento de sua música “rua Augusta”
Arquivo Pessoal

3.4.4. A rua enquanto signo representado⁹⁹

Entende-se que além da dimensão física, a rua é apropriada pelos seus frequentadores em uma dimensão simbólica, transformando-se em um signo que passa a ter novos significados ao longo do tempo. É através dos significados que os intérpretes vão dar a esse signo, que a rua se liga de forma mais profunda e emocional com eles, conectando-se ou não com parte de suas identidades.

Apesar de estar perdendo força, um dos níveis de significado que a rua Augusta tem é o da prostituição, fruto da ocupação e da extensa representação que teve por artistas e intelectuais¹⁰⁰ desde a década de 1980. Um exemplo recente é a música “Rua Augusta”, de 2010, do rapper Emicida, em que se retrata o cotidiano difícil de uma prostituta. O interessante é que apesar do título ser “rua Augusta”, em nenhum momento da música ele a cita explicitamente, deixando clara essa camada de significado.

⁹⁹ Entende-se signo a partir da definição de Pierce, evidenciada por Santaella (SANTAELLA, 2001, p. 42), onde um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. (idem).

¹⁰⁰ Muitas dessas representações já foram apresentadas no subcapítulo 3.1 sobre a prostituição na rua.

Uma outra camada de significado que vem ganhando bastante representação midiática é a da cultura urbana jovem, principalmente em função do lazer que ali se estabelece. É a partir desse significado que a rua será representada em diversos meios de comunicação, tanto pela grande mídia como pelo público no geral, muitas vezes reificando a própria categoria “jovem” como signo de vitalidade, criatividade e ousadia.

Na internet, diversos *websites* e páginas nas redes sociais vão se dedicar a explorar o universo de casas noturnas e estabelecimentos culturais da rua Augusta e as manifestações artísticas que tem a rua como tema. Já nos jornais analisados, percebe-se existir um esforço ativo em vincular a imagem da rua Augusta, enquanto centro cultural e de lazer jovem, a uma nova imagem da metrópole Paulistana, como um cenário cultural efervescente que se compara às grandes metrópoles mundiais.

Os clubes/bares Beat Club e Caos se juntam aos novíssimos Lav e Beco SP, mais os velhos Vegas, Studio SP, Inferno, Outs, Tapas, para compor uma rua musical que nem Londres tem. Nem Berlim tem. Talvez só Austin. (ESTADO DE S. PAULO, 04/06/2011)

Tal discurso é absorvido por algumas mídias internacionais e ajudam a retratar São Paulo como uma cidade em crescimento acelerado e com uma grande “explosão” cultural, na qual a rua Augusta aparece em sua impressionante diversidade como um contraponto às extremas desigualdades ainda vigentes no país.

Rapid change is gripping Brazil, especially Sao Paulo, the largest city in South America and the most expensive in the Western Hemisphere. A red-hot economy fueled by commodities trade with China and decades of stable government have made many Brazilians more prosperous. New youth movements have sprung from Sao Paulo's gritty urban mix. (...) The five years since have transformed this five-block length of Rua Augusta into a cultural blast furnace. In a society still marked by extreme inequality, it is one place where people of different classes, races and tastes mix freely. (LA TIMES, 03/10/2011)

Na medida em que passa a representar parte da identidade do paulistano, a rua passa a ser representada também pelo mercado de moda e decorações e servir de inspiração para roupas, acessórios e de enfeites para casa. Da mesma forma que foi tema de música na década de 1960, o Baixo Augusta passa a marcar presença como tema de músicas de novas bandas e cantores brasileiros como Tulipa Ruiz e sua canção “As Vezes” e a banda Cachorro Grande e seu álbum intitulado “Baixo Augusta”, contando com uma música homônima.

*“Sempre te via no mesmo lugar
Se eu te olhar eu sei que vou lembrar,
Lembrar.
Eu não vou deixar de ir pro bar
Um dia desses eu vou te encontrar
Se eu quiser eu sei onde te achar
Porque eu te disse, eu vou continuar,
No bar.
Nunca mais eu vou te escutar
Na verdade, eu não quero enxergar
E nem você vai me fazer parar
Porque eu te disse eu não vou parar,
Parar.” (CACHORRO GRANDE, 2012)*

Um exemplo curioso é a escolha da região do Baixo Augusta como uma região icônica da cidade para ser utilizada como tema de decoração de uma das salas de convivência do novo escritório do Google Brasil (FOLHA DE S. PAULO, 16/01/2013). Como elementos representativos da região pode-se ver as mesas e cadeiras dos tradicionais bares de rua, a arte de rua e o tema musical.

O grande poder simbólico da rua gera um alto envolvimento e grande identificação por parte de alguns frequentadores. Recentemente, iniciou-se um movimento, centrado principalmente em torno de um abaixo-assinado na Internet direcionado ao prefeito, em “defesa” da região do Baixo Augusta contra a descaracterização da rua frente aos investimentos feitos pelo mercado imobiliário.

[FIG. 207]
Marca páginas com o tema da Rua Augusta vendidos na loja Endossa
Foto tirada pelo autor em 2013

[FIG. 208]
Sala de convivência do escritório do Google Brasil inspirado na região do Baixo Augusta

A ocupação criminosa que vem sendo feita na Rua Paim, que claramente não comporta a quantidade de edifícios que estão sendo lançados e construídos, está começando a ser feita na Rua Augusta,

hoje o principal símbolo da cidade de São Paulo, onde pessoas de todo o Brasil e de todas as classes sociais, se reúnem há décadas com o claro intuito de diversão.¹⁰¹

¹⁰¹ Fonte: <http://www.peticaopublica.com.br/PeticaoVer.aspx?pi=augusta1> Acessado em: 01/02/2013

Conclusões

Conclusões

A partir da análise das características das apropriações e ocupações da rua Augusta em cada um dos períodos delimitados, é possível perceber a teia complexa de relações entre diversos processos sociais e urbanos, a ação de atores sociais, a apropriação por diversos grupos e outros fatores abordados. É a partir da articulação e negociação entre esses diversos processos que a rua vai ser construída de forma heterogênea por diferentes agentes espaciais.

Um primeiro olhar permite identificar a influência de fenômenos macro-urbanos e transformações sócio-espaciais da rua. A rua terá um papel duplo nesses processos, ao mesmo tempo em que vai ser produto e consequência desses fenômenos, vai, na medida em que se materializam, transformá-los a partir de suas próprias particularidades, apropriações e relações já estabelecidas. Nesse sentido, o processo de crescimento urbano associado às mudanças nas centralidades econômica, comercial e de lazer da cidade foram um dos processos que mais influenciaram nas transformações por que a rua passou.

No primeiro período, por exemplo, a grande importância da rua na expansão da malha urbana, na articulação viária e no transporte urbano, através de bondes e automóveis, se deu pelo seu papel de ligação entre os bairros que vão ser ocupados pela elite e o centro tradicional que até então acumulava as funções de trabalho, diversão e comércio. A partir de 1950, observa-se que a perda gradual da centralidade do centro histórico da cidade teve sérias consequências para a rua. A rua absorve grande

parte do comércio voltado para a elite, antes praticamente exclusivo ao centro, assim como de estabelecimento de serviços. Essa nova centralidade comercial que abriga passa a influir no cotidiano dos frequentadores e moradores, ao trazer para a rua um aumento significativo no trânsito de automóveis particulares, em conflito com o importante papel de deslocamento da rua. A partir da década de 1970, o centro histórico perde grande parte da centralidade econômica e lúdica que detinha até então. A mudança de grande parte das empresas para a região da Avenida Paulista somadas à crise do comércio de luxo na Rua Augusta, gradualmente deslocado para os espaços exclusivos dos shopping centers vão motivar diversas transformações na rua. Em primeiro lugar, ela passa a servir como um pólo hoteleiro de negócios em função da proximidade com a região da avenida Paulista. Em segundo lugar, ela se tornará uma das zonas de migração dos estabelecimentos de prostituição e de comércio popular do centro expandido. Entre 1990 e 2000, uma outra mudança na centralidade econômica vai promover mudanças. O crescimento da zona de negócios da avenida Faria Lima e a avenida Engenheiro Luiz Carlos Berrini vai influenciar na crise de alguns hotéis e de certos estabelecimentos comerciais da região, reforçando a opinião midiática do processo de abandono e “deterioração” da rua. É justamente nesse momento, e sobretudo a partir da década de 2000, porém, que tentativas de recuperar as regiões centrais irão incentivar uma ocupação completamente diferente na rua.

Em primeiro lugar, ela passa a se posicionar novamente como uma centralidade de lazer e entretenimento de jovens de classe média e alta, através do estabelecimento ao longo de sua vertente central, desde então chamado Baixo Augusta, de casas noturnas e bares voltados para esse público. Em segundo lugar, e em parte capitalizando as novas dinâmicas imobiliárias, o baixo valor relativo da terra na região e sua enorme visibilidade midiática, mais recentemente, a rua volta a receber parte da centralidade econômica e residencial de classes altas, expulsando grande parte da centralidade de comércio popular e da zona de prostituição que antes ali se localizavam.

É importante ressaltar que são as ações dos diversos atores sociais, em uma escala micro, que foram responsáveis por concretizar esses macro-processos. Suas ações não só aceleram esses processos, mas ajudaram a modificá-los, dotando-os de características peculiares e altamente conectadas com os motivos e ações desses agentes.

Veridiana Prado, por exemplo, em função da sua forma de loteamento e negociação dos terrenos de sua propriedade, teve uma importância fundamental no processo de ocupação da região, direta ou indiretamente, por colégios e clubes, como o SPAC, o Velódromo e o Colégio Des Oiseaux. Ajudou, assim, a atrair para a região uma grande quantidade de pessoas, com destaque para jovens e estudantes, conferindo à rua uma característica diferente do que simplesmente a de uma via de ligação. Por outro lado, a atuação constante

da Associação de Comerciantes da Rua Augusta (ACRA) e sua relação com o governo, entre os anos 50 e 70, ajudou a fortalecer e prolongar no tempo a existência da mancha local de comércio de luxo. Ao mesmo tempo em que representavam uma força para o comércio na rua, muitas vezes atuavam também como uma força de resistência às melhorias de tráfego e de transporte, sempre reivindicando ações em favor da comodidade de seus clientes. Outro exemplo é a atuação dos empresários Facundo Guerra e José Tibiraça, proprietários do clube Vegas e Z carniceria, a partir de 2005, que catapultaram os investimentos de casas noturnas na região, contribuindo para a sua consolidação como polo alternativo de animação e entretenimento urbano, atraindo outros estabelecimentos para a rua. Em função de algumas ações suas visando a revalorização da região e a presença constante na mídia, os empresários ajudaram também a acelerar o processo de revalorização da região – o que paradoxalmente parece por em cheque essa vocação recente da área, como costuma acontecer em áreas que passaram por processos de gentrificação urbana - ao contribuir para a imagem da região enquanto pólo cultural e de diversidade sexual, étnica e estética de seus frequentadores.

As transformações no espaço da rua são marcadas, também, pela disputa de espaço por grupos sociais diferentes, resultando muitas vezes em conflitos. A disputa do espaço entre diferentes classes sociais vai ser constante ao longo do tempo na rua, algumas vezes marcadas pelo uso

da autoridade, da força e da violência, assim como pela clara segregação sócio-espacial.

No primeiro período, a disputa pelo espaço entre as diferentes classes sociais vai se materializar em um processo de segregação, onde as residências da elite e das classes populares se concentrarão em regiões diferentes da rua. As classes mais abastadas se concentravam nas duas “pontas” do lado central da rua, tanto nas proximidades da avenida Paulista quanto nas proximidades da rua João Guimarães Rosa, além dos terrenos das esquinas. Enquanto as classes populares concentravam-se no “meio” da rua, nas proximidades da rua Costa, além dos fundo de armazéns e “negócios” existentes na rua. Os espaços de lazer e convivência eram também segmentados, sendo os colégios e clubes da elite espaços de sociabilidade exclusivos a seus círculos sociais e os estabelecimentos voltados para o lazer de classes populares vistos com desconfiança pela elite, que vai caracterizá-los como espaços “mal-frequentados”.

No segundo período, a disputa pelo espaço é materializada no esforço constante dos comerciantes em manterem sua clientela de elite frequentando a rua, chegando a avaliar negativamente a experiência do fechamento do trânsito de automóveis, em função do público indesejado que trouxe. A tentativa do comércio e da mídia em separar a imagem dos dois lados da rua Augusta, entre pobre e nobre, mostra como a segregação espacial foi utilizada como estratégia para garantir a frequência comercial de uma elite que buscava exclusividade

e homogeneização no espaço que frequentava em uma cidade marcada pela intensa mobilidade social e a ampliação da desigualdade de renda. É interessante observar que uma outra disputa pelo espaço começa a tomar corpo no nesse período: entre jovens frequentadores da noite e moradores mais velhos da rua. A paquera motorizada que se instaura no período noturno, marcada pela ação de tropelias e exhibições pessoais através dos automóveis, passa a incomodar os moradores da região, que vão pressionar as autoridades da época para tomarem alguma ação. Os moradores só conseguem algumas mudanças a partir dos anos 80, com o abandono da frequência dos jovens da elite e sua substituição pelas classes populares, que vão ser alvo constante de batidas policiais e “blitz”.

No terceiro período, a disputa do espaço pelas diferentes classes sociais vai tomar corpo, principalmente, nos processos de gentrificação ocorridos na rua a partir da década de 2000. Através da bandeira da política de “revitalização” das áreas centrais da cidade, camelôs, cortiços e boates de prostituição são fechados, diminuindo a presença das classes sociais no espaço. Posteriormente, o aumento da especulação imobiliária vai obrigar muitos outros estabelecimentos voltados para as classes médias e populares a fecharem as portas, abrindo espaço para edifícios e estabelecimentos exclusivos de uso da elite. Outras disputas por grupos sociais diferentes também tem lugar na rua nesse contexto, como a de grupos sociais e tribos urbanas com ideologias contrárias,

como inicialmente se deram as brigas entre punks e skinheads e, atualmente, os ataques a homossexuais ou simpatizantes que transitam pela rua. Esses conflitos vão resultar em pequenos enclaves fixados em determinados espaços da rua, como se pode observar no caso dos “emos”, concentrados no bar Vitrine em 2008, onde poderiam se proteger da ação de skinheads.

Outra influência grande na transformação do espaço é a relação estabelecida com as características particulares da rua já existentes previamente, como a topografia do terreno e as edificações e ocupações antigas. Essas relações estabelecidas vão modificar a forma com que os edifícios vão se fixar na rua e dar espaço a apropriações específicas.

Pode-se traçar a influência topográfica na formulação da via desde seus tempos de “trilha”. Ao que tudo indica, é justamente pelo seu auge mais suave que esse espaço foi escolhido como uma via de ligação entre a entrada e a sede da chácara do Capão. Essa característica é reforçada por Mariano Antônio Vieira em sua tentativa de lotear e urbanizar seus terrenos e é fundamental na escolha da rua pela Viação Paulista e, posteriormente, pela Light para a instalação da linha de bondes. A forma em que o loteamento foi feito e sua geografia vão ser determinantes para aquela primeira ocupação também, sendo nos terrenos mais “alagadiços” e enlameados com lotes menores que as casas populares vão se estabelecer, enquanto nos terrenos mais altos ou mais próximos do centro, ambos com lotes maiores, que a elite vai se fixar.

Já no segundo período, percebe-se que a ocupação prévia da elite nas duas pontas foram estrategicamente escolhidas para a verticalização tanto residencial quanto comercial. A disponibilidade de pequenas casas e lojas no primeiro andar dos edifícios residenciais que lá se estabeleceram dão a rua uma característica comercial própria, marcada pela proliferação de butiques e pequenos estabelecimentos em contraposição às grandes galerias existentes no centro. Da mesma forma, os colégios da elite, já ali estabelecidos, ajudaram a garantir a presença do público jovem no comércio e estabelecimentos de lazer da rua, como cinemas e lanchonetes, além de servir como um espaço privilegiado de paquera.

No terceiro período, percebe-se que as pequenas casas e edifícios das classes populares nas proximidades da rua Costa, por seu valor imobiliário menor, vão propiciar o estabelecimento de hotéis mais acessíveis, de estabelecimentos voltados à prostituição e, posteriormente, de casas noturnas e bares alternativos. A solução de edifícios de uso misto, típica da arquitetura dos anos 50 e 60, garantiu o espaço que esses novos estabelecimentos de lazer vão adotar. Por outro lado, os novos prédios exclusivamente comerciais ou residenciais, em processo de construção a partir de 2012, ameaçam transformar as apropriações futuras da rua, uma vez que seus projetos não contemplam espaços de uso coletivo para os transeuntes, substituindo as antigas frentes térreas diretamente abertas para a pública, por grandes paredes cegas das garagens privativas.

Além das relações com outras temporalidades, é interessante observar também a relação com outras regiões da cidade, contíguas ou não à rua. O desenvolvimento dessas zonas e os processos urbanos nelas ocorridos vão ter um impacto direto nas transformações que vão ocorrer na Augusta, além de alterar o fluxo de pessoas circulando e a ocupando. Ao longo da história da rua, percebe-se a grande influência principalmente das regiões do Centro e da zona sudoeste da cidade, com um destaque para a Avenida Paulista, os Jardins e a região da avenida Faria Lima e avenida Engenheiro Luiz Carlos Berrini. A influência dessas regiões parece estar diretamente ligada tanto aos processos de mudanças das centralidades urbanas quanto aos de ocupação de zonas residenciais da elite. Dessa forma, qualquer transformação no perfil do centro tradicional tinha um impacto direto na forma de ocupação da rua, seja absorvendo parte de suas funções ou recebendo um fluxo maior de circulação de automóveis e pessoas provenientes dele. Inicialmente, as influências nos bairros Jardins e da avenida Paulista (durante o primeiro período) tiveram como maior consequência direta para a rua a função de transporte e auto-abastecimento desses bairros residenciais. Ao longo do tempo, porém, sua proximidade com esses bairros vai ser decisiva na ocupação comercial e de serviços voltadas para o público frequentador e morador desses. A avenida Faria Lima e Berrini, por sua vez, passaram a absorver grande parte do comércio para a elite antes centrado na rua e o mercado

de negócios na região da avenida Paulista, acelerando assim o processo de abandono desses públicos do espaço da rua. Percebe-se também uma influência indireta de outros bairros nas diferentes zonas da cidade, na medida em que a rua passa a fazer parte do itinerário de ônibus e metrô (linha amarela e verde) e o fluxo de pessoas circulando na região se intensifica.

Outra apropriação da rua que tem um papel importante nas transformações ocorridas é a sua imagem e a forma com que é apropriada socialmente no imaginário coletivo e midiático. A rua Augusta vai servir como elemento importante na construção de uma imagem midiática para a cidade de São Paulo que vai ser direcionada para seus habitantes e também para todo o mundo (FERRARA, 1999).

Nesse sentido, é interessante observar as consequências da dimensão comunicativa da rua Augusta no segundo e no terceiro período. No segundo período, a rua foi amplamente apropriada pela mídia e pela sociedade enquanto uma rua “modelo” da cidade, onde a elite paulista se reunia para fazer compras e sociabilizar. A exaltação da imagem da rua vai servir como bandeira para uma São Paulo que buscava se posicionar como a “locomotiva do país”. Essa imagem midiática vai ajudar a atrair mais frequentadores para a rua, novos investimentos comerciais, como as galerias construídas por grandes incorporadoras e servir como argumento de diversos empreendimentos residenciais que se estabelecem nas proximidades.

Já no terceiro período a rua adquire uma imagem midiática pautada na ilegalidade e na prostituição que vai ser substituída mais recentemente, por outra ancorada na arte, na cultura, na animação e na diversidade, bandeiras da região que passa a ser conhecida como “Baixo Augusta”. Essa imagem também vai servir para a construção de uma identidade de São Paulo enquanto cidade global, com um grande fervilhamento cultural e de grupos e identidades sociais plurais. Essa imagem vai instigar não somente novos empreendimentos na rua, mas também um redirecionamento do comércio já existente para esse novo perfil de frequentadores. Ao mesmo tempo em que no plano midiático a rua é promovida enquanto símbolo de diversidade e cultura, no plano das mediações¹⁰² cotidianas vai sofrer uma perda significativa na frequência de grupos sociais provenientes de classes baixas e de certos estabelecimentos, como bares e boates, em função da especulação imobiliária.

É interessante notar também a espacialização de alguns novos modelos de comportamento na sociedade, principalmente através do campo do lazer e do universo cultural do jovem. Esse parece ser o campo em que mais rapidamente os padrões incipientes de comportamento, muitas vezes com

alta influência internacional, se disseminam, sendo incorporados nas práticas de lazer e na proposta e estética dos estabelecimentos.

A disseminação do ciclismo e do futebol parece ser o exemplo mais claro dessa influência no primeiro período. Iniciados no Velódromo de Dona Veridiana Prado vão logo se estender para outros espaços, como clubes, associações atléticas, escolas e quadras pela região. A prática do futebol, principalmente, vai ganhar grande atenção midiática e movimentar muitas pessoas pelo espaço, inspirando novas formas de sociabilidade entre os envolvidos.

Já a partir da década de 1950, o cinema norte-americano vai ganhar força entre os jovens frequentadores dos cinemas da região e vai causar uma enorme transformação no consumo e nos hábitos desse público. Esse novo modelo de comportamento vai ter duas principais consequências para a rua. A primeira é que estabelecimentos voltados para esse novo “estilo de vida” são abertos, principalmente lojas de moda e lanchonetes nas proximidades dos cinemas. A segunda é a forma pela qual os jovens vão se apropriar do espaço da rua em seus momentos de lazer, mimetizando o comportamento rebelde dos seus ídolos. É interessante verificar o papel que o automóvel vai ter entre esses padrões

de comportamento, tornando-se um dos principais elementos que compõem a identidade desse jovem que por sua vez vai utilizá-lo como ferramenta da paquera motorizada e de auto-promoção.

No terceiro período, percebe-se a grande diversidade de referências que o jovem vai se utilizar para narrar sua identidade e que vai se espacializar na rua nas diferentes variações de lazer. Inicialmente, as casas vão se segmentar a partir do estilo musical escolhido, como o rock e o eletrônico, mas a partir de 2005 algumas casas passam a receber diversas festas diferentes no mesmo estabelecimento. A diversidade de referências utilizadas na composição do conceito e da estética do espaço vai encontrar respaldo na diversidade do público, social, cultural, sexual, comportamental, estética, assim como etária, que nela vai circular.

É interessante observar, porém, que na medida em que a rua reflete algumas estruturas sociais e espacializa alguns padrões de comportamento também vai transforma-los e desafiar suas lógicas. Evidencia-se, então, o caráter dinâmico da rua que se abre a novas formas de ocupação do espaço e diferentes formas de coexistência entre grupos sociais. Um exemplo claro disso é a recente apropriação das calçadas da rua enquanto um espaço de lazer noturno em que os jovens vão sociabilizar e se divertir, desafiando a predominância em São Paulo do conceito das ruas enquanto espaços privilegiados de circulação. As manifestações de caráter político, seja como forma de manifestar sua opinião, afirmar suas práticas ou reivindicar

participação nos processos sociais e urbanos, vão propor novas formas de se apropriar do espaço enquanto lugar de expressão, ocupação e reivindicação sem deixar de lado a diversão. As negociações e conflitos em decorrência das novas formas de mobilidade urbana, como o skate e a bicicleta, e dos movimentos de arte urbana, como o graffiti, a projeção e as intervenções artísticas, são outros exemplos de como o desafio à estruturas sociais e urbanas consolidadas pode ocorrer na rua e, muitas vezes, de forma conflituosa.

O emaranhado jogo de relações existentes que se desvela no estudo da história da urbanização da rua, ao mesmo tempo em que a complexifica enquanto objeto de estudo e espaço de intervenção do arquiteto e do urbanista, vai também abrir seu olhar para as diversas relações já estabelecidas nesse espaço e ao impacto que uma intervenção em específico pode causar, não somente na rua em que toma espaço, mas em toda uma rede de pessoas, lugares e processos que essa faz parte. Entender a complexidade do objeto certamente não ajuda a prever exatamente qual será seu impacto mas pode vir a ajudar na conscientização de sua abrangência e das consequências que pode vir a ter para todo o sistema urbano.

¹⁰² Entende-se os conceitos de meio, mídia e mediação a partir do artigo “Cidade: meio, mídia e mediação” de Lucrécia D'Alessio Ferrara (FERRARA, 2008), onde vai caracterizar que enquanto meio, a cidade é seu conjunto de construções e espaços que vão determinar que ocorram as interações interpessoais e se estabeleçam as redes de sociabilidade; Enquanto mídia, a cidade é sua paisagem e visualidade instrumentalizada e que tem a própria arquitetura como código cultural, imbuída de forte representação simbólica; e enquanto mediação, a cidade é vivência do meio e interpretante da cidade-mídia.

Bibliografia

Bibliografia

1. Livros e artigos de revistas acadêmicas:

ABRAMO, Bia. *Música em triansito: a circualação do pop*. In CAMPOS, Cândido Malta; sswv vvGAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. Senac São Paulo, São Paulo, 2004.

AB’SABER, Aziz. *O sítio urbano de São Paulo*. In AZEVEDO, Aroldo (org.) A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana. 1a edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

AMARAL, Ricardo. *Vaudeville: memórias*. Leya, São Paulo, 2010.

ATIQUE, Fernando. *Ensinando a morar: o edifício Esther e os embates pela habitação vertical em São Paulo (1930 - 1962)*. Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo do programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo da EESC-USP (Risco). Número 2, Volume 2. São Carlos, 2005.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. *De volta à cidade: dos processo de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. Annablume, 1a edição, São Paulo, 2006.

BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar:vilas operárias na cidade de São Paulo*. Nobel, São Paulo, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de Lugar. In BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Vozes, Petrópolis, 2003.

BRASIL, Luciana Tombi. *David Libeskind: ensaio sobre as residências unifamiliares*. Edusp, São Paulo, 2007.

BRANDAO, Ignácio de Loyola. *Club Atlético Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. DBA Artes Gráficas, São Paulo, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2003.

CAMPOS NETO, Cândido Malta. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. Dissertação de Doutorado apresentado à FAU USP, São Paulo,1999.

CANEVACCI, Mássimo. *A cidade polifônica: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. Senac, São Paulo, 2001.

COLONELLI, Eduardo. *Conexões urbanas: Avenida Nove de Julho*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 2004.

CORDEIRO, Helena Kohn. *O centro da metrópole paulistana: expansão recente*. Dissertação de Doutorado apresentado à FFLCH USP, São Paulo, 1978.

COUTO, Edgard Tadeu Dias do. *Estratégias urbanísticas aplicadas à cidade de São Paulo em um quadro de gestão urbana redemocratizada: Anos 80 e 90*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 1999.

D’AVILA, Luiz Felipe Chaves. *Dona Veridiana: a trajetória de uma dinastia paulistana*. A girafa, São Paulo, 2004.

DONATO, Hernani. *Colegio visconde de porto seguro : ponte entre duas culturas, 1878-1993*. Empresa das Artes, São Paulo, 1993.

FELDMAN, Sarah. *Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 1989.

_____. *São Paulo: metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. Senac, São Paulo 2004.

_____. *Planejamento e Zoneamento: São Paulo, 1947 - 1972*. Edusp, São Paulo 2005.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. “*São Paulo, Brasil; da imagem local à identidade global. São Paulo*” In Maria Adélia A Souza; Sonia C. Lins; Maria do Pilar C. Santos; Murilo da Costa Santos. (Org.). *Metrópole e Globalização-Conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo: CEDESP, 1999.

_____. Cidade: meio, mídia e mediação. *Revista Matrizes*. São Paulo, v.1, n.2, p.39 – 53, sem. 2008.

FERREIRA, João Sette Whitaker. *São Paulo: o mito da cidade global*. Dissertação de Doutorado apresentado à FAU USP, São Paulo, 2003.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses : futebol, cultura, sociedade*. Companhia das Letras, São Paulo 2007.

FREHSE, Fraya. *Ô da rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo*. Edusp, São Paulo 2011.

FRUGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. Edusp, São Paulo 2000.

_____. *São Paulo: espaços públicos e interação social*. Marco Zero, São Paulo 1995.

GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: Produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940 - 1950)*. SENAC São Paulo, São Paulo 1998.

GENNARI, Luciana Além. *As casas em série do Brás e da Mooca : um aspecto da constituição da cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 2005.

HERMANN, Lucila. *Estudo de desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial: a estrada do Café(1935)*. In Revista Espaços e Debates, 46. São Paulo: Annablume, 2005.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Palacete paulistano : o processo civilizador e a moradia da elite do café (1867-1914-18)*.Dissertação de doutorado apresentado à FAU USP, São Paulo, 1992.

INNOCENTI, Thais Ferraz de Barros Pimentel. *Dona Veridiana Valéria da Silva Prado: uma imagem e seus espelhos*. Dissertação de mestrado apresentado à FFLCH USP, São Paulo, 1986.

JORGE, Clóvis de Athayde. *Consolação: uma reportagem histórica*. Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão do Arquivo Histórico, s.d.

LEFÈVRE, José Eduardo de Assis. *Entre o discurso e a realidade. A quem interessa o centro de São Paulo? A rua São Luiz e sua evolução*. Dissertação de Doutorado apresentado à FAU USP, São Paulo, 1999.

_____. *De Beco a Avenida: a história da rua São Luiz*. Edusp, São Paulo, 2006.

LEMONS, Carlos A.C. *Cozinhas, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa Paulista*. Perspectiva, 2a edição, São Paulo, 1978.

_____. *A república ensina a morar (melhor)*. Hucitec, São Paulo, 1999.

LEPETIT, Bernard. “Sobre a escala na história” In REVEL, Jacques. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

LIRA, José Tavares Correia de. *Warchavchik: Fraturas da Vanguarda*. Cosac Naif, São Paulo, 2011

LOBATO, Maurílio Lima. *Considerações sobre o espaço público e edifícios modernos de uso misto no centro de São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 2009.

MACEDO, Silvio. *Higienópolis e arredores: processo de mutação de paisagem urbana*. Dissertação de Doutorado apresentado à FAU USP, São Paulo, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. Edusp, São Paulo, 1996.

_____. *Os circuitos dos jovens urbanos*. Revista de sociologia da USP Tempo social. Número 2, Volume 17. São Paulo, 2005.

MAIA, Francisco Prestes. *Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo*. Melhoramentos, São Paulo, 1930.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e empreendedores: A saga do desenvolvimento no Brasil*. Edusp, 2 ed, São Paulo, 2006.

MARINS, Paulo César Garcez. *Um lugar para as elites: os Campos Elíseos de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo*. In LANA, Ana Lúcia Duarte... (et al.) (org.). São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades. São Paulo: Alameda, 2011.

MEYER, Regina Maria Prosperi; GROSTEIN, Marta Dora; BIDERMAN. *São Paulo Metrópole*. Edusp, São Paulo, 2004.

MILLS,John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. Panda Books, São Paulo, 2005.

MIRANDA,Luís Felipe; RAMOS, Fernão. *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. Senac, São Paulo, 1997.

MIYOSHI, Alex. Victor Dubugras, arquiteto dos caminhos. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas, Número 12, p. 89 - 104, jul-dez 2009.

MONTEIRO, Ana Carla de Castro Alves. *Os hotéis da metrópole: O contexto histórico e urbano da cidade de São Paulo através da produção arquitetônica hoteleira (1940 - 1960)*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. *Graffiti e pichação em São Paulo e Bogotá: imagens e imaginários juvenis*. In CARAMELLA, Elaine... (et al.) (org.). Mídias: multiplicação e convergências. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

PARETO JR., Lindener. *Os Práticos Licenciados e a construção de São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 2010.

PEREZ, Tatiane Tanaka. *História da formação de professores em São Paulo (1875 – 1894): intersecções entre os ideais de professor e de escola*. Dissertação de Mestrado apresentado à FE USP, São Paulo, 2012.

PEROSA, Graziela Serroni. *Escola e destinos femininos: São Paulo, 1950, 1960*. Argumentum, Belo Horizonte, 2009.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. Perspectiva, São Paulo, 1970.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social” In REVEL, Jacques. (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. Studio Nobel, São Paulo,1997.

_____. *São Paulo, novo século: uma nova geografia?* . In CAMPOS, Cândido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. Senac São Paulo, São Paulo, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia*. Fapesp, 3a edição, São Paulo, 2005.

SANTORO, Paula Freire. *A relação da sala de cinema com o espaço urbano em` São Paulo do provinciano cosmopolita*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo, 2004.

SANTOS, Mayra Simone dos. *Arquitetura pela Torre: Avenida Paulista 1960-80 e Marginal do Rio Pinheiros 1980-90*. Dissertação de Mestrado apresentado à FAU USP, São Paulo 2012.

SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London Tokyo*. Princeton University Press, 2a edição, Princeton, 2001.

SCHORSKE, Carl E.. *Viena fin-de-siècle* [trad.Denise Bottmann]. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

SERRONI, J.C. *Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil*. Senac editora, São Paulo, 2002.

SIMÕES, Inimá Ferreira. *Salas de cinema em São Paulo*. Secretaria municipal da cultura de São Paulo, São Paulo, 1990.

SOMEKH, Nádia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo, 1920-1939*. Nobel/ Edusp, São Paulo, 1997.

SOMEKH, Nádia ; CAMPOS FILHO, Cândido Malta. *A cidade não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX*. Mackpesquisa, São Paulo, 2002

STIEL, Waldemar Corrêa. *História dos transportes coletivos em São Paulo*. McGraw-Hill do Brasil, São Paulo, 1978.

TEIXEIRA, Luiz Antônio. O Instituto Pasteur de São Paulo: uma contribuição a história das instituições biomédicas no Brasil. *Physis: revista de saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 3, Número 1, p. 147 - 180. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v3n1/o8.pdf>>. Acesso em: 08 Fev. 2013

VARGAS, Heliana Comim. *A magnitude do comércio: de ambulantes a shopping centers*. In CAMPOS, Cândido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir. *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. Senac São Paulo, São Paulo, 2004.

VEGA, Alexandre Paulino. *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo*. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentado à FFLCH USP, São Paulo 2008.

VIEIRA, Antônio Paim. Chácara do Capão. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, Vol. CXLVIII, p. 113 - 141, 1952.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-urbano no Brasil*. Studio Nobel, 2a edição, 2001.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: O primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*. Edusp, 2001.

2. **Reportagens, matérias, artigos da imprensa e meios eletrônicos***

ABREU, Caio Fernando. “Pálpebras de neblina”. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo. 18/11/1987. Página 2. Caderno 2.

_____. “Para Dulcinéia, que nunca foi del Toboso”. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo. 06/02/1994. Página D11. Especial Domingo

ARQUIVO HISTORICO DE SAO PAULO. Rua Augusta. Disponível em <http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx> Acesso em: 05/02/2013

AZEVEDO FILHO, Rocha. “Os idealizadores e realizadores da Avenida Paulista”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 2, 25/11/1952

DUARTE, Paulo. “O meu destino é o catete”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 5, 25/06/1954

FOLHA DE S. PAULO. “Augusta está sendo carpetada”. São Paulo, 23/1/1973

_____. “Lentamente, a paquera sobe a Augusta”. São Paulo. 05/08/1978. Página 29. Ilustrada.

_____. “Uma pista gótica, punk e psicodélica”. São Paulo. 21/05/1992. Página 3. Noite.

_____. “Estatísticas das ruas ajudam a explicar o gigantismo da maior cidade do país”. São Paulo. 25/01/1994. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/25/cotidiano/36.html> .

_____. “Porteiros dão cara aos clubbers”. São Paulo. 16/02/1994. http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/16/revista_da_folha/5.html

_____. “Nação Hell’s consolida cultura club em SP”. São Paulo. 09/09/1995. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/09/ilustrada/10.html>

_____. “Banco Nacional de Cinema vira Espaço Unibanco”. São Paulo. 28/12/1995. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/28/ilustrada/6.html> .

_____. “Prostituta tem expulsão da Luz”. São Paulo. 03/09/2000. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0309200002.htm>

_____. “Nos acordes de Nick Hornby”. São Paulo. 20/07/2001. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2007200122.htm>

_____. Região da Frei Caneca vira point GLS. 22/06/2003. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2206200321.htm>

_____. Baladas”. São Paulo. 13/08/2003. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult512ur38.shtml>

_____. “Conto Pirandelliano”. São Paulo. 03/03/2004. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0303200404.htm>. Acessado em 27/01/2013

_____. “Festival feminista chega no Brasil”. São Paulo. 08/03/2004. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult9ou42186.shtml>

*Algumas fontes de jornais encontram-se sem a numeração das páginas, pois no arquivo digitalizado do jornal essa ou não contava ou encontrava-se ilegível

_____. “Inferninhos trocam prostituta por moderno”. São Paulo. 13/03/2005. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1303200519.htm>

_____. “Calçada da infâmia”. São Paulo. 24/05/2006. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2405200603.htm>

_____. . Nova calçada da rua Augusta já tem parte do piso solto e buraco. São Paulo. 02/06/2007. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff206200726.htm>

_____. . “Refundação da Rua Augusta”. São Paulo. 28/05/2008. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2805200804.htm>

_____. “Modelo posa com roupas de prostitutas da Augusta”. São Paulo. 25/05/2008. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2505200832.htm>

_____. . “Uma rua chamada Augusta”. São Paulo. 21/07/2008. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/fohatee/fm2107200805.htm>

_____. . Ocupação se assemelha à da rua Augusta, em São Paulo. São Paulo. 23/08/2009. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2308200903.htm>

_____. . “Primeiro cinco estrelas de SP, Grande Hotel Ca’d’Oro fecha as portas no dia 20”. São Paulo. 24/11/2009. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2411200922.htm>.

_____. . “Barraquinha de camelô da Augusta vira “bar” após a 1h”. São Paulo. 09/03/2010. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0903201012.htm>

_____. . “Prédios expulsam clubes masculinos e mudam Augusta”. São Paulo. 20/02/2011. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2002201112.htm>

_____. . “25 gangues apavoram gays e negros nas ruas da cidade”. São Paulo. 03/04/2011. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0304201101.htm>

_____. . “Nova casa da rua Augusta é um mix de loja, bar e balada”. São Paulo. 14/07/2011. <http://guia.folha.uol.com.br/bares/ult10045u942724.shtml>

_____. . “Projeções gigantes são os destaques do Vídeo Guerrilha”. São Paulo. 18/11/2011. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/9510-projecoes-gigantes-sao-os-destaques-do-video-guerrilha.shtml>

_____. . GCMs são afastados após confusão com skatistas em São Paulo. 07/01/2013. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1211133-gcms-sao-afastados-apos-confusao-com-skatistas-em-sao-paulo-veja.shtml>

_____. . Novo escritório do Google no Brasil imita regiões de SP. 16/01/2013. <http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/1215812-novo-escritorio-do-google-no-brasil-imita-regioes-de-sp-veja-fotos.shtml>

G1. “Vegas fecha e deve dar lugar a prédio na rua Augusta”. São Paulo. 17/04/2012. Página C10. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/04/vegas-fecha-e-deve-dar-lugar-predio-na-rua-augusta-diz-dono.html>

_____. “Festival existe amor em SP reúne multidão na Praça Roosevelt”. 21/10/2012. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/festival-existe-amor-em-sp-reune-multidao-na-praca-roosevelt.html>

JORNAL DA TARDE. “Augusta, à procura de novos tempos”. São Paulo. 11/08/1989.

LA TIMES. A hip street in Brazil, moves to a different beat. 03/10/2011. Disponível em: <http://articles.latimes.com/2011/oct/03/world/la-fg-brazil-rua-augusta-20111004>. Acesso em: 16/02/2013

NEW YORK TIMES. Crazy Nights in São Paulo.01/04/2009. http://travel.nytimes.com/2009/04/05/travel/05surfacing.html?_r=0

O ESTADO DE S. PAULO. “Cantareira e Esgotos”. São Paulo, p. 2, 18/07/1878

_____. “Acta da Assembléia geral ordinária da companhia importadora paulista”. São Paulo, p. 2, 19/03/1892

_____. “São Paulo Athletic Club”. São Paulo, 11/11/1892

_____. “Projecto apresentado hoje pela comissão de obras para diversos calçamentos da cidade”. São Paulo, 13/01/1895

_____. “Projecto apresentado hoje pela comissão de obras para diversos calçamentos da cidade”. São Paulo, 07/02/1895

_____. “Inauguração do Velódromo”. São Paulo, p.1, 26/08/1895

_____. “Notas e Informações”. São Paulo, 29/12/1895

_____. “Cyclismo”. São Paulo, p.2, 05/11/1899

_____. “Cyclismo”. São Paulo, 05/02/1900

_____. “Ao publico”. São Paulo, 17/06/1900

_____. “Turnerchaft von 1890 in S. Paulo”. São Paulo, p.3, 12/11/1900

_____. “A Viação Paulista e a Light”. São Paulo, 14/10/1901

_____. “Foot-ball”. São Paulo, p.2, 01/01/1902

_____. “Lições de Piano”. São Paulo, 20/02/1902

_____. “Notas e informações”. São Paulo, p.1, 06/01/1903

_____. “Kingston College”. São Paulo, 14/04/1903

_____. “Campeonato de 1903”. São Paulo, 25/06/1902

_____. “Câmara Municipal”. São Paulo, 18/10/1903

_____. “Importante leilão judicial”. São Paulo, 04/08/1905

_____. “Annuncios”. São Paulo, 08/10/1906

_____. São Paulo, p. 5, 16/01/1907

_____. “Jardim de Infância Catholico” São Paulo, 01/10/1907

_____. “Câmara Municipal”. São Paulo, 20/10/1907

_____. “São Paulo Athletic Club”. São Paulo, 22/11/1908

_____. “Nova linha de bondes”. São Paulo, 02/08/1909

_____. “Campeonato de 1910”. São Paulo, 14/08/1910

_____. “Notas e Informações”. São Paulo, p.2, 22/02/1911

_____. “Câmara Municipal”. São Paulo, p.4, 23/04/1911

_____. “A praça”. São Paulo, p.7, 24/01/1912

_____. “Escola Alleman”. São Paulo, p.10, 20/12/1912

_____. “Instituto Universitário de São Paulo”. São Paulo, p.11, 19/02/1913

_____. “Com a Light”. São Paulo,10/04/1913

_____. “Com a Light”. São Paulo, p.12, 08/10/1913

_____. “Annuncios”. São Paulo, p.7, 09/11/1914

_____. “Instrução Pública”. São Paulo, 21/01/1915

_____. “Câmara Municipal”. São Paulo, p. 5, 03/02/1915

_____. “Annuncios”. São Paulo, p. 7, 18/05/1915

_____. “Câmara Municipal”. São Paulo, p. 7, 14/07/1915

_____. “Fallecimentos”. São Paulo, p. 4, 12/10/1915

_____. “Annuncios”. São Paulo, p. 10, 09/11/1915

_____. “Assembleas e reuniões”. São Paulo, p. 8, 02/03/1916

_____. “Annuncios”. São Paulo, p. 11, 03/04/1916

_____. “Gymnasio Paulista”. São Paulo, p. 10, 06/09/1916

_____. “Queixas e reclamações”. São Paulo, p. 5, 09/11/1916

_____. “Queixas e reclamações”. São Paulo, 09/01/1917

_____. “Secção Livre”. São Paulo, 09/01/1917

_____. “Uma tragédia”. São Paulo, 24/05/1917

_____. “Elvira Sabino Brandão”. São Paulo, 24/05/1917

_____. “São Paulo Athletic Club”. São Paulo, p.9, 14/08/1919

_____. “A fallencia da companhia Melillo”. São Paulo, p.7, 23/03/1921

_____. “Fábrica de Calçados Melillo”. São Paulo, p.8, 27/03/1923

_____. “Annuncios”. São Paulo, 20/05/1923

_____. “Desastres de automóveis”. São Paulo, p.7, 06/03/1924

_____. “Annuncios”. São Paulo, 24/04/1924

_____. “A regulamentação do trânsito”. São Paulo, p.6, 15/05/1925

_____. “Annuncios”. São Paulo, p.11, 10/05/1927

_____. “Annuncios”. São Paulo, p. 14, 04/06/1927

_____. “Choque de Veículos”. São Paulo, 01/11/1927

_____. São Paulo, p.18 (?) 17/04/1928.

_____. “A Sociedade”. São Paulo, p. 4, 12/11/1931.

_____. “Anuncios - Apartamentos familiares”. São Paulo, p.9, 15/06/1935

_____. “Problemas da cidade”. São Paulo, 03/12/1936

_____. “Problemas urbanos”. São Paulo, p.7, 18/02/1939

_____. “Excellentes corridas serão disputadas hoje á tarde no hippodromo do Jockey Club de São Paulo”. São Paulo, p.15, 02/02/1941

_____. “A sociedade - Festivaes”. São Paulo, p.5, 08/05/1941

_____. “Festas de Formatura”. São Paulo, p. 8, 13/12/1941

_____. “Anúncios - apartamento mobiliado”. São Paulo, p.11, 27/02/1942

_____. “Anúncios - terrenos urbanos”. São Paulo, p.12, 05/03/1942

_____. “Uma praça ajardinada circundará a Igreja da Consolação”. São Paulo, p.10, 07/08/1945

_____. “Linha de ônibus Itaim”. São Paulo, p.5, 05/12/1945

_____. “Transporte urbano na Capital”. São Paulo, p.8, 07/02/1946

_____. “Inauguração”. São Paulo, p.6, 12/03/1947

_____. “A sociedade - Bailes e Festivals”. São Paulo, p.7, 22/07/1947

_____. “Os Transportes coletivos em São Paulo”. São Paulo, p.7, 31/07/1947

_____. “A sociedade - Bailes e Festivals”. São Paulo, p.7, 02/08/1947

_____. “A sociedade - Ante-estréia de sindbad, o marujo”. São Paulo, p.9, 13/06/1948

_____. “Anuncios - Aluga-se”. São Paulo, p.1?, 16/06/1949

_____. “Homenagens”. São Paulo, p.4, 21/10/1949

_____. “Anúncios - Aluga-se residência”. São Paulo, p. 11, 02/08/1950

_____. “Banco da América (anúncio)”. São Paulo, p.9, 29/10/1950

_____. “O comércio da rua Augusta (anúncio)”. São Paulo, 25/01/1952

_____. “Cortiços e favelas de São Paulo”. São Paulo, p.9, 25/05/1952

_____. “Banco da América (anúncio)”. São Paulo, p.17, 25/05/1952

_____. “Anúncio - Pague menos...por mais conforto”. São Paulo, p. 18, 11/09/1953

_____. “A sociedade - Bailes e Festivals”. São Paulo, p. 6, 30/01/1954

_____. “Floradas na Serra, em beneficio da Igreja N.S. do Perpétuo Socorro”. São Paulo, p. 9, 11/07/1954

_____. “Plas, tailleurs pour dames (anúncio)”. São Paulo, p. 1, 22/08/1954

_____. “Torreani (anúncio)”. São Paulo, p. 39, 08/02/1955

_____. “Instituto Anglo-americano (anúncio)”. São Paulo, p. 5, 16/02/1956

_____. “Indicador comercial da Rua Augusta (anúncio)”. São Paulo, p. 9, 21/06/1956

_____. “A nova Casa Moreno (anúncio)”. São Paulo, p. 11, 09/08/1956

_____. “‘Rock an’Roll’ na cidade”. São Paulo, p. 1, 20/12/1956

_____. “‘O Rock an’Roll’ provoca prisões, providencias e portarias oficiais”. São Paulo, p. 10, 21/12/1956

_____. “Queixas e reclamações”. São Paulo, p.18, 15/12/1957

_____. “Notas policiais - Ação contra cafagestes”. São Paulo, p.13, 19/03/1958

_____. “Vá ver e ouvir Maysa (anúncio)”. São Paulo, p.18, 01/05/1958

_____. “São Paulo Mary-go-Round”. São Paulo, p. 20, 18/07/1958

_____. “Iniciada com êxito a ‘Operação Augusta’”. São Paulo, p.8, 28/02/1959

_____. “Comerciantes contra a ‘Operação Augusta’”. São Paulo, p.8, 25/02/1959

_____. “A ‘Operação Augusta’”. São Paulo, p.17, 10/03/1959

_____. São Paulo, 17/12/1959

_____. “São Paulo Mary Go round”. São Paulo, p.42, 23/02/1960

_____. “São Paulo Mary Go round”. São Paulo, p.33, 14/05/1960

_____. “São Paulo Mary Go round”. São Paulo, p.54, 05/07/1960

_____. “Galeria Augusta Shopping (Anúncio)”. São Paulo, p.1, 30/08/1960

_____. “Na madrugada a sopa de cebolas e o filé encerra a noite”. São Paulo, 30/09/1960

_____. “Viagem de estudos à Buenos Aires”. São Paulo, p.26, 06/12/1960

_____. “Relatório policial sobre desordens em bairros residenciais”. São Paulo, p.14, 08/12/1960

_____. “O trânsito em São Paulo”. São Paulo, p.3, 16/12/1960

_____. “Galeria Ouro Fino (anúncio)”. São Paulo, p.20, 31/01/1961

_____. “De novo a rua Augusta”. São Paulo, p.12, 31/01/1961

_____. “Notas policiais - proezas de playboys”. São Paulo, p.17, 21/03/1961

_____. “A história de uma rua Augusta”. São Paulo, p.16, 23/10/1961

_____. “São Paulo Mary Go Round”. São Paulo, p.29, 24/08/1962

_____. “Estacionamento”. São Paulo, p.9, 17/10/1962

_____. “Um abrigo antiatômico para a sua guerra fria”. São Paulo, p.11, 07/12/1962

_____. “Inauguração da Casa de Goethe”. São Paulo, 25/08/1963. Página 14.

_____. “Apartamentos vendem-se (anúncio)”. São Paulo, 24/07/1964

_____. “Iguatemi América do Sul (anúncio)”. São Paulo, p.9, 14/02/1965

_____. “Shopping Iguatemi (anúncio)”. São Paulo, p.11, 20/06/1965

_____. “Trólebus pode sair”. São Paulo, p.14, 19/04/1966

_____. “Rua Augusta”. São Paulo, p.9, 21/05/1966

_____. “Augusta ganha novas calçadas”. São Paulo, p.1, 28/05/1966

_____. “Volkswagen também com a jovem guarda”. São Paulo, p.6, 29/06/1966

_____. “As inundações de sempre”. São Paulo, p.9, 09/02/1967

_____. “Shopping iguatemi (anúncio)”. São Paulo, p.19, 26/02/1967

_____. “Ônibus param na r. Augusta”. São Paulo, p.13, 09/03/1967

_____. “Rolex (anúncio)”. São Paulo, p.8, 19/05/1967

_____. “DET faz nova alteração”. São Paulo, p.15, 06/07/1967

_____. “As opções não serão muitas”. São Paulo, p.11, 07/07/1967

_____. “Trânsito muda hoje às 14h”. São Paulo, p.9, 08/07/1967

_____. “Promoção da fita nacional”. São Paulo, p.13, 15/12/1967

_____. “Aprovado plano da praça Roosevelt”. São Paulo, p.13, 23/03/1968

_____. “As novas modas da velha Pamplona”. São Paulo, p. 26, 16/03/1969

_____. “Teatro queima, mas o 7 está no ar”. São Paulo, 29/03/1969. Página 14.

_____. “Aparício quer maior apoio para os costureiros daqui”. São Paulo, p.5, suplemento feminino, 27/07/1969

_____. “A partir do dia 27 seu televisor ficará três vezes mais nítido”. São Paulo, 23/09/1969. Página 11.

_____. “Shopping Center 3 (anuncio)”. São Paulo, p.11, 30/11/1969

_____. “Shopping Center 3 (anuncio)”. São Paulo, p.13, 05/12/1969

_____. “Shopping Center 3 (anuncio)”. São Paulo, p. 37, 14/12/1969

_____. “Roosevelt: praça do vai ser assim”. São Paulo, p. 10, Turismo, 27/01/1970

_____. “A Roosevelt terá de ser fechada de novo”. São Paulo, p. 24, 29/05/1970

_____. “E o trânsito já está parando na Paulista”. São Paulo, p. 20, 21/07/1970

_____. “A confusão vai ser permanente”. São Paulo, p. 23, 23/07/1970

_____. “Augusta, onde todos burlam lei de trânsito”. São Paulo, p.17, 28/07/1970

_____. “Poluição na rua Augusta”. São Paulo, p.14, 08/06/1971

_____. “Marachá inicia uma nova fase”. São Paulo, p.24, 20/06/1971

_____. “Nem à noite existe a paz pelas ruas da Bela Vista”. São Paulo, p.35, 31/10/1971

_____. Um projeto para a Augusta: gente em vez de carro”. São Paulo, p. 1, 30/01/1973.

_____. “A Nova Augusta: receita para viver”. São Paulo, p. 23, 30/01/1973

_____. “A velha disputa: carros e pedestres”. São Paulo, p. 21, 31/01/1973

_____. “Férias, a rua Augusta é só mais uma rua”. São Paulo, p. 37, 21/03/1973

_____. Ilha do Sul: uma nova filosofia de vida. São Paulo, 10/06/1973. Página 27.

_____. “Os 4 sábados da Augusta dos comerciantes”. São Paulo, p. 36, 08/07/1973

_____. Dos leitores: Troleibus podem sair da Augusta. São Paulo, 18/08/1974. Página 49

_____. “Bares e restaurantes”. São Paulo, 29/02/1976. Página 14. Turismo.

_____. “A Bela Vista terá mais seis teatros”. São Paulo, 19/03/1976. Página 9.

_____. “Caesar Park Hotel: o hotel endereço”. São Paulo, 05/05/1976. p. 16

_____. “Garantã entra no turismo com o Caesar Park”. São Paulo, 09/05/1976. p. 281

_____. “Rua Augusta: Nossas duas ruas augusta: da Paulista à Estados Unidos e da Paulista ao centro”. São Paulo, 08/06/1976

_____. “Prefeitura vai usar shield na Augusta”. São Paulo, p. 21, 19/06/1976

_____. Prefeitura vai usar shield na Augusta. São Paulo, 23/06/1976. Página 21

_____. “As motos assolam o parque”. São Paulo, 18/08/1976. Página 21

_____. “Luís Sergio Person morre aos 39 anos”. São Paulo, 08/10/1976. Página 16.

_____. “Zoneamento pode mudar para favorecer hotéis”. São Paulo, 08/05/1977. p. 09

_____. “Augusta: uma rua sempre nova”. São Paulo, 22/07/1977. Página 7. Suplemento de turismo.

_____. “Crimes delicados”. São Paulo, 10/09/1977. Página 43.

_____. “São Paulo reconquista seu importante teatro”. São Paulo, 25/09/1977. Página 23.

_____. “Um reveillon muito especial”. São Paulo, 18/12/1977. Página 10.

_____. “Motociclistas em busca de uma nova imagem”. São Paulo, 05/10/1978. Página 26

_____. “Massagistas”. São Paulo, 02/01/1979. Página 27.

_____. “Jazz e sopa típica, no Caesar Park”. São Paulo, 17/08/1979. Página 4. Suplemento de turismo.

_____. “Música de concerto: um falso boom”. São Paulo, 23/08/1979. Página 23.

_____. “No “Spazio Pirandello”, a arte é a atração principal”. São Paulo, 08/01/1980. Página 19.

_____. “Pirandello, um endereço concorrido”. São Paulo, 28/03/1980. Página 40. Turismo

_____. “Augusta, a incrível rua da loucura”. São Paulo, 01/06/1980. Página 38

_____. “Massagem Gold Club”. São Paulo, 17/06/1980. Página 35.

_____. “Um troféu para os melhores: é o Pirandello”. São Paulo, 11/07/1980. Página 40. Turismo.

_____. “Pirandello na festa em homenagem a Picasso”. São Paulo, 08/09/1981. Página 20.

_____. “As Massagistas”. São Paulo, 25/09/1981. Página 32.

_____. “Massagem Relax Club”. São Paulo, 03/03/1982. Página 36.

_____. “Marilyn é homenageada em exposição no Spazio Pirandello”. São Paulo, 16/07/1982. Página 35. Turismo.

_____. “A Augusta tenta recuperar-se”. São Paulo, 28/11/1982. Página 60

_____. “Grand Hotel Ca’d’oro”. São Paulo, 18/03/1983.

_____. “No hotel, tudo lembra a Europa”. São Paulo, 19/05/1983. Página 1.

_____. “Indicações”. São Paulo, 04/11/1983. Página 3. Suplemento de turismo.

_____. Festa de aniversário”. São Paulo, 06/01/1984. Página 33. Turismo.

_____. “Oposição vai evitar orador estrangeiro”. São Paulo, 18/02/1984. Página 5.

_____. “Concurso de bandas, estilo paulistano”. São Paulo, 18/02/1984. Página 12.

_____. “Caesar dá privilégios”. São Paulo, 02/03/1984. p. 3. Suplemento de Turismo

_____. “Falso mendigo fatura Cz\$ 6 mil por dia. E tem até seguranças”. São Paulo, 09/07/1986. Página 1.

_____. “Senhor Juíz, pare agora!”. São Paulo, 23/10/1986. Página 9. Caderno 2.

_____. “Candeias e as Belas da Billings”. São Paulo, 13/02/1987. Página 3. Caderno 2.

_____. “Os pedestres perdendo calçadas”. São Paulo, 14/10/1987. Página 1

_____. “Cozinha típica, a comida respeitada como um templo”. São Paulo, 23/09/1988. Página 4. Caderno 2.

_____. “Ca’d’oro, uma história de classe e talento”. São Paulo, 23/11/1988. p. 4. Caderno 2.

_____. “Um cineclube que promete eletrizar a cidade”. São Paulo, 22/12/1989. Página 6. Caderno 2.

_____. “Livraria”. São Paulo, 31/12/1989. Página 13. Caderno 2.

_____. “Denys Arcand no Elétrico”. São Paulo, 26/01/1990. Página 2. Caderno 2

_____. “Contru fecha estacionamento da Roosevelt”. São Paulo, 28/04/1990. Página 1.

_____. “A Pandora na nova fase do Elétrico”. São Paulo, 09/08/1990. Página 3. Caderno 2.

_____. “O charme está de volta à Rua Augusta”. São Paulo, 19/08/1990. Página 38. Cidades

_____. “Público exige renovação atual”. São Paulo, 30/11/1991. Página 2. Cidades.

_____. “No sábado à noite, vândalos agem impunes na Rua Augusta”. São Paulo, 20/03/1991. Página 13. Cidades

_____. “Lojas rotativas oferecem bom preço”. São Paulo, 13/05/1992. Página 5. Cidades.

_____. “Zoeira teen” incomoda 110 mil pessoas”. São Paulo, 01/05/1993. Página 8

_____. “Cine Majestic vira sede da mostra Banco Nacional”. São Paulo, 17/07/1993. Página 10. Caderno 2.

_____. “Nacional abre mostra e banca cinema brasileiro”. São Paulo, 07/10/1993. Página 1. Caderno 2.

_____. “Chegada de Madonna a hotel provoca tumulto”. São Paulo, 02/11/1993. p. A12. Caderno 2.

_____. “Praça Roosevelt está interdita desde 93”. São Paulo, 29/11/1993. Página C4. Cidades

_____. “Ursa Maior entorta o eixo clubber”. São Paulo, 10/12/1993. Página D16. Caderno 2.

_____. “Elétrico cineclube vai fechar suas portas em fevereiro”. São Paulo, 24/12/1993. Página D2. Caderno 2.

_____. “Os pratos mais cotados para depois do escurinho do cinema”. São Paulo, 21/10/1994. Página D4.

_____. “Helena Rosén expõe figuras ingênuas”. São Paulo, 14/11/1994. Página D2. Caderno 2.

_____. “Espaço Banco Nacional vai ganhar novas salas”. São Paulo, 15/11/1994. Página D2. Caderno 2.

_____. “Comunidade tenta recuperar Praça Roosevelt”. São Paulo, 15/05/1995. Página C1. Cidades.

_____. “Anexo conquista cinéfilos de SP”. São Paulo, 17/05/1995. Página Z12. Seu Bairro.

_____. “Menores voltam a atacar motoristas no Centro”. São Paulo, 28/10/1995. Página A18.

_____. “Auditório Augusta ganha cara nova”. São Paulo, 10/04/1998. Página Z12. Seu Bairro

_____. “Dois absurdos”. São Paulo, 17/09/1998. Página C2. Cidades.

_____. “Augusta exhibe ‘última moda’ dos ilegais”. São Paulo, 24/01/1999. Página C4. Cidades.

_____. “Prefeitura promete manter escola na praça Roosevelt”. São Paulo, 27/02/1999. Página C4. Cidades

_____. “Satyros, onde tudo pode acontecer”. São Paulo, 28/11/2000. Página D7. Caderno 2.

_____. “Pinheiros define 511 novos locais para ambulantes”. São Paulo, 13/12/2001. Página C2. Cidades

_____. “Paulista ainda tem ambulantes”. São Paulo, 01/03/2002. Página C5. Cidades

_____. “Corredor abriga uma torre de babel cultural”. São Paulo, 31/05/2002. Página ZS9. Estádio Sul.

_____. ESTADO DE S. PAULO. “Informalidade dobra em dez anos, mas começa a cair”. São Paulo, 11/09/2002. Página B14. Economia.

_____. “Teatros ajudam a revitalizar Praça Roosevelt”. São Paulo, 18/09/2002. Página D1. Caderno 2.

_____. “Templo do Vinil, Discomania faz 15 anos de rua Augusta”. São Paulo. 21/02/2003. Página Zs6. Estádio Sul

_____. “Blitz apreende produtos piratas na Rua Augusta”. São Paulo. 01/06/2003. Página C9. Cidades

_____. “Eles estão reformando o centro de São Paulo”. São Paulo. 17/08/2003. Página C4. Cidades.

_____. “Vigília Cultural no Espaço dos Satyros”. São Paulo. 23/09/2003. Página D3. Caderno 2.

_____. “Após 27 anos, Caesar Park deixa rua Augusta”. São Paulo. 08/11/2003. Página C4.

_____. Garagem vira cemitério de trólebus. São Paulo. 28/01/2004. Página C5

_____. Velho de cara nova é bom negócio. São Paulo. 23/01/2005. Página C1r 2. Imóveis

_____. “Um recorte sensível do desamparo”. São Paulo. 30/09/2005. Página D7. Caderno 2.

_____. “Carta: “Augustolândia””. São Paulo. 12/10/2005. Página C2. Cidades

_____. “Na Rua Augusta, uma festa que vale por cinco””. São Paulo. 02/06/2006. Página 11. Guia

_____. “Hotel para os festeiros da Augusta”. São Paulo. 10/09/2009. Página C8. Cidades.

_____. “Fábula de amor na praça Roosevelt”. São Paulo. 24/09/2004. Página D8. Caderno 2.

_____. “Com filmes de arte, muda a vizinhança”. São Paulo. 04/06/2005. Página C8. Cidades.

_____. “SP quer importar modelo de Diadema para combater crime”. São Paulo. 06/06/2005. Página C4. Cidades

_____. A praça particular da Augusta. São Paulo. 31/03/2006. Página ZO2. Estádio Oeste.

_____. “Daspu faz calçada fashion na Augusta”. São Paulo. 12/04/2006. Página D12. Caderno 2

_____. “A praça já foi tão bela”. São Paulo. 21/04/2007. Página C2. Cidades

_____. “Cercada de teatros, a praça virou palco”. São Paulo. 08/06/2007. Página C3. Cidades

_____. “Punks vegetarianos e japoneses do hip hop revelam diversidade”. São Paulo. 21/10/2007. Página C8. Cidades / Metrópole

_____. Endereços que são um espetáculo. São Paulo. 02/11/2007. Página H3. Especial

_____. “Balada: Inferno”. São Paulo. 22/02/2008. Página 36. Guia

_____. “Reforma da Roosevelt deve sair do papel”. São Paulo. 07/04/2008. Página C3. Cidades

_____. “Balada traz jovens de volta à Augusta”. São Paulo. 31/05/2008. Página C8. Cidades.

_____. Área tombada abrigará parque na Rua Augusta. São Paulo. 25/07/2008. Página C4. Cidades.

_____. “Da Casa ao Loft”. São Paulo. 06/06/2008. Página 60. Guia

_____. Área tombada abrigará parque na Rua Augusta. São Paulo. 25/07/2008. Página C4. Cidades.

_____. Manifestantes pedem parque na rua Augusta. São Paulo. 06/06/2009. Página C12. Cidades.

_____. “Fumantes dizem que não vão deixar de sair por causa da lei”. São Paulo. 03/08/2009. Página C3. Cidades.

_____. “Passe o chapéu”. São Paulo. 25/09/2009. Página 42. Guia

_____. “Em cena”. São Paulo. 15/10/2009. Página D4. Caderno 2

_____. “Travesti Eduarda”. São Paulo. 08/11/2009. Página C09. Caderno de Oportunidades

_____. “Em cena”. São Paulo. 11/02/2010. Página D4. Caderno 2

_____. “Nas esquinas da capital, a nova música brasileira”. São Paulo. 10/10/2010. Página C10. Cidades / Metrópole.

_____. “Novo hotel Ca’d’oro terá prédio de 28 andares, 18 deles de escritórios”. São Paulo. 16/10/2010. Página C1. Cidades.

_____. Cabeça e Voz do Baixo Augusta. 17/10/2010. Página D9. Caderno 2.

_____. “Ficou mini”. São Paulo. 29/10/2010. Página 6. Guia

_____. Tulipa Ruiz vive e se apresenta na Augusta. São Paulo. 29/10/2010. Página C2. Cidades

_____. “Festa indie no apê, na casa, no museu...”. São Paulo. 04/06/2011. Página D10. Caderno 2

_____. Breve Lançamento”. São Paulo. 24/07/2011. Página A22. Internacional

_____. “Prédios e baladas mudam cara do Baixo Augusta”. São Paulo. 07/08/2011. Página C6. Cidades

_____. Piquenique na rua cobra criação de parque na Augusta. São Paulo. 04/06/2012. Página C4. Cidades.

_____. Augusta Hype (anúncio). 27/10/2012. p. A17. Nacional.

_____. Bella Augusta (anúncio). 22/11/2012. p. A14. Nacional.

_____. “Reforma da Praça Roosevelt muda comércio da região”. São Paulo. 04/12/2012. Página C10. Cidades / Metrópole.

_____. “Travesti Eduarda”. São Paulo. 05/12/2012. Página C10. Cidades / Metrópole

PAULISTA 900. “Tricô na Paulista”. 25/09/2012/ <http://www.paulista900.com.br/?p=9723>

PREFEITURA DE RIBEIRAO PRETO. Companhia Eletro Metalúrgica Brasileira. Disponível em <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/historia/i14metalurgica.htm> Acessado em: 09/05/2012.

QUATRO RODAS. “Augusta nos anos 60 e 70”. São Paulo. Dezembro/2011. Disponível em: <http://quatorrodas.abril.com.br/reportagens/augusta-anos-60-70-651765.shtml> Acessado em: 17/02/2013

R7. “Simoninha vira puxador oficial do Acadêmicos do Baixo Augusta”. 28/01/2013<http://entretenimento.r7.com/carnaval-2013/simoninha-vira-puxador-oficial-do-academicos-do-baixo-augusta-28012013> Acessado em 31/01/2013

ROSA, Francisco Adolpho. “Poluição na rua Augusta”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 1?, 23/06/1971

RUA AUGUSTA CHIC. São Paulo, Ano 1, Número 4, p. 6, maio 1958.

RG VOGUE. “Tchau, Netão!”. São Paulo. 29/01/2013. <http://siterg.terra.com.br/news/2013/01/29/tchau-netao/>

SALLES, Francisco Luiz de Almeida. “Lizzani no Cine Pico-lino”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p.5, suplemento literário, 27/03/1965

SILVA JUNIOR, Francisco. “Senhoras e senhores...”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 10, 10/05/1956

TRAMA VIRTUAL. “Vegas aposta na Augusta”. http://tramavirtual.uol.com.br/noticias/ver_noticia/5242-Vegas+aposta+na+Augusta. s.d. Acessado em 27/01/2013

REVISTA TRIP. “Folia Paulistana”. São Paulo. 19/12/2012. <http://revistatrip.uol.com.br/revista/217/colunas/folia-paulistana.html>

VEJA S.PAULO. “Curiosidades e fatos inusitados que marcaram os 459 anos de São Paulo”. São Paulo, s/d. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/curiosidades-aniversario-sao-paulo>>. Acesso em: 08/02/ 2013.

_____. Grafite é saída para evitar pichadores. São Paulo. 18/09/2009. <http://vejasp.abril.com.br/materia/grafite-saida-para-evitar-pichadores>

_____. “Baixo Augusta ganha novas baladas”. São Paulo. 20/05/2011. <http://vejasp.abril.com.br/materia/novas-baladas-baixo-augusta> Acesso em: 08/02/ 2013.

VIRGULA UOL. “250 “sem-calças” passeiam pelo metrô de São Paulo”. 10/01/2011 <http://virgula.uol.com.br/ver/noticia/inacreditavel/2011/01/10/266868-250-sem-calças-passeiam-pelo-metro-de-sao-paulo#o> Acessado em 31/01/2013